



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**

**NUCLEO  
DE ESTUDOS  
INTERDISCIPLINARES  
SOBRE A MULHER**

**FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS INTERDISCIPLINARES  
SOBRE MULHERES, GÊNERO E FEMINISMO**

**LETÍCIA WONS**

**“INTRODUZINDO O PRIMEIRO PRODUTO MENSTRUAL QUE NÃO ABSORVE  
NADA”: COLETORES MENSTRUAIS E TRANSFORMAÇÕES NAS ORDENS  
PRÁTICO-SIMBÓLICAS DA MENSTRUACÃO**

Salvador

2019

**Leticia Wons**

**“INTRODUZINDO O PRIMEIRO PRODUTO MENSTRUAL  
QUE NÃO ABSORVE NADA”:**

**Coletores menstruais e transformações nas ordens prático-simbólicas da menstruação**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas na Universidade Federal da Bahia para obtenção de título de Mestra.

Orientação: Professora Doutora Ângela Maria Freire de Lima e Souza.

Salvador

2019

---

W865 Wons, Letícia.  
“Introduzindo o primeiro produto menstrual que não absorve nada”: coletores menstruais e transformações nas ordens prático-simbólicas da menstruação. / Letícia Wons. – 2019.  
165 f.: il.

Orientadora: Ângela Maria Freire de Lima e Souza.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências humanas, Salvador, 2019.

1. Relações de gênero. 2. Feminismo. 3. Mulheres - Menstruação. 4. Mulheres na ciência. I. Lima e Souza, Ângela Maria Freire de. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências humanas. III. Título.

CDD: 305.4

---

LETÍCIA WONS

**“INTRODUZINDO O PRIMEIRO PRODUTO MENSTRUAL  
QUE NÃO ABSORVE NADA”:**

**Coletores menstruais e transformações nas ordens prático-simbólicas da menstruação**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas na Universidade Federal da Bahia para obtenção de título de Mestra.

Salvador, 12 de dezembro, de 2019.

BANCA EXAMINADORA

---

Professora Doutora Ângela Maria Freire de Lima e Souza  
(Universidade Federal da Bahia – UFBA)

---

Professora Doutora Izaura Santiago da Cruz  
(Universidade Federal da Bahia – UFBA)

---

Professora Doutora Cecília Maria Bacellar Sardenberg  
(Universidade Federal da Bahia – UFBA)

Dedico este trabalho à mulher que me deu a vida,

Minha mãe amada, Santana.

## AGRADECIMENTOS

Pelos caminhos misteriosos que fazem as coisas acontecerem tais quais acontecem, pelos fatores que vão se enroscando e dando sentido a cada próximo passo, por ser entusiasta em analisar situações de viagem no tempo e acreditar apaixonadamente que não é possível mudar nada no passado (porque o tempo não é linear e tudo o que se mudaria é exatamente o jeito que já aconteceu e não há alternativa imune a tal viagem, apenas ignorância de tal feito!)... enfim(!), por encontrar fascinante beleza no poder e responsabilidade das decisões e dos aprendizados, concentro-me em expressar meus agradecimentos aos fatores que me trouxeram até a conclusão deste trabalho. Com muito afeto aos ápices serenos de deslumbramento, à exuberância cotidiana das nuvens coloridas ao nascer e deitar dos dias, às ladeiras e assimetrias que tanto amo nesta cidade, às pessoas que aqui vivem e me arrebatam desde o sotaque (e muito além), agradeço a Salvador, o lugar que escolhi chamar de casa. Agradeço a exatamente tudo que vivi nos últimos três anos, inclusive as dores mais doídas, inclusive a ausência de sensibilidade à dor. Agradeço ao período em que me afastei do mestrado, no qual não via sentido no mestrado nem na vida, agradeço por me levar à busca de ajuda e por me fazer paciente e atenta, confiante na sabedoria dos desenrolares, alegre às reticências. Agradeço à magia do tempo e sua fantástica relatividade.

Agradeço aos amores de minha vida, aos amores de minha vida, aos amores de minha vida: minha mãe Santina, meu pai Nelson, minha irmã May e meu irmão Dudu, os amores de minha vida. Agradeço pela existência de cada um de vocês, por mobilizarem verdades no meu peito. Agradeço também à tecnologia que faz celulares serem uma realidade e me permitem estar pertinho de vocês, mesmo com o coração carente da convivência diária. Vocês são minha luz. Só em digitar isso aqui já fico toda lacrimosa (vocês sabem).

Agradeço à professora Ângela e aos malabarismos do universo que a fizeram ofertar a disciplina de Gênero e Ciência precisamente no meu primeiro semestre como aluna no PPGNEIM. Agradeço por todas as vezes que expressou sua confiança em minha pessoa e no meu trabalho. Agradeço pelo olhar tão carinhoso que tem sobre mim, pois as minhas qualidades que te encantam são as mesmas que me davam senso de autenticidade desde a infância (e é uma delícia ter alguém que me recorde delas).

Agradeço a Gabi, minha parceira fiel nessa jornada de nos tornarmos mestras na vida soteropolitana, uma das mulheres mais sábias e generosas que tenho a honra de conhecer. Agradeço a J. K. Rowling, que me despertou o amor pelos livros, pela empatia e bondade, pela imaginação, e que me fez crente no poder das palavras. Agradeço à vizinhança do Santo Antônio Além do Carmo, que me recebeu nesta cidade, ofereceu-me a mesa e me mostrou poesia em forma de lar. Agradeço a Danilo, que me apresentou à Yoga, caminho ao qual me entrego e me dedico, banhada em reverência a cada respiração. Agradeço à oportunidade outrora inacreditável de morar por oito meses abraçada pelo mar e pelas árvores que subiam à minha janela; foi o espaço-tempo de minha necessária primavera. Agradeço às amigas de Curitiba, Lê, Fer, Rena, Helen, Lou pela presença em longos áudios ou nas breves visitas, por caminharem comigo ao longo das diferentes etapas de quem me torno. Agradeço a Ju, imprescindível para a existência desta dissertação, acompanhando-me com destreza, sensibilidade e respeito nas aventuras em sentir os sabores de cada dia. Agradeço a Jaque e Pedro, que disponibilizaram seus espaços para eu realizar os encontros desta pesquisa. Agradeço a Cibele, que me iniciou nos caminhos da ginecologia política. Agradeço a Leona Chalmers, que inventou essa coisinha maravilhosa que insiro na vagina todos os meses para recolher meu sangue. Agradeço a todas as mulheres que ofereceram seu tempo, voz e conhecimentos e contribuíram nas rodas de conversa que dão conteúdo a este texto. Agradeço a todas as sensações que despertei nos alvoreceres de fevereiro deste ano. Agradeço ao sol que me beija a pele e me faz feliz, agradeço mil vezes ao sol, agradeço ao sol todos os dias!

## RESUMO

O coletor menstrual é um objeto de silicone em formato de taça a ser inserido no canal vaginal para recolher o fluxo da menstruação. Como o substantivo sugere, ele coleta o sangue uterino ao invés de absorvê-lo, característica única entre os dispositivos menstruais. Sua invenção remonta a 1937, atravessando diferentes momentos de tentativas de comercialização; no Brasil, foi somente na última década que conquistou um público consumidor. A fim de compreender sua tardia emergência, esta pesquisa tem como objetivo investigar as transformações nas ordens prático-simbólicas da menstruação que o uso do “copinho” vem promovendo. Para tanto, destaco dois elementos orientadores: por um lado, ele apresenta propriedades que demandam acuidade de percepção às características únicas dos corpos das pessoas que o utilizam e possibilita um contato inédito ao sangue menstrual invulnerado em cor, cheiro, textura e volume, tensionando estigmas menstruais e processos correntes de alienação corporal. Por outro, a disseminação do coletor ocorre no Brasil a partir de redes de mulheres que constroem conhecimento através da troca de suas experiências, num movimento horizontalizado que desafia normas de etiqueta menstrual, imperativos de manter a menstruação sob a alcunha do segredo e rearticula forças na disputa pelo poder simbólico da menstruação. Argumento que a partir do uso desse dispositivo estão ocorrendo transformações nos discursos considerados legítimos sobre corpo, saúde, sexualidade e autonomia, principalmente no que concerne à autoridade médica e midiática frente à percepção corporal desenvolvida pelas usuárias do copinho. Esta pesquisa está alinhada aos preceitos epistemológicos do feminismo perspectivista, encarando criticamente os valores de objetividade, racionalismo e fundacionalismo que ocultam o viés androcêntrico na produção de saber científico. A fim de afinar posicionamento epistemológico, metodologia e as qualidades próprias do assunto em investigação, elenco como ferramenta de coleta de dados a técnica de grupos focais, procurando acessar esse tipo de conhecimento em rede no momento mesmo da pesquisa. Em três encontros com mulheres usuárias de coletor menstrual na cidade de Salvador, investigo a difusão de novos valores e costumes acerca do sangue menstrual.

Palavras-chave: coletor menstrual; menstruação; epistemologias feministas; ginecologia política; gênero e ciência; corpo.



## ABSTRACT

### **“INTRODUCING THE FIRST MENSTRUAL PRODUCT THAT DOESN’T ABSORB ANYTHING”: Menstrual cups and transformations in practical-symbolic orders of menstruation**

Menstrual cup is a bell-shaped silicon object designed to be inserted inside the vagina in order to gather menstrual fluids. It collects uterine blood instead of absorbing it, an unique feature among menstrual devices. Its invention goes back to 1937, going through different moments in attempting to commercialize it; in Brazil, it was only on the last decade that the cup has conquered its own public. Trying to understand this late emergency, the aim of this research is to investigate transformations that the cup has been promoting in practical-symbolic orders of menstruation. To achieve that, two main elements are focused: first, this device presents properties that demand acuity of perception to the unique body characteristics of the ones who use it and it also makes possible an unprecedented contact to menstrual blood unscathed in color, texture, smell and volume, tensioning menstrual stigma and current body alienation processes. Second, the cup’s diffusion in Brazil occurs through women’s networks that build knowledge exchanging experiences, in a horizontal movement that defies menstrual etiquette norms, imperatives of keeping menstruation under secrecy and rearticulates forces competing for menstruation symbolic powers. I argue that through the usage of this device transformations in legit speeches about body, health, sexuality and autonomy are occurring, especially in what concerns to medical and media authority confronted by body perception developed by cup’s users. This research is aligned to epistemological precepts of feminist perspectivism, facing critically objectiveness, rationalism and fundacionalism values that hide androcentric bias in scientific knowledge production. In order to tune epistemological positioning, methodology and the own qualities of the subject in question, I choose as data collecting tool the technique of focal groups, looking for access this kind of networked knowledge in the very moment of research. In three meetings with menstrual cup users in Salvador city, I investigate the diffusion of new values and manners regarding menstrual blood.

Key words: menstrual cup; menstruation; feminist epistemologies; political gynecology; gender and science; body.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01 – Dobraduras para inserção do coletor menstrual .....	15
FIGURA 02 – Meu coletor e minha menstruação .....	22
FIGURA 03 – Ilustração de vulva e clitóris + Corte transversal da glândula do clitóris .....	42
FIGURA 04 – Escultura vulva, vagina e clitóris – modelo didático .....	43
FIGURA 05 - Fotografia do colo do útero (cérvix) e paredes vaginais realizada com espéculo no primeiro dia do ciclo menstrual .....	44
FIGURA 06 – Anarcha, Betsey e Lucy .....	53
FIGURA 07 – Patente de saco catamenial, 1867 .....	68
FIGURA 08 – Biografia de Chalmers em livro de sua autoria .....	69
FIGURA 09 – Registro de patente do coletor Tassette .....	71
FIGURA 10 – Outdoor do coletor Tassette em Times Square .....	72
FIGURA 11 – Anúncio do coletor Tassaway .....	74
FIGURA 12 – Coletores históricos - Tassette, Tassaway, The Keeper e Instead .....	77
FIGURA 13 – Anúncio do coletor Tassette enfatizando que o produto foi desenvolvido por uma mulher .....	78
FIGURA 14 – Mooncup (primeiro coletor produzido em silicone) e Misscup (primeiro coletor brasileiro) .....	79
FIGURA 15 – Coletores de fabricação brasileira, primeiro semestre de 2019 - respectivamente, Inciclo, Fleurity, Korui, Violeta Cup, FreeCup e Lumma (em três versões) .....	80
FIGURA 16 - Pinturas com sangue menstrual .....	133

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2 MENSTRUÇÃO POR UMA PERSPECTIVA EPISTEMOLÓGICA FEMINISTA</b> .....	23
2.1 Sistema sexual, ciência e crítica feminista .....	25
2.2 Ordens prático-simbólicas da menstruação .....	36
2.3 O que é menstruação? – Narrativas biológicas .....	49
<b>3 INSERINDO O COPINHO, COLETANDO DADOS</b> .....	67
3.1 Breve histórico dos dispositivos menstruais .....	67
3.2 Escolha metodológica e percurso da pesquisa .....	80
3.3 Grupos focais: adaptação, desenvoltura e assertividade .....	87
3.3.1 Adaptação .....	88
3.3.2 Desenvoltura .....	99
3.3.3 Assertividade .....	112
<b>4 SENTIDOS DA MENSTRUÇÃO, SABERES EM DISPUTA</b> .....	125
4.1 Desenvolvendo percepção, significados em fluxo .....	125
4.2 Redes de mulheres, conhecimentos horizontalizados .....	140
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	154
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	159
<b>APÊNDICE</b> .....	165

## 1 INTRODUÇÃO

O título deste trabalho é uma referência a um anúncio publicitário do coletor menstrual Tassaway, de julho de 1971<sup>1</sup>. Hoje, na maioria das vezes que converso com alguém sobre esse dispositivo, há surpresa e incredulidade diante da informação de sua longevidade. O “copinho”, como é conhecido nacionalmente, vem se consolidando como “novo” produto menstrual no Brasil na última década, mas sua invenção é ainda mais remota que a data do anúncio. A primeira vez que o coletor menstrual foi patenteado, fabricado e comercializado remonta à década de 1930. Desde então, houve diferentes tentativas de alcançar um público consumidor, mas apenas ao fim dos anos 1980 ele se tornou um produto disseminado em território estrangeiro. Desde que comecei a usar o coletor menstrual, questiono os motivos dessa lacuna e esta dissertação é um esforço em investigar transformações nos valores e costumes acerca da menstruação, a fim de compreender o recente (ou tardio) sucesso do copinho.

O coletor menstrual é um objeto maleável em formato de taça, produzido em silicone medicinal ou, mais raramente, elastômero termoplástico, borracha e látex<sup>2</sup>. Como sugere o substantivo, ele é capaz de coletar o sangue menstrual diretamente no canal vaginal ao invés de absorvê-lo, o que acarreta em profundas diferenças em relação a outros dispositivos. Sua originalidade abrange técnicas corporais (MAUSS, 2003) que são necessárias para adaptação a seu uso, percepção das particularidades da própria anatomia (força pélvica, altura e posição do colo do útero) e contato direto com o fluxo menstrual (apreensão invulnerada de cor, volume, textura e cheiro do sangue uterino e secreções vaginais). Além disso, é um produto reutilizável, com durabilidade de três a dez anos, a depender do cuidado com sua higienização (recomenda-se ferver o coletor em panelas esmaltadas ou recipientes de vidro ao início e fim de cada período). Assim, o copinho vai à contramão da indústria dos absorventes descartáveis

---

<sup>1</sup> É possível encontrar a reprodução desse anúncio no Capítulo 3, página 72.

<sup>2</sup> Elastômero termoplástico (TPE) é um material polimérico que apresenta propriedades físico-químicas semelhantes à borracha. Todas as marcas de fabricação nacional utilizam apenas silicone medicinal (metade delas possui certificação pela ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária). Algumas marcas estrangeiras são produzidas nos demais materiais. Disponível em: <<https://cosmeticos.anvisa.gov.br/sgas/faces/relatorioExterno/consultaExterna.xhtml>>. Acesso em: nov. 2019.

e abre espaço para outras modalidades de dispositivos<sup>3</sup> que exaltam valores de redução de danos ambientais e economia financeira<sup>4</sup>. Estima-se que durante a vida fértil cada pessoa que faz uso de dispositivos menstruais descartáveis utiliza cerca de dez mil unidades (uma média de vinte por ciclo), gerando em torno de cento e cinquenta quilos de lixo individualmente. Se considerarmos que há por volta de setenta milhões de pessoas menstruantes no país, o número de toneladas de resíduos é realmente impactante. Esse descarte não é passível de processo de reciclagem e, abandonado ao ambiente, leva mais de cem anos para se decompor, enquanto libera toxinas no solo. Além do absorvente em si, também há de se levar em conta os componentes extras, como a embalagem e serviços, a logística de transporte das matérias-primas e do produto, que também geram volumoso impacto ambiental.

Por ser fabricado majoritariamente em silicone, material quimicamente inerte, o coletor não contém substâncias potencialmente danosas em contato à mucosa genital, que exposta a elementos externos os envia diretamente à circulação sanguínea. O consumo de produtos químicos tóxicos via cutânea pode ser até mais nocivo que sua ingestão oral, pois não há metabolização desses elementos. Os absorventes descartáveis contêm muitos componentes que podem desencadear problemas ao organismo: Bisfenol A e Bisfenol S (químicos plásticos que possuem estrutura análoga ao estrogênio; podem causar disrupção endócrina e afetar o desenvolvimento embrionário); ftalatos (substâncias capazes de tornar plásticos rígidos em plásticos maleáveis; podem causar problemas reprodutivos, câncer de mama e disrupção endócrina); dioxinas (geradas a partir do processo de branqueamento dos absorventes com cloro; além de carcinogênica, pode afetar o sistema imunológico e também causar disrupção hormonal), agrotóxicos como o glifosato (o cultivo do algodão, matéria-prima básica dos absorventes descartáveis, é responsável por cerca de vinte por cento do consumo de pesticidas no planeta; o glifosato pode ser carcinogênico); rayon (ou seda artificial; pode causar ressecamento da proteção natural da mucosa vaginal, desencadeando alergias, comichões e corrimentos), neutralizadores de odor e perfumes (poliéster, polietileno, polipropileno, parabenos; também podem causar disrupção hormonal e ser carcinogênicos,

---

<sup>3</sup> Concomitante ao sucesso do coletor, há um resgate aos “bioabsorventes” ou absorventes de pano, que ganham novos designs. Atualmente, outro produto reutilizável que está conquistando consumidoras é a “calcinha menstrual”, que possui diferentes camadas de fino tecido de tecnologia absorvente e dispensa o uso dos descartáveis, indicando durabilidade de cerca de dois anos. Algumas marcas nacionais de coletor menstrual também vendem esses produtos.

<sup>4</sup> O preço médio de um coletor menstrual atualmente varia entre quarenta a noventa reais. Considerando seu uso por até dez anos, o valor é muito menor que o gasto mensal com descartáveis durante o mesmo intervalo de tempo.

acarretando principalmente em câncer de mama); além disso, os absorventes internos notoriamente criam ambiente propício para a proliferação da bactéria *Staphylococcus aureus*, que pode gerar um processo inflamatório grave conhecido como Síndrome do Choque Tóxico. Ainda, infecções como candidíase de recorrência podem estar associadas ao uso dos absorventes externos ou internos, devido ao abafamento que ocasionam, facilitando o alastramento de fungos.

É impressionante como quase todas as mulheres com as quais conversei sobre dispositivos menstruais têm alguma queixa aos absorventes e invariavelmente narram suas complicações como algo que acontece apenas com elas: “eu tenho alergia à absorvente” é uma frase a ser revista, pois aloca o problema nos corpos e não no produto. Mesmo aquelas que não identificam sinais imediatos como coceiras, vermelhidão e infecções podem estar sofrendo consequências de disrupção hormonal, como cólicas intensas durante a menstruação ou sintomas de inchaço, sensibilidade nas mamas, fadiga e alterações bruscas de humor devido ao excesso estrogênico durante a fase lútea (pré-menstrual)<sup>5</sup>.

As qualidades de segurança de matéria-prima, redução de danos ambientais e economia financeira que o coletor menstrual apresenta são motivos atraentes para adesão ao dispositivo; mas é a partir de sua utilização e dos processos de adaptação que ele demanda que o coletor realmente vem conquistando usuárias fieis. Como pretendo mostrar neste trabalho, o uso do coletor é capaz de suscitar novas maneiras de relacionar-se com o sangue menstrual. Comecei a aprender isso através de minha própria experiência com o copinho e faço essa afirmação assumindo o que Donna Haraway (1995, p. 29) chama de “objetividade corporificada e, portanto, responsável”. Nesse sentido, considero imprescindível a explicitação de minha posição como usuária e entusiasta do coletor. Admitir a pertinência de minha experiência com esse objeto é dar a chance ao público leitor de situar meu posicionamento enquanto produtora do conteúdo deste texto; é também valorizar modos de apreensão de conhecimento que escapam à lógica discursiva, reveladas num processo de sociologia carnal:

---

<sup>5</sup> O estrogênio em excesso na fase lútea não é um problema desencadeado exclusivamente pelos absorventes; muitos cosméticos e perfumes são compostos por parabenos, substância de estrutura similar ao estrógeno. O consumo de alimentos de origem animal produzidos pela agroindústria também pode colaborar para o desequilíbrio endócrino. De modo geral, há um problema ambiental com o resíduo de drogas de hormônios sintéticos expelidas pela urina, que afetam sistemas hidrográficos numa contaminação em larga escala.

demonstração em ação das possibilidades e virtudes distintivas de uma *sociologia carnal*, que relata por completo o fato de que o agente social é um animal que sofre, um ser de carne e sangue, nervos e vísceras, habitado por paixões e dotados de conhecimentos incorporados e habilidades (...) e que isso *também é verdadeiro para os sociólogos*. Isso significa que precisamos trazer o corpo do sociólogo de volta ao jogo e tratar o seu organismo inteligente não como obstáculo para a compreensão, como definiria o intelectualismo no qual a nossa concepção comum da prática intelectual se baseia, mas como vetor de conhecimento do mundo social. (WACQUANT, 2011, p. 18).

Uso exclusivamente o coletor há seis anos e integro o grupo de “early adopters” (REIS & RIBEIRO, 2016), ou “adotantes precoces<sup>6</sup>”, visto que a fabricação nacional do produto remonta ao ano de 2010 e sua expansão mais expressiva aconteceu somente a partir de 2015. À época em que conheci o coletor, as informações acerca dele ainda eram escassas e apenas duas pessoas de meu convívio o utilizavam; aprendi a manejá-lo com o suporte do manual de instruções que acompanhava o produto e, a partir daí, fui observando os problemas, cogitando soluções e experimentando diferentes ângulos e dobras para conseguir alocá-lo confortavelmente. Por ser maleável, o coletor permite várias dobraduras para realizar sua inserção; depois de introduzido, ele se abre e volta ao formato original, em taça.

FIGURA 01: DOBRADURAS PARA INSERÇÃO DO COLETOR MENSTRUAL<sup>7</sup>



<sup>6</sup> “Early Adopters (Visionários ou “Adotantes Precoces”) que, assim como os Inovadores, compram novos conceitos de produtos no início de seus ciclos de vida, mas diferente dos inovadores, os visionários não são ‘apaixonados’ por tecnologia. Eles ‘entendem e apreciam os benefícios de uma nova tecnologia, mas relacionam esses benefícios aos seus interesses’ (NEVES, 2014)”. (REIS & RIBEIRO, 2016, p. 32).

<sup>7</sup> Essas dobras são nomeadas, respectivamente: “C”, “S”, “E”, “lábia”, “lábia béllis”, “caracol”, triângulo”, “clave de sol”, “7”, “7 duplo ou tulipa”, “diamante”, “meio diamante”, “origami”, “punch down”, “meio punch down”.

Fonte: Korui. Disponível em: <<https://www.korui.com.br/15-formas-de-dobrar-o-seu-coletor-menstrual-com-fotos-reais/>>. Acesso em: nov. 2019.

Uma vez bem posicionado, ele não é sentido no interior do corpo e forma uma vedação no canal vaginal que impede vazamentos. No primeiro ciclo que tentei usá-lo, senti dor, desconforto e o sangue vazou enquanto eu dormia; desisti logo no primeiro dia. No segundo ciclo, aconteceu a mesma coisa. No terceiro, eu nem tentei usar. No quarto, compreendi que o que me machucava era o cabinho que fica na parte inferior do coletor e resolvi cortá-lo; ele era incongruente à minha anatomia e eu tinha segurança em conseguir retirar o coletor sem sua ajuda, pois fui entendendo que o copinho ficava baixo, bem próximo à entrada do canal vaginal, e que se eu me agachasse e fizesse movimento de expulsão com a musculatura pubococcígea eu o alcançava facilmente<sup>8</sup>. Do mesmo modo, aprendi que sua introdução para mim ficava mais fácil se estivesse em pé, com uma perna elevada (apoiada numa cadeira ou no vaso sanitário). Além disso, descobri que a dobra “triângulo” se abria perfeitamente no formato de minha vagina e consegui verificar que o coletor estava totalmente desdobrado no interior do canal passando meu dedo por todo o seu redor. Desde então, venho usando o coletor em absolutamente todos os dias que produz menstruação. Uso o mesmo copinho desde 2013 e ainda pretendo passar mais alguns anos em sua companhia até ser necessário comprar um novo. Nunca mais senti desconfortos e nenhuma gota de sangue vazou; somente nos processos de retirada para higienização eu vejo e toco meu fluxo e, nesses momentos, o contato com minha menstruação é visceral: lambuzo meus dedos, sinto seu cheiro fresco mesclado aos aromas da flora vaginal, observo os coágulos de sangue inteirinhos e noto as texturas de muco acompanhando o conteúdo líquido. Percebo todas as camadas e tons de minha menstruação. A isso eu nunca havia tido acesso antes do coletor.

É importante ressaltar que essas técnicas de ajuste dizem respeito a meu corpo; outras pessoas encontram outras dobraduras, diferentes posições para inserção e retirada e avaliarão a necessidade e conforto do cabinho<sup>9</sup>. Esse é um aspecto fundamental sobre o coletor

---

<sup>8</sup> Para retirar o coletor é preciso desfazer a vedação, introduzindo um dedo na vagina e apertando a ponta inferior do copinho para liberar passagem de ar. Ele pode permanecer dentro do corpo por um período de oito a doze horas, inclusive durante o sono ou na prática de exercícios físicos.

<sup>9</sup> Cada corpo reage de uma maneira ao coletor e inclusive há casos em que o uso não é recomendado: na presença de ISTs (infecções sexualmente transmissíveis) e condições de desequilíbrios da flora vaginal (como candidíase e vaginose), principalmente enquanto se faz uso de medicamentos tópicos em forma de pomada na vagina. No que concerne aos desequilíbrios da flora, o coletor pode ser um aliado à prevenção, pois, diferentemente dos absorventes descartáveis, não interfere na umidade natural da vagina nem absorve as secreções de proteção produzidas no canal. Casos de cistite e infecção urinária talvez impeçam o uso do



menstrual: o processo de descoberta e percepção do próprio corpo. Desde 2015, quando estava começando a formular um projeto de pesquisa para seleção no programa de pós-graduação, venho acompanhando grupos online de discussão sobre coletor menstrual nas mídias digitais<sup>10</sup> numa postura de “participação observante” (WACQUANT, 2011). O maior desses grupos, intitulado “Coletores Brasil – menstrual cups”<sup>11</sup> possuía cerca de quarenta e cinco mil membras quando me inscrevi e atualmente são mais de oitenta e três mil. Destaco que uma reunião tão expressiva de pessoas a dialogar sobre menstruação é definitivamente inédita, principalmente considerando os imperativos de manter os assuntos desse sangue sob a postura do “segredado” (FÁVERI & VENSON, 2007). A partir da participação nesses espaços nas mídias digitais, acessei diversos depoimentos de experiências muito diferentes à minha, conhecendo outros impasses, dúvidas e soluções para o uso do coletor.

Eu imediatamente fiquei fascinada com a profusa comunicação que se dava nesse meio e a maneira como dezenas de milhares de mulheres ajudavam umas às outras a conhecer o copinho e a si mesmas. Acompanhei diariamente a comunicação desenvolvida por essas redes e, por mais que em meu uso pessoal já estivesse devidamente adaptada às técnicas e conhecimentos que o coletor demandava, ainda assim dedicava horas em leitura de diálogos entre aquelas mulheres que conversavam sobre seus fluxos, dividiam descrições detalhadas de seus canais vaginais, exprimiam dúvidas e forneciam dicas, auxiliavam umas às outras a fazer a melhor escolha de marca, modelo e tamanho de acordo com as características únicas de seus corpos, instruíam diferentes maneiras de higienizar seus produtos, relatavam conversas e até confrontos com profissionais da saúde que desconheciam ou desaconselhavam o dispositivo e compartilhavam histórias cotidianas de seus ambientes familiares, de estudos ou trabalho, onde precisavam gerir o uso do coletor. O que foi mais prontamente evidente nesse meio era a

---

coletor, uma vez que o objeto pode fazer pressão contra a uretra, já sensível. O coletor é contraindicado para sangramento puerperal ou pós-abortamento. Também não é aconselhado no caso de doenças inflamatórias pélvicas. A situação de útero retrovertido não interfere no uso do coletor; a curva de adaptação é a mesma daquelas que tem o útero em posição regular, exigindo em ambos os casos percepção da posição do cérvix. Usuárias de dispositivo intrauterino podem usar o copinho, desde que tenham cuidado em sua retirada, desfazendo bem a vedação antes de puxá-lo para fora. Fatores que não impedem o uso do coletor, mas devem ser avaliados de acordo com o conforto de cada menstruante incluem: endometriose, vaginismo e ectopia cervical. Além disso, evidentemente, pessoas que escolhem se abster de qualquer tipo de penetração não encontrarão no coletor um dispositivo viável.

<sup>10</sup> “Menstrual activism actualizes demands made visible since the second wave of feminism, in the 1960’s and 1970’s, with a new ‘third wave’ gaze that also incorporates internet and the social networks, as well as discussions about intersections with ethnic-racial, LGBT and class related social movements, among many others (Bobel 2010)” (MANICA & RIOS, 2016, p. 16)

<sup>11</sup> Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/ColetoresBrasilMenstrualCups/>>. Acesso em: maio 2019.

adesão apaixonada dessas mulheres ao dispositivo, com incontáveis relatos sobre como o copinho vinha afetando irrevogavelmente seus sentidos sobre menstruação. Se a princípio optavam pelo coletor como uma alternativa aos absorventes descartáveis, ao longo do uso reconheciam tantas vantagens que, muitas vezes, o consideravam não apenas superior aos absorventes, mas até mesmo fora de comparabilidade: são dispositivos com propostas, demandas, experiências e efeitos absolutamente diferentes.

O fato dessas repercussões só virem a ocorrer mais de setenta anos após a invenção do coletor despertou a curiosidade de meu olhar enquanto cientista social. Uma explicação exclusivamente econômica não me parecia satisfatória; alguns poderiam argumentar que é evidente que um produto com tão longa durabilidade fosse preterido pela indústria de higiene em relação aos descartáveis que geram tanto lucro. Porém, a partir de tão abundante troca de saberes entre mulheres nas mídias digitais, eu depreendia que muitos fatores sociais, culturais e históricos marcavam essa lacuna. A partir de minha trajetória de descobertas com meu corpo (não apenas no que concerne à menstruação, mas inclusive), decidi me alinhar a epistemólogas feministas como Jaggar (1997), Farganis (1997), Berman (1997), Fausto-Sterling (1985) e Haraway (1995) para investigar os paradigmas que sustentam a recente emergência do copinho e também aqueles que impediram sua consolidação outrora. O feminismo perspectivista conduz as reflexões que aqui apresento, ciente da potência das conexões parciais.

O eu cognoscente é parcial em todas suas formas, nunca acabado, completo, dado ou original; é sempre construído e alinhavado de maneira imperfeita e, portanto, capaz de juntar-se a outro, de ver junto sem pretender ser outro. Eis aqui a promessa de objetividade: um conhecedor científico não procura a posição de identidade com o objeto, mas de objetividade, isto é, de conexão parcial. (...) Estou argumentando a favor de políticas e epistemologias de alocação, posicionamento e situação nas quais parcialidade e não universalidade é a condição de ser ouvido nas propostas a fazer de conhecimento racional. São propostas a respeito da vida das pessoas; a visão desde um corpo, sempre um corpo complexo, contraditório, estruturante e estruturado, versus a visão de cima, de lugar nenhum, do simplismo. (HARAWAY, 1995, p. 26-30).

Definitivamente não pretendo dissimular um olhar distanciado às experiências de usuárias de coletor menstrual, tampouco presumo que minha percepção tem valor de análise social por si só. Porém, reconheço que ela constitui o guia através do qual sou capaz de formular perguntas. Meu principal objetivo é investigar transformações nas ordens prático-

simbólicas da menstruação (SARDENBERG, 1994) que o uso do coletor vem instigando. Para tanto, destaco dois objetivos específicos:

- analisar as características particulares do coletor menstrual que demandam percepção e proporcionam contato ao corpo e à menstruação de uma maneira que nenhum outro dispositivo o faz; nesse esforço, avaliarei as transformações nos estigmas menstruais e nos processos de alienação corporal já apontados (YOUNG, 2005) como operantes nas sociedades ocidentais, onde o paradigma orientador são os preceitos da ciência moderna;
- examinar a disseminação do coletor no Brasil a partir de redes de mulheres que constroem conhecimento através da troca de suas experiências, num movimento horizontalizado que desafia normas de etiqueta menstrual (YOUNG, 2005) e imperativos de manter a menstruação sob a alcunha do segredo (FÁVERI & VENSON, 2007); assim, irei ponderar sobre a rearticulação de forças na disputa pelo poder simbólico da menstruação (SARDENBERG, 1994), principalmente no que concerne à autoridade médica e midiática diante da percepção e saberes desenvolvidos pelas usuárias do copinho.

Para buscar respostas, realizei uma revisão da literatura acadêmica acerca da menstruação em estudos produzidos em sociologia, antropologia, história, biologia, design e comunicação; a maior parte de meus achados são trabalhos em língua estrangeira, evidenciando a lamentável lacuna de pesquisas brasileiras sobre menstruação nas ciências humanas. Esta dissertação é um passo para mitigar essa falta e espero que inspire outros trabalhos. Ao lado dos textos acadêmicos, também consultei reportagens de revistas e jornais, assim como acervos de museus online dedicados à menstruação ou à patente de dispositivos menstruais. Ao longo dos últimos quatro anos, realizei participação observante em grupos de discussões sobre coletor menstrual nas mídias digitais, nas redes sociais das principais marcas nacionais de copinho, assim como nas dinâmicas em páginas e perfis voltados a coletores e ginecologia, principalmente nas plataformas Facebook e Instagram.

Entre 04 e 06 agosto de 2017, participei da 2ª Imersão em Autoformação Ginecológica facilitada por Cibele Cê, educadora popular, na Casa AmarEla no bairro de Itapuã. Essa imersão me iniciou nos movimentos latino-americanos de ativismo por ginecologia

autônoma<sup>12</sup> e abriu um panorama para me aproximar de outras iniciativas de difusão de saberes contra-hegemônicos no que concerne à saúde e sexualidade<sup>13</sup>. No mês de março de 2018, entre os dias 02 e 04, busquei novamente participar de um encontro com Cibele, desta vez na Casa Guió, no Rio Vermelho. A Oficina de Ginecologia Política foi uma oportunidade de consolidar os conteúdos que havia acessado no ano anterior e, principalmente, experimentar mais uma vez a potência maravilhosa que é integrar uma roda de mulheres partilhando histórias, emoções e conhecimentos sobre seus corpos. Agradeço calorosamente à oportunidade de conhecer Cibele, pois com ela pude alicerçar muitas ideias que pairavam em meu peito há tempos. A referência de Margie Profet, fundamental na construção do primeiro capítulo desta dissertação, foi-me apresentada por ela nessas oficinas. A ginecologia política é um propósito pelo qual me apaixono.

Precisamos re-conhecer esse espaço, que durante muito tempo foi escondido de nós, para conseguir explorá-lo livremente, indagá-lo a partir de uma perspectiva própria, isenta de medos, tabus, preconceitos, moral ou padronizações médicas; compreender a história que os órgãos genitais carregam pelo mundo e a nossa própria e peculiar história. O que você reconhece dos seus genitais? Que nome você dá a eles? Você sente vergonha? O que te disseram sobre "essas partes" quando você era pequena? (SAN MARTÍN, 2015, p. 47).

Por fim, na investida de dialogar presencialmente com outras usuárias de coletor menstrual, decidi trabalhar com o método de grupos focais, articulando três encontros na cidade de Salvador em janeiro deste ano. Os diálogos concebidos nessas reuniões dão conteúdo às reflexões que levanto e me colocam em comunicação a outras visões sobre um tema que me é tão íntimo. Conteí com a participação de doze mulheres que, em profundidade,

---

<sup>12</sup> Ginecologia autônoma preza por formular mecanismos de consentimento informado em quaisquer decisões que tomemos sobre nossa saúde e sexualidade. Assim como práticas de ginecologia natural, não pretende substituir a ginecologia convencional enquanto especialidade médica; a intenção é estimular percepção corporal, autonomia no cuidado, atenção e registro de sinais físicos, mentais e emocionais ao longo do ciclo, cultivando autorresponsabilidade e protagonismo na gestão de nossos corpos. Defender ginecologia autônoma não é descartar levemente a clínica médica e os saberes consolidados nesse campo, mas incitar condutas que tensionem a hierarquia médico-paciente e preparem um olhar alerta às imbricações entre as instituições de saúde e as indústrias farmacêutica e cosmética. Trata-se principalmente de promover informações seguras sobre direitos reprodutivos e sexuais e disseminar práticas de acompanhamento e leitura dos sinais corporais. Ginecologia autônoma não reivindica uma autonomia liberal, individualizada; ao contrário, firma-se sobre o princípio de que autonomia se constrói coletivamente, na troca de saberes entre mulheres e compartilhamento de nossos processos e reflexões.

<sup>13</sup> O trabalho de Beatriz Sabô, cientista política e mestrandia em bioética, é atualmente uma de minhas grandes inspirações brasileiras nesse sentido. Com o projeto Vulva Política, ela vem utilizando ferramentas das mídias digitais e facilitando oficinas presenciais para promover discussões sobre direitos sexuais e reprodutivos, em caminhos de autonomia. O projeto está disponível em: <<https://vulvapolitica.com/>>. Acesso: maio 2019.

partilharam suas impressões sobre o copinho. Saliento que os resultados dessas conversas não devem ser lidos de modo a engessar uma definição singular sobre quem são essas figuras que usam coletor, mas servem para apontar caminhos de transformação nos valores e discursos operantes nas ordens prático-simbólicas da menstruação. A média de idade das participantes desses encontros é de trinta e um anos e a maioria possui ensino superior completo, inclusive algumas com pós-graduação. Aponto desde já a sugestão de futuras pesquisas que contemplem um público ainda mais jovem, que é bastante expressivo na adesão ao dispositivo.

Para encaminhar o desdobramento deste trabalho, indico o percurso dos assuntos apresentados. O primeiro capítulo é voltado a identificar o panorama vigente das ordens prático-simbólicas da menstruação, relacionando discursos científicos e valores de senso comum. Nele, aponto a inextricabilidade entre a explicação biológica sobre o sangue menstrual baseada numa ideia de falência e os processos de alienação corporal corroborados pela etiqueta menstrual que deprecia a menstruação como substância abjeta. Assim, quero estabelecer o pano de fundo em relação ao qual os enunciados e experiências acerca do coletor agora se erigem. No segundo capítulo, apresento uma descrição do histórico dos dispositivos menstruais ao longo do século XX, detalhando os momentos em que houve tentativa de comercialização dos coletores, assim como a emergência e consolidação dos produtos descartáveis. Em seguida, justifico minhas decisões metodológicas e exponho o percurso de constituição dos grupos focais. Por fim, trago ao texto as palavras das mulheres que contribuíram nesta pesquisa, analisando suas falas com o auxílio de três termos que qualificam tanto o conteúdo quanto a dinâmica de cada encontro. No terceiro capítulo, investigo sentidos da menstruação: em termos de capacidades sensoriais de aprendizagem despertadas a partir do uso do coletor e também em termos de avaliação dos rumos que vêm tomando os valores e comportamentos acerca do sangue menstrual. Também perscruto a disputa de saberes em torno da menstruação, principalmente considerando a relevância de redes de mulheres articuladas em discussões sobre corpo, saúde e autonomia. Para concluir, elaboro considerações finais, onde indico alguns limites e potências dos ativismos menstruais, assim como sugestões de pesquisa nesse campo.

Desejo, acionando as mais sinceras e poderosas energias de meu coração, que este trabalho proporcione momentos de reflexão, instigação de curiosidade, busca por aprofundar, confirmar ou enfrentar informações aqui sugeridas, introspecção de mergulho em cada trajetória pessoal e ânimo de agência para as pessoas que vierem a lê-lo. O grande propósito

dessa jornada a qual me dedico é partilhar e proliferar esses assuntos que tanto me movem e que sei que conduzem potências profundas. Espero que seja uma leitura fértil e prazerosa (reconheço que me expesso num estilo um tanto truncado ao adicionar caminhos paralelos de narrativa em notas de rodapé – assim também é minha linguagem oral; portanto, indico sossego na leitura!). Que a ginecologia política se expanda no Brasil e que este texto inspire outras acadêmicas e cientistas a se engajarem nas pesquisas em gênero, ciência e corporalidade. Amém!

FIGURA 02: MEU COLETOR E MINHA MENSTRUÇÃO<sup>14</sup>



Fonte: Imagem autoral, dez. 2019.

---

<sup>14</sup> Registro após doze horas de uso do coletor no primeiro dia de ciclo menstrual. O útero produz, em média, trinta a oitenta mililitros de menstruação a cada ciclo.

## 2 MENSTRUACÃO POR UMA PERSPECTIVA EPISTEMOLÓGICA FEMINISTA

O que é menstruação? Essa pergunta conduz as reflexões deste capítulo. Um fenômeno corriqueiro e inescapável na vida da vasta maioria das mulheres<sup>15</sup> não alcançou interesse notável na produção acadêmica nacional nas áreas das humanidades; é inquietante para mim a escassez de pesquisas atualizadas sobre o tema, principalmente no que se refere às percepções cotidianas das mulheres brasileiras sobre seus períodos menstruais. Tal como qualquer outro fenômeno fisiológico, o menstruar é investido de significados, crenças e condutas específicas, sendo, assim, vivido e percebido de diferentes maneiras entre as épocas e sociedades. Além disso, menstruar também se mostra como um fator estruturante em torno do qual se constroem noções culturais sobre diferenças de gênero, atribuindo características próprias ao que se entende por feminino e masculino.

Mas será suficiente investigar a menstruação como um fenômeno natural sobre o qual se inscrevem atributos culturais? Afinal, que natureza é essa? Como aprendemos o que é este mecanismo fisiológico que nos faz sangrar mensalmente? Qual é a explicação biológica para a menstruação? A biologia, assim como qualquer outro ramo científico, é um conhecimento histórico e socialmente localizado. Uma intrépida tradição de epistemólogas feministas consolidou, em seu escopo, fortes críticas ao caráter androcêntrico e racista da Ciência Moderna, indicando como suas bases de pensamento carregam pressupostos autoilusórios, nos quais ideais de objetividade, distanciamento, neutralidade, universalismo, fundacionalismo e racionalidade negligenciam e rejeitam o engajamento responsável pelo conhecimento produzido. As críticas feministas à ciência mostram como linguagem, metáforas, objetivos e procedimentos científicos operam de modo a corroborar as relações de poder instituídas na sociedade.

---

<sup>15</sup> Toda vez que utilizar o termo “mulheres” neste texto, estou me referindo a “mulheres que menstruam”. Não ignoro que há mulheres que não compartilham a experiência da menstruação ou então que há pessoas que não se identificam enquanto mulheres, mas que menstruam também. “Pessoas menstruantes” é uma saída razoável para promover inclusão de gênero, mas ao longo da redação desta dissertação me vi muitas vezes amarrada pelas prescrições generificantes da língua portuguesa. Optei por manter a palavra “mulheres” ou o adjetivo “feminino” para me referir a esses corpos que menstruam, principalmente pela carga histórica dos discursos científicos aqui apresentados e também porque essa era a autoidentificação das usuárias de coletor menstrual que colaboraram com participação nesta pesquisa. Porém, saliento que a análise da percepção da menstruação pode e deve ser estendida para além da cisgeneridade e que no estágio atual do debate sobre estratégias de linguagem ainda não é possível encontrar uma resposta devidamente inclusiva.

Entendida como objetiva, baseada em métodos rigorosos e replicáveis e, portanto, tidos como “imparciais”, a ciência é a ferramenta mais poderosa de legitimação de ideias de que dispomos. A preciosidade do pensamento científico é justamente sua abertura à refutação; porém, sabemos que o status de “verdade científica” é comumente interpretado como “verdade incontestável”, uma vez que a própria lógica subjacente à ciência separa irreconciliavelmente sujeito e objeto, investigador (assim mesmo, no masculino) e mundo, presumindo que “a realidade tem uma estrutura ou natureza objetiva, independente e não afetada pela compreensão humana ou por suas perspectivas” (JAGGAR & BORDO, 1997, p. 9). A noção de distanciamento que se estabelece com essa postura reforça uma relação de autoridade entre investigador e fenômeno observado, reiterando as afirmações produzidas pela pesquisa como comprovações de alguma realidade incólume.

Dessa forma, imagina-se um mundo abundante de fatos a ser descobertos e investigados; a separação rígida entre ciência e natureza (acompanhada das outras dicotomias rígidas – e generificantes – sobre as quais o pensamento científico se sustenta<sup>16</sup>) nos remete a uma concepção de fatos puros, intocados, “verdadeiros”. Sondra Farganis argumenta que a presunção de objetividade sugere que:

existe um método racional de investigação, o método científico, que pode ser utilizado independentemente do contexto social ou dos fenômenos que estão sendo investigados; que qualquer “bom” cientista, bem treinado e honesto, pode aplicar esse método neutro, bem definido, ao objeto que está sendo investigado e obter dados “objetivos”, não tendenciosos; que os “fatos (dados) são fatos”; os resultados relatados são “inflexíveis”, imutáveis e não afetados por interesse pessoal. A especificidade das condições sob as quais os dados foram obtidos não se mantém, pois eles se tornam generalizados e consolidados como “fatos sólidos”. (FARGANIS, 1997, p. 255).

Meu interesse ao indagar “o que é menstruação” certamente se dedica a perscrutar as regras, significados, rituais e convenções simbólicas evocadas em nossa sociedade no que

---

<sup>16</sup> “Prenhe da razão dualista, cartesiana, característica do pensamento iluminista, tal estruturação é baseada em uma lógica binária, construída a partir de pares de opostos, por exemplo: sujeito/objeto, mente/corpo, razão/emoção, objetividade/subjetividade, transcendente/imanente, cultura/natureza, ativo/passivo etc. Para as feministas, o ponto chave é que essas dicotomias se constroem, por analogia, com base nas diferenças percebidas entre os sexos e nas desigualdades de gênero. Assim, os conceitos de sujeito, mente, razão, objetividade, transcendência, cultura, dentre outros, que estruturam os princípios da Ciência Moderna, foram identificados com o ‘masculino’, ao passo que os demais termos das dicotomias – objeto, corpo, emoção, subjetividade, imanência, natureza etc., sobre os quais os primeiros se impõem hierarquicamente – fazem parte do que historicamente se construiu como o ‘feminino’”. (SARDENBERG, 2002, p. 95).



concerne ao sangue menstrual e sujeitos menstruantes. Para tanto, não quero partir da premissa de que a menstruação é um fato objetivo do corpo, explicado de antemão às imbricações sociais, como se os atributos culturais se inscrevessem sobre um fenômeno natural autoevidente. Ao contrário, acredito que a própria explicação fisiológica também possui uma narrativa, cujo pano de fundo coincide com os valores hegemônicos da sociedade que produz tal conhecimento. Assim, acompanho a sugestão da antropóloga Daniela Manica (2002, p. 4) em “tomar a menstruação como um conceito, ‘des-essencializá-la’, a fim de perceber os diferentes sentidos que este conceito toma nas enunciações e as relações com outras questões, que surgem nas falas sobre menstruação”.

Além de questionar o que é menstruação pensando nas ordens prático-simbólicas (SARDENBERG, 1994) a partir das quais o fluxo menstrual é percebido e vivenciado, também quero examinar o que é menstruação no que se refere à sua explicação biológica, ou seja, questionando em que termos e sob quais pressupostos o conhecimento científico sobre menstruação é construído e disseminado. Procuro neste capítulo considerar as imbricações entre saber científico e senso comum, principalmente porque o imaginário de “fatos sólidos” atribuído à ciência é informado por discursos pejorativos sobre o sangue menstrual, ao mesmo tempo em que os ratifica.

## 2.1 SISTEMA SEXUAL, CIÊNCIA E CRÍTICA FEMINISTA

A ciência é uma forma de discurso; está sujeita a definições de termos, delimitação de normas e formulação de critérios no sentido daquilo que vale para o conhecimento e de quem é considerado como autoridade. Quando olhamos a ciência dessa forma, somos encorajados a focar as normas que determinam se algo é verdadeiro ou falso e as condições nas quais um conjunto de normas prevalece sobre outro. Também nos tornamos capazes de ver que os discursos são sempre políticos; isto é, dependem de quem escreve o texto que estabelece as fronteiras e determina os valores. (FARGANIS, 1997, p. 228).

O modelo sustentado pelas ciências biomédicas, no qual se inclui os dizeres científicos sobre a menstruação, é um desenvolvimento relativamente recente, vinculado à emergência do

campo da endocrinologia e da bioquímica. Cecília Sardenberg (1994, p. 336) nos lembra de que tão recente é a medicalização do sistema sexual quanto a concomitante transferência de controle de seus cuidados para o domínio masculino: o deslocamento do parto domiciliar, assistido por parteiras e doulas, para o parto hospitalar, protagonizado por médicos obstetras, em sua maioria homens, é exemplo disso. Precisamos considerar que o conhecimento científico sobre os órgãos sexuais das mulheres é informado a partir do projeto colonial que suprime saberes dissidentes à lógica racionalista da epistemologia moderna. As práticas e valores que guiam saberes tradicionais difundidos geracionalmente por mulheres em diferentes contextos culturais são menosprezados e descartados perante o presunçoso olhar branco e androcêntrico justificado por critérios irresponsáveis de objetividade distanciada. As percepções das mulheres sobre os próprios corpos e os conhecimentos produzidos coletivamente são reprovados nos esquemas de legitimação das verdades ocidentais. Desde a perseguição medieval àquelas que curavam suas congêneres através de conhecimentos empíricos e autônomos à instituição religiosa até o empreendimento genocida e colonizador que desmantelou esquemas de organização e transmissão de saberes de diversos povos, estabelece-se para as mulheres a interdição dualista entre sujeito e corpo.

Para perscrutar a variação histórica da ideia de sexo no pensamento médico, filosófico e político, apresento a reflexão sobre como diferentes epistemes sustentam diferentes modelos da biologia do sistema sexual no imaginário científico. Laqueur (2001) apresenta os caminhos históricos pelos quais percorre a compreensão ocidental sobre sexo, trazendo como ponto essencial os séculos XVIII e XIX, quando há uma profunda mudança que não apenas inverte o que se pensava sobre sexo até então como também inscreve valores sobre feminilidade e masculinidade atrelados às noções de sexo. Antes do século XVIII, o modelo que imperava era o do sexo único: entendia-se as anatomias associadas às mulheres e aos homens como se fossem uma só, distinguindo-se apenas pela interioridade e exterioridade. Toda a produção de modelos anatômicos e as preocupações médicas e científicas trabalhavam com a ideia de que as mulheres carregavam em si um aparato genital/sexual semelhante ao dos homens, porém invertido. É como se toda a genitália masculina fosse recolhida para dentro e os órgãos eram então pensados de modo espelhado. Nesse sentido, estabeleceu-se, por exemplo, analogias entre pênis e clitóris, lábios e escroto, ovários e testículos. Alguns termos utilizados à época fazem referência direta a essas analogias: as tubas uterinas nomeadas como canais deferentes ou os ovários chamados de testículos femininos.

Sob tal esquema, de modo geral, homem e mulher constituíam um só ser, com uma ligeira e bem aparente inversão de posição de seus órgãos. Laqueur começa a identificar essa tendência desde o pensamento na Grécia Antiga (principalmente em Aristóteles), passando pelos escritos de Galeno até chegar ao Iluminismo, quando um ideal de sujeito universal racional e contratualista requeria uma figura sem gênero. Ele mostra como esse sujeito é sim generificado, pois, por mais que o modelo de sexo único se estabelecesse sobre uma noção de semelhança, há uma inescapável hierarquia que compõe um eixo cuja causa final é masculina. Esse problema fica evidente no momento em que Laqueur estuda as ilustrações de anatomia em tratados médicos (históricos e contemporâneos) e nos mostra como esses modelos exemplificam os modos de pensar, as intenções e preocupações de determinada época e lugar. Ele ressalta que nos modelos anatômicos a figura evocada é sempre um corpo masculino; as ilustrações que representassem uma mulher só apareciam na medida em que se pretendia mostrar sua diferença em relação ao modelo de ser humano: o homem. Parte-se do princípio de que o corpo humano é masculino e o corpo da mulher só é retratado quando necessário remeter àquilo que é não-homem. A partir disso, podemos ver como o modelo de sexo único, por mais que se constitua a partir de certa ideia de semelhança (invertida), ainda assim produz um escalonamento entre masculino (universal) e feminino (contrário). Desde a obra de Simone de Beauvoir (1980) no fim da primeira metade do século passado, as teorias feministas reconhecem a categoria do Outro como fundamental na análise sobre a construção da noção de “mulher” na filosofia ocidental.

Toda a maneira de pensar a anatomia até então levava à ideia de que mulheres eram essencialmente homens, mas num grau abaixo, faltando-nos força e intensidade de calor vital; tratava-se de um homem imperfeito, inferior e internalizado. A partir do século XVIII, as concepções sobre sexo e anatomia passam a mudar radicalmente e, deixando o modelo de sexo único, a lógica do modelo de dois sexos se erige. É importante frisar que essa transição não se dá por inovações tecnológicas ou “avanços” da medicina; para que a mudança ocorra, todo o paradigma que dá sentido ao pensamento científico precisou passar a operar sobre novas bases e isso só acontece por conta de novas demandas sociopolíticas. O mundo era outro, a episteme que orientava os saberes era outra<sup>17</sup>. Esta sociedade que então produz

---

<sup>17</sup> Para explorar esse argumento, podemos acompanhar Michel Foucault (2007) em *As Palavras e as Coisas*. Tecendo uma crítica à história das ciências e à história das ideias, Foucault desenvolve uma análise que não se pauta na continuidade do saber e na causalidade entre diferentes tipos de pensar. Ele nega a suposição de que condições materiais promovem determinados tipos de pensamento, ou que entre pensamentos distintos em épocas diferentes, um seja tributário daquele que lhe é anterior. Foucault, ao longo de uma extensa argumentação em sua arqueologia do saber, demonstra que há autonomia entre pensamentos que

conhecimento científico é uma sociedade pautada em ideais igualitários republicanos e não pode mais conviver com a contradição entre a ideia de sexo único e a evidente desigualdade social entre homens e mulheres; requer-se, pois, que haja uma separação inconciliável entre o ser masculino e o ser feminino. É assim que o modelo de dois sexos emerge e se estabelece: por conta de uma sociedade que precisava manter mulheres fora da esfera pública burguesa que se consolidava e, para tanto, respaldava-se em argumentos biológicos que afirmavam e afirmam até hoje que sexo masculino e sexo feminino são fenômenos essencialmente opostos.

A afirmação era a de que os próprios papéis sociais dos homens e das mulheres estavam baseados na natureza, graças ao que seus corpos ditavam. Nas palavras de um teórico do século XIX, "a tentativa de alterar a relação atual entre os sexos não é uma revolta contra alguma lei arbitrária instituída por um déspota ou uma maioria – não é uma tentativa de romper o jugo de uma mera convenção: é uma luta contra a Natureza; uma guerra travada para inverter precisamente as condições sob as quais não apenas o homem, mas todas as espécies mamíferas atingiram seu atual desenvolvimento (BAGEHOT, apud FEE, 1976: 190)". (MARTIN, 2006, p 73).

Nesse contexto, são empregadas justificativas naturalistas para a condição social das mulheres; a anatomia sexual distinta serve como ferramenta para estabelecer limites de reivindicações de espaços de diferentes ordens. Por exemplo, desde o momento em que o discurso científico veicula como plausível a ideia de que mulheres têm seus comportamentos passivamente induzidos por seus órgãos sexuais, o útero torna-se alvo de acusações e é visto como órgão volúvel responsável por insensatez e incapacidades. Antes, sob o modelo de sexo único, reprodução era pensada como se a ovulação fosse dependente de estimulação do coito e do orgasmo feminino (assim como se observava que homens precisavam ejacular para ocorrer uma gravidez, admitia-se que o prazer das mulheres também era imprescindível no processo). A partir do modelo de dois sexos, a ovulação passou a ser entendida como mecanismo espontâneo, que tem um ciclo próprio e separado de atividade sexual; o interesse que se forma acerca do útero e suas propriedades cíclicas é um discurso que vai cada vez mais afirmando

---

costumamos imaginar como contínuos; como sendo um o desenvolvimento do outro. A possibilidade lógica dos conhecimentos se deve antes à episteme em que estão inseridos do que ao desenvolvimento temporal das ideias ou da acuidade racional e técnica pela qual são produzidos. Para Foucault, não é porque nos racionalizamos cada vez mais que pudemos desenvolver as ciências que compreendemos hoje; essas ciências não são possíveis a partir de condições materiais ou históricas que as permitam, mas a partir de um determinado pano de fundo de pensamento que lhes dá sentido e que permite que pensemos as coisas que pensamos. A isso, Foucault denomina *a priori histórico*: um princípio orientador. Em suas palavras, é "aquilo que, numa dada época, recorta na experiência um campo de saber possível, define o modo de ser dos objetos que aí aparecem, arma o olhar cotidiano de poderes teóricos e define as condições em que se pode sustentar sobre as coisas um discurso reconhecido como verdadeiro." (FOUCAULT, 2007, p. 219).

mulheres enquanto seres temperamentais, passivos, sujeitas a mudanças periódicas, imprevisíveis e inconstantes: não poderiam então participar de atividades públicas que exigiriam “concentração linear” de acordo com os valores racionalistas que vieram a reger a nova episteme. Toda a analogia que antes poderia ser feita entre corpo e fluidos de homens e mulheres passou a ser inconcebível: o corpo das mulheres tornou-se território de culpas e inépcia, a menstruação seria o sinal forte e externo de toda a “perturbação” que útero e ovários<sup>18</sup> causariam nesse novo ser feminino. Analisando a emergência da ginecologia enquanto especialidade médica no século XIX, Fabíola Rohden (2002) demarca o campo moralizador no qual esses conhecimentos nasciam:

Muitas vezes, as teses sobre menstruação ou mesmo sobre puberdade feminina caracterizam a vida da mulher a partir das passagens que sofre em função da preparação, exercício e perda da capacidade reprodutiva. Não há nada equivalente para o homem, ou seja, a vida masculina não é problematizada pela medicina a partir da capacidade ou não de reprodução como acontece com as mulheres (...) a constituição desse ramo da medicina está atrelada à crença de que o sexo e a reprodução são mais fundamentais para a natureza da mulher do que para a do homem. (...) A ginecologia teria legitimado essa visão. Mais do que isso, é a crença na singularidade do corpo feminino como determinado à reprodução que possibilitou a formação dessa especialidade, que definiu as mulheres como um grupo particular de pacientes e um tipo distinto na espécie humana. (...) É nessa perspectiva que a ginecologia constituiu-se com pretensões muito mais amplas do que o simples tratamento das doenças femininas. Ela partiu do estudo das próprias diferenças sexuais. Uma das suas proposições era a ideia de que essas diferenças não estavam contidas nos órgãos genitais, mas na totalidade fisiológica e psicológica dos indivíduos. (...) os médicos se ocupavam com a tarefa de encontrar evidências da inferioridade feminina. É certo que eles também se esmeravam em descrever a *doçura* e as *virtudes morais* da mulher, mas, ao mesmo tempo, multiplicavam as suas patologias, os seus desregramentos, causados, em última instância, pelo *predomínio do seu sistema genital*. A mulher, segundo eles, era governada pela sua fisiologia, a qual era inerentemente patológica. (ROHDEN, 2002, p. 105; 115-116).

Assim colocado, podemos observar que a ciência não apenas investiga o corpo, mas também o cria cognoscitivamente; aquilo que costumamos entender como natural e fixo é

---

<sup>18</sup> No final do século XIX, era comum a retirada cirúrgica de órgãos saudáveis a fim de curar “patologias comportamentais”. “Histeria” e “desejos sexuais excessivos” eram motivos para remoção dos ovários. Laqueur indica ainda uma interessante contradição: “Se a mulher fosse castrada, ficaria masculinizada, da mesma forma que homens castrados se tornariam efeminados; a ovariectomia fazia com que as mulheres cessassem de menstruar e acarretava outras mudanças nas características sexuais secundárias, que as tornavam mais semelhantes aos homens. Por outro lado, a retirada dos ovários também tornava a mulher mais feminina, ou pelo menos mais como *os defensores da operação achavam que elas deviam ser*” (LAQUEUR, 2001, p. 260, grifo meu). Atualmente, podemos considerar que ovariectomia e histerectomia são substituídas por tratamentos com pílulas, adesivos, anéis e injeções de hormônios sintéticos; as políticas de regulação de comportamento das mulheres pela autoridade médica permanecem (FAUSTO-STERLING, 1985).

uma construção em acordo com a conjuntura dominante<sup>19</sup>. Os modelos anatômicos com os quais nos deparamos em livros-texto de medicina e biologia são representações imbrincadas no pano de fundo de pensamento de seu contexto social. Se, num momento anterior, a Igreja era capaz de definir e assegurar posições sociais entre homens e mulheres no Ocidente, desta vez é o conhecimento biológico que vai garantir tais hierarquias através de um discurso improvavelmente contestado por ser entendido como objetivo e neutro. As representações produzidas pelas ciências biológicas suscitam uma noção de corpo estável e a-histórico no momento em que lançam mão de descrições compreendidas como separadas da agência e intenção de quem as elabora e do contexto no qual esses modelos são formulados. É preciso pensar o corpo enquanto estruturante e estruturado pela cultura; enquanto receptáculo de símbolos culturais, mas também como produtor de sentido (MALUF, 2001). Laqueur está argumentando que “fatos biológicos” são produtos de representações sociais e que relações sociais muitas vezes se sustentam e se justificam ao aludir a certas características assumidas como incontestavelmente (por sua “natureza”) fundantes da ordem social. A visão dominante desde o século XVIII remete a dois sexos estáveis e distintos que, por suas características anatômicas e fisiológicas, delimitam pertencimentos e funções nas esferas política, econômica e cultural. Assim se cria todo um imaginário de sexos opostos e este modelo não denota uma relação de igualdade ou desigualdade, mas de total diferença e incomensurabilidade.

Acompanhando debates contemporâneos entre profissionais da ginecologia no que concerne à supressão do sangramento uterino a partir de drogas de hormônios sintéticos, Daniela Manica (2002) compila argumentos médicos que atualizam a dinâmica entre conhecimento científico e manutenção de relações de poder. Um exemplo é o discurso de Eliezer Berenstein, médico obstetra, que se posiciona contrariamente ao uso de drogas andrógenas (por ele denominadas “hormônios masculinos”) como método contraceptivo, e, como base de sua justificativa, elenca ciclicidade hormonal como fator definidor e imprescindível de constituição das mulheres. A notória responsabilização exclusiva de

---

<sup>19</sup> Fabíola Rohden (2002, p. 121) apresenta exemplo do fundacionalismo presente na ciência moderna (ou seja, presunção da investigação de “fatos sólidos naturais”), ressaltando a consonância entre ideais estéticos historicamente contextualizados e a produção científica em vigência. No caso do século XIX: “A imagem médica da beleza feminina se confundia com a representação da boa esposa e mãe produtora de muitas crianças. Sua feminilidade se refletiria em um corpo arredondado, volumoso, seios generosos, ancas desenvolvidas – qualidades apropriadas à maternidade. Os médicos *constatavam* impressionados como a beleza ideal das mulheres é delineada pela natureza em virtude da função primordial que lhes cabe. E era a partir dessas *evidências* fornecidas pela natureza que a medicina deveria se orientar. Era o modelo da mãe que deveria ser usado para pensar o equilíbrio físico, mental e moral da mulher. A questão é que esses médicos esqueciam que a definição de beleza que eles pregavam, e que eles preferiam acreditar que nada mais era do que uma expressão da natureza, consistia, no fundo, em uma reafirmação das suas próprias convicções”.

mulheres pelo trabalho doméstico e de cuidados, constituindo jornada dupla entre trabalho remunerado e não-remunerado é assim essencializada pelo ginecologista:

É a ciclicidade propiciada pela variação hormonal, a cada mês, uma das responsáveis pela maior adaptabilidade e criatividade inerentes ao sexo feminino, tais como cuidar da casa, dos filhos, e do trabalho, tudo praticamente ao mesmo tempo. (...) Não quer dizer que, para usufruir de todas as vantagens proporcionadas pela múltipla ação hormonal, é preciso menstruar como fenômeno de eliminação de sangue, mas sim ciclar-se mensalmente, apanágio da feminilidade. (BERENSTEIN, 2001: 25 apud MANICA, 2002: 11).

Se esse tipo de pérola sexista ainda é exaustivamente comum em discursos científicos, parece-me interessante ponderar sobre as reverberações das teorias feministas no que concerne aos usos da ciência, suas metas, linguagem e valores. Indagando qual foi o impacto do feminismo na ciência desde as formulações críticas das epistemologias feministas, Evelyn Fox Keller (2006) analisa e expõe os efeitos das ideologias de gênero no esquema abstrato subjacente aos modos de pensar nos campos tradicionais do trabalho acadêmico, principalmente na área das ciências naturais, e as construções de novas narrativas científicas que se distanciam de um viés androcêntrico. Um dos exemplos que a autora perscruta é o que se chama de “efeitos maternos na fertilização<sup>20</sup>”, onde ela demonstra como núcleo e citoplasma aparecem nas pesquisas de biologia como tropos para macho e fêmea, espermatozoide e óvulo, mente e corpo, respectivamente, e como são qualificadas e hierarquizadas as partes da célula de acordo com as representações sociais (generificadas) sobre gametas<sup>21</sup>.

Até bem recentemente o espermatozoide era descrito como “ativo”, “vigoroso” e “autoimpelido”, o que lhe permitia “atravessar a capa do óvulo” e “penetrar” o óvulo, ao qual “entregava seus genes” e onde “ativava o programa de desenvolvimento”. Por contraste, o óvulo seria passivamente “transportado” ou “varrido” através da trompa de falópio até que “assaltado”, “penetrado” e fertilizado pelo espermatozoide. O ponto a ressaltar não é que se trata de uma descrição sexista

<sup>20</sup> “‘Efeitos maternos’ agora se referem a aquelas influências de longo prazo sobre a biologia da progênie (e mesmo sobre a evolução da espécie) resultando em algum aspecto do comportamento ou fisiologia maternos. Por essa definição ampliada, o papel do óvulo permitindo (ou iniciando) a fertilização pode ser descrito como um ‘efeito materno’, como também pode ser descrito (e o é) o papel do citoplasma originário do óvulo, no zigoto em desenvolvimento”. (KELLER, 2006, p. 25).

<sup>21</sup> Keller demonstra que a disputa de proeminência entre as qualidades de núcleo e citoplasma foi orientadora do encaminhamento da Biologia do Desenvolvimento ao longo do século XX, quando o “Discurso de Ação do Gene” se sobrepôs às pesquisas de embriologia, atribuindo à genética primazia causal e caráter de agência.

(é claro que é), mas que os detalhes técnicos que elaboram essa descrição foram, pelo menos até os últimos anos, impressionantemente consistentes: o trabalho experimental forneceu descrições químicas e mecânicas da motilidade do espermatozoide; de sua aderência à membrana do óvulo e de sua capacidade de efetuar a fusão das membranas. A atividade do óvulo, suposta não existente a priori, não requeria qualquer mecanismo, e tal mecanismo não foi encontrado. (...) As mais recentes pesquisas sobre o tema enfatizam rotineiramente a atividade do óvulo na produção de proteínas ou moléculas necessárias à aderência e penetração. (FOX KELLER, 2006, p. 17).

O argumento da autora é que ao revestir o óvulo de características atribuídas ao feminino de acordo com valores dominantes na sociedade (com destaque à questão da passividade<sup>22</sup>) não somente toda a descrição da fecundação recorre a um vocabulário repleto de representações de gênero, como também a própria condução da pesquisa é absolutamente regida por tais pressupostos. Não se encontra respostas para perguntas que não são feitas<sup>23</sup>. Se feminilidade é sinônimo de passividade e se o óvulo é uma “célula feminina” por que haveria de se pensar em descobrir mecanismos de atividade nessa célula? Os conhecimentos são priorizados ou descartados de acordo com os interesses de quem produz ciência: governos, indústrias, agências de fomento. Se esses espaços não são ocupados por pessoas interessadas nessas questões, essas questões nunca chegam a se tornar temas de pesquisa. Para que haja pessoas interessadas, é preciso incentivar e proporcionar acesso à diversificação dos perfis de pessoas realizando ciência de acordo com marcadores sociais (raça, gênero, orientação sexual, região) e, principalmente, transformar os paradigmas de pensamento que possibilitam as elucubrações das pessoas em sociedade, de modo que elas tenham a chance de formular tais questões. Mais uma vez, não se trata de avanço tecnológico para o desenvolvimento científico, mas de mudanças epistemológicas que orientam as bases do pensamento nas ciências:

---

<sup>22</sup> Desde a ideia de que “o papai planta uma sementinha na mamãe” (como se a potência de uma nova vida se devesse apenas ao gameta paterno) até expressões como “eu fui o espermatozoide vencedor” (novamente, como se a informação genética de um novo ser estivesse contida apenas nessa célula), reitera-se na linguagem cotidiana tais preconceitos científicos.

<sup>23</sup> Um exemplo notório de ignorância sistemática nos estudos biológicos é a questão do orgasmo feminino e a estrutura do clitóris. A partir da argumentação freudiana da passagem do “orgasmo clitoriano” para um inventado “orgasmo vaginal”, marcando um suposto amadurecimento psíquico das mulheres, o entendimento anatômico desse órgão exclusivamente voltado ao prazer foi amplamente negligenciado ao longo do século XX. A descrição completa da anatomia clitoriana a partir de pesquisas com dissecação de cadáveres foi realizada apenas em 1998, pela urologista australiana Helen O’Connell, que relata em reportagem para Melissa Fyfe (2018) sua indignação perante os livros-texto utilizados como referência em cursos de medicina. Para acompanhar essa discussão, recomendo o documentário “Clitóris: Prazer Proibido” (França, 2004), apresentado pelo canal GNT e disponível em: <<https://youtu.be/WmCu2mYZdRY>>. Acesso em: set. 2018. E também o curta “Orgasmo Feminino”, da série de documentários “Explicando”, produzida pela rede de streaming Netflix. Disponível em: <<https://www.netflix.com/title/80216752>>. Acesso em: set. 2018.



Considere-se, por exemplo, que o trabalho sobre efeitos maternos dos genes e da recuperação citoplásmica na *Drosophila* começou no início dos anos 70, sendo mais tarde levado a ponto notável por Christiane Nüsslein-Volhard e seus colegas. Esse trabalho, ao estabelecer o papel crítico desempenhado pela estrutura citoplásmica do óvulo antes da fertilização, é amplamente considerado como central para o recente renascimento da Biologia do Desenvolvimento. Mas não dependeu de novas técnicas. Em verdade, Ashburner diz que ele poderia ter sido realizado 40 anos antes, se alguém tivesse tido a ideia... “Tudo o que [ele] requeria era alguma genética padrão, um gene mutante e um microscópio de dissecação, tudo disponível na década de 1930”. Então, por que não foi feito antes? Ashburner diz que ninguém teve a ideia, mas isso não é exato. Ao contrário, sugiro, o que faltou foi motivação. Esses experimentos são extremamente difíceis e demorados; seria preciso ter confiança de que valiam o esforço. Ou, posto de outra maneira, não havia campo em que a “ideia” pudesse ter deitado raízes. (...) Enquanto se acreditasse que a mensagem genética do zigoto “produz” o organismo, que o citoplasma é um mero substrato passivo, por que se dar tanto trabalho? Na década de 1970, porém, o discurso da ação do gene já começava a perder terreno. Vários tipos de mudanças, acima e além do óbvio progresso técnico da Biologia Molecular, contribuíram para seu declínio. (FOX KELLER, 2006, p. 22).

Ruth Berman (1997) indica cinco aspectos a partir dos quais podemos discernir preconceitos na prática corrente da ciência: discriminação vocacional (em esquema generificado que influencia tanto a escolha de carreiras quanto a possibilidade de ascensão dentro das carreiras escolhidas); controle da administração de fundos pelo segmento dominante da sociedade (o que define as prioridades de pesquisa); mulheres como alvos especiais da tecnologia médica (acarretando em meios de controle sobre nossos corpos); uso de linguagem influenciada pelo gênero (descrições articuladas a partir de retórica de gênero e metáforas de dominação); abusos e distorções da metodologia da ciência sugerindo a inferioridade das mulheres (estatísticas enviesadas que pretendem estabelecer diferenças entre homens e mulheres como naturais, intrínsecas e fixas).

Quando a pesquisa científica e tecnológica não é consciente de seu próprio viés androcêntrico, os resultados obtidos sempre são reconhecidos como neutros e objetivos. Londa Schiebinger (2014) mostra, através da agnotologia, que políticas de produção de ignorância limitam a criatividade e excelência científicas e seus benefícios para a sociedade, podendo inclusive custar caro tanto em termos financeiros quanto em termos de vida. Os padrões e modelos de referência utilizados pela ciência, saúde, medicina e engenharia têm implicações no ensino e disseminação dos conhecimentos, bem como na formulação de hipóteses, no desenho de produtos e elaboração de leis. Quando os modelos de referência são unicamente elaborados por médias gerais baseadas em um corpo masculino tido como padrão

(“rapazes brancos, robustos, com cerca de 70 kg”), outros segmentos da população são considerados como desviantes da norma e podem até chegar a sofrer sérios danos:

Os exemplos na área da tecnologia são abundantes: as mulheres são comumente esquecidas nas modelagens de engenharia básica. Por exemplo, os protocolos de teste para acidentes automobilísticos consideram as pessoas de baixa estatura (principalmente mulheres, mas homens, também) como motoristas “fora-de-posição” por se sentarem muito perto da direção. Motoristas “fora-de-posição” têm maior probabilidade de se machucar em caso de acidentes. A noção de que pessoas de baixa estatura são motoristas “fora-de-posição” sugere que o problema esteja no motorista de tamanho menor que a média, mas, na verdade, o problema está nas tecnologias (poltronas de automóveis e painéis de instrumentos) que não são desenhadas em proporções que levem em consideração a segurança de todos os tipos de motoristas. (SCHIEBINGER, 2014, p.86).

Esse é um exemplo de que mesmo as áreas de conhecimento que parecem mais afastadas de aspectos subjetivos, como a engenharia, também fazem escolhas em seus projetos e essas escolhas são influenciadas pelo contexto social e produzem consequências para a sociedade. Schiebinger aponta que a presença de mulheres enquanto pesquisadoras afeta o campo em que se inserem para alertar o olhar do que está sendo deixado de fora quando pressuposições sexistas regem as hipóteses levantadas. De acordo com ela, arqueólogas têm questionado as histórias da origem da humanidade centradas nas figuras do “homem caçador” e da “mulher coletora”, uma vez que essas histórias constroem e reforçam a divisão de gênero do trabalho nos moldes ocidentais; biólogas têm questionado a prática do não registro do sexo da célula, omissão esta que traz sérias implicações para o futuro das terapias com células-tronco; palio-antropólogas têm questionado o costume de sexualizar fósseis de esqueletos de tamanho pequeno, caracterizando-os como pertencentes a fêmeas apenas com base no tamanho e, como consequência, identificando os sítios em que são encontrados como espaços domésticos (SCHIEBINGER, 2014, p 87). Estes são alguns dos exemplos que desvanecem a aura de objetividade e neutralidade atribuída ao fazer científico.

Não é sem razão que [no século XIX] ganhou impulso, ao lado da craniometria, a pelvimetria, inicialmente como meio de classificar as raças com base nas capacidades cranianas e pélvicas<sup>24</sup>. O tamanho da pélvis poderia ser relacionado

---

<sup>24</sup> Minha formação como cientista social destacou as intenções coloniais da constituição da antropologia enquanto disciplina acadêmica. Ao longo do século XX, houve consistentes esforços em desvincular os propósitos da antropologia ao caráter evolucionista de suas origens; é preciso reconhecer que a antropologia física serviu para justificar o racismo científico no início do século passado. Podemos estabelecer uma

com o tamanho da cabeça fetal e assim dar parâmetros para a estimativa do cérebro e das faculdades intelectuais de cada raça. Mas, enquanto a craniometria era aplicada para a mensuração do cérebro no homem, na mulher a pelvimetria era vista como mais adequada. E enquanto o homem europeu era definido como superior frente a outras raças pela medição do seu crânio, a mulher europeia ganhava o título análogo, mas em termos de maior capacidade pélvica. Nada mais natural, já que homens e mulheres eram especializados para funções diferentes e complementares. Essa diferença indiscutível, e até mesmo mensurável, justificava, por exemplo, a capacidade inferior da mulher para os estudos, já que era determinada prioritariamente para a maternidade. (ROHDEN, 2002, p. 121).

Uma das respostas apontadas para esse problema seria o que Schiebinger (2014, p. 86) chama de “inovações gendradas”: estimular a excelência em ciência e tecnologia pela integração de uma análise de sexo e gênero em todas as fases da pesquisa básica e aplicada. Já Ruth Berman (1997) define esse tipo de proposta como “posturas reformistas”: campanhas educacionais na comunidade científica que procuram mostrar a injustiça das pressuposições aplicadas sem aprofundar o questionamento sobre o que sustenta tais pressuposições. Esse viés assume que as práticas da ciência moderna, sua metodologia e base de pensamento são fundamentalmente corretos e que bastaria uma campanha de conscientização para aprimorar os maus usos da ciência. Berman discorda, salientando que as mudanças necessárias se dão num plano para além do científico: é preciso transformar as estruturas de poder da sociedade.

Pode a prática da "boa ciência" fazer diferença num "mau" contexto político e num meio social de sexismo, racismo e hierarquia de classes? Será que ela não será esmagada tanto por outras más teorias, como mais acentuadamente, pelas realidades políticas sexistas e racistas? Como pode o preconceito na prática da ciência ser eliminado sem que também se elimine sua origem social? Será o "preconceito" dos cientistas tão superficial que pode ser basicamente eliminado só com sua revelação? Ou será que é parte *integrante* da maneira de pensar, da linguagem, da filosofia fundamental da "civilização ocidental", com sua história dicotômica de dominação de uma população produtiva por uma elite dominante? Poderia nossa civilização sequer ter evitado incorporar esse preconceito em sua estrutura conceitual básica? (BERMAN, 1997, p.246).

Procurarei demonstrar nas próximas seções que no que concerne à menstruação os saberes veiculados se dão em diferentes instâncias (ou micropoderes - FOUCAULT, 1988): das mulheres menstruantes, do senso comum, da ginecologia na medicina hegemônica, da indústria de dispositivos higiênicos, da grande mídia, dos livros didáticos, da escola e da

---

aproximação ao surgimento da ginecologia enquanto especialidade médica em seus esforços por ratificar uma misoginia científica.

academia<sup>25</sup>. Todos esses discursos são imbrincados e afetam uns aos outros. A menstruação é pensada como algo negativo, como uma sobra relutante do corpo, “sangue sujo”, fenômeno repugnante e incômodo que não pode ser discutido em público, não deve ser mencionado nem evidente nos espaços de educação e trabalho, é compreendida como responsável por alterações comportamentais que confinam as mulheres no âmbito pejorado do emocional e do irracional. Esse pensamento reforça estruturas de poder em nossa sociedade nas quais nós mulheres somos inferiorizadas. Campanhas reformistas não são o suficiente para alterar esse quadro, pois a ciência não é algo descolado da sociedade; ao contrário, é profundamente afetada pelos valores do senso comum e pelas relações de poder estabelecidas.

## 2.2 ORDENS PRÁTICO-SIMBÓLICAS DA MENSTRUACÃO

A fim de analisar esses processos discursivos que produzem efeitos por não ser apreendidos, acompanho Cecília Sardenberg (1994) em sua proposta de pensar parâmetros teórico-metodológicos para refletir sobre menstruação numa perspectiva sócio-antropológica. Há de se considerar o menstruar como um fato social e cultural que implica em crenças, expectativas, atitudes e rituais próprios, associados às concepções nativas sobre corpo, parentesco, higiene, doença, reprodução e gênero. Ou seja, não há como desvincular a análise dos valores sobre menstruação de análises que percorram também as impressões sobre esses outros aspectos, senão sob o risco de cair em reducionismos e causalidades simples. Sardenberg argumenta que os significados e condutas associados à menstruação são parte de sistemas simbólicos mais amplos, que só fazem sentido em referência a uma estrutura total de pensamento, pertencendo sempre a uma lógica cultural específica. Esses significados e condutas atuam como elementos estruturantes e estruturados nos trâmites das relações sociais nas quais se constroem as identidades de gênero. É desta maneira que Sardenberg define o conceito de *ordens prático-simbólicas da menstruação*. A partir daí, acrescenta:

---

<sup>25</sup> Religião certamente também é uma instância que exerce forte influência nas concepções sobre menstruação; na análise desta dissertação não discorro sobre os valores religiosos acerca dos corpos das mulheres, mas aqui indico essa lacuna e a sugestão para outras pesquisas.

Na medida em que elas [as ordens prático-simbólicas] são interiorizadas no processo de socialização e enculturação, pode-se afirmar que, embora ‘sangrar todo mês’ seja destino de toda e qualquer mulher, a experiência vivida da menstruação será significativamente diferente para mulheres situadas em diferentes contextos históricos, culturais, sociais. (SARDENBERG, 1994, p. 332).

O conceito de ordens prático-simbólicas é uma boa ferramenta para pensar qual é o paradigma que sustenta discursos de ideologias de gênero nas metáforas e modelos científicos, como também aponta sentidos para a construção das identidades das mulheres. Menstruação não apenas é entendida como um demarcador de diferenças entre homens e mulheres, mas inclusive entre mulheres: os momentos de menarca e menopausa, por exemplo, prescrevem a observância de uma série de papéis, atitudes e comportamentos correspondentes ao novo status adquirido. Perscrutar os valores que sustentam os discursos e disputas sobre o poder simbólico da menstruação é também buscar compreender os novos espaços e possibilidades que nós mulheres alcançamos enquanto sujeito em nossa sociedade.

Atualmente, o volume de pesquisa sobre as percepções das mulheres brasileiras sobre menstruação ainda é muito escasso<sup>26</sup>. Sardenberg afirma que a literatura sócio-antropológica se dedicou mais aos ritos iniciáticos associados à menarca, aos tabus alimentares e proibições em atividades sagradas e profanas e à prática de isolamento de mulheres em algumas sociedades. Em sua compilação relativa a tais estudos, Sardenberg (1994, p. 327) indica que pesquisas feministas atentas ao viés androcêntrico nas análises ditas tradicionais na antropologia fazem novas leituras da literatura etnográfica disponível, revelando o *double bias* nas pesquisas onde homens antropólogos questionam assuntos acerca do menstruar a homens informantes, tomando essas explicações como definitivas. Acrescento que, recentemente, também existem alguns estudos nacionais que se voltam aos discursos hegemônicos sobre menstruação na medicina, publicidade e grande mídia, mas a lacuna sobre os pontos de vista das mulheres ainda persiste e é nesta falta que pretendo contribuir.

Sardenberg ainda salienta que o conceito sugerido deve ser pensado sempre no plural quando se trata de sociedade brasileira, visto que esta, sendo tão segmentada e culturalmente complexa, é capaz de conter não apenas uma, mas várias ordens prático-simbólicas da menstruação. Os significados atribuídos ao menstruar variam entre diferentes classes sociais,

---

<sup>26</sup> O estudo mais extenso sobre esse tema já completa quinze anos de publicação, uma dissertação de mestrado na área de tocoginecologia: AMARAL, 2003.

grupos étnicos, gerações e regiões. Já em 1994, a autora identificava um momento de “profundo desmapeamento em relação à menstruação”, devido às reformulações dos discursos publicitários da indústria dos absorventes e também aos debates acerca dos direitos reprodutivos das mulheres. Pretendo mostrar nos próximos capítulos que, vinte e cinco anos depois, esse desmapeamento continua evidente, justamente porque o tema da menstruação cada vez mais escapa de sua condição de reforçado ocultamento; mais que isso, finalmente podemos identificar movimentos de mulheres enquanto produtoras de novos discursos sobre menstruação, contestando os saberes instituídos a partir de suas experiências com o coletor menstrual. Para Sardenberg,

as sociedades modernas se mostram mais abertas à luta pelo poder simbólico em torno da menstruação e da construção social do ‘ser mulher’ e, assim, para o confronto entre os diferentes discursos e as ordens prático-simbólicas a eles subjacentes. Por certo, esse confronto não acontece somente no nível da sociedade mas também no íntimo das mulheres. (SARDENBENG, 1994, p.343).

A fim de pensar como se dão os processos de consolidação dos valores sociais acerca da menstruação, é interessante acompanhar a trajetória de mulheres e suas experiências, precisamente porque esse assunto foi historicamente vivido de maneira íntima e relegado à constante interdição de conversas em esfera pública. Quero refletir sobre essa interdição para além de um processo estagnante: busco o que esses ocultamentos revelam. A mera proibição é um “poder pobre em seus recursos, econômico em seus procedimentos, monótono nas táticas que utiliza, incapaz de invenção e como que condenado a se repetir sempre” (FOUCAULT, 1988, p. 83). Ou seja, a proibição estabelece limites, mas não produz, não é eficaz. Seria ingênuo considerar que o poder se exerce apenas no sentido da obediência; para operar, é preciso que seja propositivo e mais sutil do que enunciados imperativos: “é somente mascarando uma parte importante de si mesmo que o poder é tolerável. Seu sucesso está na proporção daquilo que consegue ocultar dentre seus mecanismos”. (FOUCAULT, 1988, p. 83).

A experiência da menstruação enquanto algo a ser *segredado* foi tema de análise das historiadoras Marlene de Fáveri e Anamaria Venson (2007). Acompanhando mulheres da região de Santa Catarina numa ampla faixa geracional, as pesquisadoras conseguiram identificar costumes acerca da menstruação ao longo do século XX, evidenciando principalmente as restrições e dificuldades de acesso à informação que mulheres hoje idosas

enfrentaram durante o início da vida fértil. Aqui cabe uma reflexão sobre qual é o propósito de se manter a menstruação em segredo: a quem beneficia essa restrição de diálogo? Ou ainda: a quem beneficia que assuntos acerca do menstruar sejam circunscritos a espaços e sujeitos específicos?

Nesse sentido, acompanho a análise sobre a história da sexualidade de Michel Foucault (1988), que vai à contramão da hipótese repressiva comum no pensamento ocidental de que desde a emergência da camada burguesa houve um maciço silenciamento acerca do sexo. O argumento do autor é que, ao contrário, o constante pudor e suposto apagamento do sexo estão inseridos numa lógica de produção de saberes que operam como dispositivos de controle e poder. Haveria uma incitação institucional em campos específicos de exercício de poder, constituindo uma “larga dispersão dos aparelhos inventados para dele [do sexo] falar, para fazê-lo falar, para obter que fale de si mesmo; para escutar, registrar, transcrever e redistribuir o que dele se diz” (FOUCAULT, 1988, p. 35). Esse detalhe exaustivamente acumulado através de instituições familiares, educacionais, jurídicas e de saúde revela a centralidade que o sexo ocupa no esforço de construção da verdade. Por ser compreendido a partir de um princípio de latência intrínseca e postulado de causalidade geral (FOUCAULT, 1988, p. 65), seria necessário um escrutínio constante sobre o sexo. Daí, a incessante “vontade de saber” explorada por incitações reguladas e polimorfos. Para Foucault, o sexo não é reprimido, ao contrário, está sob perene prolixidade. Mesmo o silêncio, em sua perspectiva, é eloquente:

O próprio mutismo, aquilo que se recusa dizer ou que se proíbe mencionar, a discricção exigida entre certos locutores não constitui propriamente o limite absoluto do discurso, ou seja, a outra face de que estaria além de uma fronteira rigorosa mas, sobretudo, os elementos que funcionam ao lado de (com e em relação a) coisas ditas nas estratégias de conjunto. Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discricção é exigida a uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam os discursos. (FOUCAULT, 1988, p.29).

Não pretendo afirmar que são análogas as concepções de sexo de Foucault e minha leitura sobre a situação da menstruação, pois acredito que há diferenças consideráveis acerca da extensão e desdobramentos de tal prolixidade. Ainda assim, ressalto que os mecanismos de produção de saber-poder sobre o que se entende por feminino são evidentes na distribuição de

legitimidade de discursos acerca do menstruar, acionando micropoderes que se entrecruzam e se reforçam na elaboração das ordens prático-simbólicas.

As mulheres entrevistadas por Fáveri e Venson atribuem seus conhecimentos a experiências pessoais e observações empíricas, tentativa e erro de lidar com seus fluxos e desencorajamento de se aprofundar em questões de saúde do sistema sexual. Mesmo as pequenas redes de conversas entre conhecidas (vizinhas, amigas, parentes) são conduzidas como coisas do privado, como segredo, num processo que culmina no “aprender a envergonhar-se”. O uso de metáforas para se referir ao corpo ou à menstruação é constante, evitando nomear diretamente os fenômenos e lançando mão de inúmeros eufemismos, disfemismos e figuras de linguagem. Deve-se notar que essa característica não é exclusiva dos “tempos antigos”, mas se estende até os dias de hoje.

Uma pesquisa conduzida em 2015 pela empresa Clue<sup>27</sup> em parceria com a International Women’s Health Coalition reuniu dados de mais de 90 mil pessoas distribuídas em 190 países a fim de investigar costumes relacionados à menstruação entre as consumidoras de seu serviço. O estudo revelou cerca de cinco mil vocábulos como metáfora para menstruação, em diferentes línguas<sup>28</sup>. Pode-se encontrar também uma vasta compilação<sup>29</sup> de expressões circulantes em várias nacionalidades no polêmico Museum of Menstruation<sup>30</sup>, cujo acervo é compartilhado online. No Brasil, algumas das expressões mais populares são: “naqueles dias” (amplamente utilizado em discursos publicitários), “regra” (em alusão às prescrições de comportamento atreladas ao fluxo), “incômodo”, “estar indisposta”, “estar de boi” e “estar de chico”. Esta última é um bom exemplo para pensar como essas figuras de

---

<sup>27</sup> Clue é um aplicativo de monitoramento do ciclo menstrual disponível para smartphones. Os “menstruapps” estão entre os mais populares na categoria “aplicativos de saúde” nas appstores. Felizi & Varon (2016) discutem “de que maneira os algoritmos, vendidos como tecnologias matemáticas, científicas e, portanto neutras, analisam e processam as informações sobre nossos corpos” e as consequências de concentração e comercialização de dados pessoais sobre saúde e sexualidade reunidos pelas empresas que fornecem esses serviços para a indústria farmacêutica, cosmética e até para a produção acadêmica.

<sup>28</sup> Disponível em: <<https://helloclue.com/articles/culture/top-euphemisms-for-period-by-language>> (Acesso em: set. 2018). Em 2017, a empresa lançou uma campanha online a fim de questionar os eufemismos sobre menstruação através da hashtag #justsayperiod, sem reparar que “period” também é um eufemismo. Mais tarde, Clue reconheceu sua contradição, assinalando o quão arraigado é o uso de metáforas que mesmo uma postura engajada em romper com esse costume pode acabar por reiterá-lo.

<sup>29</sup> Disponível em: <<http://www.mum.org/words.html>>. Acesso em: set. 2018.

<sup>30</sup> O museu, criado como “hobby pessoal” por Harry Finley, um designer gráfico estadunidense, despertou muitas reações negativas desde sua fundação na década de 1990. Não apenas o tema do museu é estigmatizado; o próprio fundador recebeu profusas críticas por ser um homem à frente de um museu da menstruação. As controvérsias de sua história permeada por excentricidades são investigadas na reportagem de Arielle Pardes (2015).



linguagem não apenas suavizam e escondem a menstruação, mas também a pejoram de forma agressiva. Por todo o país e em diferentes gerações a expressão “estar de chico” é repetida de modo irrefletido e normalmente não se sabe explicar quem é o tal do Francisco que dá origem ao termo. “Chico”, no português europeu, é sinônimo de “porco”, de onde vem o prefixo de “chiqueiro”. Ao dizermos que “estamos de chico” acabamos por reafirmar noções de sujeira e ojeriza ao sangue menstrual.

Os usos de eufemismos não apenas atestam valores sociais vinculados à menstruação, como também expõem o quão distanciadadas estamos das percepções e identificação com nossos corpos. Quando não sabemos nomear partes de nosso ser ou somos constrangidas a não nomeá-las, não é somente a comunicação que fica inibida, mas o próprio reconhecimento de si. Em última instância, aquilo que não é nomeado não existe na consciência. Quanto menos conhecemos nossos corpos, menores as chances de tê-los como fonte de poder e prazer. É muito comum o uso da palavra “vagina” como termo geral para se referir à vulva, por exemplo (se alguém diz que uma vagina é feia ou bonita eu me pergunto se a pessoa pegou um espéculo para conferir tal apreciação estética...). Esse hábito apaga toda a complexidade de nossa anatomia sexual externa, incluindo glândula do clitóris, lábios externos e internos, glândulas lubrificantes e ejaculatórias ou parauretrais<sup>31</sup> (estas, ainda sob o espectro da agnotologia<sup>32</sup>), abertura da uretra, abertura da vagina (e o notório hímen que é tão violentado em nosso vocabulário<sup>33</sup>), monte púbico, pelos. Sabemos que estes últimos são

---

<sup>31</sup> Designadas, respectivamente, como “glândulas de Bartholin” e “glândulas de Skene” pela ciência hegemônica. Assim como as “trompas de Falópio”, que prefiro chamar como tubas uterinas, são evidências da colonização científica patriarcal sobre os corpos das mulheres. É um posicionamento político nomeá-las pela função.

<sup>32</sup> A capacidade ejaculatória das mulheres ainda é desacreditada e pouco investigada por pesquisas científicas. Há estudos que se concentram na tentativa de provar que a ejaculação expelida pelas glândulas parauretrais é simples incontinência urinária, ignorando e desqualificando os relatos das mulheres sobre seus próprios corpos. “Regardless of the biological basis of female ejaculation, the physical experience is, at its heart, a pure expression of female sexual pleasure. Insisting that female ejaculation is really just confused urination doesn’t just denigrate [sic] women’s ability to understand our own bodies – it also positions female sexual pleasure as filthy, dirty, and ultimately less than the celebrated male orgasm”. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2015/jan/17/the-question-isnt-if-female-ejaculation-is-real-its-why-you-dont-trust-women-to-tell-you>. Acesso em: set. 2018.

<sup>33</sup> O hímen é uma membrana elástica que se expande com a penetração (não necessariamente sexual). É muito comum recorrer a expressões como “romper”, “furar”, “rasgar”, “perder” o hímen para descrever a primeira penetração. Essas palavras carregam conotações violentas que normatizam a ideia de que “tem que sangrar mesmo” e “a primeira vez dói, depois acostuma” (como se devêssemos esperar e tolerar desconforto físico, como se sexo fosse algo presumivelmente desprazeroso para nós mulheres, algo ao qual precisamos nos resignar). O hímen não possui vascularização ou enervação suficiente que acarrete em dor e sangramento – isto pode acontecer por musculatura pélvica ainda não alongada e também por falta de devida lubrificação. Deve-se, portanto, considerar a disposição, preparo, confiança e, principalmente, excitação da pessoa para o necessário relaxamento do assoalho pélvico e produção de fluidos lubrificantes. Além disso, no que concerne

compulsoriamente removidos através do imperativo estético da depilação. Os lábios internos, como prefiro chamá-los ao invés de “lábios menores” ou “pequenos lábios”, vêm sendo cirurgicamente removidos numa escala vertiginosa<sup>34</sup>, consequência de disforia por representações pornográficas infantilizantes (CALABRESE, RIMA & SCHICK, 2010) e do próprio vocabulário sob o qual são designados. Reduzir a elaborada e maravilhosa genitália feminina ao termo “vagina” é exemplo de um esforço intencional e não subjetivo (ou seja, estimulado por diferentes micropoderes) de subjugar heterocentricamente a sexualidade das mulheres a serviço da manutenção do foco no prazer sexual dos homens, que costuma se concentrar na penetração; quantas mulheres desconhecem a estrutura completa do clitóris (glande, prepúcio, corpo, crura, bulbo) e todo seu potencial! Os eufemismos da menstruação são concomitantes a uma série de apagamentos, redundando num tipo de “buraco imaginário” entre nossas pernas<sup>35</sup>. Esses apagamentos não operam apenas em negatização: eles também estabelecem (im)possibilidades de elucubração e agências.

FIGURA 03: ILUSTRAÇÃO DE VULVA E CLITÓRIS + CORTE TRANSVERSAL DA GLANDE DO CLITÓRIS<sup>36</sup>

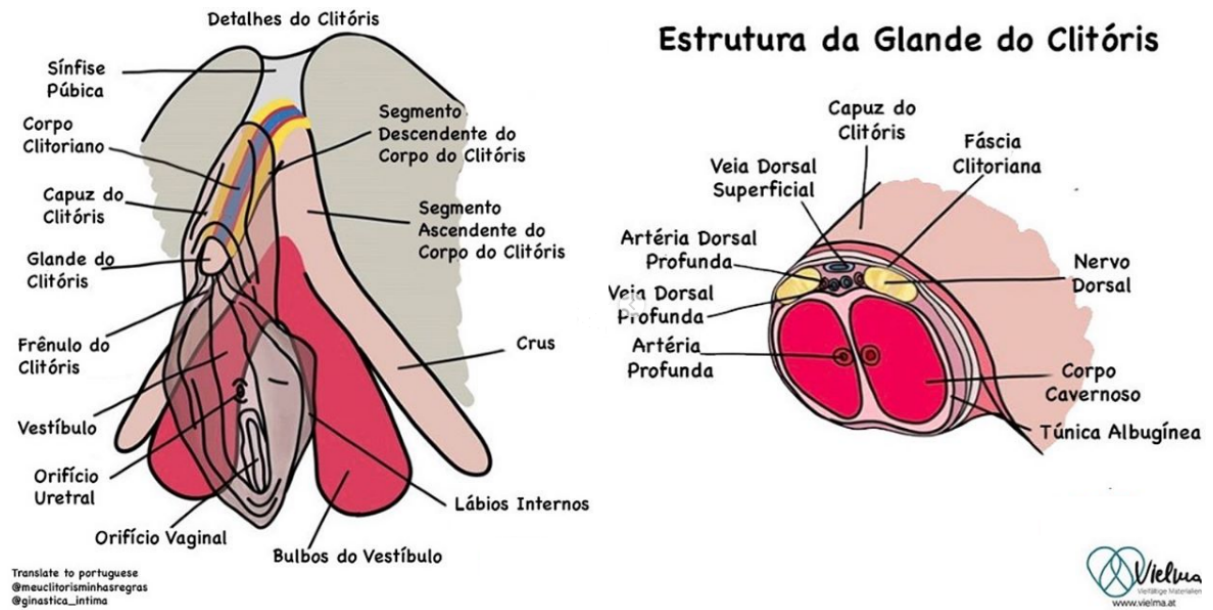
---

ao vocabulário, as expressões “tirar a virgindade de” ou “perder a virgindade” difundem ideias de dano e assalto. Prefiro nomear o acontecimento simplesmente como “início da vida sexual” (“eu iniciei minha vida sexual com tal pessoa”, “quando eu iniciei minha vida sexual, tinha tantos anos”). Assim, não se está perdendo, mas ganhando: ganhando experiência, sensações, memórias.

<sup>34</sup> Mesmo apresentando riscos de comprometimento de sensibilidade sexual, a labioplastia é crescentemente banalizada como procedimento cosmético. O Brasil é o país que disparadamente mais realiza cirurgias desse tipo. De acordo com a International Society of Aesthetic Plastic Surgery, 23.115 cirurgias desse tipo foram executadas em território nacional em 2016, correspondendo a 16,74% de sua incidência global. Disponível em: <<https://www.isaps.org/medical-professionals/isaps-global-statistics/>>. Acesso em: set. 2018.

<sup>35</sup> Daí o receio relatado por muitas mulheres antes de experimentar o coletor menstrual, aflitas que o objeto irá “se perder lá dentro”, leigas sobre a anatomia do canal vaginal e, principalmente, do cérvix.

<sup>36</sup> Ilustrações da anatomia interna do clitóris, como este corte transversal que mostra seu suprimento sanguíneo e nervoso, não são facilmente encontradas em livros-texto de medicina. Jessica Pin (2019) afirma que até este ano não havia nos Estados Unidos um único livro com tal imagem; ela tornou-se ativista por ciberativismo após sofrer dano decorrente de uma cirurgia vulvar. Ver mais em: <<https://medium.com/@jessica86/the-needless-omission-of-clitoral-anatomy-from-medical-textbooks-87756656e8a6>>. Acesso em: nov. 2019.



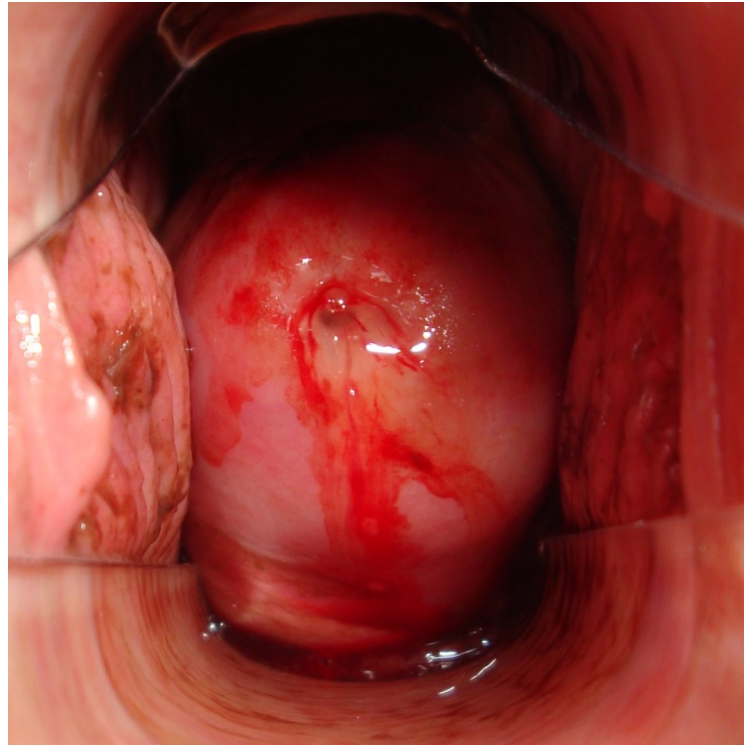
Fonte: Stefanie Gröbl. Disponível em: <<http://www.vielma.at/>>. Acesso em: nov. 2019.

FIGURA 04: ESCULTURA VULVA, VAGINA E CLITÓRIS – MODELO DIDÁTICO



Fonte: Coletivo É do Clitório. Disponível em: <<http://www.meuclitoris.com.br/>>. Acesso em: nov. 2019.

FIGURA 05: FOTOGRAFIA DO COLO DO ÚTERO (CÉRVIX) E PAREDES VAGINAIS REALIZADA COM ESPÉCULO NO PRIMEIRO DIA DO CICLO MENSTRUAL



Fonte: Beautiful Cervix Project. Disponível em: <<https://beautifulcervix.com/project/2443/>>. Acesso em: maio 2019.

As falas das mulheres entrevistadas por Fáveri e Venson são marcadas por pausas e silêncios, evidenciando a falta de prática de conversar sobre temas do corpo. As historiadoras apontam que a maneira segredada e codificada de falar da fisiologia feminina não é mera decorrência de desconhecimento, mas uma prática cultural inclusa numa lógica específica de pensar mulheres: “aprenderam, na experiência da menstruação, que ser mulher é ser discreta, é ser calada, é aceitar o seu corpo com resignação e sem indagações, afinal, mistério é um atributo do feminino” (FÁVERI & VENSON, 2007, p. 70). Esse mistério se estende em diferentes âmbitos e mesmo para além das redes de conversas mais privadas; na publicidade, na mídia tradicional, nos consultórios médicos e em salas de aula a menstruação é referida através de metáforas e na maioria das vezes de forma pejorativa, destacando os sintomas de mal-estar e encobrendo as complexidades e idiossincrasias dos corpos sob a alcunha do incontrolável e do incômodo<sup>37</sup>. Nessas instâncias, tais construções discursivas têm seus propósitos: “a interdição de certas palavras, a decência das expressões, todas as censuras do vocabulário poderiam muito bem ser apenas dispositivos secundários com relação a essa

---

<sup>37</sup> Excelentes análises sobre menstruação na publicidade e em programas televisivos foram produzidas por: MIGUEL et al, 2016 e NATANSOHN, 2005.

grande sujeição: maneiras de torná-la moralmente aceitável e tecnicamente útil” (FOUCAULT, 1988, p. 24).

Assim, vemos que discrição é um imperativo no que concerne menstruação. De acordo com a análise fenomenológica de Iris Young (2005), esconder as evidências de estar menstruada e não conversar sobre o assunto (ou conversar apenas com pessoas muito específicas) são traços de uma *etiqueta menstrual* que impõe uma constante autodisciplina sobre o comportamento<sup>38</sup>. Young define etiqueta menstrual enquanto normas que prescrevem quem pode falar o que sobre menstruação, que tipo de linguagem é apropriada e o que não deve ser dito sob nenhuma circunstância; são regras que recomendam o uso de determinados produtos, como eles devem ser adquiridos, carregados, estocados, descartados e referidos nas conversas. A principal finalidade dessa etiqueta é regular o comportamento das mulheres para garantir que nossos fluxos menstruais permaneçam imperceptíveis e privados. Trata-se de um mecanismo de constrangimento, inibindo a possibilidade de troca de experiências entre mulheres e compartilhamento do que identificamos como problemas e suas viáveis soluções. Ao tratar dessas regras, Young propõe uma reflexão sobre a opressão social das mulheres enquanto pessoas que menstruam, destacando a vergonha associada à menstruação ao lado dos esforços por esconder seus sinais e o desencaixe entre mulheres e os lugares públicos, como escolas e ambientes de trabalho, que se recusam a acomodar nossas necessidades<sup>39</sup>.

Ao considerar a presença na esfera pública, a autora abre uma discussão sobre estes espaços institucionais que assumem um corpo padrão com necessidades padrão: esse corpo não menstrua. Ela argumenta que nas sociedades ocidentais recebemos constantemente a mensagem de que nós mulheres podemos e devemos participar da mesma maneira que homens nas atividades sociais, que nossa fisiologia e o fato de menstruarmos não devem ser motivos de impedimento de atuação no espaço público ou execução de atividades físicas, mas

---

<sup>38</sup> Young (2005, p. 122) assinala a diferença entre etiqueta menstrual e tabu menstrual, termo bastante presente em estudos antropológicos: “Rules of etiquette (...) appear in social systems drained of this cosmological significance in social interaction. There is something more minute and even trivial about manners than the taboos associated with sacred spaces and events; etiquette involves a micromanagement of behavior, whereas taboos invoke major fault lines of the social system. When there are menstrual taboos, the whole woman must be confined, closeted, or kept away from certain people, processes, or substances. The system of menstrual etiquette, on the other hand, does not constrain the woman herself from involvement in spaces and activities also involving nonmenstruating persons. Rather, it concerns a self-discipline she must apply in those settings”.

<sup>39</sup> O filme “Period. End of sentence.” (Absorvendo o Tabu, na tradução brasileira), de 2018, dirigido por Rayka Zehtabchi, acompanha a jornada de mulheres indianas desafiando a etiqueta menstrual de seu contexto cultural. Recebeu premiação do Oscar como melhor documentário curta-metragem em 2019, feito que ressalta a relevância que o ativismo menstrual vem alcançando recentemente.

que ao mesmo tempo somos constantemente intimidadas a jamais revelar a condição de estarmos menstruadas:

A mensagem de que uma mulher menstruada é perfeitamente normal *implica* que ela esconda os sinais de sua menstruação. O corpo normal, o corpo padrão, o corpo que se assume que todos sejam, é um corpo que não está sangrando pela vagina. Então para *ser* normal e para ser considerada normal, a mulher menstruada não deve falar sobre seu sangramento e precisa ocultar as evidências dele<sup>40</sup>. (YOUNG, 2005, p.107).

Young afirma que esse contexto de permanente medo de ser lançada à vergonha é responsável por um investimento de energia emocional na ansiedade sobre conseguir satisfazer as demandas dessa etiqueta. A autora inclusive aponta a recorrência de piadas e julgamentos sobre menstruação e comportamento feminino e a falta de pesquisas que documentem as atitudes e discursos dos homens perante o tema da menstruação<sup>41</sup>. A autodisciplina em tomar cuidado com as evidências de sangue menstrual diante de família, colegas e até mesmo estranhos estabelece “uma relação de poder, posto que as meninas/mulheres se diferenciam dos meninos/homens na medida em que elas aprendem que devem temer o olhar deles, esconder, recear” (FÁVERI & VENSON, 2007, p. 9). Em análise de peças publicitárias de absorventes, averiguou-se que muitas vezes “a figura masculina está presente como ‘coadjuvante’ da cena, olhando e admirando a mulher protagonista. Nesses anúncios o homem é um participante não ativo, está em segundo plano, como alguém que quer passar despercebido, como uma ‘sombra’” (MIGUEL et al, 2016, p. 35). O uso recorrente da palavra “proteção” nessas campanhas publicitárias pode ser entendido como proteção contra o próprio sangue menstrual, percebido como repulsivo, como também proteção contra o olhar alheio e o estigma da menstruação. Como aponta Foucault (1988, p. 16), “o ponto importante será saber sob que formas, através de que canais, fluindo através de

---

<sup>40</sup> Tradução livre. No original: “The message that a menstruating woman is perfectly normal *entails* that she hide the signs of her menstruation. The normal body, the default body, the body that everybody is assumed to be, is a body not bleeding from the vagina. Thus to *be* normal and to be taken as normal, the menstruating woman must not speak about her bleeding and must conceal evidence of it”. (YOUNG, 2005, p. 107).

<sup>41</sup> Recorrentemente sofremos ataques e constrangimentos a despeito dos motivos de nossas atitudes, mas apenas por ser quem somos: “No matter how hard she works to conceal this fact of her womanliness, however, others, especially men, always have it as a switch to beat her with, a stigma with which to mark her as deviant, a threat of exposure with which to harass and humiliate her. When a woman becomes angry, impatient, or easily hurt in workplace interaction, some of her coworkers may attribute her behavior to hormones, in complete ignorance of her current menstrual state. There is little research that aims to document male attitudes to menstruation” (YOUNG, 2005, p. 116).

que discursos o poder consegue chegar às mais tênues e mais individuais das condutas”; não há uma lei imperativa que condene o fenômeno da menstruação, mas uma multiplicidade de correlações de força que disciplinam os corpos e pejoram mulheres.

Frente a tantas interdições e constrangimentos, Young destaca o sentimento de nojo e consequente alienação que meninas e mulheres carregam a respeito de si, demarcando um senso de distância perante o fluxo da menstruação. Identificar o período menstrual como sujo, bagunçado, incômodo, irritante, como algo a se recear é algo comum da menarca à menopausa. A menstruação então aparece para as mulheres como uma punição ou um fato inconveniente com o qual se deve lidar e não como um aspecto de seu ser enquanto sujeito. Resignar-se com a “visita indesejada” (mais um dos tantos eufemismos) todos os meses durante metade da vida é uma postura que concebe a menstruação como um fardo, como um agente exterior que nos viola reiteradamente, e não como algo que produzimos e nos constitui. Essa *alienação corporal* se fundamenta numa fragmentação do “eu” e do “corpo”, reforçando a sensação de que os processos físicos e emocionais da menstruação são fora de controle, intempestivos e abusivos. Nessa perspectiva, não só o fluxo sanguíneo, mas também outros processos fisiológicos, tais como a menopausa e o trabalho de parto, são percebidos como estados pelos quais nós mulheres “passamos”, ou fatos que “acontecem” conosco e precisamos “aguentar”, e não como algo que “realizamos” (MANICA, 2006).

Os sentimentos de asco, aversão e vergonha sobre menstruação podem ser remetidos às crenças de que o sangue menstrual pertence a uma categoria distinta e inferior do sangue que corre nas veias. Como nos mostram Miguel et al (2006), nos anúncios publicitários de absorventes é constante a presença de elementos florais, destacando que seus produtos são necessários para camuflar um suposto odor desagradável que a menstruação exala<sup>42</sup>. Não se

---

<sup>42</sup> Existe uma extensa gama de produtos higienizadores voltados à desodorização dos órgãos sexuais femininos, como sabonetes íntimos, duchas vaginais, desodorantes, hidratantes. Os componentes químicos desses produtos alteram o equilíbrio da flora vaginal e causam os problemas que prometem resolver; a vagina é um órgão autolimpante e a limpeza da vulva pode ser feita apenas com água. Observamos hoje uma massificação desses produtos, inclusive recomendados por profissionais da ginecologia, reiterando as noções de que os corpos das mulheres são intrinsecamente sujos e vergonhosos. Esses discursos não são recentes. Por exemplo, até a década de 1940 era comum nos Estados Unidos a diluição de desinfetantes destinados à limpeza doméstica para realizar duchas vaginais: “Embora, obviamente, deve ter causado dor e irritação, muitos médicos recomendavam essa prática a suas pacientes. Lysol fazia propaganda e normalmente continha uma nota na parte inferior do anúncio de uma linha ou duas sobre a sua eficácia como um produto de higiene pessoal. Esses anúncios estavam cheios de simbolismo, como ‘desinfetante Lysol mata germes em cantos escuros’ (...) As mulheres usaram os mesmos produtos para limpar suas vaginas e para limpar seus pisos, banheiro e mobiliário. Em essência, as mulheres eram apenas outro dispositivo elétrico da casa para ser limpos e desinfetados”. (WILKINS, 2010, p. 9)

indica, compreensivelmente, que é a exposição prolongada ao ar sob o abafamento dos próprios absorventes e seus componentes químicos que produz tais odores. Há também uma ubíqua

substituição simbólica do sangue pelo líquido azul permitindo, assim, uma purificação do sangue, tornando-o ‘mostrável’ para o público (...) Nesse sentido, há uma adequação de cores para o imaginário social e o azul assume o papel de limpeza e purificação, trazendo novamente o sangue da menstruação como algo sujo e impuro: o azul é tudo que o vermelho não é. (MIGUEL et al, 2006, p. 30).

Em diversas culturas, a menstruação é entendida como agente poluidor, dotado de impurezas e potenciais contaminantes que se estendem à mulher menstruada, justificando restrições e tabus. Essas elaborações estão associadas aos esquemas explicativos que cada sociedade formula sobre parentesco e reprodução em relação e contraste a outros fluidos corporais, como o esperma. Sardenberg (1994) reúne ocorrências desses esquemas cosmológicos na literatura da antropologia. O arranjo que elucidava as compreensões de reprodução em nossa sociedade é informado pelo conhecimento científico, por isso é necessário analisar as narrativas biológicas para compreender como elas corroboram as noções de repugnância e sujeira em relação ao fluxo menstrual.

O conceito de etiqueta menstrual dialoga com o que Foucault observa nas enunciações sobre o sexo: “definiu-se de maneira muito mais estrita onde e quando não era possível falar dele; em que situações, entre quais locutores, e em que relações sociais; estabeleceram-se, assim, regiões, senão de silêncio absoluto, pelo menos de tato e discrição” (FOUCAULT, 1988, p. 21). Entre aquilo que se diz ou aquilo que se cala, o que se permite e o que se esconde, há uma disciplinarização não pela proibição direta, mas por mecanismos de controle espalhados por instâncias cujos efeitos são de conjunto. Não é raro que médicos ginecologistas concordem com visões de menstruação como causadora de “doenças catameniais” ou como sendo em si mesma uma doença<sup>43</sup>. Fáveri e Venson (2007, p. 86) nos

---

<sup>43</sup> Em 1920, o médico austríaco Béla Schick cunhou o termo “menotoxina” em artigo intitulado “Das Menstruationsgift” (“O veneno menstrual”) na tentativa de confirmar cientificamente crenças populares de que mulheres menstruadas são tóxicas aos elementos naturais ao seu redor. Essas crenças se estendem de diversas maneiras entre as culturas e, no que concerne ao pensamento ocidental, podemos remeter ao pensador grego Plínio (77-79 d.C., p. 2151) que afirmava: “Her very look, even, will dim the brightness of mirrors, blunt the edge of steel, and take away the polish from ivory. A swarm of bees, if looked upon by her, will die immediately brass and iron will instantly become rusty, and emit an offensive odour; while dogs which may have tasted of the matter so discharged are seized with madness, and their bite is venomous and incurable”. Os experimentos de Schick consistiam em dar um ramo de flores para uma mulher menstruada



mostram que nas falas de suas entrevistadas “apareceram noções da menstruação como uma doença especial, um estado de debilidade semelhante ao estado doentio. Mesmo nos dicionários encontramos os termos ‘doença ligeira’, ou ‘perda uterina excessiva de sangue’, expressões que refletem a cultura”. Assim, menstruar aparece sob um caráter funesto, maléfico, tóxico e insalubre. Essa conotação doentia está inserida na lógica de pensar os corpos das mulheres como imperfeitos.

As etapas da fisiologia feminina são investidas de elaborações culturais. Tanto mistério em torno dos corpos das mulheres serve para justificar a necessidade de regulá-los constantemente ao controle social: a magia, a religião e, contemporaneamente, a medicina produzem discursos sobre a “complicada” fisiologia feminina. Ideias que aproximam as mulheres da natureza e que produzem o homem como o ser completamente humano. Tais elaborações são feitas de modo que o corpo de homem seja representado com uma certa racionalidade, com uma certa lógica, enquanto o corpo de mulher é produzido como descontrolado, complexo, carregado do mistério que cabe à natureza. (FÁVERI & VENSON, 2007, p. 84).

### 2.3. O QUE É MENSTRUACÃO? – NARRATIVAS BIOLÓGICAS

O saber científico não deve ser confundido com o discurso médico, uma vez que o primeiro só adquire seu estatuto quando confrontado com outros estudos num campo estabelecido e o segundo é resultante tanto dos conhecimentos produzidos academicamente, mas também da prática clínica e sua imbricação com o senso comum, não operando sob o tipo de validação que o meio científico requer; a medicina ocupa uma posição socialmente compreendida como de autoridade e exerce mediação entre conhecimento científico e público

---

segurar e um para uma mulher não menstruada. Ao “comprovar” que as flores da primeira murcharam antes, ele criou o termo menotoxina, que serviu de inspiração para várias outras pesquisas ineficazes ao longo do século XX. A ideia foi tão persistente que se acreditava que menotoxinas eram secretadas pela saliva, urina, suor, leite, lágrimas e inclusive no ar expirado por mulheres. "What's worse, the presence of the menotoxin in the female body began to expand beyond menstruation. Any woman who was post-menarcheal and premenopausal could be found to have the menotoxin in her system. (...) So the menotoxin, which first was an explanation for the presence of menstruation in women, became a way of diagnosing women as ill... and again, since now all reproductively-aged women could secrete it from any bodily fluid at any time, the state of being female essentially made one pathological." (CLANCY, 2011). Esse tipo de teoria não é apenas androcêntrica, é misógina mesmo.

leigo. A palavra do médico é revestida de caráter de verdade, contra a qual não se deve (ou não se pode) discutir. MANICA (2002) e NATANSOHN (2005) mostram que o discurso médico na ginecologia é protagonizado por homens tanto em congressos acadêmicos quanto em “tele-consultas médicas<sup>44</sup>”:

Pacientes invisíveis consultam médicos incorpóreos, relações que têm a mesma duração de um bloco de programa, sem a mediação dos laboratórios, do tato, dos instrumentos clássicos de diagnóstico e que, não obstante, produzem discursos legítimos do campo médico e demandas permanentes do público. A medicina prescreve, explica e ensina – também através da televisão – às mulheres o que elas sentem. (NATANSOHN, 2005, p. 288).

Manica analisa como, nos debates entre profissionais da ginecologia (livros publicados, artigos e fóruns de discussão, congressos de ginecologia e obstetrícia), a menstruação ocupa posicionamentos ambíguos na suposta oposição entre natureza e cultura, oscilando entre esses domínios de acordo com as intenções ideológicas dos discursos. Em certos momentos, o menstruar é associado a concepções sobre “natureza feminina”, a ciclicidade hormonal é demarcadora de (in)capacidades, e se reafirmam noções de que o sangramento mensal contunde as mulheres com debilidades, fragilidades, sofrimento e inaptidões; nesse ponto de vista, há uma essencialização da “feminilidade” e prescrição de papéis sociais associados ao imperativo da fertilidade e da maternidade. Em outros momentos, a menstruação se distancia do âmbito da natureza e é compreendida como produto da cultura e da sociedade contemporânea, como fenômeno que só ocorre com tamanha frequência devido aos costumes que levam à queda da taxa de fecundidade e enquanto consequência de menos gestações e períodos de amamentação durante a vida fértil; a menstruação tal qual hoje a conhecemos seria assim um produto cultural recente. Também nessa perspectiva, a maternidade é colocada como destino inequívoco das mulheres. Mais adiante, mostrarei que tais concepções estão fundamentadas na própria explicação biológica da menstruação, que é ancorada na função reprodutora.

Manica argumenta que natureza e cultura são palavras polissêmicas, não possuem significados fixos, e que a fim de relacionar a menstruação a determinadas ideias de

---

<sup>44</sup> Programas televisivos onde “especialistas” (aqueles que, além de exercer a prática da medicina, também dominam as regras discursivas da mídia de broadcasting) respondem a questões trazidas pelas espectadoras; estas são em sua maioria mulheres pertencentes à classe média baixa e baixa (NATANSOHN, 2005, p. 291) e buscam nas informações veiculadas nesses programas os saberes médicos que de outra maneira não conseguem acessar.

“feminilidade” e “modernidade” diferentes sentidos são atribuídos pelos médicos ao que se entende por natural ou cultural. As tecnologias médico-farmacológicas são o centro dessas discussões, uma vez que é a partir dos usos de métodos de contracepção por drogas de hormônios sintéticos que se avalia a naturalidade/imprescindibilidade ou artificialidade/descartabilidade da menstruação (e, assim, a necessidade de sua ocorrência ou possibilidade de supressão por tais drogas). Em ambos os pontos de vista, existe um louvor à natureza, mas um à natureza “tal qual se observa” e outro a uma “natureza primordial”. Há de se lembrar das dicotomias orientadoras do paradigma científico, no qual mulher/corpo/emoção/natureza é submetida a homem/mente/razão/cultura. O debate científico sobre os riscos e benefícios das tecnologias disponíveis é conduzido menos por critérios de consequências para a saúde e mais a partir de argumentos que falam de uma moralidade feminina, com forte viés androcêntrico. Como salienta Farganis (1997, p. 227): “o conhecimento não é apenas um conjunto de argumentos, mas também um reflexo de interesses”. É evidente no artigo que se trata de um debate entre homens e estes homens enunciam seu veredicto sobre a supressão da menstruação a partir de suas concepções sobre o que uma mulher deveria ser (tal como o faziam os cirurgiões especializados em ovariectomias no século XIX, como nos mostra Laqueur). O valor da menstruação ou sua “inutilidade” são medidos pelo ponto de vista de que a menstruação não tem função em si, de que é apenas a evidência de um ciclo mal aproveitado para a reprodução.

O viés androcêntrico do discurso ginecológico<sup>45</sup> é encontrado de maneira semelhante na pesquisa de Natansohn. Nos programas televisivos voltados à audiência de mulheres, “abundam médicos de especialidades diversas para falar de tudo aquilo que falta ou sobra na insubordinada fisiologia feminina” (2005, p. 288). Ali, os discursos médicos são fundamentados em representações unívocas sobre o que é ser mulher e a menstruação costuma aparecer como alvo principal dos investimentos argumentativos sobre medicalização e patologização de nossos corpos. A insistência no uso de tecnologias médico-farmacológicas a fim de “regularizar” (dominar) o ciclo menstrual é constante.

---

<sup>45</sup> Os primórdios da ginecologia no século XIX precisam ser avaliados com consideração ao androcentrismo dos saberes elaborados: “a diferença entre a ginecologia e a antropologia consiste principalmente em uma grande assimetria: enquanto a primeira tratava da mulher, frequentemente associada aos primitivos e às crianças, representando um homem incompleto ou incivilizado, a antropologia tratava da humanidade a partir do modelo masculino. Mas a antropologia não cuidava das doenças masculinas, e nem mesmo a andrologia teve sucesso. A relação intrínseca entre a patologia e a natureza feminina exigia a criação de uma ciência específica; ao passo que, embora existissem as doenças caracteristicamente masculinas, como as desordens na próstata e testículos, a patologia do sistema sexual masculino não determinava a natureza do homem (ROHDEN, 2002, p. 120)”.

A menstruação tem sido, em geral, considerada perigosa e as mulheres, por sua vez, são o veículo desse perigo. Elas têm sido perseguidas por estereótipos, tanto na medicina como na psiquiatria e na literatura, de forma simplificada e redutora, capaz de capturar e aprisionar nesse padrão aquilo que aparece como desconhecido, misterioso. Para fugir desses estereótipos, parece ser necessário camuflar o sangramento e as alterações que ele produz, parece necessário liberar-se daquele corpo instável, cíclico, cheio de humores e secreções, incontrolável e ameaçador. (NATANSOHN, 2005, p. 294).

Os programas analisados por Natansohn, assim como os congressos observados por Manica, também veiculam discursos em que mulheres são reduzidas aos supostos ditames da natureza, sendo esta compreendida como fator primordial, imaculado, anterior à vida em sociedade e superior aos desejos e demandas das mulheres. A retórica da “vontade da natureza” é apresentada como indiscutível e as tentativas das mulheres de contorná-la são admitidas como possíveis, mas fadadas a uma disputa perene. O corpo é tido como espaço de confronto entre “a mulher moderna” e os “fatos biológicos”. Como já vimos, o corrente saber científico carrega fortes premissas de objetividade, fundacionalismo e neutralidade; assim, tais “fatos biológicos” são mobilizados pelos discursos médicos como exteriores à construção de conhecimento e isentos de relações de poder.

É imprescindível destacar que a história da ginecologia foi construída sobre práticas marcadamente misóginas e racistas, como atestam os experimentos conduzidos pelo estadunidense James Marion Sims, considerado “o pai da ginecologia” (nada mais sugestivo que um título bem patriarcal!) e celebrado pela comunidade médica. Na metade do século XIX, Sims desenvolveu tratamentos cirúrgicos para fístula vesico-vaginal tomando como cobaias mulheres negras escravizadas (a patologia, um rompimento entre os tecidos dos órgãos sexuais, acontecia por decorrência de violência sexual, fórceps realizados com brutalidade durante partos e condições de trabalho atroz). Elas não tinham, evidentemente, condições de formular consentimento – pois este, sabemos, implica em autonomia. Essas mulheres passaram por dezenas de cirurgias agressivas sem condições de segurança sanitária, sem intervalo para recuperação e sem métodos anestésicos, uma vez que ideologias racistas propagavam a ideia (e ainda propagam...) de que pessoas negras são mais resistentes à dor. Em suma, sem dignidade. Dentre as mulheres violentadas por Sims, há o registro do nome de três delas: Anarcha, Betsey e Lucy, que merecem ser lembradas e honradas<sup>46</sup>. A relutância da

---

<sup>46</sup> O projeto “Glândula de Anarcha: el poder de nombrar” propõe a substituição dos termos de colonização patriarcal “glândulas de Bartholin” e “glândulas de Skene” (Alexander Skene foi um colaborador de John

comunidade médica em admitir os primórdios truculentos da ginecologia é analisada por SPETTEL & WHITE (2011).

FIGURA 06: ANARCHA, BETSEY E LUCY



Fonte: Jules Arthur – Sisterly Resilience. Disponível em: <<https://thoughtsonart.com/2019/05/18/jules-arthurs-work-for-resilient-sisterhood-project/>>. Acesso em: nov. 2019.

Ainda sobre a construção de enunciações das ciências, Anne Fausto-Sterling (1985), bióloga feminista, analisa a produção científica a respeito do que se chama de “síndrome pré-menstrual (SPM)<sup>47</sup>” e estudos sobre menopausa. Se entendemos que o discurso médico é derivado da pesquisa científica (mas não somente), esta precisa ser o alvo de escrutínio das epistemologias feministas. De acordo com Lima e Souza (2002, p. 80) “as pessoas que são treinadas cotidianamente para o trabalho científico aprendem e incorporam o modelo dominante de produção do conhecimento e o reproduzem sem contestação, para serem aceitos por seus pares e se sentirem adequados ao trabalho que executam”. A revisão de literatura de

---

Marion Sims) por “glândulas de Lucy e Betsey” (cada uma das lubrificantes) e “glândulas de Anarcha” (parauretrais). O projeto apresenta um necessário acervo de informações sobre as histórias dessas mulheres. Disponível em: <<https://anarchagland.hotglue.me/>>. Acesso em: nov. 2019.

<sup>47</sup> Popularmente denominada “tensão pré-menstrual” ou TPM; vem sendo rebatizada por feministas entusiastas da ginecologia política como “tempo para mim” ou “tempo para meditar”.

Fausto-Sterling nos mostra que no que concerne à SPM, a despeito da profusa publicação de estudos científicos, não há definição e metodologias consistentes que permitam replicação e comparação de pesquisas, quanto menos análises desprovidas de pressupostos androcêntricos ou fundacionalistas. Não há consenso sobre que período é o “pré-menstrual” (imediatamente após a ovulação? Uma semana antes do fluxo menstrual? Duas? Os dias de fluxo também contam?), muitas pesquisas são baseadas num ciclo ideal de vinte e oito dias regulares, a formação de amostras são enviesadas pelos objetivos das pesquisas e nem mesmo há consenso de que nós mulheres experimentamos mudanças emocionais cíclicas consistentes que precisem ser explicadas.

Procurando por respostas, nós encontramos um campo de pesquisa repleto de estudos pobremente desenhados. Tamanhos de amostras e medidas inadequadas, escolhas inapropriadas de sujeitos, testes projetados para obter resultados desejados e uso de análises estatísticas pobres ou não-existent são apenas alguns dos problemas. Que tão numerosos cientistas estiveram aptos por longo tempo para conduzir pesquisas assim medíocres atesta tanto as agendas sociais inconscientes de muitos dos pesquisadores quanto a inadequação teórica da estrutura de investigação utilizada no campo como um todo<sup>48</sup>. (FAUSTO-STERLING, 1985, p. 101).

As pesquisas sobre SPM compartilham a premissa da primazia biológica: as mudanças hormonais causariam mudanças comportamentais, mas não o contrário. Ao estabelecer essa linha unidirecional de causalidade, ignora-se que nossos corpos incorporam e confirmam expectativas sociais. Fausto-Sterling clama por modelos explicativos mais complexos, nos quais seja avaliada a inextricabilidade entre produção endócrina e vida social. Outra premissa nessas pesquisas é a da negatização da menstruação; a formulação dos questionários aplicados é evidência de que os pesquisadores avaliam as experiências sobre ciclo menstrual de antemão aos informes das mulheres pesquisadas, conduzindo suas respostas. Em questionário elaborado por Rudolf Moos, médico e pesquisador da Universidade de Stanford (FAUSTO-STERLING, 1985, p. 102-103), dentre quarenta e sete sintomas listados como possíveis de ocorrência ao longo do ciclo, apenas cinco expressavam conotação positiva. Ao receber um questionário desse tipo em mãos, as mulheres pesquisadas tendem a reproduzir o que a

---

<sup>48</sup> Tradução livre. No original: “In looking for answers, we encounter a research field filled with poorly designed studies. Inadequate sample sizes and measures, inappropriate choice of subjects, tests designed to obtain a desired outcome, and poor or nonexistent use of statistical analysis are but some of the problems. That so many scientists have been able for so long to do such poor research attests to both the unconscious social agendas of many of the researchers and to the theoretical inadequacy of the research framework used in the field as a whole”. (FAUSTO-STERLING, 1985, p. 101).

pesquisa espera: “muitas mulheres crescem com a expectativa de que deveriam se sentir mal logo antes de seus períodos e essa crença as predispõe a lembrar seletivamente de se sentirem mal nas vésperas da menstruação mas não em outros momentos do mês”<sup>49</sup> (FAUSTO-STERLING, 1985, p. 103). Os comportamentos e emoções negativas são tema de interesse nas pesquisas sobre SPM, enquanto que fatores positivos são descartados como algo pontual e atípico, para o qual a pesquisa biológica é desnecessária.

O caráter androcêntrico desses estudos pode ser observado na própria tentativa de averiguar (e posteriormente medicalizar) “distúrbios emocionais” associados ao ciclo. Algumas pesquisas afirmam que é possível que cem por cento das mulheres experimentem “sintomas” desses “distúrbios”. Fausto-Sterling (1985, p. 96) questiona: se essa afirmação é correta e a totalidade das mulheres compartilha esses fatores, então se trata de um distúrbio comparado a quem? Seriam os homens o padrão pressuposto de equilíbrio emocional? As pesquisas científicas sobre ciclo menstrual usam estereótipos masculinos como controle de normalidade? A partir de sua revisão de publicações, infelizmente é exatamente isso que esteve acontecendo nos campos da ciência. Precisamos indagar sobre as consequências desses estudos irresponsáveis e (não assumidamente) enviesados, pois são eles que servem de argumento para a clínica ginecológica invasiva, para a prescrição compulsória de drogas farmacêuticas, para ratificar noções culturais de que nós mulheres somos instáveis e descontroladas, de que nossos corpos são sujos e abjetos; interpelar essas pesquisas é um caminho para transformar a relação de alienação corporal que separa de modo dicotômico mente e corpo e coloca este como inimigo, como um fardo ao qual devemos nos resignar.

Ao ver a ciência como um discurso, como uma maneira de falar sobre o mundo, a feminista pode desconstruir a relação complexa entre ciência e poder, trazendo à superfície os meios pelos quais o discurso científico reforça o poder e o papel que este desempenha ao criar ativamente o discurso científico. (FARGANIS, 1997, p. 232).

A pesquisa científica transborda os limites institucionais nos quais é produzida e é disseminada pela sociedade de diversas maneiras: a partir do jornalismo, da militância, da clínica médica, das ficções na indústria do entretenimento e, principalmente, a partir da

---

<sup>49</sup> Tradução livre. No original: “Many women grow up with the expectation that they should feel bad just before their periods, and this belief can certainly predispose them to selectively remember feeling bad just before menstruation but not at other times of the month” (FAUSTO-STERLING, 1985, p. 103).

escola. O estudo da biologia nas salas de aula do Ensino Básico está imbrincado às atividades científicas; são práticas sociais em comunicação e é a partir delas que a maioria das pessoas acessa os conhecimentos instituídos e legitimados como “fatos”. A escola é um espaço elementar de construção daquilo que se entende por menstruação, até mesmo porque a menarca ocorre em idade escolar. Compreender o modo como se explica o ciclo menstrual para jovens meninas e meninos em sala de aula é fundamental para analisarmos como as narrativas biológicas dialogam com os valores sociais das ordens prático-simbólicas da menstruação. Pinho & Lima e Souza (2014, p. 165) definem livros didáticos como “artefatos culturais (...) presentes no cotidiano escolar, na vida de centenas de alunas e alunos, às vezes, como única fonte de obtenção do conhecimento científico, ora silenciando, ora legitimando atores sociais e construindo as identidades de gênero”. Analisando livros didáticos, as autoras examinam a iconografia (cuja incidência de imagens masculinas reitera a ideia dos corpos dos homens como algo neutro, lógico e legítimo de representatividade, em contraste aos corpos de mulheres que aparecem apenas nas seções sobre “sistema reprodutor”), a linguagem empregada (e suas metáforas generificadas), o recorrente uso do termo “homem” como sinônimo de “humanidade” (ah, as conquistas do homem! A evolução do homem!) e a questão da (in)visibilidade de mulheres cientistas nesses materiais. Elas argumentam que esses livros são os principais determinantes dos currículos escolares, influenciando os planos de aula de docentes, o sequenciamento dos conteúdos, as atividades e avaliações.

Os sinais de gênero aparecem na vasta iconografia dos livros didáticos de Biologia. Folhear um livro de Biologia do Ensino Médio do começo ao fim é ver desfilar diante dos olhos o maior número de imagens masculinas. No momento de ensinar Biologia, as imagens parecem ter um papel “neutro” em relação à discriminação das mulheres, porque trata de uma disciplina “científica” e, aparentemente, distanciada de preconceitos ideológicos. Ledo engano! A iconografia machista não se limita a ignorar a mulher ou estereotipá-la. A crítica não é pelo que ela omite, ou pela estatística, mas, principalmente, pelo que ela transmite. (PINHO & LIMA E SOUZA, 2014, p. 161).

No contexto dessas considerações, Emily Martin (2006) faz uma análise das metáforas adotadas pelas narrativas das ciências biológicas, averiguando a representação da menstruação enquanto *reprodução fracassada*, como se cada ciclo fosse evidência da frustração de uma concepção. Ela salienta que “comportamentos culturais que não são reconhecidos podem se infiltrar despercebidamente em textos científicos por meio de palavras avaliativas” (MARTIN, 2006, p. 94). Tomemos como exemplo o breve trecho que diz respeito ao ciclo



menstrual no livro de Sônia Lopes e Sergio Rosso (2016, p 15), aprovado pelo Programa Nacional do Livro Didático<sup>50</sup> e bastante difundido nos currículos brasileiros:

Nas mulheres, toda a gametogênese está relacionada a modificações hormonais que também preparam o útero para uma eventual gravidez. A atuação dos hormônios será analisada no capítulo 4 deste livro. A parede uterina fica espessa e, caso a fecundação não ocorra, a gametogênese não se completa, o ovócito II degenera e o espessamento da parede uterina descama. Essa descamação da parede uterina é a menstruação.

Ao ponderar sobre as escolhas de vocabulário<sup>51</sup> empregues, podemos notar como a experiência da menstruação é negativada mesmo quando revestida de caráter descritivo e pretensamente distanciado. A menstruação é associada à ideia de degeneração (e não é à toa que noções de “sangue sujo” e nojo permeiem recorrentemente as percepções sobre fluxo menstrual) e sua explicação não se dá por vias de argumentação afirmativas, mas, ao contrário, é mostrada como um processo que “não se completa”, um discurso baseado pela falta: falta da fecundação, da realização da gravidez, falta de sexo reprodutivo (e aqui se evidencia o viés heteronormativo se sobrepondo à ampla gama de possibilidades de vivência da sexualidade<sup>52</sup>). A menstruação acaba por ser apresentada como produto da falência de um plano natural, como se fosse a relutante resignação de um corpo destinado à maternidade. Martin (2006, p. 95-96) compila vários exemplos de livros utilizados como referência em faculdades de medicina nos quais “o leitor se confronta, numa rápida sucessão, com ‘degenera’, ‘decaem’, ‘desaparecem’, ‘espasmos’, ‘degeneração’, ‘enfraquecidos’, ‘falta’,

---

<sup>50</sup> Disponível em: < <http://www.fnnde.gov.br/pnld-2018/>>. Acesso: set. 2018.

<sup>51</sup> Nesse livro (LOPES & ROSSO, 2016, p. 16-17) também podemos encontrar vários exemplos dos problemas para uma educação sexual positiva no que concerne a alguns aspectos que elenquei em seção anterior. Afirma-se que o hímen é “uma membrana (...) geralmente *rompida* na primeira relação sexual da mulher” (grifo meu), o clitóris é “um pequeno órgão erétil” (não há nenhuma menção ou ilustração da grandiosa estrutura interna do clitóris), a vulva é chamada de “pudendo feminino” (afinal, há algo mais digno de pudor e vergonha do que a genitália feminina? Nossa cultura falocêntrica não permite que sejam elaboradas expressões como “pudendo masculino” nesse mesmo material...) e possui “lábios maiores (grandes lábios) e lábios menores (pequenos lábios)”, termos que contribuem para sentimentos de inadequação corporal. É importante salientar que o livro de Lopes e Rosso não é exceção, ao contrário: esse vocabulário é predominante nos livros de biologia para o Ensino Básico.

<sup>52</sup> Como argumenta Gayle Rubin em sua análise sobre as qualificações morais das práticas sexuais: “sociedades ocidentais modernas avaliam os atos sexuais de acordo com um sistema hierárquico de valores sexuais. Heterossexuais maritais e reprodutivos estão sozinhos no topo da pirâmide erótica” (RUBIN, 1994, p. 13).

‘expelidos’, ‘deterioração’, (...) ‘cessa’, ‘morre’, ‘perda’<sup>53</sup>. Um desses textos inclusive ensina que “a menstruação é o útero chorando pela falta de um bebê” (GANONG, 1985: 63, apud MARTIN, p. 92). Essa narrativa orientada pelo eixo da reprodução corrobora a compreensão das etapas de transformação do corpo desde a menarca como um encaminhamento para a função inequívoca de “reprodutora”. Fáveri & Venson (2007, p. 76) observam nas falas de suas entrevistadas que “elas se preparam para ser mulheres-mães. Não estão proibidas de exercer a sexualidade; no entanto, sua sexualidade é controlada e definida: sexualidade para maternidade”.

A fim de analisar essas escolhas de vocabulário e metáforas científicas, Martin percorre um caminho confluyente ao de Laqueur e sua categorização de “modelo de sexo único” e “modelo de dois sexos”. No primeiro modelo, de anatomias semelhantes e hierarquicamente invertidas, procura-se analogias entre os fenômenos fisiológicos; mesmo que os homens não menstruassem, podiam sangrar por outros meios, como por intermédio do procedimento de sangrias. Trata-se de um paradigma que entende o corpo conforme um sistema de entrada e saída, buscando equilíbrio. O sangramento era então considerado saudável; uma vez que o modelo remete a um escalonamento que privilegia o masculino, o sangue menstrual era visto como impuro, mas o processo de expeli-lo não era percebido como intrinsecamente patológico. A partir do século XIX e a instauração do modelo de dois sexos, o processo em si passa a ser visto enquanto distúrbio<sup>54</sup>, uma vez que agora os sexos são incomensuráveis e a menstruação é (como disse o ginecologista Berenstein, que citei mais acima) “apanágio da feminilidade”. Separam-se os sexos e o sangramento é desqualificado e considerado doentio – “mesmo na mais saudável das mulheres, um verme, ainda que inofensivo e despercebido, corrói periodicamente as raízes da vida” (ELLIS, 1904: 293 apud MARTIN, 2006: 77).

---

<sup>53</sup> A menopausa, entendida como ápice da falência, é também descrita por termos pejorativos: “os ovários param de responder e deixam de produzir. Em todo o resto, há regressão, declínio, atrofia, encolhimento e perturbação” (MARTIN, 2006, p. 88).

<sup>54</sup> Essa visão é o pano de fundo de textos misóginos como o de Elsimar Coutinho, médico baiano que alcançou notoriedade internacional com seu livro “Menstruação: a sangria inútil” (2000). Coutinho é um “especialista” midiático, como define Natansohn; figura recorrente nos programas de televisão brasileiros e, por vezes, na imprensa estrangeira. “Uma das controvérsias que o envolvem diz respeito à sua convicção sobre a origem de todos os males brasileiros, que para ele seria a alta taxa de fertilidade das mulheres pobres. Enquanto ele se apresenta como ‘campeão do planejamento familiar’, é considerado por diversas frentes (especialmente, do movimento feminista) como incentivador ideológico de campanhas de esterilização massivas para mulheres pobres” (NATANSOHN, 2005, p. 292).

As metáforas acionadas pelas narrativas biológicas remetem ao contexto de emergência do capitalismo industrial: os acontecimentos fisiológicos são explicados por descrições econômicas, em termos de bens disponíveis, gastos e rendas; o corpo é visto como um negócio que pode estar no lucro ou prejuízo. Essas referências persistem até agora. Ao explicar a menstruação a partir de uma argumentação pela negativa, remete-se à ideia de um empreendimento que deu errado, como se todo o esforço dispendido pelo organismo decepcionasse a linha de produção. Mais ainda, a menstruação “também transmite a noção de uma produção desvirtuada, fabricando produtos sem uso, fora das especificações, invendáveis, desperdícios, sucatas”<sup>55</sup> (MARTIN, 2006, p. 93). Os corpos das mulheres são assim “descontrolados” e “perigosos”, pois não se adequam aos preceitos mecanicistas da ciência. Lembremos a sugestão de Sardenberg de analisar as ordens prático-simbólicas da menstruação em relação aos esquemas explicativos de parentesco e reprodução nas sociedades: com tamanha pejoração nas narrativas biológicas, não é de se surpreender que os valores de senso comum associados ao sangue menstrual sejam tão vilipendiosos. Os enunciados científicos e as demandas de etiqueta menstrual (e as interdições e alienação subjacentes) constituem discursos que se reforçam reciprocamente. A ojeriza voltada ao sangue menstrual integra o saber científico corrente. Devemos agora questionar: há outras maneiras de explicar o que é menstruação senão pela perspectiva de reprodução fracassada? Martin esboça uma possibilidade<sup>56</sup>:

Vamos primeiro considerar a natureza teleológica do sistema, seu objetivo pressuposto de implantar um óvulo fertilizado. E se uma mulher tiver feito de tudo ao seu alcance para evitar que o óvulo fosse implantado em seu útero, como controle

---

<sup>55</sup> Martin é perspicaz ao revelar o viés androcêntrico da noção de desperdício: "Consideremos este trecho de um texto que descreve a fisiologia reprodutiva masculina e que chega a esse ponto a partir de um ângulo levemente diferente: 'Os mecanismos que norteiam a *extraordinária* transformação celular de espermátide em espermatozóide maduro permanecem obscuros (...) Talvez a característica mais *surpreendente* da espermatogênese seja sua *incomparável magnitude*: um ser humano normal do sexo masculino pode fabricar centenas de milhares de espermas por dia' (...) Ainda que este texto considere abertamente positiva essa produção imensa de esperma, na verdade, apenas cerca de um espermatozoide em um bilhão consegue fertilizar o óvulo: se partirmos do mesmo ponto de vista que considera a menstruação como um produto desperdiçado, temos aqui, sem dúvida, algo pelo qual realmente vale a pena chorar!" (MARTIN, 2006, p. 97).

<sup>56</sup> A transformação do vocabulário é inextricável à transformação das metas e procedimentos científicos. Fox Keller (2006, p. 19) demonstra essa relação nas pesquisas sobre efeitos maternos na fertilização: "Mesmo o amplamente utilizado manual *The Molecular Biology of the Cell* parece ter abraçado uma equidade pelo menos nominal sobre o assunto: aqui, 'fertilização' é definida como o processo pelo qual óvulo e espermatozoide 'se encontram e fundem'. (...) Essas referências igualitárias não são retóricas – estão baseadas numa descrição que está agora firmemente apoiada por um rico acervo de mecanismos que os pesquisadores identificaram em anos recentes – pode-se dizer que os pesquisadores os encontraram porque procuraram por eles".

de natalidade ou abstinência de sexo heterossexual? Ainda assim, seria apropriado falar que o objetivo único de seu ciclo menstrual é a implantação? A partir do ponto de observação da mulher, talvez o sentido fosse melhor captado se dissessemos que o objetivo do ciclo é a produção de fluxo menstrual. Pense por um momento o quanto isso poderia mudar a descrição dos livros de medicina: ‘Uma queda nos níveis anteriormente elevados de progesterona e estrogênio cria o ambiente apropriado para reduzir as camadas excessivas de tecido endométrico. A constrição dos vasos sanguíneos capilares provoca uma baixa no nível de oxigênio e nutrientes, abrindo caminho para uma produção vigorosa de fluidos menstruais. Como parte da renovação do endométrio restante, os capilares começam a se reabrir, contribuindo com algum sangue e fluido seroso no volume do material endométrico que já começa a fluir’. Não vejo nenhuma razão para o que o sangue em si não pudesse ser considerado um ‘produto’ desejado do ciclo da mulher, exceto quando a mulher tem intenção de engravidar. (MARTIN, 2006, p. 103).

Estou de acordo com a sugestão de Martin e ainda acredito que podemos ir além: como argumenta Haraway (1995, p. 15), “as feministas têm que insistir numa explicação melhor do mundo; não basta mostrar a contingência histórica radical e os modos de construção de tudo”. A grande ousadia científica a partir de um ponto de vista feminista seria investigar um sentido adaptativo para a ocorrência da menstruação, uma função própria do fluxo menstrual que definitivamente desmantelasse argumentos de que menstruação é uma “sangria inútil”<sup>57</sup>. Margie Profet (1993), visionária assim como sugere seu nome, foi a primeira cientista a conduzir uma investigação na área de biologia evolutiva a fim de explicar por que nós mulheres menstruamos, rechaçando a retórica da reprodução fracassada. Seu argumento é de que o ciclo menstrual demanda um grande “custo” para o organismo (ainda na linguagem industrial; tanto em termos de nutrientes – eliminação de ferro e tecido – quanto

---

<sup>57</sup> Aqui, estou questionando as explicações científicas sobre a ocorrência de produção e exteriorização de fluxo menstrual como sangramento mensal. Podemos também considerar num sentido mais amplo a ocorrência de todo o ciclo menstrual, uma vez que este vem sendo compulsoriamente suprimido a partir da clínica ginecológica com a prescrição de drogas de hormônios sintéticos. Os hormônios sexuais produzidos pelo corpo fazem parte do sistema endócrino de maneira ampla, comunicando-se com diversas funções em nosso organismo, em termos físicos, psíquicos, energéticos e emocionais. Manter o entendimento do ciclo menstrual apenas pela função reprodutiva dá vazão para o massificado e irrefletido “desligamento” do eixo hipotálamico-pituitário-ovariano, a partir do uso de fármacos contraceptivos. Para uma mulher que esteja evitando gravidez, não há hesitação em recomendar a interrupção da produção fisiológica de estrógeno e progesterona; um homem também interessado em contracepção receberia a sugestão de desligar por completo sua produção de testosterona, substituindo-a por uma sintética “testosterina”? O desenvolvimento de um contraceptivo hormonal masculino é permeado por preocupações que não se estendem às drogas oferecidas às mulheres. A castração química é uma realidade para aquelas que consomem essas drogas; os extensos relatos sobre queda de libido não deveriam ser denominados “efeitos colaterais”, mas simplesmente “efeitos”. Importante também considerar que a prescrição de drogas de hormônios sintéticos para mulheres se dá por motivos muito além de contracepção; é sugerida como medicamento para variadas “patologias”. Nos parâmetros da masculinidade parece absurda a ideia de abrir mão de hormônios sexuais; precisamos considerar que estrógeno e progesterona fazem muito mais do que preparar o corpo para gestar um bebê! Recentemente, a educadora Lisa Hendrickson-Jack (2019) vem inclusive sugerindo a percepção do ciclo menstrual como um quinto sinal vital (ao lado de pulsação, temperatura, taxa de respiração e pressão sanguínea).

em termos reprodutivos – pois limita a janela de fertilidade), portanto, há de existir um motivo funcional para a renovação mensal do revestimento do útero e a produção de fluxo sanguíneo expelido; de outro modo, a seleção natural teria se encarregado há muito de eliminar tamanho esforço contínuo. Se a menstruação fosse apenas um subproduto de uma concepção mal sucedida, por que simplesmente não mantemos o endométrio até que um dia, talvez, ocorra uma gravidez? Ou então, por que o corpo não reabsorve o tecido intrauterino, assim como o estômago renova constantemente seu revestimento interno em questão de poucos dias<sup>58</sup>? Profet argumenta que se a menstruação fosse um mero subproduto, não existiriam mecanismos especialmente projetados para sua ocorrência (como as artérias espiraladas que se contraem e dilatam para induzir o sangramento) nem características exclusivas do sangue menstrual (sua baixa coagulação, que permite o fluxo).

Profet constrói a hipótese de que a menstruação é uma defesa contra patógenos transportados por espermatozoides. “Espermatozoides são vetores de doenças<sup>59</sup>” (PROFET, 1993, p. 341): com essa afirmação, ela certamente gerou polêmica na comunidade científica, acostumada com valores androcêntricos. É importante compreender que Profet não está interessada em tentar “virar o jogo” e qualificar os corpos dos homens como sujos, impuros, abjetos; os patógenos carregados por espermatozoides (que aderem a sua estrutura caudal) poderiam ser provenientes dos órgãos genitais masculinos, mas também da própria flora vaginal e colo do útero. O muco cervical é uma barreira importante para impedir a entrada de patógenos nos órgãos superiores de nosso sistema sexual, mas é justamente nos períodos próximos à ovulação<sup>60</sup> que o muco fica mais fino e o colo mais aberto: se há sexo heterossexual penetrativo sem contracepção de barreira, é exatamente esse o momento em que útero, tubas uterinas e ovários estão mais expostos a agentes externos:

---

<sup>58</sup> Martin aponta que os livros de medicina costumam descrever o processo de renovação da mucosa estomacal em termos muito mais positivos que os voltados ao tecido endométrico: “Não há nenhuma referência à degeneração, enfraquecimento, deterioração ou reparo (...) Pode-se escolher entre olhar para o que acontece com o revestimento do estômago e do útero negativamente, como falência e decomposição, necessitando de reparos, ou positivamente, como produção e reabastecimento contínuos. Como dois lados da mesma moeda, o estômago, que tanto mulheres como homens têm, cai no lado positivo; já o útero, que apenas as mulheres têm, cai no lado negativo” (MARTIN, 2006, p. 99-100).

<sup>59</sup> Tradução livre. No original: “Sperm are vectors of disease” (PROFET, 1993, p. 341).

<sup>60</sup> Em muitas espécies, o sangue estral coincide com o período de ovulação (e cópula). Entre os seres humanos, seres sociais que realizam práticas sexuais independentemente de imperativos reprodutivos, haveria então o desenvolvimento de um sistema mais complexo e espaçado de proteção.

A microscopia eletrônica demonstrou que o espermatozoide humano pode ser explorado como veículo de transporte por um vasto espectro de bactérias (...) Patógenos que são relativamente inócuos como flora no trato reprodutivo inferior podem se tornar perniciosas no trato reprodutivo superior, causando abortos espontâneos e infertilidade<sup>61</sup>. (PROFET, 1993, p. 341).

Segundo Profet, nosso sistema sexual funciona de modo a revezar entre a provisão de um ambiente hostil a patógenos e receptivo a gametas. O ciclo menstrual seria assim especialmente desenhado para alternar entre esses objetivos conflitivos (e não apenas para construir um “berço” para o óvulo se implantar – expressão encontrada em livros de medicina por MARTIN, 2006, p. 91). Profet vê então a menstruação como um eficiente método de proteção, tanto de modo mecânico (o sangue menstrual ajuda a expelir camadas de tecido potencialmente infectado após relação sexual), quanto de modo imunológico (devido a grande concentração de leucócitos<sup>62</sup> que combatem patógenos e fagocitam tais tecidos). As defesas possibilitadas pela menstruação incluiriam:

(1) Derramar tecido epitelial. Essa é uma importante defesa contra patógenos e toxinas para todos os órgãos expostos ao ambiente externo, incluindo a pele, trato gastrointestinal, pulmões, olhos e trato urogenital (...) (2) Secretar células imunológicas e anticorpos. A rede de defesa contra patógenos primordial do corpo é o sistema imunológico. (3) Reduzir o pH. Um ambiente ácido geralmente é mais hostil a patógenos. (4) Aumentar os níveis de lactoferrina. A proteína lactoferrina é bactericida porque prende ferro muito eficazmente, privando então bactérias desse elemento essencial<sup>63</sup>. (PROFET, 1993, p.342).

---

<sup>61</sup> Tradução livre. No original: Electron microscopy has shown that human sperm can be exploited as vehicles of transport by a wide spectrum of bacteria (...) Pathogens that are relatively innocuous as flora of the lower reproductive tract can become pernicious in the upper reproductive tract, causing spontaneous abortion or infertility. (PROFET, 1993, p. 341).

<sup>62</sup> Com muito prazer, encontrei uma passagem em seu artigo que evidencia o uso de coletores menstruais na década de 60; mesmo durante o longo período de latência entre sua invenção e o alcance de um mercado consumidor amplo, registra-se que o coletor possibilitava pesquisa científica: “In a study by De Merre et al. (1967), the number of leukocytes per cubic millimeter of menstrual blood (*collected from intravaginal cups*) was about three times as high as that of venous blood on the first day of menstruation, and twice as high on the third day” (PROFET, 1993, p. 345, grifo meu).

<sup>63</sup> Tradução livre. No original: “(1) Shedding epithelial tissue. This is an important defense against pathogens and toxins for all organs exposed to the external environment, including the skin, gastrointestinal tract, lungs, eyes, and genitourinary tract (...) (2) Secreting immune cells and antibodies. The body's primary network of defenses against pathogens is the immune system. (3) Reducing pH. An acidic environment generally is more hostile to pathogens. (4) Increasing lactoferrin levels. The protein lactoferrin is bactericidal because it binds iron very efficiently, thus depriving bacteria of this essential element. (PROFET, 1993, p. 342).

Profet realiza uma extensa argumentação no que concerne aos caminhos de biologia evolutiva, investigando a ocorrência de menstruação (aberta ou oculta) em outras espécies mamíferas. Não estenderei essa discussão aqui, mas acho importante retomar a parte final de seu artigo, em que ela analisa dados clínicos e aponta implicações médicas decorrentes de sua teoria. Ao descrever a menstruação por vias de argumentação positivas, nas quais se encontra uma função própria para o fluxo menstrual, Profet vai de encontro a toda a clínica médica e indústria farmacêutica que apoia e lucra com a supressão da menstruação. Se o sangue menstrual é um importante meio de defesa, é preciso considerar que um súbito aumento de fluxo ou sua ocorrência em momento atípico podem ser indicadores de que o corpo está reagindo a uma infecção instalada. É comum que médicos prescrevam tratamentos com drogas de hormônios sintéticos para “diminuir” ou estancar o fluxo, acreditando que o próprio sangue é responsável pela proliferação de doenças<sup>64</sup>. Profet recomenda o contrário: ao invés de combater o sangramento, deve-se realizar exames para averiguar a possibilidade de infecção que a abundância menstrual estaria denunciando<sup>65</sup>.

Se menstruação é uma adaptação, tecnologias contraceptivas de supressão menstrual promoveriam em alguns casos infecções uterinas. Mulheres que nunca tiveram intercurso sexual provavelmente poderiam suprimir menstruação com segurança, mas para aquelas com histórico de intercurso sexual é preciso ser cuidadosa acerca de supressão, mesmo que estejam correntemente abstinentes sexualmente. Uma vez que o útero foi colonizado por bactérias, ele pode se beneficiar de limpezas periódicas para prevenir a recolonização por vestígios persistentes de patógenos. Mulheres que optam por suprimir a menstruação deveriam não apenas estar especialmente alertas aos sinais e sintomas de infecções, como também deveriam tentar prevenir infecções com o uso de alguma forma de proteção de barreira<sup>66</sup>. (PROFET, 1993, p. 368).

---

<sup>64</sup> Assim registra Natansohn (2005, p. 293) na fala do ginecologista José Bento: “Você já imaginou, se o parceiro tem alguma doença sexualmente transmissível, com aquele monte de sangue, que a bactéria adora, que aquilo lá é um caldo de cultura pra bactéria, um alimento para a bactéria?”. Profet contra-argumenta esse tipo de afirmação a partir da acentuada presença de lactoferrina no sangue menstrual.

<sup>65</sup> No Capítulo 4, abordarei o conceito de “literacia corporal”, ferramenta de compreensão dos sinais corporais, com ênfase na percepção de sinais próprios do ciclo menstrual.

<sup>66</sup> Tradução livre. No original: “If menstruation is an adaptation, menstruation-suppressing contraceptive technologies would in some cases promote uterine infection. Women who have never had sexual intercourse probably could suppress menstruation safely, but women with a history of sexual intercourse may want to be cautious about suppressing menstruation, even if they are currently sexually abstinent. Once the uterus has been colonized by bacteria it may benefit from periodic cleansing in order to prevent tenacious strains of pathogens from recolonizing it. Women who opt to suppress menstruation should not only be especially alert to the signs and symptoms of infection, they should also try to prevent infection by using some form of barrier protection”. (PROFET, 1993, p. 368).

À época de sua publicação, o estudo de Margie Profet foi recebido ao mesmo tempo com admirado entusiasmo e cética desconfiança. Sua carreira foi alavancada a partir de artigos lançados nas revistas *Quarterly Review of Biology* e *Evolutionary Theory*, a respeito de três temas analisados sob a perspectiva da imunologia: menstruação, alergias e enjoos matinais. Essas publicações lhe renderam o “Genius Grant” conferido pela MacArthur Foundation em 1993, prêmio com qual ela pôde financiar a publicação de dois livros. Mesmo com esse apoio institucional e o posicionamento confiante de alguns pesquisadores<sup>67</sup>, sua teoria sobre menstruação foi muito mais acolhida pela imprensa do que por demais cientistas. Com manchetes como “A curse no more<sup>68</sup>” e “Radical new view of the role of menstruation”, Profet figurou reportagens na revista *People* e no jornal *The New York Times*, além de outros periódicos. Na academia, a única resposta substancial à teoria da menstruação como defesa foi elaborada em 1996 por Bervely Strassmann, que procurou refutar os argumentos de Profet e elaborar sua própria análise evolutiva sobre a razão da existência do fluxo menstrual.

Enquanto cientista social, minha intenção ao apresentar a teoria de Profet não é conferir a validade de suas hipóteses, mas apontar que é possível realizar pesquisa científica contornando os preceitos pejorativos das ordens prático-simbólicas da menstruação que tomam o fluxo menstrual como sujo, vergonhoso, repulsivo e inútil. Assim orienta Farganis (1997, p. 227): “o analista social não está interessado na verdade da ciência e sim em seus aspectos sociais, isto é, nas formas pelas quais ela é praticada e defendida”.

O problema que aqui podemos identificar é que mesmo que Profet tenha sido capaz de contornar tais valores, eles ainda são hegemônicos na sociedade. Talvez isso explique por que, a despeito de sua contribuição vanguardista para a biologia evolutiva, a pesquisa de Profet tenha caído em esquecimento pela comunidade científica e não foi ampla e seriamente investigada por seus pares. Ao indagar sobre o impacto dos feminismos na ciência, Fox Keller pondera se as mudanças constatadas nas agendas de pesquisa seriam resultado da maior presença de mulheres no meio científico. Depois de deparar com o exasperante protagonismo

---

<sup>67</sup> Como relata a reportagem de Natalie Angier (1993): “‘It’s an astonishing piece of work,’ said Dr. Donald Symons, a professor of anthropology and an evolutionary theorist at the University of California at Santa Barbara. ‘It’s a fitting together of many disparate elements into one coherent explanatory system, and it’s wonderful. It’s exactly what a scientific theory should be’ (...) ‘Hers is the first real attempt at a functional analysis of menstruation, and I’m really sure she’s on the right track,’ said Dr. George C. Williams, a professor emeritus of ecology and evolution at the State University of New York at Stony Brook (...) ‘I’m sure her approach will turn out to be extremely fruitful, stimulating people to look for evidence for or against the hypothesis’”.

<sup>68</sup> Em tradução livre, “Não mais uma maldição”. “Curse” (maldição) é um difemismo bastante utilizado em língua inglesa para se referir à menstruação.



histórico de homens nos difamatórios discursos médicos e científicos sobre menstruação, é um alívio querer acreditar que apenas uma mulher poderia pensar da maneira como Profet pensou, que apenas uma mulher poderia ter empreendido a tarefa científica de romper com a narrativa da reprodução fracassada e do sangue sujo. Afinal, foi mesmo o olhar de uma mulher que enxergou a necessidade de se realizar uma análise evolutiva da menstruação<sup>69</sup>. Mas Profet é uma figura solitária, rodeada ainda por uma ciência sexista. Fox Keller alerta que somente a promoção de inserção de mulheres nos espaços científicos não é capaz de transformar os paradigmas da ciência e reorientar suas perguntas de pesquisa, até mesmo porque muitas vezes as mulheres cientistas sofrem pressões específicas para se adequar ao pensamento e práticas vigentes em busca de legitimar sua presença em espaços historicamente dominados por homens. Segundo ela, nem mesmo a produção epistemológica feminista surtiu grande impacto transformador; as reorientações que aconteceram no campo científico se deveriam mais às oportunidades de aberturas cognitivas produzidas pelas mudanças sociais decorrentes dos movimentos de militância. Os feminismos provocaram “novos ângulos, novas maneiras de ver o mundo, de ver mesmo as coisas comuns” (FOX KELLER, 2006, p. 30), inclusive para aquelas pessoas que não se reconhecem como feministas.

O gênero faz diferença para as mulheres na ciência não por causa do que trazem com seus corpos e às vezes nem mesmo pelo que podem trazer com sua socialização, mas pelas percepções que as culturas da ciência trazem à comunidade tanto das mulheres quanto do gênero – e, por sua vez, por causa do que tais percepções trazem para os valores comuns de disciplinas científicas particulares. (...) Foram as próprias mulheres que mudaram o fazer da ciência? Por seu próprio exemplo trouxeram uma nova legitimação dos valores tradicionalmente femininos para a prática da ciência? Assim colocado, minha resposta seria: provavelmente não. (...) diria que a presença corriqueira de mulheres em posições de liderança e autoridade na ciência ajudou a erodir o sentido de rótulos tradicionais de gênero no próprio campo em que trabalhavam, e para todos os que estavam trabalhando nesse campo. (FOX KELLER, 2006, p. 29-31).

---

<sup>69</sup> Atualmente, mais mulheres estão engajadas em dismantelar estigmas menstruais a partir de argumentos científicos, ainda que seus trabalhos sejam pouco difundidos frente ao domínio da indústria médico-farmacêutica e da indústria cosmética. Barranco et al (2016), grupo de pesquisadoras da Universidade de Granada, empenham-se em inverter a crença do sangue menstrual como contaminante (a perspectiva sob a qual estudos acerca de “menotoxinas” foram realizados), perguntando “quão *contaminada* está nossa menstruação?”. Ao observar crescentes queixas de dores menstruais e casos de endometriose, as pesquisadoras passaram a procurar por produtos químicos danosos que estivessem sendo expelidos pela menstruação (uma perspectiva que, afinal, assemelha-se a de defesa imunológica de Profet). Em 2015, elas recolheram amostras de sangue (utilizando coletores menstruais) e constataram acentuada presença de parabenos e benzofenomas no material. Os parabenos possuem estrutura molecular parecida com os estrógenos, ocasionando um efeito endócrino disruptivo. Parabenos são amplamente encontrados em produtos cosméticos (de shampoos e hidratantes até aqueles “desodorantes próprios para região íntima”) e inclusive em absorventes descartáveis externos e internos.

A menos que os valores sociais negativos acerca da menstruação sejam assim erodidos, a voz de Profet continuará ressoando como uma excentricidade no pensamento científico. Mesmo que existam pesquisas que procurem demonstrar que o sangue menstrual não é uma substância imunda e abjeta, continuaremos a ser constantemente solapadas por discursos hegemônicos que reiteram sua asquerosidade. A condução de estudos científicos e afirmações médicas que perpetuam estereótipos negativos sobre menstruação consegue muito mais evidência do que os estudos que procuram refutá-los.

A suposição reformista — de que as mulheres podem conseguir uma parte igual de poder e privilégio numa ciência ou sociedade dominada por um estrato dirigente dedicado a manter sua hegemonia e que proclama de fato sua inevitabilidade e naturalidade — é intrinsecamente insustentável. (...) Para trabalhar eficazmente dentro dessa instabilidade, precisamos evitar nos iludir ou exagerar nossos sucessos eventuais, limitados e frequentemente temporários, ou nos culpar indevidamente pelos fracassos. (...) Assim, quando a ciência de uma sociedade é reconhecida como uma expressão de sua ideologia, o repetido ressurgimento em nossa mídia de hipóteses biológicas deterministas em novos disfarces não constitui mais um fenômeno misterioso ou aberrante. Representa a maneira de pensar necessária à preservação de uma sociedade baseada na hegemonia de uma elite, que também está incorporada na forma de pensar de seus cientistas. (BERMAN, 1997, p. 247-248).

### 3 INSERINDO O COPINHO, COLETANDO DADOS

Neste capítulo, irei apresentar o coletor menstrual a partir da perspectiva de algumas mulheres usuárias do dispositivo na cidade de Salvador. Para tanto, primeiramente vou expor um panorama histórico dos dispositivos menstruais industrializados a fim de identificar os momentos de invenção, tentativas de comercialização e efetiva instauração do coletor como produto presente na vida de mulheres em relação aos modelos descartáveis, analisando suas relações com etiquetas menstruais vigentes e estigma sobre o sangue. Em seguida, argumentarei as escolhas metodológicas para condução desta pesquisa, salientando a inextricabilidade entre posição epistemológica, atributos próprios do assunto pesquisado e técnica de coleta de dados alinhada a tais características. Irei então descrever o percurso de realização da pesquisa e a resolução de desafios no decorrer da investigação. Adiante, retratarei os grupos de mulheres participantes deste estudo a partir de três palavras-chave que identifiquei como definidoras dos encontros promovidos: adaptação, desenvoltura e assertividade.

#### 3.1 BREVE HISTÓRICO DOS DISPOSITIVOS MENSTRUAIS<sup>70</sup>

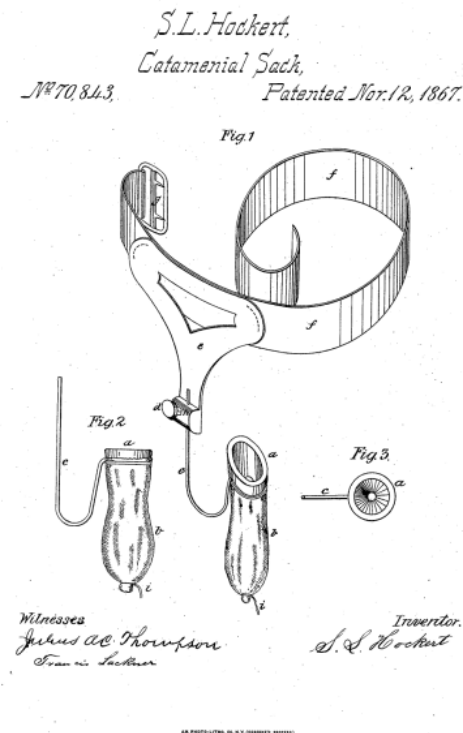
Durante a maior parte do século XX, o uso de faixas de tecidos nos dias de menstruação era o recurso mais comum para conter o fluxo. Pequenos pedaços de pano dobrados em três camadas forravam as roupas íntimas das mulheres e se escondiam entre os varais de roupa lavada todos os meses. Vários protótipos de dispositivos menstruais foram patenteados desde o século XIX sem nunca terem sido fabricados quanto menos comercializados. É o caso do “saco catamenial”, registrado pela primeira vez em 1867 por um

---

<sup>70</sup> As informações presentes nesta seção foram compiladas no já citado Museum of Menstruation e nos diversos sites das marcas dos produtos aqui descritos.

homem identificado como S. L. Hockert; pode ser considerado um predecessor dos coletores por prefigurar a ideia de um objeto de uso interno que recolhesse o sangue menstrual, mas também apresentava características idiossincráticas como um fio rígido que atravessa o canal vaginal, acoplado por um prego a um cinto em torno do abdômen.

FIGURA 07: PATENTE DE SACO CATAMENIAL, 1867



Fonte: Catamenial Patents. Disponível em: < <https://patents.google.com/patent/US70843> >. Acesso em: mar. 2019.

Ainda sem grande relevância comercial, na década de 1890 surgiu na Alemanha o primeiro absorvente descartável, registrado pela marca Hartmanns; em 1896, as Lister's Towels da Johnson & Johnson, também descartáveis, foram desenvolvidas nos Estados Unidos. Foi apenas após a primeira guerra mundial que uma empresa realmente começou a fabricar e distribuir absorventes em larga escala: Kimberly-Clark, inspirada pelos usos que enfermeiras francesas faziam de ataduras de celulose durante a guerra, criou os absorventes descartáveis da marca Kotex, em 1921. Para estimular as vendas e contornar os pudores e restrições que a etiqueta menstrual da época demandava das mulheres para a aquisição de produtos íntimos, foram elaboradas nos estabelecimentos comerciais pequenas caixas onde as clientes depositavam dinheiro sem precisar se comunicar diretamente com o farmacêutico e este a entregava o produto já bem embalado, de modo discreto. Em 1926, surge no mercado

estadunidense o absorvente da marca Modess, que mais tarde se tornou um fenômeno mundial, inclusive no Brasil.

Em 1933, Modess começou a ser importado para nosso país, mas o uso dos paninhos permaneceria ainda por décadas quase unânime. Durante a década de 1930, outros dispositivos surgiram nos Estados Unidos, mas não alcançaram sucesso: em 1933, Earle Hass, médico osteopata, desenvolveu Tampax, absorvente interno com aplicador (vendido em pequena escala). Em 1937, depois de diversos registros de modelos de “copos menstruais”<sup>71</sup> a pioneira tentativa de comercialização do coletor menstrual foi efetivamente empreendida: Leona Watson Chalmers, atriz e cantora, vinha desde 1935 elaborando um dispositivo que a permitisse atuar sob as fortes luzes dos holofotes em figurinos diáfanos e alvos sem ocasionar manchas nos tecidos ou marcas de cintas e fivelas sob as roupas. Ela desenvolveu um modelo que inovava em relação aos sacos catameniais catalogados até então, pois sua prioridade era que o dispositivo se sustentasse autonomamente através da anatomia do canal vaginal, dispensando a necessidade de apetrechos externos que dificultavam seus movimentos nos palcos. Chalmers foi a mulher responsável por patentear, fabricar e divulgar o coletor Tassette, reutilizável e produzido em borracha. Esse era um material abundante durante a segunda guerra mundial, mas rígido demais, duro e pesado para um coletor. A inventora procurou estabelecer parceria com médicos e farmacêuticos para disseminar sua criação e inclusive lançou livros com os títulos “The intimate side of a woman’s life” (1937) e “Woman’s personal hygiene” (1941) a fim de elucidar dúvidas sobre saúde ginecológica e uso de seu produto. Tanto o coletor quanto o absorvente interno ainda eram encarados com muita desconfiança, pois precisavam ser inseridos no canal vaginal e requeriam constante manipulação da genitália e penetração dos dedos, indo contra as normas de decoro e moralidade vigentes.

FIGURA 08: BIOGRAFIA DE CHALMERS (1937) EM LIVRO DE SUA AUTORIA<sup>72</sup>

<sup>71</sup> Para acompanhar as tentativas de elaboração dos dispositivos menstruais desde o século XIX, é possível acessar patentes completas com ilustrações e descrições no acervo Catamenial Patents, disponível em: <<https://catamenialpatents.wordpress.com/internal-products/>>. Acesso em: fev. 2019.

<sup>72</sup> Tradução livre: “Durante sua estrepante carreira como atriz e cantora, Leona Chalmers se tornou agudamente consciente das necessidades de improvisos especiais nos métodos utilizados para higiene íntima feminina, tema que a interessava há bastante tempo. Quando sua filha nasceu, ela decidiu deixar os palcos e dedicar seu tempo no desenvolvimento de produtos mais seguros, mais limpos e mais confortáveis para esse propósito. Focando atenção especial em proteção sanitária, Sra Chalmers solicitou a ajuda de diversos ginecologistas



MRS. LEONA W. CHALMERS

**ABOUT THE AUTHOR**

During her early singing and acting career, Leona Chalmers became acutely aware of the needs for special improvements in methods used for *intimate feminine hygiene*, a subject that had interested her for a long time.

When her daughter was born, she decided to quit the stage and devote her time to the development of *safer, cleaner and more comfortable* products for the purpose.

Focusing special attention on sanitary protection, Mrs. Chalmers solicited the aid of several noted gynecologists who worked with her on the project.

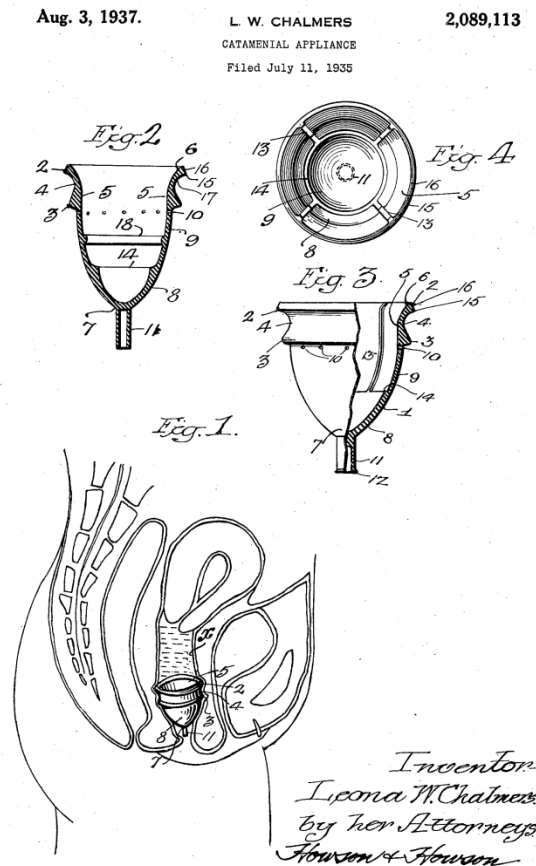
The menstrual cup, **TASSETTE**, is the result of years of tireless research and experiments and deserves a high place in woman's personal hygiene.

Fonte: Museum of Menstruation. Disponível em: <<http://www.mum.org/CupPat1.htm>>. Acesso em: mar. 2019.

---

reconhecidos que trabalharam junto dela no projeto. O coletor menstrual, TASSETTE, é o resultado de anos de pesquisa incansável e experimentos e merece alta posição na higiene pessoal das mulheres”.

FIGURA 09: REGISTRO DE PATENTE DO COLETOR TASSETTE



Fonte: Catamenial Patents. Disponível em: < <https://patents.google.com/patent/US2089113>>. Acesso em: mar. 2019.

Enquanto esses dispositivos enfrentaram décadas de latência entre os produtos de higiene menstrual, o absorvente descartável externo, utilizado com a ajuda de alfinetes, cintas e suspensórios, foi ganhando cada vez mais confiança entre consumidoras, inclusive brasileiras. Em 1945, Modess começou a ser industrializado no Brasil e investiu bastante em publicidade a fim de conquistar maior público e derrubar preconceitos, anunciando um modelo de “mulher moderna” e distribuindo panfletos de educação reprodutiva para convencer mulheres e meninas a respeito de vantagens do absorvente descartável<sup>73</sup>. Na década

<sup>73</sup> Outro exemplo é da marca Kotex, como nos mostra Felitti (2016, p. 178): “Las niñas escolarizadas reciben información desde un enfoque predominantemente biomédico, sea por parte de sus docentes, sea por profesionales de la salud que participan de proyectos financiados por empresas de higiene femenina (...) A mediados del siglo XX, para captar al público consumidor joven, las empresas comenzaron a crear sus propias oficinas educativas. En 1946, Kimberly-Clark, fabricante de Kotex, se unió a Disney para lanzar el corto animado *La historia de la menstruación* (*The history of menstruation*). Este audiovisual iba acompañado de un pequeño libro que tenía el formato de un diario íntimo, con el título *Muy personalmente tuyo* (*Very personally yours*). Algunas investigaciones afirman que esta película fue utilizada en los Estados Unidos durante 35 años y vista por alrededor de 105 millones de niñas y jóvenes (Luker, 2007:85-91). En este corto se dice que la menstruación no es una enfermedad; se aconseja bañarse y estar activa, descartando movimientos bruscos. El

de 1950, foi criada a figura de Anita Galvão, uma espécie de serviço de atendimento à consumidora constituído por seis pedagogas para o qual eram endereçadas cartas contendo dúvidas das correspondentes. Tanto foi o êxito da referência de Anita Galvão que as consumidoras passaram inclusive a confidenciar em suas cartas problemas pessoais e conjugais, buscando apoio nessa figura solícita. Desde então, Modess se tornou tamanho sucesso no Brasil que serve até hoje como metonímia para absorvente<sup>74</sup>.

Ainda na década de 1950, Judith Esser Mittag, uma ginecologista alemã, desenvolveu o o.b., um absorvente interno sem aplicador; ele só foi ganhar espaço no mercado brasileiro duas décadas depois. Em 1959, Leona Chalmers negociou com o empresário aposentado Robert Oreck e foi criada a empresa Tassette Inc., em uma nova tentativa de comercializar o coletor menstrual. Oreck conduzia seus empreendimentos em família e nem ele ou seus filhos ficaram entusiasmados com a proposta de Chalmers até que sua esposa, Shirley Oreck, experimentou um exemplar de Tassette e o aprovou. Houve um forte investimento na produção e divulgação do coletor e Tassette figurou inclusive um outdoor na Times Square em Nova York no ano de 1961, sob o eufemismo da ilustração de uma tulipa para representar o dispositivo.

FIGURA 10: OUTDOOR DO COLETOR TASSETTE EM TIMES SQUARE<sup>75</sup>

---

modelo de feminidad al que apela se basa en la compostura y la discreción, y tiene como horizonte la heterosexualidad, el matrimonio y la maternidad”.

<sup>74</sup> À época, o único concorrente direto de Modess era a marca Miss, das Indústrias York.

<sup>75</sup> Tradução livre: “Diz-se representar o primeiro anúncio em outdoor na Times Square voltado a um item de higiene pessoal feminina, essa placa de 9X12metros promovendo ‘Tassette’ foi erguida na Broadway com 46ª rua em Nova York”.





**Said to represent the first Times Square outdoor ad devoted to a feminine personal hygiene item, this 30 by 40-ft. sign promoting 'Tassette' has been erected at Broadway and 46th St. in New York City.**

Fonte: Korui. Disponível em: <<https://www.korui.com.br/wp-content/uploads/2017/07/TasTimSq.jpg>>. Acesso em: mar.2019.

A historiadora Kelly O'Donnell (2017) relata que a empresa enfrentava dificuldades de orçamento, pois o empreendimento dos coletores ia à contramão dos produtos descartáveis que ascendiam à época; estes alavancavam a partir dos estigmas menstruais de sujeira e ojeriza – jogar a menstruação e seus sinais no lixo era afirmação de modernidade. As clientes conquistadas por Tassette demoravam muito a voltar a consumir o produto, justamente por sua durabilidade que podia perdurar anos. Dessa maneira, não se formava mercado de consumo do coletor e uma versão descartável para concorrer com os absorventes parecia ser a saída. Em 1969, foi lançado Tassaway, um coletor não-reutilizável. Com investimento milionário em acordos com redes de farmácias e lojas de conveniências, publicidade em revistas populares e até mesmo comercial na televisão no ano de 1971 (O'DONNELL, 2017), a empresa vendeu cerca de cinco milhões de caixas (cada uma contendo oito coletores) e cativou algumas usuárias entusiastas, inclusive nos grupos de ativismo feministas que começavam a se articular. O célebre livro “Our bodies, ourselves” (BOSTON WOMEN'S HEALTH BOOK COLLECTIVE, 1970) chegou a sugerir o uso de Tassaway, mas em 1972 a

empresa havia decidido sair do mercado, deixando para trás algumas clientes inconformadas, como relata O'Donnell (2017):

Usuárias fiéis de Tassaway não estavam felizes com a perda de seu produto preferido. Em escritos de 1981, uma pessoa ex-funcionária da empresa estimou que mais de vinte mil mulheres escreveram cartas para a companhia nos anos seguintes ao fechamento do coletor. Algumas estavam desesperadas e às vezes até mesmo um tanto raivosas e exigentes. Uma mulher suplicou “Acuda! Eu esgotei seu produto e não consigo encontrá-lo nas prateleiras de nenhuma loja, em nenhum lugar!... Se vocês retiraram seu produto do mercado”, ela clama, “por favor me enviem um suprimento de dois anos do que lhes restou, até que sua empresa comece a vender Tassaway novamente”. Ela estava claramente incomodada “Estou cansada de ficar encharcada, manchada e coçando. POR FAVOR RESPONDA RÁPIDO!” Ao final de junho de 1977, outra mulher implorou “Vocês precisam me vender alguns ou me encaminhar para alguém que estoque seu produto. Eu não consigo viver sem ele e não há nada que chegue nem mesmo perto de comparação. Socorro!!!”. Mas essas mulheres não obtiveram resposta. O estoque remanescente de Tassaways, adquirido por atacado por grandes cadeias e farmácias locais, diminuiu enquanto consumidoras fiéis acumularam os últimos coletores. As cem mil caixas finais de Tassaway foram vendidas em lotes diretamente a mulheres individualmente<sup>76</sup>.

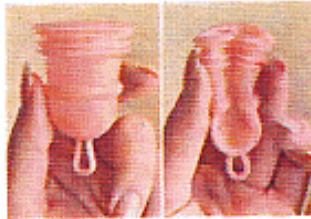
FIGURA 11: ANÚNCIO DO COLETOR TASSAWAY<sup>77</sup>

<sup>76</sup> Tradução livre. No original: “Loyal Tassaway users were not happy about losing their preferred product. Writing in 1981, a former company official estimated that more than 20,000 women wrote letters to the company in the years following the cup’s demise. Some were desperate, and even sometimes quite angry and demanding. One woman pleaded, “Help! I have run out of your product and cannot find it on the shelf of any store, anywhere! ... If you have taken your product off the market,” she urges, “please send me a two years’ supply of what you have left, until your company starts selling Tassaway again.” She was clearly distraught: “I am tired of flooding, soiling, and itching. PLEASE RESPOND SOON!” As late as June 1977, another woman begged, “You have just got to sell me some or refer me to someone who carries your product. I can’t live without it and there is just nothing that even comes close to compare with it. Help!!!”. But these women received no replies. The remaining stock of Tassaways bought in bulk by large chains and local pharmacies dwindled as loyal customers hoarded the last cups. The last 100,000 boxes of Tassaways were sold in case lots directly to individual women”. (O’DONNELL, 2017).

<sup>77</sup> Tradução livre: “Introduzindo o primeiro produto menstrual que não absorve nada. Chama-se Tassaway. Um pequeno copo que coleta seu fluxo menstrual ao invés de absorvê-lo como tampões e forros fazem. E desenhado para te proporcionar a proteção interna gentil que outros produtos menstruais não conseguem. Com Tassaway, não há mais preocupação sobre chegar ao banheiro feminino antes de um acidente. Sem mais forros volumosos, cintos ou fivelas para vestir. Sem mais papelão e fios. Tassaway é feito de material suave e flexível que é amaciado com o calor corporal. Então uma vez que você o dobra e insere, ele se adapta ao formato interior de seu corpo. O que significa que não há chance de vazamentos ou qualquer odor. E porque Tassaway coleta mais que tampões ou forros, você não precisa trocá-lo com tanta frequência. Mesmo nos dias mais pesados. Tassaway é a primeira coisa a surgir em trinta anos que não é um tampão ou um forro. É tão novo e diferente que toda a ideia pode parecer um pouco estranha para você. Mas se funciona melhor que aquilo que você vem usando todos esses anos, e nós te devolvemos seu dinheiro se você não concordar, não acha que vale uma tentativa?”.

## Introducing the first menstrual product that doesn't absorb anything.

It's called  
Tassaway?  
A little cup  
that collects  
your menstrual  
flow rather  
than absorb it



And because  
Tassaway  
collects more  
than tampons\*  
or napkins  
absorb, you  
don't have to

like tampons or napkins do.

And designed to give you the  
kind of internal protection  
other menstrual products can't.

With Tassaway, there's no more  
worrying about getting to the  
ladies' room before there's an  
accident. No more bulky pads,  
belts or pins to put up with.  
No more cardboard and strings.

Tassaway is made of a smooth,  
pliable material that is  
softened by body heat. So once  
you fold it and insert it, it  
conforms to the shape of your  
inner body. Which means there's  
no chance of any leakage.  
Or any odor.

change it as often. Even on  
your heaviest days.

Tassaway is the first thing to  
come along in thirty years that  
isn't a tampon or napkin.

It's so new and different that  
the whole idea might seem a  
little strange to you.

But if it works better than what  
you've been using all these  
years, and we give you your  
money back if you don't think  
it does, isn't it worth a try?



© Tassenz, Incorporated Beverly Hills, California

Fonte: Museum of Menstruation. Disponível em: < <http://www.mum.org/TassawayAd.gif> >. Acesso em: mar. 2019.

Enquanto a curta e pontualmente impactante existência do coletor se dava em solo estadunidense, no Brasil a década de 1970 foi marcada por duas grandes novidades: em 1974, houve o lançamento do o.b., primeiro absorvente interno produzido no país, e da marca de absorventes externos Sempre Livre, pertencente à companhia Johnson & Johnson. Nesse ano foi lançado o primeiro absorvente com cola aderente à calcinha, aposentando definitivamente o uso de cintas e alfinetes. Com o passar do tempo, diversas versões foram criadas no mercado dos absorventes: em 1979 surgiu a versão desodorante, em 1989 as opções de cobertura seca e suave, na década de 90 uma linha especial para adolescentes, além dos absorventes com abas, os de versão noturna e de versão ultrafina. No começo dos anos 2000, as novidades eram os formatos anatômicos, que se ajustam às calcinhas mais estreitas comumente usadas no Brasil, e a versão termocontrol, que anuncia evitar o abafamento da vulva. Frente a tantas inovações, Modess foi perdendo espaço a partir da década de 1990 e definitivamente foi retirado do mercado brasileiro em 2008.

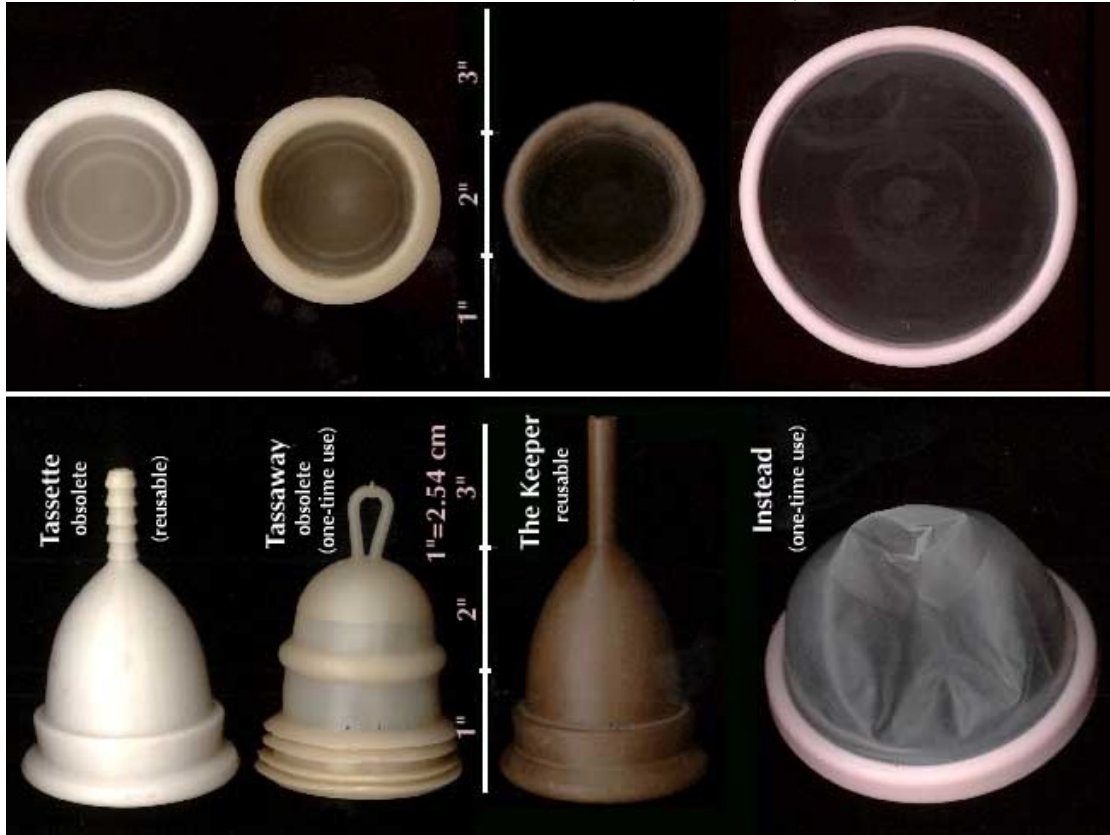
A publicidade em torno dos absorventes sempre foi profusa e a linguagem utilizada nos anúncios precisou ser criativa para tergiversar pudores. Como MIGUEL et al (2016) demonstram em análise de 157 anúncios publicitários veiculados entre 1950 e 2015 no Brasil e no exterior, estratégias de abstração das funções corporais e emprego de metáforas higienizadoras são recursos amplamente utilizados para vender tais produtos sem tensionar os estigmas vigentes. Com efeito, é inclusive reforçando o estigma menstrual que as campanhas se alicerçam. Enunciados pedagogizantes e exaltação de imagens de “mulher moderna” (diferentes de acordo com as décadas, mas invariavelmente limitantes) orientam valores sobre feminilidade<sup>78</sup>.

Enquanto os absorventes industrializados adentravam o cotidiano das mulheres a ponto de se tornarem itens presentes e inevitáveis a cada ciclo a partir da menarca, o coletor menstrual ressurgiu silenciosamente nos Estados Unidos no final da década de 1980. Em um momento no qual havia um público interessado em alternativas ecológicas aos produtos descartáveis – tanto pelos movimentos de ativismo de preservação ambiental quanto pelo pânico promovido por centenas de casos de Síndrome do Choque Tóxico pelo uso de absorventes internos – houve um ligeiro resgate dos absorventes de pano e, em 1987, Lou Crawford, antiga usuária de Tassaway (O’DONNELL, 2017) foi a responsável por desenvolver The Keeper, o primeiro coletor menstrual a obter sucesso de mercado. Reutilizável e produzido em látex, oferecia duas opções de tamanho para contemplar mulheres que haviam ou não vivido uma gestação. Em 1989, o coletor Gynaeseal foi lançado na Austrália e oferecia um aplicador para realizar a inserção, assim como o fazem algumas marcas de absorvente interno; Gynaeseal não conquistou muitas usuárias, pois esse sistema de aplicação se mostrava mais trabalhoso do que inserir com as próprias mãos. Em 1996, foi lançado nos Estados Unidos o Instead, um coletor descartável de polietileno que mais tarde passou a se chamar Softcup. Este coletor é atualmente vendido sob a marca Prudence no Brasil e é um modelo que pode ser utilizado inclusive durante sexo penetrativo, pois se aloca próximo ao colo do útero, ao contrário dos demais coletores que ficam posicionados à entrada do canal vaginal; seu formato e maleabilidade são semelhantes a um diafragma (ressalto que não é um método contraceptivo).

---

<sup>78</sup> Recentemente, o fenômeno do femvertising (“feminist advertising”, ou “publicidade feminista”) está reformulando as estratégias de marketing de grandes empresas e há bastante controvérsia sobre o uso do conceito “empoderamento” no que concerne a essas novas campanhas. Para acompanhar um estudo de caso: NASCIMENTO & DANTAS, 2015.

FIGURA 12: COLETORES HISTÓRICOS – TASSETTE, TASSAWAY, THE KEEPER E INSTEAD



Fonte: Museum of Menstruation. Disponível em: < <http://www.mum.org/MenCups.htm>>. Acesso em: mar.2019.

Finalmente, em 2002, foi lançado o primeiro coletor produzido em silicone medicinal, material hipoalergênico que passou a ser referência para coletores de alta qualidade; Mooncup, do Reino Unido, foi criado por Su Hardy. Ao longo da primeira década do século XXI, vários outros coletores foram produzidos e alcançaram bastante sucesso principalmente na Europa, Estados Unidos e Canadá. Em 2004, o canadense DivaCup foi desenvolvido por Francine e Carinne Chambers; em 2005, o finlandês Lunette foi elaborado por Heli Kurjanen. Em 2010, Mariana Betioli lançou no Brasil a primeira marca fabricada nacionalmente: Misscup, que passou a se chamar Inciclo, foi por cerca de cinco anos a única opção brasileira para aquelas que não queriam importar o produto. É bastante relevante notar o protagonismo de mulheres no empreendimento com coletores, desde Leona Chalmers na década de 1930 até as marcas atuais. Já em 1937, em um dos primeiros anúncios de Tassette, proclamava-se: “Foi preciso uma mulher para aliviar a mais penosa provação das mulheres<sup>79</sup>”.

<sup>79</sup> Tradução livre. No original: “It took a woman to ease women’s most trying ordeal”. Vintage Ads. Disponível em: <<https://vintage-ads.livejournal.com/2976225.html>>. Acesso em: mar. 2019.



FIGURA 13: ANÚNCIO DO COLETOR TASSETTE ENFATIZANDO QUE O PRODUTO FOI DESENVOLVIDO POR UMA MULHER (SETEMBRO, 1937)<sup>80</sup>

PHOTOPLAY FOR SEPTEMBER, 1937 113



Mrs. Leona W. Chalmers  
invents *invisible protection* . . . so comfortable you'll never feel it . . . so secure you'll always be 'at ease!

## IT TOOK A WOMAN

*to ease women's most trying ordeal*

**BULKY** devices for sanitary protection have always caused women extreme concern. The natural, periodic function usually is not half so painful to the modern, active women as the fear of uncleanness and odor, and the possible irritation of insecure pads.

Mrs. Leona W. Chalmers, authority on internal hygiene and author of "The Intimate Side of a Woman's Life," decided to do something about it . . . and she did!

Guided by gynecologists and other physicians who have made a study of the delicate female organs, Mrs. Chalmers created the Tass-ette.

Today, this soft, pure-rubber cup offers mature women scientifically safe, sanitary protection. It banishes fear of odor and uncleanness. It completely eliminates the problem of disposal. Physicians recommend it for its non-irritating qualities.

No belts, no pins, no pads. Regular users of the Tass-ette say they never feel it, it is so comfortable; they never think of it, it is so safe; they enjoy peace of mind because it is invisible.

The Tass-ette is made in one size. Only one dollar . . . and you use it month after month.

If your druggist hasn't yet received his stock of Tass-ettes, mail us one dollar and we'll be glad to send you a Tass-ette in a plain package, and a FREE copy of the new booklet, "The Conquest of Feminine Discomfort," which fully illustrates and describes the use of this amazing, new protection. Mail the coupon today.

**DAVOL**  
*Tass-ette*

DAVOL RUBBER COMPANY  
Dept. O-1 - Providence, R. I.

Send me FREE a copy of "The Conquest of Feminine Discomfort." . . .

Send me a Tass-ette with complete instructions; I enclose \$1.00. . . .

Name \_\_\_\_\_  
Address \_\_\_\_\_  
City \_\_\_\_\_ State \_\_\_\_\_



ACCEPTED FOR ADVERTISING BY AMERICAN MEDICAL ASSOCIATION PATENT PENDING

This offer expires September 1, 1937

Fonte: Vintage Ads. Disponível em: <<https://vintage-ads.livejournal.com/2976225.html>>. Acesso em: mar. 2019.

<sup>80</sup> Tradução livre: "Sra Leona W. Chalmers inventa proteção invisível... tão confortável que você nunca irá senti-la... tão segura que você sempre ficará à vontade! Foi preciso uma mulher para aliviar a mais penosa provação das mulheres./ Dispositivos volumosos para proteção sanitária sempre causaram extremo concernimento às mulheres. A função natural e periódica normalmente não é nem pela metade tão dolorosa para a mulher moderna e ativa quanto o medo de sujeira e odor e as possíveis irritações de forros inseguros. Sra Leona W. Chalmers, autoridade em higiene interna e autora de "O lado íntimo da vida da mulher", decidiu fazer algo a respeito... e ela fez! Guiada por ginecologistas e outros médicos que realizam um estudo dos delicados órgãos fêmeos, Sra Chalmers criou o Tass-ette. Hoje, esse coletor macio de borracha pura oferece às mulheres maduras proteção sanitária cientificamente segura. Ele bane o medo de odor e sujeira. Ele elimina completamente o problema de descarte. Médicos o recomendam por suas qualidades não-irritantes. Sem cintos, sem fivelas, sem forros. Usuárias regulares de Tass-ette dizem que nunca o sentem, pois é tão confortável; nunca pensam sobre ele, pois é tão seguro; elas aproveitam paz mental porque ele é invisível. Tass-ette é feito em tamanho único. Apenas um dólar... e você o usa mês após mês. Se seu farmacêutico ainda não recebeu seu estoque de Tass-ettes, nos envie um dólar e nós iremos felizmente despachar a você um Tass-ette em pacote discreto e uma cópia GRÁTIS de novo livreto "A conquista sobre o desconforto feminino", que ilustra e descreve completamente o uso dessa incrível, nova proteção. Envie seu cupom hoje/ Tass-ette/ Aceito para publicidade pela Associação Médica Americana/ Patente solicitada".

Em 2019, existem seis marcas de fabricação brasileiras. São elas: Inciclo, Fleurity, Violeta Cup, FreeCup, Korui e Lumma. Esta última oferece um coletor próprio para sexo penetrativo em versão reutilizável, o que é novidade no mercado<sup>81</sup>. Acompanhei o lançamento e recepção de algumas dessas marcas desde 2015. É muito recente a expansão desse mercado e é notável a abundante variedade de modelos que atendem a diferentes necessidades. Hoje, é possível escolher entre marcas nacionais de acordo com diversos critérios: formatos, ranhuras, comprimentos, bordas, diâmetros, texturas, cabinhos, furos de vedação, capacidade de volume, gradação em mililitros, maleabilidade ou rigidez, venda física ou por internet e, é claro, preço. Há controvérsias sobre o uso de corantes na fabricação de coletores, mas é comum que cor seja também um critério entre consumidoras (inclusive para aquelas que deliberadamente optam pelos transparentes). Além disso, algumas dessas marcas ampliam seus negócios abrangendo o incipiente comércio de absorventes de tecido, calcinhas e biquínis menstruais e acessórios para higienização de coletores. A publicidade dessas marcas acompanha a efervescência das mídias digitais e aposta nas plataformas onde há interação direta entre as consumidoras, como Facebook, Instagram e Youtube. Uma análise das estratégias simbólicas, argumentativas e afetivas mobilizadas pelas campanhas publicitárias dos coletores ainda está para ser feita e deixo aqui como sugestão de tema para comunicólogas interessadas<sup>82</sup>.

FIGURA 14: MOONCUP (PRIMEIRO COLETOR PRODUZIDO EM SILICONE) E MISSCUP (PRIMEIRO COLETOR BRASILEIRO)

---

<sup>81</sup> Também conhecido como coletor cervical ou disco cervical. Atualizo a informação de que a marca Inciclo também está lançando um coletor desse modelo em novembro de 2019, com o nome “Lovin”.

<sup>82</sup> Como aponta Felitti, os discursos publicitários acerca do coletor menstrual atualmente são muito diferentes daqueles mobilizados no início do século XX por Tassette: “Chalmers buscaba facilitar el deporte durante la menstruación y ofrecer una ‘protección invisible’ que diera confianza a las mujeres. En una publicidad se afirmaba que la copa podía evitar la ‘pesadilla’ de la menstruación, ‘el terror del olor, el sentimiento de impureza’ (MUM web), beneficios muy distintos, opuestos incluso, a los que difunden las promotoras de este dispositivo en la actualidad”. (FELITTI, 2016, p. 182).



Fonte: Tn2Magazine & Misscup Campinas. Disponível em: <<https://www.tn2magazine.ie/mooncup-review/>> & <<http://misscupcampinas.blogspot.com/>>. Acesso em: 2019.

FIGURA 15: COLETORES DE FABRICAÇÃO BRASILEIRA, PRIMEIRO SEMESTRE DE 2019 – RESPECTIVAMENTE, INCICLO, FLEURITY, KORUI, VIOLETA CUP, FREECUP E LUMMA (EM TRÊS VERSÕES)



Fonte: Papo de Copinho. Disponível em: <<https://youtu.be/B1BniiHArYg>>. Acesso em: mar. 2019.

### 3.2 ESCOLHA METODOLÓGICA E PERCURSO DA PESQUISA

Para investigar a questão orientadora desta pesquisa, a saber, se a emergência do coletor menstrual vem transformando as ordens prático-simbólicas da menstruação vigentes, elenquei como objetivos específicos: 1) analisar as características próprias do coletor que demandam conhecimento e toque do corpo e do fluxo, tensionando os estigmas menstruais e aquilo que Young (2005) denomina “alienação corporal” e 2) analisar a construção desse



conhecimento que, em observação prévia (acompanhamento de redes sociais nas mídias digitais desde 2015), apresenta-se de maneira horizontalizada em “redes de mulheres”, desafiando as normas de etiqueta menstrual (YOUNG, 2005), os imperativos de manter a menstruação sob a alcunha do “segredado” (FÁVERI & VENSON, 2007) e rearticulando forças na disputa pelo poder simbólico da menstruação (SARDENBERG, 1994) assim como os discursos legítimos sobre corpo, saúde, sexualidade e autonomia, principalmente no que concerne à autoridade médica e midiática frente à percepção corporal desenvolvida pelas mulheres usuárias do copinho.

Sendo assim, decidi que a técnica metodológica em consonância mais afinada para essa perspectiva é a realização de grupos focais, uma vez que tal ferramenta poderia permitir acessar esse tipo de conhecimento em rede no momento mesmo da pesquisa. Em um primeiro instante, planejava trabalhar a partir de uma série de entrevistas com mulheres usuárias de coletor menstrual, mas constatei que esse formato individualizado não contemplaria a proficuidade que os grupos poderiam fomentar, alinhados à própria lógica já encontrada nas mídias digitais e àquilo que identifiquei a respeito da construção dos conhecimentos sobre coletores, corpos e menstruação. Dessa maneira, a escolha metodológica dos grupos focais é baseada nas características intrínsecas do assunto pesquisado e como ele se apresenta. Luciana Kind (2004), em artigo orientador para o uso da técnica do grupo focal, enfatiza o caráter relacional do procedimento; os dados obtidos são diferentes de uma compilação de entrevistas individuais num mesmo espaço físico. As informações produzidas pelos grupos focais surgem justamente a partir do diálogo, da troca, da escuta, da interação, da experiência compartilhada e da discussão. Da mesma maneira, o acesso, escolha, informações para adaptação, técnicas corporais, queixas e soluções para o uso dos coletores são elaboradas a partir desses recursos coletivos muito mais do que num percurso isolado (busca solitária e/ou passividade frente a informações) ou num sentido hierárquico (figura que pressupõe deter conhecimento instruindo a figura supostamente ignorante).

Os grupos focais utilizam a interação grupal para produzir dados e *insights* que seriam dificilmente conseguidos fora do grupo. Os dados obtidos, então, levam em conta o processo do grupo, tomados como maior do que a soma das opiniões, sentimentos e pontos de vista individuais em jogo. Apesar disso, o grupo focal conserva o caráter de técnica de coleta de dados, adequado, *a priori*, para investigações qualitativas. [...] Tomemos, então, o grupo focal como um procedimento de coleta de dados no qual o pesquisador tem a possibilidade de ouvir vários sujeitos ao mesmo tempo, além de observar as interações características do processo grupal. Tem como objetivo obter uma variedade de informações,

sentimentos, experiências, representações de pequenos grupos acerca de um tema determinado. (KIND, 2004, p. 125).

A autora salienta que a técnica de grupos focais é indicada quando a interação pode fomentar respostas mais interessantes que o discurso isolado; quando a pressão de participantes homogêneos facilita suas reflexões e também incita opiniões contrárias; quando o tema não é tão delicado a ponto de constranger respostas; e quando todos os participantes estão aptos a discutir o assunto (KIND, 2004, p. 127). Essas condições são contempladas em minha escolha de recorte para composição da amostra; para Aschidamini & Saupe (2004, p. 10) “a amostra é intencional e os critérios (sexo, idade, escolaridade, diferenças culturais, estado civil e outros) podem variar, devendo, todavia, ter pelo menos um traço comum importante para o estudo proposto”. Elenquei como fator comum entre as participantes a situação de usarem coletor menstrual; não importava se gostavam ou não, se se consideravam bem adaptadas ou não, a extensão do período de tempo desde que o adquiriram ou se utilizavam outros dispositivos concomitantemente. O único critério era que tivessem alguma experiência com o uso do coletor menstrual.

Aschidamini & Saupe (2004, p. 10) também enfatizam a importância de que a decisão para participar de um grupo focal deve ser individual e livre de coação, cabendo à pesquisadora explicitar as condições da pesquisa e cuidados éticos acionados. Iniciei o processo de chamada para os grupos no começo de dezembro de 2018 e recorri a redes já conhecidas em Salvador e na internet para divulgar a pesquisa e convocar usuárias de coletor. Assim, elaborei um panfleto onde me apresentava e indicava a proposta da pesquisa e o divulguei em grupos no Facebook e WhatsApp sobre coletores menstruais, ginecologia política, antropologia feminista e estudos de gênero, além de contar com a ajuda de colegas mestrandas, vizinhas e conhecidas na cidade, inclusive uma revendedora de coletores que poderia me colocar em contato direto com outras usuárias. Estive ciente de que essa divulgação implicaria num recorte das mulheres acessadas; seriam mulheres já engajadas nesses assuntos. Ainda assim, em minhas observações das redes sobre o copinho sempre foi notável o entrelaçamento entre usuárias do dispositivo e circuitos feministas. Entendi que esse não seria um problema de amostra, desde que eu evidenciasse no texto tal circunstância.

Em uma semana, obtive resposta de nove mulheres e procurei conciliar suas disponibilidades de horário para marcarmos o primeiro encontro. Sete delas indicaram poder participar no dia 19 de dezembro à noite. Enquanto isso, encarei a questão de encontrar um

lugar propício para a reunião. Kind (2004, p. 129) aconselha que “o ambiente ideal para a realização de grupos focais deve: propiciar privacidade; ser confortável; estar livre de interferências sonoras; ser de fácil acesso para os participantes”. Além disso, Aschidamini & Saupe (2004, p. 11) recomendam que “o local deve ser neutro, isto é, fora do ambiente de trabalho e/ou convívio dos participantes e de fácil acesso”. A princípio, considerei realizar o encontro na Universidade Federal da Bahia, mas a opção me desagradava tanto pelo teor de formalidade que tal ambiente poderia representar para algumas participantes quanto devido à minha própria trajetória nesse espaço; o desenrolar de minha pós-graduação foi marcado por graves períodos de afastamento nos quais estive adoecida e priorizei o cuidado com a saúde física e emocional. Por mais que à época de dezembro eu estivesse convictamente disposta e ativa nos estudos e frequentasse ocasionalmente o campus da universidade, ainda assim aquele não era um lugar no qual me sentia suficientemente confortável para produzir o encontro. A segunda opção era em minha própria residência, onde eu tinha condições de receber visitas; essa possibilidade também não contemplava minhas premissas, pois considerei cuidadosamente que as informações pessoais presentes num espaço doméstico poderiam provocar constrangimentos das participantes em relação a mim e também o contrário.

Por fim, tive a chance de encontrar um amigo que se interessou em meu estudo e ofereceu acesso ao espaço cultural que promove no Pelourinho. Agradeço com todo carinho a Pedro Mota, que cedeu generosamente uma sala no Espaço D IDEIA #aoseuredor<sup>83</sup>, no Centro Histórico de Salvador. A localização não apenas era de fácil acesso às participantes, como também afagava um espaço afetivo para mim, pois ali aos arredores, no bairro do Santo Antônio Além do Carmo, encontrei minha primeira morada soteropolitana e fui acolhida nesta cidade. Conheci o local previamente e articulei providências para melhor receber as participantes; decidi que nos sentaríamos em círculo no chão sobre almofadas e esteiras, tomando o cuidado de disponibilizar também cadeiras caso alguém se sentisse assim mais

---

<sup>83</sup> Em apresentação no site do estabelecimento: “No espaço circundante, ocorre todo tipo de manifestação que o sentido humano utiliza como referência da própria existência. A conexão e a troca entre os seres quaisquer, a interpretação além da emissão da mensagem, a ilusão, o gesto, o senso comum, correntes magnéticas numa troca de olhares... Por que você se sente envolvido nisso? Por que entende, por que reage? Por que você existe? #Aoseuredor é o exercício de observação e assimilação das mensagens do ambiente que nos rodeia, da compreensão dos movimentos humanos e elaboração das novas ideias para, como um espelho, refletir a identidade de Salvador como inspiração pra ela mesma. DIDEIA #aoseuredor, então, é uma REDE DE COLABORADORES empenhados em provocar o intercâmbio das retóricas firmado na identidade e na colaboração coletiva pelo esforço de transformação social sem relação convencional com as lógicas de mercado” Disponível em: <[https://www.dideia.org/a-ideia?fbclid=IwAR3y52LwGoyh16q7u8grFQ2JsQv4vdsyGxI4\\_I8HkBiN-jm6tfrv7kC8pA](https://www.dideia.org/a-ideia?fbclid=IwAR3y52LwGoyh16q7u8grFQ2JsQv4vdsyGxI4_I8HkBiN-jm6tfrv7kC8pA)>. Acesso em: abr. 2019.

confortável. A ideia era promover um ambiente agradável e íntimo, evitando as conotações rígidas que “pesquisa acadêmica” tende a implicar. Planejei um café e algumas frutas e quitutes para o encontro.

Infelizmente, no dia 19 recebi várias mensagens de desistência e optei por postergar a reunião, receosa de que não houvesse quórum suficiente. Com ligeira ansiedade, sugeri um encontro no sábado de manhã, dia 22 de dezembro. Nesse ínterim, criei um grupo de WhatsApp para manter comunicação com as participantes e entre elas; até então estava gerenciando conversas individuais. Esperava assim que a confirmação da presença de cada uma reforçasse o compromisso entre todas, além de poder tirar dúvidas gerais de maneira mais eficiente. Quatro haviam confirmado até sexta-feira e duas haviam indicado um “talvez”, o que já era uma quantidade ótima para o encontro. Ainda assim, sabia que aquele era o sábado anterior às festividades natalinas e que muito provavelmente algumas cancelariam. No sábado pela manhã recebi mais uma vez notícias de desistência. Foi oportunidade de exercitar a calma e a perseverança; afinal, já estava alerta de que era muito plausível que isso fosse acontecer. Sabia também que a partir dali até o fim da primeira semana de janeiro não conseguiria promover nenhum encontro, então reforcei entre as mulheres interessadas a proposta de nos reunirmos no mês seguinte e, enquanto isso, dediquei-me a ampliar a divulgação das chamadas a fim de atingir mais mulheres. Fiz algumas alterações no panfleto e escolhi substituir o termo “grupo focal” por “roda de conversa”, ainda explicitando o caráter de pesquisa acadêmica e minha condição de mestranda. Acredito que o segundo termo foi mais atrativo.

Logo na primeira semana do ano, conseguimos acordar um encontro para o dia 09 de janeiro, uma quarta-feira à tarde. Mais mulheres haviam entrado em contato e o grupo no WhatsApp estava maior. Desta vez, decidi que realizaria a reunião mesmo que algumas desistissem. Seria ocasião de testar as capacidades de diálogo dentre o número de participantes que se apresentassem. Em preparação para o encontro, elaborei um roteiro de perguntas e convidei minha colega do PPGNEIM, Gabriela Monteiro, para participar como relatora do grupo. Agradeço com todo o coração à disponibilidade e amizade de Gabi, que sempre foi fundamental em minha trajetória acadêmica e na vida soteropolitana, presenteando-me com sua generosa parceria desde a seleção para o mestrado em 2016. Com ela discuti previamente algumas ideias para elaboração do roteiro e ouvi suas experiências de trabalho com grupos focais em sua atuação como assessora no Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste. Gabi me inspirou e me fortaleceu. Ela acompanha minha

pesquisa desde o projeto de seleção até o texto entregue para qualificação, compartilhando comigo suas próprias experiências nas tentativas de se adaptar ao coletor menstrual e me auxiliando nos impasses acadêmicos e emocionais. Sua função como relatora era me ajudar a traçar estratégias para os próximos encontros, possibilitando uma avaliação de minha postura na condução das conversas e na eficiência do roteiro proposto. Assim define Kind (2004, p. 130):

O observador é fundamental para validar a investigação que utiliza grupo focal. Um dos papéis mais importantes do observador é analisar a rede de interações presentes durante o processo grupal. Cabe a ele, também, apontar as reações do moderador com relação ao grupo, suas dificuldades e limitações. [...] Assim como no caso do moderador, o conhecimento prévio do tema auxilia no registro que cabe ao observador. O papel principal do observador é viabilizar a discussão após o término do grupo com o moderador, quando o primeiro expõe suas impressões e registros, com o intuito de redefinir o temário, evitar conclusões precipitadas por parte do moderador, avaliar as intervenções feitas, etc.

A partir da avaliação da relatoria após o primeiro encontro, pude reparar aprimoramentos necessários no roteiro de perguntas que propunha frente às lacunas constatadas no diálogo entre as pesquisadas. Com auxílio de minha orientadora, redefini o temário para os encontros seguintes a fim de otimizar o tempo disponível para os grupos e perscrutar minhas categorias de análise com estratégias que fossem sutis e reveladoras. O roteiro teve um formato semi-estruturado, dividido em três blocos. Apliquei as perguntas de acordo com o fluxo das conversas, mantendo livre a ordem dos questionamentos, desde que verificasse que as informações a ser obtidas estivessem em diálogo. Acrescentei ou suprimi questões ao passo em que as discussões se encaminhavam, respeitando a criatividade dos assuntos que as mulheres traziam à roda. Cada encontro teve duração em torno de duas horas e meia. O modelo padrão do roteiro pode ser encontrado na seção “Apêndice” (p. 165).

Também foi em diálogo com relatora e orientadora que pude refletir sobre os limites de minhas falas nos encontros, procurando constantemente me adaptar às demandas das mulheres participantes e mensurar a pertinência de dividir com elas minhas próprias experiências com o coletor menstrual. De acordo com meu posicionamento epistemológico, sempre estive engajada em promover trocas que evitassem perpetuar uma enganosa e improficua separação de autoridade entre pesquisadora e pesquisadas; desde o princípio explicitiei minha condição de usuária de coletor e foi somente na prática dos grupos que assimilei a adequação do compartilhamento de minhas experiências e reflexões pessoais em

resposta ao perfil de cada um dos encontros, zelando pelo cuidado de me manifestar apenas após ouvir as respostas das mulheres participantes. Notei que relatar meus processos de descobertas e adaptação com o coletor menstrual impulsionava o diálogo em direção a um ambiente de conforto e descontração. Para tanto, era imprescindível salientar a diversidade das experiências a partir dos próprios exemplos que elas traziam e enfatizar que não havia respostas “certas” ou “erradas” às minhas perguntas. Estou de acordo com Farganis (1997, p. 230), que defende o “reconhecimento de que ambos, o observador e o observado, têm biografias sociais específicas, que cada um é uma pessoa concreta, encarnada num corpo e ocupando um momento no tempo, e que, portanto, cada um tem seus valores”. Ao posicionar minhas impressões, eu esperava permitir às participantes que realizassem suas próprias leituras sobre minha figura e interagissem em diálogo a um ponto de vista estabelecido. Assim, afasto-me da pretensão de onisciência e, ao revelar minhas dúvidas, causos e curiosidades, procuro localizar os saberes veiculados:

gostaria de sugerir como isso nos permite construir uma doutrina utilizável, mas não inocente, da objetividade. Quero uma escrita feminista do corpo que enfatize metaforicamente a visão outra vez, porque precisamos resgatar este sentido para encontrar nosso caminho através de todos os truques e poderes visualizadores das ciências e tecnologias modernas que transformam os debates sobre a objetividade. Precisamos aprender em nossos corpos, dotados das cores e da visão estereoscópica dos primatas, como vincular o objetivo aos nossos instrumentos teóricos e políticos de modo a nomear onde estamos e onde não estamos, nas dimensões do espaço mental e físico que mal sabemos como nomear. Assim, de modo não muito perverso, a objetividade revela-se como algo que diz respeito à corporificação específica e particular e não, definitivamente, como algo a respeito da falsa visão que promete transcendência de todos os limites e responsabilidades. A moral é simples: apenas a perspectiva parcial promete visão objetiva. Esta é uma visão objetiva que abre, e não fecha, a questão da responsabilidade pela geração de todas as práticas visuais. A perspectiva parcial pode ser responsabilizada tanto pelas suas promessas quanto por seus monstros destrutivos. Todas as narrativas culturais ocidentais a respeito da objetividade são alegorias das ideologias das relações sobre o que chamamos de corpo e mente, sobre distância e responsabilidade, embutidas na questão da ciência para o feminismo. A objetividade feminista trata da localização limitada e do conhecimento localizado, não da transcendência e da divisão entre sujeito e objeto. Desse modo podemos nos tornar responsáveis pelo que aprendemos a ver. (HARAWAY, 1995, p. 21).

No primeiro encontro, foi bastante desafiador regular tais intervenções, mas descobri que cada um dos grupos demonstrava diferentes expectativas quanto a me ouvir. Esse foi um aspecto bastante instigante na pesquisa e fico muito satisfeita em poder desenvolver essa habilidade pendular de expressão e escuta. Enquanto moderadora, minha tarefa era manter os grupos em interação. Kind (2004, p. 129) assinala que

o estilo de moderação diz respeito à atitude e ao comportamento do moderador diante do grupo (mais amigável, provocativo, mais ativo, menos ativo, etc.). Muitas vezes, é o ritmo do grupo que determina o estilo de moderação. Um moderador mais experiente pode mudar seu estilo quando o grupo o exige.

Esse ajustamento ficou evidente ao longo dos diferentes encontros realizados. Foi muito gratificante constatar que reuni mulheres com vivências bastante distintas com o coletor menstrual e como cada encontro articulou modos característicos de comunicação entre as participantes no desenrolar das conversas. Apresentarei os grupos em diante.

### 3.3 GRUPOS FOCAIS: ADAPTAÇÃO, DESENVOLTURA E ASSERTIVIDADE

A partir desta seção, irei reproduzir por completo alguns trechos dos encontros; destacarei em *itálico* expressões que examino como valiosas perante as questões levantadas. Uma vez que os dados obtidos por grupos focais são produto da interação entre participantes, considero imprescindível manter em texto essas dinâmicas; se minha escolha metodológica foi por uma ferramenta coletiva de construção de dados, não gostaria que a apresentação desses dados se desse de modo desagregado, escondendo o sentido dialógico das informações obtidas. Expor esses diálogos pormenorizadamente é também uma estratégia para permitir que as pessoas que leiam meu texto façam suas próprias interpretações sobre as contradições, repetições, interrupções, vocabulário, hesitações, insistências, discordâncias, ênfases e interações nas falas das participantes. Dada minha perspectiva tão intrincada ao tema da pesquisa enquanto assídua usuária de coletor menstrual, acredito que trazer trechos demasiadamente fragmentados para a versão final do texto poderia comprometer o investimento mínimo de confiança narrativa necessário do público leitor.

Reconheço que minha experiência com o dispositivo integra esta dissertação desde seu princípio, pois foi inserindo um copinho em minha vagina, tocando meu sangue, sentindo seu cheiro, descartando-o na pia ou em vasos de plantas, observando as diferenças de volume de

meu fluxo a cada mês e acompanhando grupos de discussão sobre coletoras ao longo de pelo menos quatro anos que passei a elaborar perguntas que se tornassem tópicos de pesquisa. Graças a este “conhecimento visceral sobre o universo em escrutínio” (WACQUANT, 2011, p. 17) fui capaz de levantar hipóteses sobre transformações nas ordens prático-simbólicas da menstruação. Ao mesmo tempo, esforço-me para que minha experiência não seja o fio condutor da análise<sup>84</sup> e acredito que apresentar conversas em extensão é oferecer uma oportunidade para que quem leia realize ponderações próprias sobre os discursos dessas mulheres. Acredito que toda leitura deve ser feita a partir um olhar de suspeita; aqui explico as condições de meu ponto de vista para informar esse olhar.

Além disso, a escolha de exposição minuciosa é uma atitude em sentido oposto ao costume definido por Fáveri & Venson (2007) de conservar os assuntos do sangue menstrual no âmbito do “segredado”. Minha intenção é não apenas comentar as falas dessas mulheres, mas principalmente viabilizar acesso às suas palavras. Como já afirmei, não considero que a menstruação sofra monolítico “silenciamento”, mas regulamento e disciplinarização constantes através de diferentes instâncias que exercem efeito de conjunto. Tanto o corriqueiro uso de eufemismos para se referir ao fluxo quanto as normas de etiqueta menstrual vigentes são indícios da manutenção da menstruação sob tais condições de ocultamento e vergonha. Espero que o registro das conversas promovidas por esta pesquisa colabore para o tensionamento das fronteiras dessas condições e inspire leitoras a questionar seus próprios limites no que concerne à prática de dialogar acerca de seu sangue, ciclo e corpo. Eis aqui amostras (ainda) extraordinárias de mulheres conversando sobre menstruação.

### 3.3.1 ADAPTAÇÃO

---

<sup>84</sup> Nessa sociologia carnal, avalio os conselhos de Wacquant: “'vire nativo, mas 'vire nativo armado', ou seja, equipado com suas ferramentas teóricas e metodológicas, com um estoque cheio de problemáticas herdadas da sua disciplina, com capacidade de reflexividade e análise e guiado, uma vez que você tenha passado pelo drama da iniciação, por um esforço constante para objetivar a experiência e construir o objeto ao invés de se permitir ser ingenuamente tornado e construído por ele. Vá em frente, vire nativo, mas retorne sociólogo!” (WACQUANT, 2011, p. 15).



Escolhi denominar cada grupo com uma palavra que exprimisse o fluxo das conversas. O primeiro, realizado no dia 09 de janeiro com Lena, Luana, Bianca e Joane<sup>85 86</sup>, recebe o nome de “adaptação”. Essa é a leitura que realizei tanto sobre cada uma das participantes no que concerne às suas relações com o coletor, quanto sobre o próprio ritmo de interação no encontro. Era também a minha adaptação na realização dos grupos focais. O diálogo transcorreu em ritmo hesitante; de início, as questões pareciam ser respondidas mais em minha direção do que coletivamente. Eu notava que elas esperavam que eu guiasse uma ordem de respostas e houve momentos curtos de silêncio a cada etapa de perguntas que atravessávamos. Nesses instantes, deparei pela primeira vez com a expectativa que eu dividisse meus conhecimentos<sup>87</sup> sobre coletores e assim fui aprendendo a mensurar minhas colocações. O desenrolar comedido da conversa produziu reflexões detalhadas, pausadas e também reveladoras; houve ocasiões em que as mulheres ali presentes afirmavam estar acessando memórias outrora despercebidas graças à escuta dos relatos alheios.

JOANE: engraçado a gente conversando essas coisas fica com vontade de fazer, sei lá... “a história de sua menstruação”... não é... que eu nem me lembrava disso, mas quando vocês começaram a falar eu lembrei

As justificativas de tomada de decisão em contribuir no grupo focal demonstravam seus anseios em dialogar presencialmente com outras mulheres acerca do uso dos coletores e indicavam vontade de aprimorar seus manejos do copinho.

LUANA: eu conheci Letícia na oficina de Cibele, na última que eu fiz também, lá na Casa Guió... e aí teve um momento lá na oficina que a gente se apresenta também, ela falou um pouquinho da pesquisa dela, já me chamou atenção... achei muito bacana ela poder estar estudando isso... *a gente ter gente pesquisando isso* e... deixa eu ver o que mais... só tem uns dois anos, eu acho, que eu uso o coletor, acho que mais na frente ela vai perguntar né, a gente vai poder trocar... mas o outro interesse também de estar aqui hoje é porque eu *estava sentindo falta de estar entre mulheres... e isso pesa bastante do ano passado pra cá, com tudo né, que a gente vem passando...* eu tava “meu deus, preciso, preciso”... também foi um outro motivo

<sup>85</sup> A fim de preservar o caráter de anonimato da pesquisa, utilizo nomes fictícios para todas as participantes.

<sup>86</sup> Lena – 27 anos, psicóloga e arteterapeuta; Luana – 29 anos, gestora de saúde coletiva; Bianca – 29 anos, musicista; Joane – 34 anos, educadora política e escritora.

<sup>87</sup> Não endosso uma separação hierárquica entre pesquisadora e pesquisadas (ou “sujeito” sobre “objeto”), mas reconheço que há marcações e expectativas que se movimentam nesses encontros. Era evidente que ali eu ocupava uma posição que as faziam me considerar uma “especialista” no assunto, especialmente esse grupo cujas participantes apresentavam ansiedade em aprimorar sua experiência com o coletor.

de estar aqui, mas também porque tem algumas coisas específicas né do coletor mesmo, que eu acho bacana, inclusive dúvidas que eu tenho e também poder ouvir vocês, eu sei que vai ser muito bom... *conhecer outras experiências* de outras mulheres... converso pouco sobre isso, que algumas amigas que eu tenho, tentei inclusive compartilhar né, pra estimular o uso... algumas não se adaptaram, outras usam sim, mas... *eu gostaria de trocar mais sobre isso*

LENA: [...] e eu vim muito por interesse também, tanto nessa perspectiva de compartilhar, de ouvir de vocês como é que está isso... porque pra mim, eu ainda tenho algumas dificuldades em usar o coletor... eu não sei se é o que eu estou usando, se tá apropriado... então, eu acho... seria um momento muito bacana... eu uso também há uns dois anos, mais ou menos... mas para mim também ainda é um pouco... desafiador, eu ainda intercalo com o.b.

Quando Luana menciona “do ano passado pra cá”, ela faz referência ao período eleitoral de 2018, tema sobre o qual conversávamos pouco antes de iniciar a roda sobre coletores. Anteriormente, minha intenção era promover os grupos focais no mês de novembro do ano passado, mas a efervescência política e sentimentos compartilhados de desolação nos meios feministas (inclusive usuárias de coletor) exigiu que retraçasse meus planos. Fiquei comovida com a motivação de Luana em estar presente e reconheço em mim o fôlego e potência despertados por esses encontros de mulheres voltados à discussão de saberes e autonomia sobre o corpo; é algo que eu também “preciso, preciso”. Além disso, senti-me amparada e agradecida às demais participantes, que afirmaram estar motivadas a colaborar com a pesquisa a partir de um senso de solidariedade acadêmica.

BIANCA: eu fui despejando todas as coisas do coletor já né [risos] não sei, acho que todo mundo aqui faz pós-graduação, acho que esse foi um dos motivos que eu vim... que é difícil né... pesquisar, principalmente quando tu precisa de opinião de outras pessoas né, desse feedback... como é difícil conseguir esse feedback

Uma característica comum entre as participantes desse grupo é que todas relatavam graves alergias aos produtos descartáveis e encontraram no coletor uma alternativa para tal problema. Bianca, que utiliza coletor menstrual há cerca de dez anos, priorizou o uso do copinho ao encarar desajustes entre esse dispositivo e o método contraceptivo que escolhia:

BIANCA: eh, eh... eu... foi muito bom pra mim o coletor porque meu fluxo sempre foi muito, assim, pequeno, foi muito pouco... e o absorvente externo, aquele normal, ele fazia muito mal pra minha pele, irrita a pele... é um horror aquilo né... e aí o o.b. também não servia porque mesmo o mini ficava... me secava toda também e irritava... então quando eu descobri o coletor, não tinha no Brasil ainda, eu comprei um da Finlândia e eu pensei “*meu deus, isso vai salvar minha vida*”, porque eu até

tinha tomado, eu comecei acho que, sei lá, com 16 anos a tomar depo... Depo Provera, aquele de três em três meses pra parar de menstruar... mas aí não dava mais... eu tinha, tinha até a prescrição médica para não ficar tomando muito tempo, de parar... eu falar “ai meu deus, vou ter que fazer isso”... e aí que descobri o coletor e aí foi ótimo... e sempre usei, usei inclusive durante... tinha uma época em que eu tinha o DIU de cobre... usei por dois anos o DIU de cobre com o coletor, com a minha ginecologista dizendo “isso vai dar merda, isso vai dar merda” até que um dia deu merda... fui tirar o coletor e veio o DIU junto... fazer o quê... e aí continuo... continuo com o coletor, inclusive a médica falou “ah podemos botar de novo”... porque eu gosto realmente desse método de anticoncepcional né, o DIU... pra evitar hormônio e tal, mas... *no fim eu poder continuar usando o coletor pesou mais*

O coletor menstrual pode ser utilizado concomitantemente ao DIU (dispositivo intrauterino), como inclusive sua experiência de dois anos atesta; a cautela necessária é que o fio do contraceptivo que sai pelo colo do útero tenha um comprimento curto para que não seja agarrado durante a retirada do copinho. Com esse cuidado, os dois dispositivos podem ser empregues. Ainda assim, a titubeante capacidade de percepção dos acontecimentos do corpo parece ser o que mais afligia Bianca, que recorria à sensação de segurança depositada nas tecnologias médicas:

BIANCA: então, o problema do DIU com o coletor é que o coletor faz essa pressão né e aí tem que tirar o vácuo do coletor antes de tirar o coletor... então tem uma tecnicazinha lá, que até minha ginecologista falou “enfia o dedão lá”... eu tenho o colo bem baixo, então pra mim não foi muito difícil... você enfia o dedão lá do ladinho e dá uma apertada pra sair o vácuo e depois puxa... mas era um controle... *eu tava numa paranoia constante de que ia sair do lugar...* eu acho que eu tive o DIU por dois anos, um pouco mais de dois anos... eu acho que eu fiz uns cinco ultrassons... porque me batia uma paranoia, assim, do nada eu sentia uma cólica, eu pensava “ai meu deus, perfurou meu útero, ai meu deus” e aí eu ia correndo na gineco pra fazer ultrassom... transvaginal pra ver se tava no lugar... nunca tinha saído do lugar, até que um dia veio junto com... com o coletor... e eu me lembro de tipo... eu achei que se um dia se fosse sair, se fosse mover ,eu ia passar muita dor... tava ali na minha mão o negócio, não senti dor nenhuma... simplesmente veio junto... e aí como... até como eu passei muita aflição por causa disso eu decidi que... não sei se o DIU vai ser pra mim nessa... nessa encarnação [risos] porque era muita aflição, porque né

LETÍCIA: você ficava insegura?

BIANCA: eh, eu ficava insegura, não era nem pela questão da gravidez, era essa questão de que o DIU também... eu usava o DIU de cobre, que ele é maior do que o hormonal e tal... quando dá errado de tipo... perfura o útero e alguma coisa... pode ser bem complicado, eu tinha uma paranoia que ia perfurar... e aí... até que saiu e sei lá... eu continuei com o copinho... eu não estou... não vou demonizar o copinho [risos] foi uma experiência que passou e agora eu sei que... sei lá, foi tranquilo por um tempo, mas eu ainda acho que... não valeu cem por cento a pena, tipo, eu não faria de novo né... vale a pena, mas não faria de novo

LETÍCIA: tentou

BIANCA: eh, tentei [...] mas eh, assim, o coletor é um sistema entre vários sistemas e é definitivamente o melhor de todos que eu conheço... então *mesmo que tenha*

*alguns contratempos às vezes... ainda é muito superior aos outros métodos que eu já experimentei, né... então... pra mim principalmente por causa dessa coisa que eu tenho de pele e por causa do fluxo baixo... eu acho que por causa desse meu contexto, principalmente, é uma coisa... é assim... enquanto eu tar viva, essa encarnação vai ser o coletor*

A característica de “adaptação” que Bianca expressa nesse trecho pode ser remetida àquilo que Young (2005) chama de “alienação corporal”, uma separação cartesiana entre “eu” e “corpo” e senso de distância e resignação aos acontecimentos fisiológicos. Todas as participantes desse primeiro grupo declararam-se “em adaptação” quando questionadas sobre o uso do coletor; para além de incômodos com vazamentos e cólicas, a questão da adaptação que aqui levanto diz respeito à *percepção corporal*. O constante receio de Bianca de que o DIU saísse de posição sem que ela conseguisse se certificar é um sinal para compreender por que ela se identifica “em adaptação” mesmo utilizando o coletor há uma década. Durante as conversas, Bianca destacou sua confiança na dicotomia mente/corpo:

BIANCA: [...] tenho feito um esforço consciente pra conectar a menstruação com o resto da minha vida... porque é fácil de, sei lá... pelo menos *pra mim é fácil de separar a cabeça do corpo e reparar o que tu quer do que teu corpo quer*, de uma certa forma né

A partir dessa fala, considero que os dilemas de Bianca sobre o uso concomitante de coletor e DIU, aquilo que ela chama de “paranoias”, relacionam-se a esse pretense distanciamento, no qual ela se identifica como algo distinto do corpo (“o que tu quer do que teu corpo quer”). O vínculo entre adaptação e percepção do corpo aparece também no relato de Joane, ao narrar suas tentativas de usar o copinho; ela aponta a necessidade de aprimorar o conhecimento da própria anatomia, sentindo o colo do útero com os dedos para aprender a reconhecer a disposição de seus órgãos sexuais. O percurso de encontrar conforto com o coletor é marcado pelo acesso a novas informações sobre o corpo e pelo diálogo com outras mulheres:

JOANE: no meu caso, eu nunca cheguei... nesse lugar, nunca me adaptei [risos] quando Lena falou eu fiquei assim, *me deu um alívio*, porque eu... a minha relação não foi... não foi fluida né, com o uso do coletor e... eu ganhei esse em 2012, não tinha sido... não tinha pesquisado né... *não fazia ideia do que era a altura do colo do meu útero, nunca nem tinha pensado sobre isso né... o nível de alienação da gente mesmo sobre o próprio corpo é muito grande...* e aí ele não era adequado pra mim,

esse coletor... ele... ele ficava perdido... assim, eu não conseguia tirar ele de volta, sabe... e eu passava por isso sempre, era muito sofrido, eu amarrei um fio dental nele pra tentar puxar... o povo falava de cortar o cabinho eu “gente, se eu cortar o cabinho eu vou ter que ir pro hospital pra poder tirar”... né, porque eu não conseguia achar mesmo ele... ele subia, eu não conseguia tirar... né, *depois eu soube que, enfim... tem diferença da altura do colo do útero, você tem que botar o dedo e ver qual é que é o mais adequado pra você, mas eu não tinha essa informação* e aí ele ficava lá e toda vez eu tinha que... eu me machucava, porque eu precisava puxar a pontinha, com a ponta da minha unha pra poder conseguir trazer uma parte pelo menos pra eu pegar com a pontinha do dedo... aí eu sempre me arranhava... e aí eu sentia cólica, vazava e eu não conseguia tirar... aí tentei um mês, dois, três, quatro, eu acho que eu devo ter tentado uns cinco a seis meses, né... mas sempre era muito ruim, muito sofrido... e aí chegou uma hora que eu disse “não tem condição” e ainda tinha o fato do trabalho... que como eu tava trabalhando né, com... com um emprego que às vezes muitos meses eu tava viajando... eu não tinha condição de... me dedicar àquilo ali, sabe... ou tar em banheiro de casas de outras pessoas, de hotel, enfim... não, não tava... não tava sendo possível, não tava sendo viável, tava sendo sofrido... aí eu disse “ah sabe de uma coisa, vamos deixar pra outro momento, que as coisas estiverem... as circunstâncias mais favoráveis, mas a gente volta pra isso” então eu desisti dele, sei lá, no começo de 2013, eu acho... eu desisti do... do coletor... com planos de um dia voltar a tentar, mas... eu sempre deixava de novo pra depois... e aí quando eu passei no mestrado, aí eu disse “não, agora que eu vou ter tempo e vou usar o coletor... eu passo a menstruação todinha em casa e vou comprar o coletor certo e vou abandonar esses absorvente nojento né... industrial” aí eu comprei um outro coletor e dessa vez eu fui pra uma outra menina lá em minha cidade que era tipo uma consultora e a gente foi acho que umas... acho que a gente comprou uns 15 coletores... sabe, assim, *todas as amigas compraram juntas...* as que não usavam ainda, na cidade... tipo, a gente... comprou todo mundo, fez uma encomenda, aí a mulher foi no dia da reunião levar os coletores e ela deu uns presentinhos, foi um momento bem legal... e ela era uma pessoa super disponível, que eu mandava um WhatsApp pra ela, dizia “ah, qual é a melhor forma de dobrar” e não sei o quê, e aí ela mandava vídeo, faz assim, faz assado e tal... então foi bem legal

Joane diz ficar aliviada ao ouvir o relato de Lena, que também não se considera bem adaptada; essa se mostrou uma questão importante em sua trajetória com o uso do coletor, pois as dificuldades que enfrentava lhe causavam uma sensação de isolamento, como se ela estivesse num estado de impotência na tentativa de conhecer a própria anatomia. No decorrer do encontro, ela declara: “eu percebi que eu não sou menos empoderada do que ninguém porque eu não tava usando o copinho perfeitamente”.

Em outro momento, Joane compartilhou uma história de sua adolescência, na qual sofreu alergia severa a absorventes e seguiu o conselho da mãe para que usasse recortes de tecido em substituição temporária aos industrializados; como os panos não eram apropriados para se ajustar a suas vestimentas, ela passou por situação de vazamento e resistiu a provocações constrangedoras no ambiente de estudos – um colega ao ver seu sangue a apelidou de “vulva dilacerada”. Ouvindo Bianca e Joane exporem queixas acerca dos absorventes descartáveis, Lena compartilhou sua experiência:

LENA: eu tive essa alergia a vida inteira... pra mim usar absorvente externo era muito sofrido, principalmente aqueles secos

JOANE: sim

LENA: aquilo para mim era terrível, eu olhava pra aquilo dali, morria... era horrível

JOANE: aquilo queima, não é?

LENA: eh... gente, é uma coisa ali... *não foi uma mulher que fez aquilo não* [risos] e aí, na minha adolescência eu só podia usar um que era tipo... um pequenininho... e era tipo um real e pouco, só que era difícil de achar, eu não conseguia achar ele, assim... e aí quando eu achava, eu comprava, assim, logo em quantidade, mas ainda assim ele às vezes dava alergia... aí depois que eu fui descobrir o o.b. e que aí as coisas melhoraram um pouco... mas antes disso foi a treva

Seu comentário sobre a invenção dos descartáveis me faz agradecer a existência de Leona Chalmers. Componentes químicos perigosos presentes nos absorventes industrializados para branquear o produto indicam a prioridade em oferecer uma aparência “limpa” complacente ao estigma menstrual (para “proteger” dessa coisa abjeta que seria o sangue) em detrimento da saúde das usuárias. Em busca de soluções, a descoberta do coletor menstrual aconteceu por internet para Lena e Bianca e através de recomendação de amigas para Luana e Joane.

LUANA: eu acho que pra mim... acho foi mais por causa dessa amiga mesmo, assim, porque *ela falava muito bem*, acho que com ela deu muito certo... e aí, foi mais esse desejo de experimentar mesmo, ah, já que dá pra experi/... porque o absorvente mesmo é muito chato também né, *é incômodo* em várias coisas... e no meu caso, já meu fluxo é... sempre foi muito intenso... muito forte, bastante sangue... e aí era... já passei por situações de vazar do absorvente que eu usava antes né, hoje também não uso mais desse sintético... uso de pano... e aí, então eu pensei “ah, o coletor pode me ajudar nisso também” né e aí “vou experimentar”, mas foi assim “vou experimentar, não sei se vou usar mesmo”... no início né, pensei mais assim

LENA: *eu fiquei muito resistente no início*, eu demorei, assim, acho que um ano [risos] ou mais... pesquisando e vendo vídeo no Youtube e eu perguntava pras minhas amigas e *ninguém usava*... oxente... ninguém usa isso, como assim, parece ser tão maravilhoso e ninguém usa... mas aí depois eu... eu resolvi, *criei coragem* e comprei o meu... mas foi... foi difícil, assim, no início... *muita pesquisa pra poder comprar*

JOANE: eu acho que no meu caso, assim... essa minha amiga né, que é nossa... uma figura... *uma referência pra mim*, que é minha melhor amiga, a gente... tudo a gente partilha e também ela... trabalha com alimentação, com tudo... então ela sempre me apresenta coisas muito... que são muito do bem... né, *eu confio plenamente nela, eu gosto das coisas que ela traz pra minha vida*... e ela começou a usar o copinho, eu acho que lá por assim, mais ou menos, acho que lá por 2010... que eu me lembro que eu fui usar uns dois anos depois dela né e eu me lembro quando comecei a usar... então acho que mais ou menos por 2010 assim, ela já era uma, assim, uma usuária... eu falo usuária?

LETÍCIA: uhum

JOANE: era tipo usuária

LETÍCIA: usuária de coletor [risos]

JOANE: *a usuária já religiosa do coletor e amava o coletor e evangelizava sobre o coletor...* e aí eu ficava assim, tipo, tá... uma hora eu vou entrar nessa, porque isso é legal, mas eu tava... com preguiça de passar pela transição, eu acho... eu acho que eu tava assim tipo “mais na frente eu vejo isso, quando eu tiver dinheiro eu compro um”... né... aí levou um tempo ainda né, tipo... eu me lembro que a gente viajava e tal... e *ela sempre com o coletor e falando e mostrando* e não sei o que lá e eu olhava aquilo ali, eu dizia “não, parece ok, uma hora eu chego lá”, mas não sei, não... levei um tempo ainda pra me mobilizar

Acompanhando suas histórias, vejo que mesmo quando o primeiro contato tenha ocorrido através de outras mulheres, o processo de aprendizagem do uso foi por bastante tempo vivido de maneira relativamente solitária, o que pode ter contribuído para o longo período de adaptação.

LUANA: eh, no meu caso, como eu falei né, foi apresentado por uma amiga, mas pensando hoje no contexto, eu acho que tenho alguns grupos... de amigas que usam e outros também que eu tentei apresentar, uma delas aceitou, experimentou, mas teve dificuldades e desistiu... e aí acho que tem outras coisas maiores que... eu acho que *seria necessário inclusive mais investimento talvez de minha parte também... mais diálogo* mesmo... outras coisas maiores que eu falo assim... *são questões mais estruturais mesmo de consciência, de conhecer nosso corpo e de formação política* que ajudam a gente nesse processo também... quando a gente tem essa possibilidade de tar inseridas nesses meios, mas quando a gente não tá eu acho que é mais difícil... então eu vejo assim né... tem essas amigas que também ainda não... infelizmente, ainda não estão nesse processo... até fica mais difícil mesmo... e aí, enfim, ela desistiu... eu não tentei a voltar também a ver como é que tá, por esses tempos<sup>88</sup>

Quando Luana conta suas primeiras experiências de inserção e retirada do copinho, usa palavras como “medo”, “desespero” e prefere atribuir a outra pessoa a manipulação de seu canal vaginal para alcançar o coletor. Esse é um aspecto que marca também um senso de desidentificação ao corpo; desconfiança sobre a capacidade de sentir e conduzir a musculatura

---

<sup>88</sup> Felitti (2016) analisa a propagação de dispositivos como os absorventes de pano e coletores menstruais na Argentina. A relevância do acesso à “formação política” reclamado por Luana é uma questão fundamental: “Las posiciones del feminismo y del movimiento de mujeres son diversas y ponen el acento en diferentes lugares. Del mismo modo, los significados, creencias y prácticas en relación al ciclo menstrual varían en cada cultura y en cada mujer. La duración del ciclo, la intensidad del sangrado, las señales corporales y anímicas se modifican durante las etapas vitales. La diversidad étnica, de clase, religiosa, de nacionalidad, de edad, también se pone en juego cuando se trata de acceder a la información y a los productos antes enumerados. Ya sea por tabúes morales, religiosos, falta de educación o de recursos económicos, limitaciones comerciales y otras muchas razones, hay mujeres que pueden o no acceder a estos dispositivos”. (FELITTI, 2016, p. 186).

pélvica, receio de que um objeto vá “se perder” no “buraco imaginário” entre as pernas. Terceirizar a tarefa de tocar em nossos órgãos sexuais é hábito comum para mulheres em nossa sociedade; muitas têm a vagina manuseada por médicos ou parceiros sexuais antes mesmo de assumir para si a execução desse toque. Ao longo de minha “participação observante” de grupos de discussão sobre coletores em redes sociais, acompanhei muitas mulheres em dúvida e aflição sobre o uso do copinho antes de experimentá-lo, demonstrando ansiosa preocupação de que não conseguiriam retirar o objeto sozinhas<sup>89</sup>. Esse receio é evidência da forte alienação corporal fomentada nas ordens prático-simbólicas da menstruação pautadas no estigma sobre o sangue; ao lado do nojo sobre os fluidos corporais também há o desconhecimento sobre as características únicas da própria anatomia, o desestímulo ao toque na genitália e à sua observação. Luana relaciona seus progressos na adaptação ao coletor ao aprendizado de “exercíciozinhos” que a auxiliaram a desenvolver percepção no canal vaginal. A troca de informação com a amiga que primeiro a recomendou o dispositivo foi importante nesse processo:

LUANA: com relação ao uso, assim, do cotidiano... através de alguns vídeos mesmo que eu assisti no Youtube, eh... e  *muito na conversa* com ela também, quando eu tinha alguma dúvida ou alguma dificuldade... a primeira vez de tirar foi horrível, eu fiquei desesperada, achei que não ia sair [risos] na época eu tava com outro companheiro,  *eu pedi ajuda pra ele, eu fiquei muito desesperada*, pensei “gente, não vai sair, eu não tou conseguindo, não sei... e tá escorregando, meu dedo não vai... e tá sambando [risos] e agora o que que eu vou fazer se eu não conseguir tirar”... primeiro assim... acho que as duas primeiras foi assim... que deu aquele medo... mas depois eu vi que não, aí  *fui aprendendo a usar alguns exercíciozinhos né que dá pra gente pressionar, ajuda ele a descer e a pegar melhor com o dedo e apoiar...* e aí ela mesma que me deu a dica também de cortar um pouquinho o cabinho pra não machucar, não ficar... incomodando né...  *esses detalhes foi muito com ela*, assim... e aí... a questão da higienização também ela orientou e também com o próprio coletor vem um manualzinho né, orientando algumas coisas

[...]

LENA: eu penso que as desvantagens seja nessa perspectiva dessa adaptação...  *eu sei que muitas mulheres desistem, por conta dessa adap/... talvez pela falta de, tipo, grupos como esse aqui...* de sentarem, conversarem, “não, tenta assim, não, vamos fazer isso, não, não vamos desistir... vamos pensar talvez em outras possibilidades”... mas essa adaptação ainda é um pouco... um pouco complicada... mas sem dúvida, assim, as vantagens super superam as desvantagens, porque essa perspectiva da gente  *poder ter esse contato com nosso corpo, isso é revolucionário... da gente medir o nosso colo, de tocar lá dentro, de ver como é que é, de conversar com outras mulheres sobre isso*, de conversar, de falar sobre nosso corpo, isso é revolucionário...  *compensa qualquer adaptação difícil...* mesmo que não role, mas só o fato de você tentar, de você medir, de você, sabe... já é muito válido

<sup>89</sup> Some-se a isso as dúvidas infelizmente ainda tão corriqueiras sobre a possibilidade de urinar enquanto o coletor está inserindo, expondo uma lamentável ignorância sobre a diferença entre os orifícios da uretra e da vagina.



Durante o desenrolar da conversa, as participantes desenvolveram uma dinâmica de compartilhamento de experiências, orientando umas às outras na superação de dúvidas e sugerindo técnicas para aprimorar o uso do coletor. O desejo que Lena e Luana expressavam de ampliar o diálogo com outras mulheres para superar seus desafios de adaptação, estava tomando contornos no próprio encontro entre elas:

LENA: [...] machucava muito... aí eu cortei, eu cortei o meu cabinho, eu quase lixei, assim, pra não ficar... nada... porque era horrível, eu perguntava “gente, qual a utilidade desse cabinho que não serve pra nada?” [risos]

JOANE: ajuda muita gente [risos]

LENA: mas aí foi isso... eu descobri... *eu não sei se é verdade, se é tipo imaginação da minha cabeça*, mas ele não vaza quando eu faço a dobra e deixo os furinhos pro ar, entendeu

LUANA: eu não entendi não

LENA: porque o meu tem furinhos

JOANE: o meu tem também, tem uns furinhos

LENA: o seu tem também? e eu fiz a dobra e na dobra que eu for encaixar, se eu tapar os furinhos... certamente vai vaziar

JOANE: hum

LENA: se eu não... porque ele tem um negócio de não travar, você tem que ver se ele tá travado, você tem que dar meio... ou uma rodadinha ou uma puxadinha, porque ele vaza quando não tá travado... e aí se você tapa o ar na hora de encaixar, ele meio que não... não isola

LUANA: eh, eu vou experimentar porque o meu também ainda vaza e eu já comprei o segundo pra tentar ver se não vazava... e aí *eu não sei, eu nunca medi, eu também... não tenho essa noção*... preciso aprender sobre isso e entender... porque que o meu vaza ainda também né, ou se... enfim, não sei... o que me ajudou muito foi depois que eu fiz a oficina com Cibele né, porque, na verdade, eu conheci o coletor antes da oficina, então *eu também era totalmente alienada do meu corpo... de altura de útero, de... inclusive até a questão de colocar o dedo mesmo no canal vaginal, tipo, pra mim não era uma... eu não fazia isso*, então depois da oficina e do coletor, na verdade... primeiro o coletor que a oficina... que *aí eu disse “não, é meu corpo”*... mudou totalmente a *relação*... e aí me ajudou também, depois da oficina a entender um pouquinho melhor, mas... eu ainda tenho essa dúvida... e com relação a essa questão de vaziar eu já tentei experimentar posições de colocar ele... então, tipo... agachadi/... assim, de cócoras... ou então com perna apoiada na cama e no vaso... ou deitada... mas ainda não foi... não foi com posição, pelo menos experimentei essas três... geralmente pra mim o que é mais fácil... é de cócoras mesmo... no banheiro... mas... *eu ainda não consegui perceber* se tem diferença isso... porque continua vazando, principalmente se for nos primeiros dias

BIANCA: pois é, minha experiência também é bem assim... *não senti* ficar... vou tentar esse negócio, vamos ver se vai fazer diferença, se dá certo [risos] mas aí eu também não... não anoto se deu certo ou não, é sempre uma adivinhação

Mesmo apresentando uma dica às demais mulheres, Lena expressa hesitação ao sugerir algo, desconfiando de sua própria experiência no ajuste do coletor a seu canal vaginal. Quando diz não saber “se é verdade, se é tipo imaginação da minha cabeça”, mostra que a despeito de seus êxitos em evitar vazamentos procurando “deixar os furinhos pro ar”, ela ainda duvida da validade de sua técnica enquanto não confirmada por dados provenientes de fontes legitimadas. Essa hesitação e desconfiança das próprias percepções são características daquilo que vejo como adaptação ao lado dos processos solitários de compreender o coletor. Elas dizem “não sentir”, “não conseguir perceber”, “não ter essa noção”, apontando que gostariam de desenvolver essas capacidades sensoriais. Ainda que todas as participantes do primeiro grupo relatassem inadequações às suas expectativas de uso do coletor, seus depoimentos mostram que elas acolhem as dificuldades com respeito a seus limites<sup>90</sup>, paciência, curiosidade e, principalmente, perseverança de que o processo vale a pena.

LENA: [...] e assim, eu me sinto, às vezes um pouco... não sei, é porque minhas amigas, elas não costumam usar... a maioria usa anticoncepcional ainda e algumas eu ainda fico naquela de “vamos, tenta... vamos, tenta”... eu comprei aquele que vem dois... aí eu prometi um pra uma amiga, aí ela “tá, se você me der eu uso”, aí eu “vou te dar” ela “ainda não” [risos] “ainda não é o meu tempo”... mas... *eu me sinto um pouco sozinha nesse aspecto... de círculo de pessoas que usem porque eu não... não tenho não*

JOANE: eu no meu caso eu senti, assim, o contrário, que era justamente *todo mundo era tão feminista, tão consciente... e todo mundo se dava bem com copinho, menos eu...* aí teve uma hora que *eu comecei a me achar menos mulher*, sabe... pensava “poxa, elas não produzem mais lixo e eu produzo”... aí eu ficava triste... assim, *ficava me sentindo menos... né, assim, menos... menos... eu sentia isso, sentia que elas tavam já num nível de empoderamento, de autoconhecimento que eu não tava conseguindo acessar...* aí foi bem frustrante quando eu desisti do copinho a primeira vez né... nunca desisti do copinho, na verdade, mas dei um bom intervalo até tentar de novo... e aí eu sentia isso, que as minhas amigas usavam... e nessa segunda leva, nessa segunda vez que eu fui tentar... foi no começo de 2016 que eu voltei né a... que o copinho voltou pra minha vida... então, assim... também todo mundo se adaptou tipo em dois meses e eu continuava... vazando e sentindo cólica, pensei “porra” né... “todo mundo se dá bem com esse negócio menos eu, não é possível, o povo fala maravilhas, nunca mais quer deixar e eu aqui nessa agonia”... mas... *depois fui desconstruindo isso na minha cabeça também né, de perceber que isso é um processo de conhecer meu próprio corpo e me relacionar com ele... e não de ficar substituindo uma forma de eu me reprimir, me julgar, por outra... que essa não era a lógica né... que eu tinha que me acolher, independente... ainda que eu não conseguisse nunca usar o copinho...* eu tinha que me acolher, então... foi interessante, acho que foi um *processo de acolhida, inclusive do que é menstruar...*

<sup>90</sup> “Mientras se procura afirmar que la menstruación es positiva, cuando se critican las formas en las cuales, desde hace al menos 100 años, millones de mujeres la atienden [absorventes descartáveis], el discurso muta, del terreno de la libertad al de la responsabilidad o el de la culpa. Tener en cuenta esto es clave para que el movimiento de recuperación de la sangre menstrual no termine por generar una nueva imposición, nuevos dogmatismos y obligaciones para las mujeres, algo que también sucede con los modelos de maternaje”. (FELITTI, 2016, p. 200).

sabe, que *terminou virando uma questão mais ampla*, depois que eu parei de brigar com o fato de que eu tinha dificuldade... um pouco isso... mas assim... é porque eu também eu vivi numa bolha né... a bolha da militância feminista, que todo mundo tem consciência... mas um dia desses minha mãe veio dizer “que história é essa de você enfiar alho na vagina?” e aí era, sei lá, minha prima que no grupo das primas falou que o copinho tava numa promoção... quem queria comprar, eu disse “gente, usem copinho, copinho é maravilhoso, ginecologia natural é tudo de bom... eu mesma tou com candidíase e tou botando alho na minha buceta toda noite” [risos] aí foi assim, aí as primas ficaram horrorizadas e foram contar pra minha tia que foi contar pra minha mãe... aí veio minha mãe, né, perguntar “por que você não usa um Fluconazol?” né “feito todo mundo”... aí lógico, tem... diferentes nichos dentro da família e tal... eu noto que isso não é... né, *as outras mulheres de minha família não usam, não, isso não rola na minha família... mas dentro da bolha feminista aí sim, isso é uma coisa popular*, mas no mundo lá fora né... você vê que até pessoas que são... minha mãe é enfermeira e ela tem a maior resistência... eu comprei as... os absorventes de pano e fui mostrar pra ela “ô, mãe, como é lindo esse... o meu é... esse aqui é de estrelinha” [risos] “que eu escolhi” e tal, não sei o que lá... aí ela olhou assim... sabe, eu vejo que ela acha uma coisa... esquisita, ela não fala pra não criar atrito, mas... ela falou do alho [risos]

### 3.3.2 DESENVOLTURA

O segundo encontro, que chamo de “desenvoltura”, ocorreu no dia 16 de janeiro, com a presença de Maria, Vera e Sandra<sup>91</sup>. O diálogo nesse grupo ocorreu de maneira fluida e descontraída, com bastante interação entre as participantes, que levantavam perguntas umas às outras e expressavam divertimento e admiração ao ouvir os relatos ali compartilhados. Mesmo durante a exaustiva tarefa de transcrição dos encontros, encontrei entusiasmo escutando tantas vezes esses arquivos de áudio. As mulheres desse grupo estabeleceram rapidamente uma dinâmica íntima e despudorada de narração de histórias e troca de conhecimentos; suas reflexões acerca de menstruação causaram impressões ressoantes e declarações de estima e afeto entre elas.

Relatos de alergias e desconfortos causados por produtos descartáveis também constituíram o principal motivo para a aproximação ao coletor menstrual nesse grupo. Mais uma vez, a presença de mulheres compartilhando informações se mostrou preciosa para o incentivo ao uso do dispositivo:

---

<sup>91</sup> Maria – 27 anos, fonoaudióloga e atriz; Vera – 30 anos, professora; Sandra – 40 anos, professora e artista plástica.

MARIA: no meu caso eu... tinha uma amiga minha da época da faculdade que ela tava numa tentativa de abandonar, eh, anticoncepcionais... e ela comentava, assim, compartilhando a dificuldade que era pra ela, mas ela tava eh, assim, se estruturando pra conseguir abandonar a pílula e tal... e aí, eu nunca usei pílula, quer dizer, já usei, mas nunca me adaptei... foi uma coisa, assim, de meses e eu abandonei... mas ela falou “pô, Maria, encontrei uns espaços na internet, de Facebook... que as mulheres... e que é um grupo destinado a isso... *uma espécie de rede de apoio mesmo e também de sugestões, de dicas que as mulheres compartilham várias coisas*”... aí eu falei “pô, mas eu não uso anticoncepcional”... aí ela comentou “pô, mas acesse porque discute-se várias outras coisas”... aí eu não lembro o nome do grupo

LETÍCIA: e você lembra que ano foi isso?

MARIA: ah isso foi 2014, eu tava na faculdade ainda... e aí eu entrei nesse grupo e de fato discutiam-se diversas coisas e entre as diversas coisas tinha as meninas que falavam sobre o uso do coletor menstrual... aí esse foi o primeiro contato que eu tive... “porra que parada é essa né” e tal blablabla... e daí em 2015 foi quando eu comprei meu primeiro coletor... eu vou falar um pouco da decisão né, de quando eu decidi comprar... eu fui trabalhar no interior, aqui na Bahia, num lugar bem distante aqui de Salvador, é tipo seiscentos quilômetros daqui... e era um lugar muito quente... sertão, muito quente... e eu tive uma série de infecções ginecológicas porque eu usava jeans, eu trabalhava na, eh, eu sou fonoaudióloga né, eu trabalhava na prefeitura municipal, na secretaria municipal de saúde... e aí eu usava muito jeans e eu lembro que era muito desconfortável estar menstruada por conta do absorvente... e aí eu tive algumas infecções, assim meio que de recorrência, acho que por conta de tudo né, mudança, esse clima e tal... e aí que eu decidi comprar o coletor... “rapaz, vou experimentar isso aqui que eu acho que talvez amenize” eh... enfim essas infecções né... era muito desconfortável, gente... o calor do absorvente com o jeans, o lugar era muito quente de verdade... e aí a *minha decisão veio daí né, de tornar minha menstruação menos desconfortável por conta do uso dos absorventes descartáveis*... aí eu comprei em 2015, em... acho que, sei lá, em março de 2015

Assim como no grupo anterior, nenhuma se considerava plenamente ajustada ao copinho no que concerne à ocorrência de vazamentos. Porém, isso não era necessariamente qualificado como um problema; duas diziam até gostar que “vazasse um pouquinho” e acolhiam esse aspecto como positivo no uso do coletor, tomando como um sinal de momento propício para higienização. Vejo desenvoltura tanto no fluxo do diálogo quanto em suas percepções e segurança acerca do dispositivo e de fenômenos corporais em ocorrência.

MARIA: eu não me considero adaptada não... eh, nos primeiros meses era aquela ansiedade assim, tipo.. *brincar, com colocar, tirar e ver a quantidade do fluxo... e era meio uma brincadeira mesmo, divertido... essa descoberta*... mas, com o passar do tempo, às vezes eu ficava muito irritada quando o coletor vazava assim, eu ficava decepcionada... “porra, que que eu faço pra esse coletor encaixar aqui direito, que tá vazando”... e meio noitada também até... tipo “eita sentei aqui agora acho que não deu bom”... e aí eu ficava meio noitada com isso e tal... hoje eu sinto que estou mais adaptada, mas eu não acho que eu tou super adaptada não, às vezes eu sou

surpreendida assim... e aí teve uma época que eu tava quase desistindo inclusive... conversei um pouco com a minha irmã, que ela falou “pô Maria, *vi outras formas de usar*”... ela falou dessa coisa de botar o cabo... inverter né, o material e tal... enfim, e aí eu fui dar uma pesquisada na internet de novo... e umas meninas que indicavam outras formas, outras dobras pra colocar, pra usar... é que *eu fui experimentando e hoje eu entendo mais ou menos como é que é o encaixe*... quando eu sei que de fato ele tá fechadinho ali, vedado... eu tenho um... dicas, assim, aí eu “ah não, acho que tá vedado”... mas ainda assim às vezes eu sou surpreendida... eu acho que eu ainda tou me adaptando, na real

LETÍCIA: essas dicas você diz, assim, é pela sensação que você tem quando você insere ele? ou você faz um teste ou

MARIA: eh... é tipo um teste assim... *é uma força que eu entendo que tá com a pressãozinha certa ali*

LETÍCIA: que você sente a pressãozinha assim

MARIA: eh... uma rodadinha e uma puxadinha aqui eu “porra, não... tá”

LETÍCIA: uhum... e você, Vera?

VERA: eh... eu já compreendo que o tamanho do coletor que eu uso é um tamanho um pouco menor pra o meu canal vaginal... comprei o mesmo tamanho porque eu sei e, eh, e sei que vai vazar

LETÍCIA: hm... me explica essa compra [risos]

VERA: eu já comprei... não, e não vaza muito... vaza um pouco, eu sei que vai vazar... mas só que, eu não sei o que é, mas *eu gosto de estar menstruada* e quero ter certeza

LETÍCIA: entendi

VERA: só isso

LETÍCIA: ah pra você é de boa assim

VERA: é... mas precisava só um pouquinho assim, tanto que eu uso concomitante absorvente de pano e coletor, entende... quando o fluxo tá muito forte aí eu uso os dois concomitante e eu sei “não, isso aqui vai vazar um pouquinho” e *é o melhor pro meu canal vaginal*... mas na verdade essa compra menor foi porque *eu achei que era o encaixe perfeito*... mas só que tem que ser um pouco maior o meu coletor... mas eu me sinto tão bem com ele

Desenvoltura pode ser apreendida aqui no sentido de curiosidade; de desembaraço e interesse no uso do coletor como algo a se “brincar”. O processo de adaptação de Maria também é influenciado pela colaboração e apoio de outras mulheres, presencialmente e online; graças a essas redes, ela conheceu “outras formas de usar”, passando a realizar testes para verificar a adequação de dobras à sua anatomia. A questão do encaixe do coletor aparece como um aspecto que revela consonância com os sinais corporais (“é uma força que eu entendo que tá com a pressãozinha certa”) e firmeza nas próprias percepções (mesmo não sendo o tamanho recomendado, Vera decide: “é o melhor pro meu canal vaginal”).

SANDRA: mas isso que eu ia falar, mas eu não vejo problema em vazar, não

VERA: não, eu também não, eu fico de boa, ele coleta tanto sangue que eu fico... é um resquiciozinho assim

LETÍCIA: eh... e tem gente que é assim como você, usa concomitante coletor com absorvente de pano né, ou reveza entre eles pra sentir, pra deixar o fluxo sair mesmo

SANDRA: eh, eu também, eu revezo... porque eu não gosto de dormir com o coletor

LETÍCIA: vocês usam absorvente de pano?

SANDRA: eh, geralmente eu uso... ou eu não uso nada

VERA: eu também

LETÍCIA: e deixa

SANDRA: eh, porque de noite desce, mas é assim... ele acumula, então é mais quando você levanta... então quando eu levanto eu vou no banheiro correndo [risos]

VERA: mas às vezes é uma inundação

SANDRA: às vezes é [risos] pela gravidade né, por mais que o folículo desça, ele fica estacionado

LETÍCIA: no canal

SANDRA: a não ser que você esteja deitada, aí sei lá, vira na cama assim né [risos] eh... e quem usa absorvente, acha que desce à noite porque ele é absorvente... que acho que muita gente confunde, com o.b., com Tampax, aí fala “aí quando eu uso o.b., Tampax não vaza”... *eu falo “suga!”*, *entendeu... e o copinho, ele acumula*, né... aí às vezes ele acumula, mas o movimento... às vezes ele fica cheio... eu nunca sei quando é que é... isso é uma coisa que eu pensei, há mais de dez anos, eu nunca sei quando

LETÍCIA: quando é o tempo de você tirar

SANDRA: eh, por isso que eu falei que eu gosto quando vaza, porque geralmente eu falo “eita é hora de tirar” [risos]

LETÍCIA: é um sinal, você vê ali umas gotinhas saindo né

SANDRA: eh... ou tá mal colocado ou é hora de tirar

Vera e Sandra demonstram descontração para lidar com o sangramento e comentar sobre ocasionais “inundações”. Uma vez que o coletor exige contato direto com a menstruação durante os processos de inserção, retirada e higienização do dispositivo, usuárias de coletor são habituadas ao sangue; aqui, elas riem e comentam sobre casualidades do período menstrual com desembaraço. Ainda que as duas declarem se orientar por pequenos vazamentos para identificar o volume do fluxo no copinho dentro do canal vaginal, Sandra aponta uma característica única do coletor: “ele acumula”, ao contrário dos absorventes (internos e externos, inclusive os de pano) que “sugam” (ou espalham), o que promove melhor compreensão do volume de sangue produzido a cada ciclo. De acordo com ela, aquelas que têm apenas a experiência do absorvente desconhecem o ritmo de sangramento durante o sono.

Sandra é fervorosa entusiasta do copinho e sua relação com o dispositivo tem longa data. Até a ocasião desse encontro, eu nunca havia conhecido uma mulher brasileira que tivesse experiência com a primeira marca consolidada de coletor menstrual depois da invenção de Tassette.

SANDRA: é na década de 90

VERA: uau, sério? década de 90!

SANDRA: [risos]

LETÍCIA: era o The Keeper na época, não era?

SANDRA: então... eh, a primeira vez foi minha mãe que falou né?

VERA: gente, que legal

SANDRA: porque minha mãe ela é toda *alternativa* e tal... e aí na época, na década de 90... eu não me lembro direito se existia algum industrializado... mas eu lembro que existia já um tipo de coletor que era meio... marrom?

LETÍCIA: era marrom? é o The Keeper esse... que não era de silicone, ele é de látex

SANDRA: ele era meio durão

LETÍCIA: isso

SANDRA: ele era assim, não era tão... né... eu lembro que minha mãe tentou me convencer a usar aquilo ali... eu “minha mãe, você tá maluca” [risos] e ela “não, é melhor, não sei o quê blablabla”... mas aí, eu não usei logo assim no começo

MARIA: e você é daqui?

SANDRA: de Salvador? eh... eu sou criada aqui... eh, praticamente aqui... na verdade eu morava em São Paulo... mas eu nasci em Minas

MARIA: a gente pode fazer perguntas, é assim mesmo?

LETÍCIA: pode! [risos] isso aqui é uma conversa, é a ideia, pode conversar

SANDRA: eu nasci mesmo em 78... em 81 eu vim morar em Salvador... 90 eu fui morar em São Paulo... isso foi, eu menstruei em 91... isso foi mais ou menos em 91, 92... e aí, foi mais ou menos em 91... a minha mãe... aí se você perguntar como minha mãe usava... a minha mãe usava porque ela era alternativa e tinha muitos amigos estrangeiros e acho que vinha de fora

LETÍCIA: essa é uma marca estadunidense

SANDRA: eh... minha mãe usava o paninho, várias coisas... tudo menos... na época também não tinha muita opção... tinha um que era Modess

LETÍCIA: as marcas de absorvente

SANDRA: eh, não tinha muita opção... Modess e era umas coisas horrorosas

VERA: [mostra foto de The Keeper no celular]

LETÍCIA: é esse

MARIA: deixa eu ver

LETÍCIA: esse marronzinho aí, isso

SANDRA: era uma coisa assim, o marrom... e olha, antes eu já tinha visto na gaveta de minha mãe, tive todos os pensamentos possíveis [risos]

LETÍCIA: revelações na gaveta de mamãe

SANDRA: era isso e aquele negócio de fazer lavagem vaginal né... eu olhava a primeira vez na vida e falava “que que é isso que minha mãe usa?” [risos] eu achava né, que aquilo era vibrador [risos]

LETÍCIA: então sua introdução ao coletor foi com sua mãe na década de 90

SANDRA: no final da década de 90 que eu comecei a usar, porque eu morei fora e aí eu comprei um em Berlim

LETÍCIA: nossa

VERA: esse meu é de lá

SANDRA: foi assim que eu comecei a usar... e eu me adaptei melhor quando eu tive meu filho

LETÍCIA: então... e você começou a usar no final dos anos 90 quando você tava fora... você já conhecia mais pessoas... como foi que você decidiu tentar? porque com a sua mãe não te convenceu, pelo jeito você decidiu de outra maneira

SANDRA: então, essa é uma história pra eu contar

LETÍCIA: diga

SANDRA: não sei quantos anos, mas foi muitos anos, eu só usava absorvente interno... e eu tive uma síndrome, uma coisa horrível

VERA: foi aquela do choque tóxico?

SANDRA: é... horrível... porque eu só usava, eu dormia

LETÍCIA: direto

SANDRA: eu era... eu não tinha muita opção de absorvente... eu tenho alergia, sou altamente alérgica, eu sou assim, toda machucada, com alergia... agora eu uso... pra vir pra cá eu tomei antialérgico... e absorvente, qualquer marca... na época... eu nem tento mais usar absorvente, quando eu viajo, quando eu tenho... eu prefiro usar nada... mas na época, eu comecei a usar por causa disso... eu tive... eu fiquei mal, fiquei no hospital e aí fui na ginecologista e ela falou que eu não poderia... que eu tava altamente eh... tinha danificado e que eu tinha que ficar muitos anos sem usar absorvente interno... e eu achei aquilo estranho... estranho porque eu queria entender mais... aí eu descobri que é uma síndrome que é causada por causa dos produtos químicos que tem no absorvente e não porque ele fica lá dentro né... e você fica como... até hoje, fica muito sensível e tal... e eu tinha alergia a absorvente... então tava toda “crecada”... aí eu tinha feito essa viagem e lá as alemãs usam... fazem supositório de... como é nome daquilo? de agave, como é o nome daquilo? de babosa... eu fui introduzida nos

LETÍCIA: na ginecologia natural

SANDRA: ginecologia natural... e aí elas me convenceram... “você tem que usar coletor pra você ter uma relação com o seu sangue”... porque eu fiquei com nojinho, sabe? falei “ai, o que que eu tenho? minha vagina não sei o quê”... aí elas “não, mas você tem que usar”... e a médica, ela disse que não podia colocar mais nada lá dentro [risos] eu vou colocar de novo? e era um horror porque eu não queria ir pra praia, não queria... sabe? *nos dias de menstruação eu me escondia em casa, ficava em reclusão*

Sandra chama sua mãe de “alternativa” e em outros momentos da conversa também usou o termo “hippie”, o que a aproxima das descrições de público que The Keeper alcançou no final da década de 1980, principalmente a partir de movimentos de ativismo ecológico. A



palavra “alternativa” também me lembrou do termo “descolada”, acionado por Joane no primeiro grupo, remetendo a um posicionamento inovador e contestante:

JOANE: é porque assim... *a gente era muito descolada né* [risos] a gente era muito descoladas e aí tem essa minha melhor amiga que *é a figura mais saudável que existe no mundo...* ela é sempre muito *vanguarda* em tudo que é... saudável mesmo né, e aí eu lembro que foi Ísis que... que era essa figura que foi a primeira que foi atrás, que tinha que encomendar e vem de São Paulo e era um negócio... difícil, não era uma coisa fácil de conseguir né e ali foi a primeira vez que eu ouvi falar

A partir da Síndrome do Choque Tóxico causada pelo uso incorreto do absorvente interno, Sandra demonstra insatisfação com o atendimento médico que orienta que ela “não podia colocar mais nada lá dentro”. Assim, mesmo incentivada pelas amigas estrangeiras a conhecer o coletor, Sandra estava insegura sobre a inserção de um objeto em sua vagina uma vez que a ginecologista não forneceu explicação suficiente para sua condição: “eu achei aquilo estranho... estranho porque eu queria entender mais... aí eu descobri que é uma síndrome que é causada por causa dos produtos químicos”. Tendo estabelecido uma relação de “nojinho” com o fluxo menstrual, o caminho apontado pelas amigas é propositivo: “você tem que usar coletor pra você ter uma relação com o seu sangue”. Mais uma vez, os conhecimentos partilhados em redes de mulheres são orientadores no uso do copinho.

SANDRA: aí fui no ginecologista, o ginecologista falou que precisa de um tratamento, que eu tinha que tomar antibiótico, eu tive que tomar injeção, foi horrível... horrível horrível horrível horrível...

LETÍCIA: você não podia usar o.b.

SANDRA: eu não podia usar o o.b. nunca mais

LETÍCIA: você ficou meio que sem... porque com o absorvente externo você já não se dava bem, com o o.b. você já não podia e aí lembrou-se dos coletores, teve as influências

SANDRA: e aí eu tava viajando e aí as pessoas que eu tava convivendo falavam... toda vez que eu ficava menstruada era um terror porque eu experimentava os absorventes da Alemanha, não gostava de nenhum... e aí... a tia de minhas amigas era bem alternativa, tinha umas calcinhas e tal não sei o quê

VERA: mano, essas mana são tudo ó [acena positivamente com a mão] [risos]

SANDRA: aí eu falei “aí eu vou tentar... o tratamento, porque eu tou muito sensível”... foram... acho que foram três anos que ficou muito sensível, relação sexual era um temor... foi horrível, foi horrível... então foi depois que eu comecei a usar coletor que minha saúde vol/... assim, no canal voltou... aí eu tinha arrumado um namorado e aí acabou a bagaça [risos] [incompreensível] a piriquita [risos] mas

antes disso foi horrível... viu gente, é sério... foi horrível sim, foi quase... poderia ter causado um trauma pra vida, não sei assim

LETÍCIA: sim sim

SANDRA: eu fiquei muito traumatizada, tanto que todo mundo fala em o.b., eu falo... eu demonizo logo, eu falo “essa desgraça” [risos] mas eu sei que eu usei errado... eu só usava o.b., eu ficava menstruada e botava

LETÍCIA: e sem fazer as trocas no horário certo

TININHA: não, eu ficava doze horas, aí eu tomava banho, trocava, ficava mais doze horas... *eu não queria ver a menstruação...* e eu não sou contra... de tirar a menstruação... que nem eu lembro que várias pessoas falavam “ah já que você tem tanto nojo, por que você não faz a cirurgia?”... eu falei “não”... porque eu acho que tem que menstruar... só que eu não gostava

LETÍCIA: não gostava da sua experiência da menstruação só... mas você não tinha nada contra a menstruação em si

SANDRA: eu só não gostava da minha condição... é o desconforto, eu tinha alergia... gente, eu sou altamente alérgica, é sério... se eu mostrar pra vocês aqui... eu fiz uma depilação pra ir pra praia... geralmente eu vou cabeluda, mas aí eu fui com minhas primas... “ai, pelo menos tira esse cabelo”... ficaram enchendo o saco pra eu passar gilete... nossa eu tou empelada, eu sou muito alérgica... e absorvente sempre foi um caos pra mim... que *eu colocava absorvente e ficava abafada, machucada... aí a menstruação virava um transtorno, entendeu...* porque eu não sabia como... isso que minha mãe lá na década de 90, ela usava

LETÍCIA: se tivesse ouvindo a mãe desde o começo [risos]

SANDRA: eh... [risos]

MARIA: mainha é sábia

[...]

LETÍCIA: e você se lembra como foi que você aprendeu a usar ele? a inserir, a fazer dobra

SANDRA: foi com as minhas amigas

LETÍCIA: foi com as amigas

SANDRA: eh... com as minhas amigas que ficavam dando dica... é isso... eu tinha um entrave... *eu tinha trauma de colocar coisa né* tipo, então pra mim eu falava “ah meu deus do céu, vai começar de novo”... e aí elas “não, você dobra e tal, vê se é melhor de cócoras, deitada”... eu fui conhecendo o jeito melhor né... e *acho que cada corpo tem um jeito melhor né...* eu era alongadinha na época, mas sempre tive dificuldade, pouco alongamento nas pernas e tal... então eu sempre tive que arrumar um jeito de colocar, assim

Mais adiante na conversa, Sandra explica seu posicionamento sobre não aderir à supressão da menstruação, mesmo com suas condições de alergia e consequências do Choque Tóxico. Ela apresenta uma perspectiva muito comum nos meios voltados à ginecologia natural, que elogia o ciclo menstrual com referência aos demais ciclos da natureza.

SANDRA: ah vou falar, que eu gosto de falar mesmo... *pra mim é uma dádiva ser mulher*, sinceramente, eu poder menstruar, ter filhos, sabe... eu entendo que tem

gente que acha que a mulher moderna entrou em crise em relação a isso, essa questão né... eh, acho um erro esse tabu... assim, questões de saúde ok, mas acho um erro essa teoria científica do doutor Elsimar

LETÍCIA: Elsimar Coutinho

SANDRA: que a mulher não precisa menstruar, que é desnecessário, que pode

LETÍCIA: sangria inútil né, é como ele chama

SANDRA: sangria inútil, eh... eu acho que é uma dádiva, eu acho que gente... é a nossa maior eh... mostra de que *a gente tem uma ligação muito forte com a na/... eu fico até arrepiada falando isso... com a natureza*, nossa, fico toda arrepiada... é sério, assim, *é uma dádiva poder passar por esse ciclo que tem a ver com a natureza, que tem a ver com a lua, tem a ver com tudo*, entendeu? talvez, eh... por isso que eu acho que homem também nos deixou nessa situação né, o patriarcado, o machismo, acho que tem muito a ver com uma certa invejinha [risos] dessa nossa... *eu acho que nós somos especiais*, de uma certa forma... o gênero feminino tem uma... não sei se é gênero, mas... poder pra procriar, menstruar e tudo isso, eh, faz a gente algo muito especial, na minha opinião, *pra mim menstruar é uma dádiva...* e tanto que a gente tem prazo, isso é uma coisa que tem prazo então a gente tem que aproveitar bastante esse prazo que é o período né... tem um período, tem um término, acaba e... eu acho que... *eu gostaria muito que as pessoas olhassem de uma outra forma mesmo pra esse ciclo*, não só o ciclo da reprodução mesmo né... porque as mulheres modernas, eu digo isso porque *eu sou feminista*, sou de movimentos e eu já ouvi coisas absurdas, assim, tipo “eh, não tem que menstruar mesmo” não sei o quê, não sei o quê “que atrapalha, que porra de filho só pra”... que é claro, filho é quando a gente quer mesmo, por isso que a gente usa... tem o contraceptivo, não é porque... a gente está apta a engravidar, mas é uma escolha... acho certíssimo se a mulher não quer ter filho, não quer, não quer, “tou não a fim”, não vejo nenhum problema nisso, agora não querer menstruar, acho que se não for uma questão de saúde, como tem gente que tem sangue, como é endo/...

LETÍCIA: endometriose

SANDRA: endometriose grave, eu conheço pessoas que ficam doentes, que precisam se internar num quarto escuro e só sair daqui a cinco, seis dias... aí sim, se você vai cortar pra ter um alívio e poder viver esses dias ok, é uma questão de saúde né, agora por uma questão de “ai eu não quero ver sangue” não sei o quê, não sei o quê... *ai eu acho isso uma visão assim tão desconectada da existência, da natureza... e acho que nós mulheres nos distanciamos muito dessa relação, que é dessa... que tem muito a ver com o ciclo menstrual né, de se conhecer...* eu acho, eu acho, é minha opinião

Como vimos no capítulo anterior, discursos que aproximam mulheres a certas ideias de natureza são veiculados no paradigma científico e na história da medicina como modo de produzir “o homem” como ser completamente humano; a este, caberia coerência, racionalidade e perfeição no mecanicismo corporal (sem produção desvirtuada, substâncias “inúteis” a ser excretadas mensalmente). A ginecologia enquanto especialidade médica se constituiu justamente nesse esforço. “O homem”, ser humano, é colocado ao lado da cultura, do pensamento e da transcendência, ou seja, da atividade de dominação. Do outro lado do binarismo, mulheres teriam corpos subjugados à “vontade superior” da natureza, aos imperativos (culturais, sob roupagem biológica) da maternidade e estes corpos “passivos” seriam fadados à confusão, descontrole, mistério e ilogicidade. Nesse sentido, a indústria

farmacêutica oferece drogas para “domar” esse corpo inapreensível e “regular” (estancar) a ciclicidade menstrual. Ao suprimir a produção endócrina das mulheres, tais drogas estariam adequando esses corpos à lógica linear da produtividade industrial e do pensamento cartesiano.

Nessa perspectiva, a retórica da vontade da natureza aparece como modo de essencializar expectativas culturais sobre mulheres. Natureza é compreendida como território inferior e incoerente, que deve ser submetida à inteligência “do homem”. Quando algumas feministas reclamam um louvor à natureza, é preciso compreender que há outro investimento de sentido para este conceito, distante daquele que fundamenta o pensamento científico moderno. Como aponta Manica (2002), natureza e cultura são termos polissêmicos e recebem diferentes conotações de acordo com as intenções ideológicas daqueles que os empregam. Quando Sandra fica “arrepiaada” falando sobre uma “ligação muito forte com a natureza”, ela encara natureza como território de profunda inteligência, maravilhosa complexidade lógica e coerência infinitesimal. Outras mulheres compartilham dessa perspectiva e se posicionam criticamente à prescrição compulsória de drogas de hormônios sintéticos, lamentando esta e outras “desconexões” promovidas pelas sociedades ocidentais. Ainda que esta não seja mais aquela natureza a ser dominada, continua sendo algo assombrosamente mobilizador, o que possibilita a perpetuação da noção de “vontade superior”, inescapável, que pode abrir margens para novos imperativos justificados por essa força tão venerável.

A afirmação de conexão entre “feminino” e “natureza” é fervorosamente controversa entre correntes de pensamento feministas. Há conflito principalmente entre os pontos de vista mais construcionistas e aqueles que celebram o “sagrado feminino”. De um lado, acusações sobre os perigos de resgatar discursos essencialistas que reproduzam a assentada lógica dicotômica “sujeito/objeto, mente/corpo, razão/emoção, cultura/natureza, masculino/feminino”, apontando também o prejuízo de definir mulheres em função de capacidade reprodutiva e o estereótipo da maternidade, caindo num universalismo da “condição feminina”. De outro, afirmações sobre potências suprimidas por uma epistemologia patriarcal fundada na prepotência racional e que estende a tudo uma lógica linear e ignorante da corporalidade.

As reivindicações de militantes feministas vinculadas ao movimento pela saúde das mulheres para maiores medidas de segurança, encontravam eco também nos grupos ambientalistas, que denunciavam a poluição das indústrias de cuidado feminino. A

partir de um plano mais individual, outras feministas, ligadas à espiritualidade, buscavam recuperar o positivo da menstruação, considerando-a uma forte fonte de poder feminino, apelando a danças, rituais e poesias. Um pouco mais tarde, inspiradas em um *ethos punk*, foram se desenvolvendo posições mais radicais: não havia de se melhorar a indústria de higiene feminina, mas aboli-la. Por sua vez, em oposição ao essencialismo que para elas preparava o espiritualismo, relativizaram a relação entre as mulheres e a menstruação: nem sempre as mulheres menstruavam, e nem todas as pessoas que menstruavam eram mulheres, dando mostras de sua forte vinculação com a teoria *queer*. As posições do feminismo e do movimento de mulheres são diversas e colocam ênfase em diferentes lugares<sup>92</sup>. (FELITTI, 2016, p.186)

Enquanto a fala de Sandra louva uma potência geradora nas mulheres, também recorre à disseminada visão da menstruação em função da reprodução; como vimos com Emily Martin (2006), esta lógica implica em entender o sangue menstrual como evidência de um processo fracassado. Aprofundarei a questão dos significados da menstruação no próximo capítulo. Por ora, aponto que mesmo compreendendo a menstruação em relação à possibilidade de maternidade, Sandra valoriza a “dádiva de poder passar por esse ciclo” atenta aos estigmas estereotípicos comuns em nossa sociedade que desqualificam as pujantes atividades endócrinas das mulheres. Tais estigmas estão alinhados aos processos de alienação corporal a partir de uma lacuna educacional que ignora as capacidades criativas e produtivas de cada etapa do ciclo (menstrual, folicular, ovulatória e lútea), caindo em clichês detratores acerca da ação de hormônios produzidos pelo corpo. Mais uma vez, Sandra expressa sua desenvoltura ao contestar acusações misóginas e mal informadas:

SANDRA: meu filho é o primeiro, ele me olha assim “o que foi minha mãe?”, “estou menstruada”, “aaah”

VERA: “ah”, tipo “eh”

SANDRA: tipo nãñãñã ele vem e fala “tá de TPM”, eu “pare com isso”

VERA: teu filho é adolescente?

---

<sup>92</sup> Tradução livre. No original: “Los reclamos de militantes feministas vinculadas al movimiento por la salud de las mujeres, por mayores medidas de seguridad, encontraban eco también en los grupos ambientalistas, que denunciaban la polución de las industrias del cuidado femenino. Desde un plano más individual, otras feministas, ligadas a la espiritualidad, buscaban recuperar lo positivo de la menstruación, considerándola una fuente de poder femenino, apelando a danzas, rituales y poesías. Un poco más tarde, inspiradas en un *ethos punk*, fueron desarrollándose posiciones más radicales: no había que mejorar la industria de la higiene femenina, sino abolirla. A su vez, en oposición al esencialismo que para ellas aparejaba el espiritualismo, relativizaron la relación entre las mujeres y la menstruación: no siempre las mujeres menstruaban, y no todas las personas que menstruaban eran mujeres, dando muestras de su fuerte vinculación con la teoría *queer*. Las posiciones del feminismo y del movimiento de mujeres son diversas y ponen el acento en diferentes lugares”. (FELITTI, 2016, p. 186).

SANDRA: é... “pare com isso, olhe esse machismo seu aí” [risos] TPM a gente fala... ah que TPM o quê, gente... estar de TPM é uma coisa que inventaram, sinceramente, a gente tá... eu entendo que a gente tenha TPM, mas acho que a gente tem que se... pô, é dizer que trinta... dia quinz/... então eu tenho TPM trinta dias por mês porque é claro que alguns dias antes, durante eu também tenho irritação... então, assim, *eu acho que essa coisa científica assim, a gente vai criando...* criam uns, sabe, uns... aí vira assim “ah tá na TPM”... isso me irrita profundamente, porque parece assim “ah deixa ela”, assim ah nãñã... e eu não acho isso... e como isso vem, é tão forte na sociedade... meu filho tem onze anos e ele faz isso desde oito ou nove que ele fala “ai minha mãe, já sei, você tá na TPM” daí “menino, você tá falando isso da onde?”

LETÍCIA: nem sabe direito o que é

SANDRA: “você nem sabe que porra é TPM” [risos] sabe, *eu não gosto de me colocar nessa caixinha da TPM*, eu acho... acho

MARIA: ah *eu acho que tem uma parada sim...* tem um... *eu não costumo chamar TPM... eu falo período...* é o período pré-menstrual... porque é de tensão e também de não tensão

SANDRA: eu tenho pós também, então... eu tenho durante

MARIA: ahn

SANDRA: durante eu fico insuportável... tipo hoje mesmo, por isso que eu me atraso, tomo banhos, fico tensa, nervosa, explosiva... antes tamb/ por isso que eu falo, é difícil, antes, depois, durante

VERA: por isso que, eh, *o processo de auto-observação do corpo é pessoal*

SANDRA: eh

VERA: não adianta a gente tratar todos os corpos de forma... a TPM é todo mundo igual, fica irritado, não sei o quê... não

SANDRA: isso

VERA: dizer que na TPM eu fico, sei lá, emotiva

SANDRA: eu já ouvi isso

VERA: *eu é que tenho que saber disso*

SANDRA: já ouvi dois dias depois que acabou minha menstruação, meu chefe “ai ela tá na TPM”, eu escutei ele falar não sei o quê “ai, ela tá na época, tá na TPM”, *eu entrei na sala e falei “tô não”, falei mesmo “não tô na TPM não”, explodi, assim*

VERA: eu sou raivosa naturalmente [risos]

SANDRA: ele “aí, você, toda nervosa”, *eu falei “cara, tem dois dias que acabou minha menstruação”* [risos] “*e você fica aí cochichando* dizendo que eu tô na TPM” [risos] que raiva

MARIA: e qualquer tensão, qualquer estresse

SANDRA: qualquer coisa é TPM

VERA: eh [risos]

MARIA: qualquer coisa é TPM

SANDRA: *eu acho que isso enfraquece, fragiliza a mulher também*, no sentido que ah... a gente tem uma coisa diferente, a gente tem coisa que é diferente do homem, mas eu não gosto desse lugar de ah... também, da fragilidade, sabe? eu acho que a gente tem uma diferença... a gente menstrua, a gente pari... nãñã

MARIA: mas também se estressa igual, é explosiva igual, não só por isso né

SANDRA: eh... não gosto desse lugar de nãñã... *acho que isso ajuda a imbecilizar a mulher*, assim, como se a mulher fosse... ai, uma coisinha assim

Para concluir, volto à sugestão de que o uso do coletor pode proporcionar o estabelecimento de uma “relação com o sangue”. Essa ideia apareceu como um conselho para Sandra na década de 1990 e parece ser um princípio bastante difundido entre usuárias de coletor, pois foi manifestada em depoimentos em todos os encontros, repetidamente. Inclusive as participantes do grupo anterior, que enfrentavam desajustes à adaptação do copinho, expressavam valorizar esse aspecto: nas palavras de Luana, “da relação com a menstruação e comigo mesma... que eu acho que eu ainda estou em processo”. Pensando em relação, olho para a desenvoltura tão característica das mulheres do segundo grupo focal; aqui, relação é fundamentada em conhecimento prático, na apreensão sensorial, na curiosidade de aprendizado, disposição ao diálogo e em observação rotineira e certa fascinação pelos fenômenos corporais. Em suma, relação é exercida a partir de habilidades de percepção:

VERA: eu me sinto mais segura usando coletor

LETÍCIA: segura em que sentido?

VERA: segura no sentido físico mesmo... assim, eu sei que vaza um pouquinho, mas... como eu sei que esse vazamento não é um vazamento... são só, eh... é uma coisa muito pequena, então eu me sinto segura de usar coletor... acho que é por isso que meu corpo se adaptou, minha vida se adaptou a ele de uma forma muito... muito fluida, inclusive... aí quando eu vejo de pessoas que não se adaptaram... né, que muita gente não se adaptou ao coletor... mas o meu corpo se adaptou, nossa, incrível

SANDRA: eu queria até acrescentar... eu acho que uma coisa que eu sinto de diferente, que eu gosto... *que é diferente de você ter um absorvente que é algo que absorve e te tira essa sua relação com o seu sangue... eu gosto do coletor justamente porque eu passo a ter uma relação com a menstruação, de olhar pro meu sangue, pros pedaços... né, tipo, não é uma coisa cheia de sangue, do mesmo sangue que a gente tem na veia, é uma outra... ele tem uma outra textura, ele vem com pedacinhos, ele tem um cheiro... e com o tempo você vai... dependendo do que você come, às vezes é assim... muda o cheiro... né, se for uma época... eu já fui vegetariana... logo quando comecei a usar, não comia carne... o meu sangue era muito diferente de hoje, hoje eu voltei a comer carne... é diferente, é outro sangue... antes de eu ter filho era um tipo de sangue, depois que eu tive filho meu sangue diminuiu, meu sangue é diferente*

VERA: seu parto foi normal?

SANDRA: não... cesariana... mas eu tava esperando ser normal, mas foi cesariana porque nasceu com mais do que quarenta semanas, mas... pra mim essa é a diferença... *eu me sinto me relacionando com a menstruação de uma forma íntima, conhecendo meu corpo melhor e... e tudo... eu fico até fazendo umas analogias “ai hoje eu tou com cólica, o fluxo tá assim, tá assado”... “ah tá vindo dessa vez, não tá tendo tanta cólica, o fluxo tá mais fino”... que até tem umas coisas que normalmente a gente às vezes não vê de cara, assim... olha... fica fazendo analogias né... de como foi o ciclo dessa vez ou da outra vez*

[...]

MARIA: pra mim foi aquela coisa do alívio, assim... pra mim, eu sentia a necessidade fisiológica de deixar de usar absorvente descartável... por conta das infecções vaginais que eu tive e por conta do ambiente que eu tava e tal... então, tipo assim, e porra, eu posso... nunca tive problema com menstruação, assim, nunca... eu tinha ansie/ eu ficava ansiosa esperando a menstruação chegar quando eu ainda não tinha menstruado... então... *possibilitou uma outra forma de eu experimentar minha menstruação né, essa coisa de ver quantidade... eu sempre achei coágulos incríveis*, assim, eu ficava

VERA: ah eu também acho incrível [risos]

MARIA: *gente, que coisa incrível, que cor é essa, que vida é essa?* e aí, eh... *é esse contato mesmo né, com a cor, com o cheiro, com a quantidade*, com... até esse trabalho de “porra, pera aí, deixa eu ver como é que tá aqui, como é que eu me adapto?”... *até esse processo de adaptação...* eu acho que tá muito relacionado a... *acaba forçando mesmo* a um processo de autoconhecimento... então acho que *embutido nesse uso, eh... também vem esse processo de autoconhecimento do próprio corpo, do próprio sentido... de como é o teu fluxo, você cria uma outra relação...* eu acho que não tem como... eh... sem contar também... assim, não foi a minha motivação, mas eu entendo que isso faz parte que é a diminuição de resíduo né, velho... não foi o que me motivou, não é o motivo principal de eu usar coletor menstrual, mas eu acho também que é uma coisa que tá embutido

### 3.3.3 ASSERTIVIDADE

O terceiro encontro aconteceu no dia 24 de janeiro, em lugar diferente dos anteriores. Desta vez, contei com a colaboração de Jaqueline de Almeida, revendedora de coletores menstruais, para alcançar mais mulheres disponíveis à pesquisa. Jaqueline abriu as portas de sua residência com o nome Casa das Águas Mãe Preta<sup>93</sup>, localizada no Quilombo Urbano Alto da Sereia, no bairro Rio Vermelho, para me receber. Sou profusamente grata à sua generosidade, tanto por facilitar conexões quanto por oferecer ao grupo sua hospitalidade. Enquanto preparávamos café e lanches logo antes da roda de conversa iniciar, ela mencionou que aquele espaço vinha sendo ocupado apenas por mulheres na última década; foi muito agradável promover esse encontro num lugar abraçado pelo mar e repleto de livros e objetos que fazem referência a cuidados do corpo.

---

<sup>93</sup> “Um espaço ocupado há dez anos somente por mulheres, tem atualmente como guardiã Jaqueline de Almeida, preta, mãe, Relações Públicas e Terapeuta Integrativa Sistêmica. Desde 2016, a Casa das Águas acolhe vivências para mulheres, facilitadas por Jaqueline. Atualmente, são realizados Grupos de Estudos sobre Saúde e Bem-Estar da Mulher e Oficinas de Iniciação em Saboaria e Cosmetologia Natural e Rodas sobre Autocuidado. A Casa também realiza parcerias com terapeutas e educadoras na promoção de atividades culturais e de autoconhecimento”. Disponível em: <<https://mahuwacomterapia.wordpress.com/>>. Acesso em: maio 2019.



O terceiro e último grupo foi constituído exclusivamente por mulheres negras (dentre as sete mulheres presentes dos grupos anteriores, três eram negras e quatro brancas), num total de cinco participantes: Ana, Iara, Cíntia, Solange e Simone<sup>94</sup>. Ana e Cíntia são mães e trouxeram suas crianças, que ficaram brincando no ambiente externo durante nossa conversa. Uma das participantes, Solange, estava acompanhada de sua irmã Simone, que não usa coletor menstrual, mas que ouviu o debate e por vezes contribuiu com suas reflexões sobre menstruação. Foi intrigante acompanhar as reações das usuárias de coletor aos comentários desta mulher que utilizava produtos descartáveis, principalmente no que se refere a pudores sobre o corpo e relações de diálogo com as pessoas de suas convivências sobre o fluxo menstrual.

Chamo esse grupo de “assertividade”, pois mesmo que as experiências ali compartilhadas fossem muito distintas entre si, havia o eixo comum de que todas essas mulheres se posicionavam com convicção em seus valores acerca de autonomia sobre o corpo. Além disso, o modo de comunicação desenvolvido por esse grupo foi composto de depoimentos longos, nos quais as participantes fundamentavam seus pontos de vista em profundidade, inclusive sem hesitar em apontar insatisfações com o coletor e um uso mais pontual do dispositivo. Considero-as assertivas, pois cada uma relatou situações em que afirmaram suas decisões frente a outras pessoas, prezando pela coerência e perseverança em suas escolhas.

Iara foi uma das primeiras mulheres a entrar em contato comigo quando comecei a fazer chamadas para os grupos focais. Ela mora em Camaçari, região metropolitana de Salvador, e expressou bastante vontade de participar da pesquisa, mesmo com empecilhos de distância e incompatibilidade de horários. Com muita satisfação, conseguimos nos organizar de modo que ela estivesse presente no último grupo. Desde a primeira vez em que nos falamos, ela dizia sentir falta de conhecer pessoas com quem conversar presencialmente sobre suas experiências com coletores menstruais e logo no início de nosso encontro compartilhou o contexto de sua sociabilidade:

IARA: é da relação que eu tive com a menstruação que era... *pra mim sempre foi um incômodo, sempre foi algo ruim...* eh, mas *eu sempre fui ensinada por minha mãe que... na verdade, sempre foi tabu*, menstruação sempre foi um tabu... eh, eu sempre

---

<sup>94</sup> Ana – 32 anos, professora; Iara – 25 anos, analista de sistemas; Cíntia – 34 anos, terapeuta; Solange – 34 anos, policial militar; Simone – 35 anos, arquiteta.

tive que usar absorvente externo, eh... *eu não podia inserir nada na minha vagina...* então com o tempo *eu fui me libertando de várias coisas*, como... eu tinha... eu sempre alisava meu cabelo, odiava meu cabelo e aí, eu comecei a me libertar disso, então eu... nesse período, assim, de libertação, que *eu fui conhecendo alternativas pra coisas que pra mim eram daquele jeito, sempre foi daquele jeito*, depois descobrindo essas alternativas que eu fui vendo que, poxa, tinha alternativa pra todo, todo o sofrimento que eu passo pra alisar o cabelo, todo o sofrimento que eu passo na menstruação, eh... eu posso melhorar, então... foi essas pesquisas que eu fui fazendo, que eu descobri, me interessei, é uma coisa que eu... me anima muito, *eu quero conversar com todo mundo, mas... nem todo mundo aceita*, eh, é um tabu pra todo mundo... falar de menstruação, é estranho isso né, porque

SOLANGE: você acha?

IARA: toda mulher menstrua e enfim... eh... no meu caso, eu vi o coletor, assim... foi no Facebook também, propaganda também... só que foi há muitos anos atrás, talvez uns cinco, seis anos atrás, numa época que eu ainda era religiosa

ANA: vinte... você tinha vinte anos, né? vinte, dezenove anos

IARA: eh, eu ainda era religiosa e era virgem... então quando eu vi aquilo eu “*eu nunca que eu vou introduzir isso na minha... nunca*”, eu vou perder minha virgindade... primeiro, *eu vou perder minha virgindade com isso aqui* e na época eu achei um absurdo... um absurdo... eh, e aí foram passando os tempos... eh, eu saí da religião... e nessa época eu fiquei com a mente um pouco mais aberta, eh, mas ainda assim eu não me interessava tanto... eu lembro que um dia eu ia tomar banho de piscina, queria muito tomar banho de piscina, minha menstruação tinha descido, eu “*ai não acredito, não vou tomar banho de piscina, não vou*”... aí uma amiga minha me deu um absorvente interno “*não, coloca, você vai poder ir pra piscina*” e não sei o quê... na época eu já tinha perdido... já tinha perdido minha virgindade, eu “*ah, eu já perdi minha virgindade, eu posso colocar esse absorvente interno*”... botei na maior dificuldade, eh, não gostei muito, mas eu vi que poxa, é melhor do que absorvente externo... eu não fico me sentindo molhada, não fico... enfim... e aí pouco tempo depois eu comecei a usar absorvente interno, absorvente interno... já tinha até esquecido que existia coletor... e aí, já... acho que 2017, talvez, eu comecei a ver propaganda de coletor novamente e aí que eu “*poxa, eu já uso absorvente interno, por que eu não uso isso? ah, mas é muito grande, ah, vai alargar minha vagina*, eu vou ficar... *vai alargar minha vagina*, eu não vou usar... não vou usar, não vou usar”... mas, eh, absorvente interno sempre me incomodava, era bom... *era bom porque eu não me sentia menstruada*, mas tirar era horrível, eh, aquela... era horrível, era horrível tirar, colocar também, aquela coisa seca entrando na vagina, arranhando... eu odiava essa parte né... mas, enfim... eu comecei a assistir vídeos, eh, tem um canal no Youtube, acho que é Papo de Copinho

LETÍCIA: Papo de Copinho

IARA: amei esse canal... eh, me ajudou a desmistificar muita coisa e aí eu entrei no grupo de coletores, comecei a pesquisar, comecei a me interessar

A questão da virgindade marcou a relação de Iara com sua mãe que, segundo ela, “ficou muito triste” ao saber que a filha estava usando dispositivos internos e havia feito sexo com seu noivo antes do casamento. A menstruação, que era um assunto “tabu”, compreendida como “incômodo” e “sofrimento”, passou a ser para Iara algo sobre o que ela declarava querer “conversar com todo mundo”, movida pela vontade de partilhar descobertas que a trouxeram à sensação de estar se “libertando”. Sua aproximação ao coletor se deu na mesma época em que decidiu assumir o cabelo natural, processos que também foram concomitantes para mim

em meados de 2013. Acompanhando relatos em redes sociais, identifiquei que é comum que o interesse pelo coletor menstrual ocorra simultaneamente à elaboração e questionamento de outros aspectos corporais, principalmente o uso de drogas de hormônios sintéticos para contracepção ou “tratamento” de certos sintomas. Muitas vezes aquelas que se voltam ao copinho estão também se engajando em busca de informações e mudanças de hábitos em termos de direitos reprodutivos, consumos alimentares e de cosméticos e imperativos estéticos em nossa sociedade<sup>95</sup>. As decisões de Iara sobre seu corpo foram vividas de maneira solitária em seu meio cotidiano, mas na internet ela encontrou redes de discussão, inspiração e apoio de mulheres com interesses semelhantes.

Iara apenas aderiu aos dispositivos internos depois de iniciar sua vida sexual, mantendo-se resoluta em seu conceito sobre virgindade. O receio de que o coletor menstrual (ou absorventes internos) pode causar uma “perda” da virgindade é algo que vem sendo discutido por campanhas publicitárias de algumas marcas. Atualmente, há no mercado brasileiro copinhos de tamanho ligeiramente menor, voltados ao consumo adolescente. Nessas campanhas, discute-se a construção social da ideia de virgindade e é questionada a imprescindibilidade do hímen intacto na definição de iniciação às atividades sexuais. Para Iara, esse era um fator importante, mas há muitas mulheres que consideram que a inviolabilidade do hímen não é um requisito demarcador. Infelizmente, nesta pesquisa não tive a oportunidade de conversar presencialmente com mulheres virgens que usam coletor menstrual.

Superada a questão da virgindade, outro aspecto que causou hesitação em Iara foi o receio de que o coletor pudesse “alargar” sua vagina. Essa é uma ideia comumente acionada por discursos machistas que procuram regular o comportamento sexual das mulheres; o medo de “ficar arrombada” é superado com informações básicas sobre a elasticidade própria da vagina. Lembrei-me de Sandra no grupo anterior, que se divertia com tal ideia:

SANDRA: eu lembro de uma coisa que tinha na propaganda do meu primeiro lá... na Alemanha que tinha uma coisa que era, que eu dava risada, que era assim “não deixa sua vagina frouxa” tinha um texto que a galera “kákákákáká”, ficava rindo, fazendo piada... eu falava “sério que tá escrito isso aí?”, “tá”, que dizia assim “não se preocupe”

---

<sup>95</sup> Em 2013, ano em que adquiri meu coletor, vivi esse “combo” de questionamentos corporais: ao lado do uso do copinho, iniciei uma transição capilar (alisava os cabelos com química há dez anos), deixei de ingerir drogas de hormônios sintéticos e entrei em processo de remissão de transtorno alimentar (amém!).

LETÍCIA: que não alarga sua buceta não

SANDRA: que não alarga sua buceta [risos] era uma piada isso

LETÍCIA: então, mas isso tem... é um estigma, total... uma ferramenta acusatória pras mulheres

SANDRA: isso, várias amigas falam “ah meu deus, mas esse negócio aqui eu vou ficar arrombada” [risos]

LETÍCIA: “vou ficar frouxa” e, por outro lado, também tem, assim, fisioterapeutas pélvicas, mulheres que trabalham com pompoarismo e tal

SANDRA: sim

LETÍCIA: que super dizem que o uso do coletor é ótimo pra você exercitar mesmo a musculatura da região

SANDRA: eu tenho uma amiga que diz que tem tudo a ver com pompoarismo

A questão do desconforto em inserir um objeto no canal vaginal foi unânime no terceiro grupo, mesmo que por motivos distintos. Enquanto Iara enfrentou prescrições de sua orientação religiosa familiar, Solange remeteu ao esforço de superação de constrangimentos decorrentes de experiências “dolorosas” da sexualidade:

SOLANGE: então... o coletor né... que ele, ele... começou a apresentar na minha timeline... e aí o que pegava pra mim é exatamente essa resenha né, de tipo assim de... caralho, mano, esse negócio de ficar introduzindo coisas dentro da minha vagina né... era uma coisa muito... que incomodava, era uma ideia que me desconcertava por demais né... e aí tá em jogo, tipo, a relação com a sexualidade né e as experiências de sexualidade, de sexo que eu tive e tal né... assim, muito constrangedoras né, assim, diversas... pra mulheres é muito doloroso né... muito *cheio de, de constrangimentos, de embaraços mesmo*, eh... e aí eu acho que foi, tipo assim, mais ou menos há uns dois ou três anos que aconteceu, eu adquirei o meu coletor né

LETÍCIA: a primeira vez que você viu essa... a publicidade, foi em que ano mais ou menos?

SOLANGE: eu não lembro ao certo, mas foi antes, por exemplo, de 2017

LETÍCIA: tá

SOLANGE: né... então *eu já tava me envolvendo com essa proposta de monitorar o meu ciclo, com essa proposta de abrir mão do contraceptivo né*, as pílulas contraceptivas... eh, *tava nessa pegada de estabelecer uma relação de ver minha vulva né... voltar a me masturbar... era algo que eu tinha desaprendido* aos treze anos e tal e aí... aí chegou essa mensagem pra mim no Facebook, essas propagandas na timeline, mas eu só consegui uns três ou dois anos depois comprar né, o meu coletor e passar essa experimentação, porque *até hoje eu tou nessa experimentação*, tem mais ou menos

LETÍCIA: tá adaptando ainda

SOLANGE: eh, eu ainda tou em situação de adaptação, *perceber o meu corpo, como ele reage e quando eu avanço né, em termos de tar mexendo né, bulinando aquela região*, digamos assim e... e foi até hoje, são experiências, digamos assim, tortuosas né [risos] mas uma palavra que eu posso dizer desse processo é uma *deserotização da minha vagina*

LETÍCIA: hum

SOLANGE: eu estou numa relação de deseroti/.. deserotização dela né, *vendo a partir de sua organicidade mesmo, como organismo, como parte do meu corpo* né... como meu nariz que eu enfio o dedo né [risos] ou a minha boca que eu enfio a pasta de dente né pra manter a higiene e tal, então eu estou caminhando pra essa relação assim

[...]

IARA: isso... eh, eu me adaptei muito melhor, muito melhor a esse outro coletor e *perdi medo* né de... minha vagina é... é isso que, eh... assim, é o que a Solange falou né, *é uma parte do corpo como qualquer outra, a gente não precisa ter medo de se tocar*, de... como a gente toca em qualquer outra parte do corpo né, qualquer outra... quando a gente se conhecer, né, enfim, eh... e nossa, eu *acabei descobrindo coisas, assim, de mim que eu jamais poderia se eu não tivesse esse interesse* né

Adaptar-se ao uso do coletor menstrual demandou de Solange um investimento em elaborar questões de sua sexualidade, praticando o hábito de observar sua vulva e se masturbar, coisas que ela diz ter antes “desaprendido”. Ao mesmo tempo, tocar seu corpo também é parte de um processo que ela chama de “deserotização”, percebendo seus órgãos sexuais a partir de um olhar por si e para si. Desenvolver uma compreensão do corpo sem recorrer à perspectiva de um parceiro sexual é um intuito importante para Solange e as demandas de utilização do copinho fazem parte desse percurso. Por sua vez, Iara, que relatava receios sobre a inserção do coletor, descobriu que “a gente não precisa ter medo de se tocar”.

Ana e Cíntia compartilham experiências com coletor pré e pós-parto, percebendo mudanças de anatomia e necessidade de procurar por outro tamanho de copinho. Elas, assim como outras, preferem não fazer uso contínuo do coletor durante o período menstrual, intercalando com absorventes de pano ou sangramento livre:

CÍNTIA: eh, então, a minha questão da adaptação foi nesse primeiro né, nessa primeira tentativa, assim, de... não sei, não dava... não dava certo, acho que era... também falta um pouco de contato porque apesar de... como eu falei né, de ter parido, eu sempre tive uma relação assim... enfim, de me olhar no espelho, olhar minha vulva, de me masturbar desde sempre... mas mesmo com as... as informações né, maternas no meu ouvido... mas, eh, eu tive no parto uma laceração, isso me deixou muito frustrada, né, não foi corte feito pelo médico, né, não foi... enfim, lacerou né, abriu entre o períneo e o ânus, assim e... teve que dar ponto e não ficou gatinha assim, então... *essa coisa de ter que tocar ali, de ter que ver, eu fiquei... muito frustrada*, assim... eu ficava... que merda, velho, de *ter que lidar com isso agora*... ficou feio, não sei o quê... então nesse período foi... *eu ainda tava numa resistência*, assim né... de olhar, de... e não, talvez, tão bem né, por conta de processo de pós-parto né, ficar lidando com essas coisas assim... enfim, não dava certo, vazava né... e esse relato que eu dei assim que foi de sair na rua... eu ficava só usando em casa né [...] eh, dormi com ele também, pra fazer experimentação né... que tem gente que... tem as horas, que ele pode ser utilizado durante doze horas até...

tem a indicação também, de poder utilizar... mas acho que eu só fiz isso uma vez, assim... não me senti segura também de ficar usando

LETÍCIA: por tanto tempo

CÍNTIA: eh, não por tanto tempo

LETÍCIA: à noite?

CÍNTIA: por tanto tempo e dormindo né... aí, desisti, assim... eh, mas foi isso, assim, depois que veio esse segundo [coletor] eu já tava também em outro movimento né, eu tava pensando mais um pouco também... e aí, tranquilo, assim, não tenho problema, mas não tenho essa... eu gosto de usar, acho prático né, principalmente quando é pra ir pra rua, passar muito tempo fora, longe de casa, mas *pra ficar com ele em casa eu não uso, de jeito nenhum*

LETÍCIA: não usa

CÍNTIA: eu só coloco quanto eu tou... na hora de sair de casa... que eu vou pra lugares mais longe, se não eu uso paninho, eu ainda uso paninho... eu tenho três modelos diferentes, que eu adquiri, não, quatro... que era um diferente, eu comprei a mais, assim, porque eu gosto de usar... em casa, até pra dormir também... e... e faço também os movimentos de não usar calcinha né e *quando a gente começa a ficar mais atenta a gente percebe o momento que o sangue vai dar aquela... que vai sair aquele tanto, que ele não fica, assim*

SOLANGE: escorrendo

CÍNTIA: escorrendo né

SOLANGE: um monte... que a gente imagina né

CÍNTIA: *imagina né, que é dito pra mim, que tem aquela... aquele sangue o tempo todo*

SOLANGE: são momentos né, que ele vai descer

CÍNTIA: tem momentos que ele desce e *se a gente tá na percepção dá pra sentir...* aí já fiquei sem calcinha também, hoje eu fico com calcinha, enfim... durmo sem... *sangue pra tudo o que é lado [risos]* mas é isso mesmo, é isso mesmo, é essa experiência [...] pra mim, tipo, fazer... treinar... treinar, jogar capoeira, velho... com, tipo... fazer uma atividade física assim, puxada, pesada e ficar tranquilíssima, assim, com o coletor foi tipo... hors concours desses últimos tempos de ter usado né... poder usar... porque... é isso... com pano eu acho que tem um momento que acontece isso, eu gosto também de usar, mas tem uma hora que enche o saco também e você quer fazer algo, sei lá, quer esticar seu dia... vai pra uma praia, fazer uma atividade física sabendo que você pode ficar tranquila, assim... se der... se o seu uso já tiver adaptado, se tiver tudo organizadinho... você fica lá de ponta cabeça e ele tá certinho, no lugar... então essa... *liberdade... essa palavra é meio complexa*, assim... mas essa possibilidade que a gente tem de sentir mais eh... livre, assim, né... menos tensa né... porque o período menstrual... ou seja, o absorvente comum ou os abios né, os absorventes de pano, em situações... em determinadas situações ele pode te deixar tensa né, porque fica naquela... vou vazar, vou manchar... como é que eu troco, como é que eu deixo... e o coletor te dá mais essa segurança... acho que ele, eh... *ter ele não como um "óóóó" [risos]* mas como essa possibilidade... eu tenho essa possibilidade... *uso coletor, uso pano, não uso nada...* pego uma fraldinha lá e uso... né, e ter ele como mais assim esse complemento, mais eh... seguro né... e principalmente desse nosso trânsito na rua, né... porque é muito... isso é... em casa é um outro lugar né... esse espaço em que a gente é colocada nessa condição de estarmos em casa né... mulher, em casa e não sei o quê... mas quando a gente tem essa possibilidade de ir pra rua, né, de transitar na rua e poder ficar mais firme né, mais tranquila... isso dá mais segurança pra gente também... menos lugar de sofrimento

Utilizar o coletor como uma possibilidade complementar a outros dispositivos foi algo regular entre todos os grupos. A maioria das mulheres que participaram dos encontros eram também adeptas dos absorventes de pano, enquanto que apenas uma (Lena) dizia recorrer por vezes a absorventes internos descartáveis. Esse dado me fez considerar meu próprio uso do copinho, que é exclusivo há seis anos; durante todos os dias de fluxo, tenho o coletor inserido na vagina, retirando-o apenas para o descarte do sangue. A vontade dessas mulheres de deixar o sangue fluir para fora do canal vaginal me instiga a, assim como elas, buscar por novas experimentações. O sangramento livre é uma prática interessante para desenvolver a atenção aos sinais do corpo e o exercício da musculatura pélvica<sup>96</sup>. Como coloca Cíntia, “tem momentos que ele desce e se a gente tá na percepção dá pra sentir”. Compartilhei com elas uma experiência que tive uns três ciclos antes de nosso encontro:

LETÍCIA: eu tive no ano passado... eu nunca esqueço porque pra mim foi muito marcante, assim, mesmo... eu sabia que eu ia ficar menstruada, digamos assim, naquela semana, não sabia que dia, porque meu ciclo ele varia assim... tem uma ampla faixa de variação... mas eu sabia que ia vir assim... eu tava... tava na rua, eu tava perto de casa já, faltava só umas três quadras pra chegar em casa... e eu senti um negócio... foi a primeira vez que eu senti aquilo eu pensei “eu tou afinada com meu ciclo pra eu ter sentido isso”... eu senti, eu pensei assim “acabou de sair do colo do meu útero a primeira gota da menstruação” eu senti isso, foi isso que eu senti... “acabou de sair... tá lá dentro do meu canal vaginal ainda, né, eu posso caminhar tranquilamente até em casa não vai... quando eu chegar, eu vou abaixar a calcinha não vai ter nenhuma gotinha de sangue na minha calcinha, mas eu vou inserir o dedo na minha vagina e eu vou ver tipo um pouquinho do muco rosadinho... vai tar branco, mas vai tar rosadinho” porque eu senti uma gota saindo do colo do... cheguei em casa e... eu olhei na minha calcinha, minha calcinha não tinha nada, coloquei o dedo, tinha um nadinha cor de rosa ali, daí eu “gente, tou em sintonia” [risos] alguma coisa tá rolando... e eu acho muito bonito, assim, quando isso acontece

A relação dessas mulheres com o sangue menstrual é assertiva tanto nas decisões que realizam, prezando por autonomia de escolha sobre a maneira de lidar com a menstruação, quanto na afirmação dessas escolhas perante familiares, colegas de trabalho e parceiros amorosos:

---

<sup>96</sup> Felitti comenta benefícios do sangramento livre e estigmas que tal prática enfrenta: “Lejos de cualquier intervencionismo, se posiciona el ‘sangrado libre’, que implica no usar ningún elemento que contenga la sangre y ser consciente de las señales del cuerpo. Como explica una promotora catalana de esta modalidad: ‘Lo que se aprende con el sangrado libre es a escuchar el bajo vientre y a mover voluntariamente la musculatura para expulsar la menstruación del útero (...) tonifica la musculatura genital y nos hace aprender a moverla a conciencia, lo cual tiene muchos beneficios a nivel de salud: disminución del dolor menstrual, aumento del placer sexual y los orgasmos, y mejora del parto’ [...] Si el hecho de usar toallas de tela o la copa menstrual generan sorpresa o burlas, ante el ‘sangrado libre’ las críticas y el sarcasmo se expanden”. (FELITTI, 2016, p. 183).

SOLANGE: eu tenho, como eu tenho melhorado a relação com o coletor, ou seja, eh... como eu tenho precisado tirar e colocar ele menos vezes... porque no início, como não sabe como encaixa, você fica tirando e botando, tirando e botando, tirando e botando, tirando e botando... acaba machucando a pepeca né... aí assim, que desgraça, tá entendendo... mas como eu tou construindo um ritmo né, tou entendendo melhor como é a adaptação dele no meu corpo, qual é o melhor... quais são os procedimentos depois que encaixa né... pra ele de fato alocar-se lá... eh, aí eu tenho conseguido ficar com menos incômodo... com incômodo nenhum na vagina né... e isso me agrada muito... essa resenha de ficar botando e tirando, tirando e botando, isso acabava realmente machucando o... a vagina e tal... e aí, eu atualmente, eh, por conta de alguns incômodos ainda né, com relação à labuta com o coletor... porque ainda assim você tem que colocar e tirar né... ainda é uma experiência um tanto tensa pra mim... como como é quando eu vou pro ginecologista... ainda é uma experiência tensa né, introduzir isso e retirar isso né... eh, então, quando eu posso estar em casa, eu fico livre... coloco panos específicos em locais de assento né, quando eu posso assentar e manchar de sangue, não vai ter problema... durmo livre também né... a depender, se eu vou ali perto de casa vou... vou livre também né... geralmente eu tenho saias, assim, longas e de forro né, aí se escorrer eu limpo assim e tá tudo certo, são saias bem estampadas, assim, sabe... aí ninguém identifica o que é estampa e o que é sangue [risos] aí eu tenho me permitido ficar assim né, fluindo quando eu tou em casa, mas quando... eu tou no trabalho né, ou tou, por exemplo, vou precisar pegar a moto pra sair aí eu... aí eu uso o coletor e tal... aí tem sido dessa maneira assim [...] eh, eu... não sei, com o passar dos tempos... a minha relação com o sangue não era de nojo... era de trauma... né, que como criança eu tive algumas experiências aí com relação ao sangue, então quando eu via sangue eu desmaiava né, então

SIMONE: ela tem problema com sangue, não com sangue de menstruação

SOLANGE: eh

SIMONE: não com menstruação, com sangue

SOLANGE: eh... e é algo que eu venho trabalhando ao longo da vida e já melhorei em vários aspectos, inclusive... e aí ter contato com sangue menstrual foi algo que no início foi tenso né... é aquela quantidade de sangue junta ali né... eh... mas ter tido a *oportunidade de me inserir nesse espaço feminino e feminista*, né... de ressignificar o corpo... de *olhar e tocar o próprio corpo*, né... de *se apropriar do próprio corpo... de fazer os usos que quer fazer desse corpo* né... então... eu trabalho num meio muito masculino né, num meio predominantemente masculino e tipo assim... eu me permito a tratar do meu ciclo menstrual com naturalidade mesmo... né, tipo assim, por exemplo, às vezes logo quando o sangue desce eu tenho cólica... então eu não fico fazendo contenção né, das dores né, fazendo cara de blasé enquanto tou com dor... eu boto “tá com dor, é?”, “tou menstruada” [risos] tipo assim... *dou a real mesmo né*... vou, digo pros meninos “pera aí que eu vou aqui trocar... meu sangue” e tal e né... porque também não é tão... eu falo quando vou no banheiro fazer xixi, eu pego “vou fazer xixi aqui, viu, galera” assim, né... sei lá, a gente vai sair pra rua, você vai demorar pra ir pra casa, então primeiro vou fazer xixi né... tá... eh, e em casa e outros meios talvez possa parecer um pouco artificial, mas eu tenho a sensação que às vezes eu falo como quem quer tensionar mesmo né... eh, *pode parecer artificial né, como a coisa é conduzida... mas eu tenho a sensação que às vezes eu falo pra tensionar mesmo, pra o tema entrar na roda* [risos]

LETÍCIA: dar uma provocada

SOLANGE: pras pessoas saírem ali do lugar... eu digo “perai, meu deus, perai que meu COPINHO, vou aqui no banheiro, que meu COPINHO”, “como assim, teu copinho?” aí né... ou então minha mãe ou quem quer que seja chega lá em casa e vê meus panos de sangue, né, na cadeira, minha cadeira, em outra cadeira... né “que que é isso, Solange?” [risos] “esse aí é meu sangue”... “o que que é isso, Solange”, o sangue descendo por aqui assim né... “o que que é isso, Solange”... minha mãe né,



eh... “o que que é isso, Solange”, “é meu sangue” eu vou com saia, limpo [risos] coisas do tipo assim né... “eu não te ensinei isso” [risos] é uma coisa que sairia realmente da boca de dona Sônia... né “eu não te ensinei isso, você não aprendeu essas coisas comigo”... mas então... pra responder de modo um tanto sistemático, né... eu lido... eu falo dessas coisas no meu ambiente de trabalho também pra tensionar, né... eh, então eu acho que... *eu sinto que eu falo não só porque é natural, mas como alguém que quer confrontar essa realidade que eu vivo*

LETÍCIA: uhum

SOLANGE: essa realidade com esta realidade

A intenção de Solange de “fazer os usos que quer fazer desse corpo” e confrontar, tensionar, conduzir conversas em direção a tratar do ciclo com “naturalidade” mostra uma postura ativamente engajada em burlar as regras vigentes de etiqueta menstrual que foram perpetuadas em outras gerações (“eu não te ensinei isso, você não aprendeu essas coisas comigo”) ou que são implícitas entre os homens de seu convívio. Ao tomar a iniciativa de acionar o tema da menstruação, ela se precave de comentários como aqueles que Sandra outrora relatou ter ouvido de seu chefe. No que concerne à etiqueta menstrual, Iris Young (2005, p.116) considera que “uma mulher em seu ambiente de trabalho é sujeita a sofrer qualquer coisa desde leves provocações até sérios assédios em humilhante abjeção sob o olhar jocoso de homens maliciosos<sup>97</sup>”. A etiqueta menstrual não está apenas no uso metafórico das palavras, nos espaços demarcados onde se pode ou não dialogar, nas pessoas com as quais é escusável tratar do assunto, mas também nas atitudes que se espera que mulheres assumam para esconder o fato de estarem menstruadas e passar por esse período de modo sigiloso e solitário. De acordo com Young, o corpo admitido como normal é o corpo que não menstrua, assim, a menstruação deve ser vivida de maneira velada, principalmente nos ambientes de estudo e trabalho: “a maior parte das mulheres que experimenta desconforto físico e/ou emocional antes ou durante seus períodos, esforça-se em alto nível para esconder de colegas de trabalho e supervisores que menstruação faz trabalhar ser mais difícil para elas<sup>98</sup>” (YOUNG, 2005, p.116). Solange, assim como várias outras participantes das rodas de conversa, faz questão de explicitar o fato de estar menstruada para as pessoas a seu redor:

---

<sup>97</sup> Tradução livre. No original: “A woman in the workplace is liable to suffer anything from mild teasing to serious harassment to abject humiliation under the gaze of joking or malicious men”. (YOUNG, 2005, p. 116).

<sup>98</sup> Tradução livre. No original: “Most women who experience physical and/or emotional discomfort before or during their periods, that is, try hard to work at their highest level and to conceal from coworkers and supervisors that menstruation makes working more difficult for them”. (YOUNG, 2005, p 116).

SANDRA: esse assunto é um assunto corriqueiro na minha vida [risos] [...] eu falo o tempo inteiro... meus amigos gays, que não menstruam, mas adoram ouvir

VERA: adoram falar sobre isso

SANDRA: [risos] e eu divido o ateliê ainda com dois, então é tudo junto e misturado trinta dias... mas, eh... ah *eu sempre falo de menstruação com muita gente*, eu sou uma... *eu levanto a bandeira pro copinho*, assim... todo mundo eu falo “para de usar absorvente”, “ah eu compro absorvente”, “para de comprar... é a indústria, é Johnson&Johnson, a indústria do papel”... eu fico assim, do plástico e tal... que eu acho que é uma coisa importante... e fora que as plantas, todo mundo que fala “ai suas plantas estão lindas”, *eu falo “é menstruação”, as pessoas não entendem* [risos] falam “como assim?”, “*menstruação, meu amor, taquem menstruação nas suas plantas!*”

[...]

VERA: as amigas, mãe, os boys que eu fico eu sempre informo sobre as coisas, eh... alunos e alunas, eu sou professora da educação básica, então eu converso muito... ahn, colegas de trabalho... nossa, realmente, eu acho que eu sou, tipo assim, *eu converso com muita gente sobre menstruação, muita gente*

LETÍCIA: um assunto comum, cotidiano

VERA: sim

-

CÍNTIA: *então, eu falo com todo mundo* [risos] todas as mulheres possíveis, assim... até com minha mãe que antes né, não existia conversa, enfim... a gente não dialoga, né, mas eu falo... “ah, tou menstruada” né, enfim... *com minha filha... ela vê, eu já explico pra ela do coletor, como é, como funciona...* enfim... tou sempre nessa disponibilidade né, falando, conversando sobre, falando sobre menstruação... e como se tornou algo também tão recorrente da minha vida então eu hoje em dia falo tranquilamente, assim... no espaço que eu ocupo, com homens, sem homens... “tou menstruada” é assim como “ah tou gripada”<sup>99</sup>... bem... natural, assim

[...]

IARA: eh, eu sou programadora de sistemas e... só tem homem... só tem homem no meu ambiente, né... eh, e... mas eu não... antigamente eu tinha esses problemas de “ai eu tou menstruada, ai será que vazou, ai todo mundo vai ver, meu deus” [...] eu não tenho mais esse problema, até porque eu tou ali morrendo de dor e vou ficar segurando aquilo só pra mim? meus amigos falam quando eles tão com dor de cabeça, eles falam quando eles tão gripados... eu não vou falar de problema que... de uma dor que eu tou sentindo naquele momento, até pra eles terem um pouco mais de... de consciência, eh, um pouco mais de sensibilidade comigo quando eu tou nesse momento né... eh, de... ah, se tem que fazer um trabalho mais pesado, se tem que... “poxa, eu tou sentindo dor”, *eu deixo claro que eu tou sentindo dor, que eu tou passando por isso*

SOLANGE: negocia

IARA: eh

SOLANGE: ah, isso eu entendo

<sup>99</sup> É importante ressaltar que algumas falas de Cíntia, Solange, Verônica e Joane aproximaram a indisposição sentida durante o período menstrual a um estado doentio, como nessa comparação sobre estar gripada. Ainda que não pareça tão diferente da perspectiva debilitante do termo “doenças catameniais”, elas subvertem a conotação da menstruação como um estado de incapacidade e se engajam em perceber e acolher as diferentes fases do ciclo, considerando suas tendências de vigor. Aprofundarei essa questão no próximo capítulo.

Considerando as ordens prático-simbólicas experimentadas por mulheres idosas na pesquisa de Fáveri & Venson (2007), a diferença de valores e comportamentos em relação às usuárias de coletor é gritante. As historiadoras falam sobre um processo de aprender a incorporar a vergonha sobre o período menstrual e associar o sentido de mistério e segredo exigido da menstruação como demarcação de feminilidade:

da mesma maneira que a menstruação, a menopausa ocorre numa semiclandestinidade. O prazer feminino é negado, e mesmo reprovado, pois se fala de frigidez feminina quase como se fosse um fato da natureza, e não como o resultado de práticas sociais. Mesmo nas conversas entre mulheres, durante as entrevistas, elas referiam-se à experiência da menstruação como algo que precisa ser silenciado, segredo. Perguntadas sobre a menarca, elas falavam de modo evasivo e desajeitado. Na perspectiva dessas mulheres, falar sobre menstruação é constrangedor, é vergonhoso. Elas usam uma linguagem codificada, falam entre pausas e silêncios, evidenciando que não mantêm a prática de falar sobre os assuntos do corpo. (FÁVERI & VENSON, 2007, p. 68).

É curioso que as autoras sugerem que “é também relevante o fato de que elas não tinham as possibilidades que temos hoje: elas contavam com os forrinhos e remédios caseiros” (FÁVERI & VENSON, 2007, p. 92), quando é justamente a negação das possibilidades a que se referem (absorventes descartáveis e drogas farmacêuticas) e inclusive o retorno aos forrinhos (sob o formato dos absorventes de pano contemporâneos) e à ginecologia natural (uso de ervas, banhos de assento, vaporizações) que vêm estimulando mulheres a estabelecer relações com seu sangue e tensionar expectativas de etiqueta menstrual. As entrevistadas de Fáveri & Venson estão longe de apresentar desenvoltura e assertividade, mas os depoimentos das mulheres com quem conversei nos grupos focais sugerem que o uso de descartáveis não as ajudaria a cultivar tais atitudes.

As usuárias de coletor desta pesquisa demonstram questionar de forma retórica e prática a etiqueta menstrual que exige o ocultamento do período; elas são interessadas em promover melhor acuidade na percepção do corpo, desafiando os processos de alienação corporal constatados nas ordens prático-simbólicas que pejoram a menstruação. Encontro nelas uma visão positiva sobre os desenrolares de valores e costumes acerca do fluxo menstrual:

ANA: nunca quis esconder... eu lembro de ter um problema de negação, assim, que não gostava de estar menstruada por causa da dor da cólica, então eu queria estar mais brincando, queria tar correndo, outras coisas e tava ah com dor ali, então era chata essa parte... mas de contar... tem que falar, porque eu acho que o tabu só quebra se a gente falar né, então falo com a maior, assim, naturalidade, com as pessoas que eu tou menstruada, tou com o coletor... acho que esse negócio aqui... tem que difundir isso né, que *estamos num motivo de educação, de consciência... então em todos os aspectos... tem que falar mesmo pra galera...* então falar, falo muito, falo pros meus alunos, *falo com a galera toda né, que tou menstruada*, com dor, com cólica “ai não tá legal” e tudo... eh, tento inserir meus companheiros, né, que já tive na vida aí, sobre menstruação, que eu não tou legal... de transar sim ou não, às vezes dá fogo ou não dá, enfim, essas coisas que acontecem... eh, meu filho, também, que é um homem, *eu acho que isso depende muito da geração dos homens né, então eu acho que gerações mais antigas talvez tenha uma certa resistência em olhar né... não é nem culpa... a forma como eles são criados*, moldados, né... eh, tem esse afastamento, mas... meu filho, acho que vai crescer em outra geração, obviamente

CÍNTIA: uhum

ANA: então *eu preciso prepará-lo pra a mulher que ele vai se relacionar*, sei lá, as meninas também que ele vai ser amigo, então eu falo pra ele... *digo tudo pra ele, que eu menstruo... sabe o que é menstruação, sabe o que é um copo, né, o copinho, que tem o sangue, que aquilo dali não é um nojo... eu mostro pra ele minha vulva, eu digo pra ele o que é*, que ele vai tomar banho... eu tento não ficar fazendo terrorismo né

CÍNTIA: uhum

ANA: tipo, ali e pá... aquilo um tabu... porque aí eles crescem mais né, abertos

CÍNTIA: sim

ANA: pra ele tentar crescer nesse ritmo... meu companheiro... também, assim, né... no sentido de mostrar pra ele mesmo... qualquer fluido sai de mim, qualquer porra sai de mim... tipo cândida, eu... ó pra isso aqui, velho... e aí tem que mostrar porque né, é como se fosse também uma simbiose, ele entra em você também, de uma certa maneira, *por que também não mostrar? é algo a ser compartilhado*, então... pra mim, *falar mesmo é o sentido pra quebrar com esse tabu que existe* e falar de maneira natural mesmo, é... de escuta... como é que você vai ter um relacionamento que... de afastamento... então eu sempre falei mesmo... pra minha mãe, pro meu pai... não escondo... tou com cólica... ai quando eu coloquei o DIU, principalmente, o ciclo menstrual aumentou muito então os primeiros meses foram bem punks, então meu pai e minha mãe me deram uma guarita pra eu poder tipo dormir, me recolher né, eu tive muito enjoo, eu lembro e cólicas constantes, então... meu pai tinha que saber, lá em casa, que eu tava menstruada... essa é a função dele, eu “pronto, fique com meu filho... passe um tempo com ele pra eu poder dormir um pouco, eu tou muito cansada, eu tou com muita dor, tou com muita cólica” então... sempre foi algo que eu nunca escondi, para os mais velhos “ah eu tou menstruada, tou sangrando” e aí acontece, então... *trato da maneira mais natural pra poder quebrar com essa... com esse resquício que a gente tem, né, de olhar de forma diferente e suja algo que na verdade não é né*

## 4 SENTIDOS DA MENSTRUACÃO, SABERES EM DISPUTA

Neste capítulo irei examinar alguns sentidos da menstruação. Primeiramente, penso em sentidos no que concerne à capacidade sensorial de aprendizagem; ao corpo como vetor de conhecimento, não mero objeto dele. Qualificarei o conceito de percepção e defenderei sua aplicação para examinar as potencialidades que o coletor menstrual promove de romper as inclinações à alienação corporal suscitada por correntes ordens prático-simbólicas da menstruação. Percepção tem como fundamento a inextricabilidade sujeito-corpo. A partir daí, irei apresentar considerações das participantes dos grupos focais sobre o que chamam de “acolher” o período menstrual e também suas escolhas de descarte do sangue coletado pelo copinho, a fim de compreender os significados que elas atribuem à menstruação. Num segundo momento, irei refletir sobre sentidos numa perspectiva de localização e deslocamento, ou seja, avaliarei os rumos que os saberes e comportamentos acerca da menstruação vêm tomando a partir da consolidação dos coletores menstruais na última década. Assim, busco assinalar as instâncias em disputa da legitimidade sobre o poder simbólico da menstruação, indicando que as usuárias do coletor menstrual têm exercido pressão nessas dinâmicas, principalmente a partir de movimentos horizontais de construção de conhecimento.

### 4.1 DESENVOLVENDO PERCEPÇÃO, SIGNIFICADOS EM FLUXO

Conforme indiquei no capítulo anterior, o coletor menstrual aparece para as participantes dos grupos focais como possibilidade de criar uma “relação com a menstruação”. Essa expressão foi acionada em diversos momentos das conversas e procuro agora fundamentar essa ideia.

JOANE: o que eu acho que foi o mais legal pra mim do coletor foi porque meio que *me obrigou a ter uma relação com minha menstruação...* sabe, assim, uma relação que não fosse justamente... “como me livrar desse incômodo”... mas sim de que *isso aqui é uma coisa que eu vivo, isso aqui é minha saúde, é parte da minha experiência... e como é que eu me relaciono com isso né? e isso eu sinto que na minha vida entrou a partir da experiência com o coletor* e que... não sei, inclusive nos últimos tempos... eu tenho sentido mais forte, assim... eu tinha até comentado que na minha menstruação anterior eu fiquei pesquisando arte menstrual... a menstruação todinha e, assim, meio que me preparando, sabe... tipo, porra, na próxima... eu vou pintar... avisei até a Fábria, eu digo “olha, eu vou botar um negócio aqui no quintal e a próxima menstruação vou fazer uns negócios aqui, eu vou fazer uma arte”, aí ele disse “beleza”... Fábio é meu companheiro de casa, assim, a gente divide a casa, não é... não temos relacionamento amoroso não... e aí, assim, eu acho que *o coletor ele foi realmente, assim, esse marco na minha vida*, de que tipo... se fazer xixi, fazer cocô não são incômodos, são parte da vida... por que que menstruar é uma coisa tão ruim... né, uma coisa que eu sempre achava um saco, tipo “aí eu vou menstruar, vai ter tal viagem”... eu acho que o coletor na minha vida, eu acho que *foi o momento em que a menstruação parou de ser lida como um incômodo...* e não que eu não me sinto incomodada com o que ela traz... mas eu acho que eu fui tirando ela e ainda tou... *não tou dizendo que eu... sabe, assim, que hoje em dia eu amo menstruar, não...* ainda tenho várias questões, mas eu coloco isso inclusive em outro lugar, inclusive num *lugar de poder...* e isso começou eu acho nesse período do coletor... *a primeira vez que eu vi meu sangue, aquilo ali foi... uma doideira... eu, assim, eu disse “gente, era isso”...* você nunca viu, ele fica ali espalhado e fede aquele negócio de absorvente... e aí eu vi, *ele era quentinho, ele era denso, ele era lindo*, eu disse “como ele é lindo”, eu fiquei espalhando assim no box [risos] então isso foi assim... aí depois eu botava nas plantinhas na varanda, né, assim... me sentindo a maior bruxona da terra, né... então eu acho que isso, assim, começar a fazer... estabelecer... *não vou nem dizer fazer as pazes, que eu não sei nem se é isso... mas estabelecer uma relação, eu e a menstruação*

Ao sugerir que o uso do copinho vem transformando as ordens prático-simbólicas da menstruação a partir de suas características particulares que demandam inserção dos dedos na vagina e proporcionam contato com o sangue menstrual invulnerado em textura, cor, cheiro e volume, argumento que o coletor promove um tipo de percepção jamais despertada por outros dispositivos. Escolho o termo *percepção* para referir às capacidades de alinhamento aos fenômenos corporais, atenção aos sinais fisiológicos, compreensão das características únicas da própria anatomia e contínuo interesse em desenvolver literacia corporal (FISCHMANN, 2018). Autonomia é um valor imprescindível para exercitar percepção, pois os conhecimentos que essa capacidade produz dizem respeito a corpos específicos e só podem ser desenvolvidos por esses corpos; não há como alguém realizar percepção para outra pessoa. Trata-se de um processo de observação e sensibilidade às condições individuais; aqui, a noção de autonomia, mesmo que a princípio individualizada, tem um caráter marcadamente político, pois requer diálogo para descobrir e fundamentar informações coletivamente.

Percepção é aquilo que vai à contramão da alienação corporal cartesiana, pois assimila corpo como indistinguível do ser, rejeitando a separação entre material e imaterial, físico e

mental, sensível e racional. Estimar percepção é ir de encontro ao ponto de vista branco e androcêntrico que enaltece valores de racionalidade ao descartar das ferramentas de saber científico aspectos socialmente considerados do âmbito do feminino ou do dito “primitivo”, como corpo e emoção. Se a análise de Young (2005, p. 101) retratava a menstruação como um “fato incômodo com o qual elas precisam lidar e gerir, mas não um aspecto de seu ser como sujeito<sup>100</sup>”, encontro nos depoimentos das participantes desta pesquisa notável conexão ao fluxo menstrual: a menstruação deixa de ser um fenômeno distanciado, como um agente exterior que nos molesta mês após mês, e passa a ser percebida como algo que nos constitui.

Percepção pode ser discernida em todas as vezes que as usuárias de coletor nos grupos focais falam sobre as descobertas proporcionadas pelo uso do copinho, “entendendo que tá com a pressãozinha certa”, usando os dedos para sentir a posição do colo do útero (“não fazia ideia do que era a altura do colo do meu útero, nunca nem tinha pensado sobre isso”) e adquirindo a habilidade de inserir o coletor e se certificar de que ele está devidamente vedado. Percepção se revela quando Vera afirma “é o melhor pro meu canal vaginal”, a despeito das recomendações padronizadas sobre qual modelo adquirir. Percepção está na segurança de Sandra em dormir menstruada sem utilizar qualquer dispositivo, sentindo que enquanto está deitada o fluxo não desce. Percepção partilhada também por Cíntia e Solange, que decidem praticar sangramento livre quando estão em casa, confiando em sua acuidade de senso sobre seus fluxos. Percepção é evidente em todas as vezes que essas mulheres relataram “fazer analogias” entre as características de densidade, cheiro e cor do sangue de um ciclo e os acontecimentos e estados emocionais que vivenciaram no mês anterior. Percepção é responsável pelas descobertas que fazem Iara realizar que “a gente não precisa ter medo de se tocar”. A improficiência de percepção também pode ser encontrada nas dificuldades de adaptação, na desconfiança de que o copinho possa “alargar a vagina”, nas “paranoias” de Bianca com o uso concomitante de coletor e DIU, no “buraco imaginário” que a vagina se torna no “desespero” de Luana ao não conseguir retirar o coletor e... “tá escorregando, meu dedo não vai... e tá sambando”.

Foi preciso longo tempo de ponderações para decidir por um termo que bem expressasse essas habilidades. Logo de início descartei a ideia de “consciência corporal”, pois entendo que essa locução pode reproduzir o dualismo mente/corpo; definitivamente não pretendo submeter corporalidade a qualquer formulação lógica nem acho necessário “elevá-

---

<sup>100</sup> Tradução livre. No original: “Menstruation is an annoying fact that they must deal with and manage but is not an aspect of their being as subjects” (YOUNG, 2005, p. 101)

la” ao valorizado plano da consciência. Uma expressão “nativa” é “autoconhecimento”, palavra recorrentemente empregue por usuárias de coletor para descrever os processos que o dispositivo promove no que concerne a saberes do corpo. Porém, considero que “autoconhecimento” não é um conceito que se adequa a esta pesquisa, pois carrega conotações conflitantes nas diferentes áreas das ciências humanas e inclusive no senso comum. É uma palavra popularmente ligada a caminhos de espiritualidade e por vezes vista com desconfiança por algumas correntes filosóficas ou da psicologia. Outro termo que surgiu no contexto da pesquisa foi “propriocepção”, palavra que remete à “capacidade em reconhecer a localização espacial do corpo, sua posição e orientação, a força exercida pelos músculos e a posição de cada parte do corpo em relação às demais, sem utilizar a visão<sup>101</sup>”. Esse termo me foi apresentado durante a Imersão em Autoformação Ginecológica com Cibele Cê, quando, realizando alguns exercícios, aprendi a sentir meus ovários e útero da mesma forma que sei imediatamente sentir e perceber meu estômago ou meu coração. Propriocepção foi uma competência incentivada a ser desenvolvida por Cibele, sob o argumento de que nós mulheres somos estimuladas a reconhecer a presença do útero apenas no sentido da dor; costumamos perceber esse órgão somente a partir da sensação da cólica. Desde então, desenvolver propriocepção se tornou algo importante para mim e me empenho em exercitar essas capacidades<sup>102</sup>. À época, pareceu-me uma boa maneira de comunicar esse senso de si desenvolvido por um entendimento sensorial das partes do corpo, dos órgãos sexuais, seus movimentos e atividades. Porém, mesmo que devidamente empregue nesse contexto da ginecologia política, a palavra “propriocepção” é consolidada no campo da fisioterapia e também traz consigo conotações desajustadas a esta pesquisa.

Passei então a considerar o uso da palavra “percepção” mesmo, abraçando sua aparente simplicidade e desenvolvendo em mim as potencialidades de significado que a habilidade de perceber evoca. Nesse ínterim, conheci o conceito de “literacia corporal”, cunhado por Laura Weschler em 2005 e difundido no Brasil recentemente por Carolina Fischmann, antropóloga e instrutora do Método Justisse de Percepção de Fertilidade. Para Fischmann, “literacia corporal” tem uma dimensão política que termos como “autoconhecimento” não abrangem. Ela utiliza a expressão “percepção menstrual” em seu

---

<sup>101</sup> Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Propriocep%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: maio 2019.

<sup>102</sup> Entrego-me aos caminhos da Yoga nessa jornada, que, ao lado da psicoterapia, foi imprescindível para a construção desta dissertação.



ofício como instrutora para se referir à capacidade de sentir, observar e interpretar metodicamente certos sinais ao longo do ciclo menstrual.

Para reduzir a uma frase, podemos dizer que literacia corporal é um processo sem fim de aprendizagem e conexão com o próprio corpo. Assim como a alfabetização começa pela compreensão de símbolos (letras e palavras) e vai progressivamente se complexificando em frases, construções gramaticais complexas, formas poéticas de se expressar, etc., o conhecimento que possuímos do corpo também vai se construindo e ganhando novos sentidos se tivermos as ferramentas necessárias e a disposição para nos dedicarmos a isso. Laura Weschler (2012) criou este conceito justamente comparando o pequeno conhecimento de mulheres sobre seu corpo com o analfabetismo: “o conceito de literacia corporal me ocorreu depois de ler um romance que ilustrava o desempoderamento causado pelo analfabetismo. A incapacidade de ler diminui a autoestima e oportunidades para participar na troca de ideias. A conexão entre isso e a vida de mulheres e meninas é óbvia – inclusive, a educação de meninas é um ponto chave em qualquer trabalho internacional para o desenvolvimento. Eu fico chocada que a maioria das mulheres em países desenvolvidos vivem um outro tipo de iliteracia: nós não somos ensinadas a ‘ler’ ou a entender nossos próprios corpos. Pelo contrário, somos ensinadas a desconfiar de nossos corpos e aceitar vários métodos artificiais para controlá-lo. Pela minha definição, literacia corporal é adquirida quando aprendemos a observar, graficar [fazer gráficos seguindo algum método sistematizado de percepção de fertilidade] e interpretar os eventos do nosso ciclo menstrual. Esta é uma habilidade de vida que nos ajuda a entender como nossa saúde sexual, saúde reprodutiva, saúde em geral e bem-estar estão conectadas ao ciclo menstrual. Literacia corporal colabora, ou talvez até nos obriga, a termos consentimento informado em qualquer decisão sobre cuidados com nossa saúde” (...) Algumas das coisas que eu vejo ocorrer com frequência entre mulheres que entram neste processo de adquirir literacia corporal são: melhoria na autoestima, novas percepções sobre o efeito do machismo, comportamento sexual menos arriscado, maior capacidade para dialogar com profissionais de saúde, maiores cuidados com seu bem-estar, etc. Assim como uma pessoa alfabetizada consegue acessar uma gama maior de conhecimentos e decidir com mais consciência, uma pessoa que tenha literacia corporal poderá tomar decisões mais bem informadas sobre sua saúde e sua fertilidade. (FISCHMANN, 2018).

O conceito de literacia corporal vem sendo propagado em estudos sobre direitos sexuais e reprodutivos nos Estados Unidos e Canadá e em circuitos de ativismo menstrual. De acordo com Fischmann, também está começando a ser empregue em referência a práticas alimentares e “estilo de vida”, transbordando o escopo da menstruação e fertilidade. Gosto do conceito, pois faz alusão a essa condição imprescindível para romper as limitações de alienação corporal: disposição a observar e interpretar sinais corporais de maneira bem informada. O modo como emprego o conceito de percepção inclui literacia corporal, mas também vai além dela. A palavra “literacia” remete, obviamente, à capacidade de leitura; quando falo de percepção, indico um tipo de conhecimento que não precisa passar pelo plano do discursivo. É um conhecimento que pode ser analítico, mas também estritamente sensorial

ou afetivo. Ou seja, para mim, percepção pode incluir o aprendizado de informações sobre anatomia sexual, escrutínio de explicações científicas do ciclo menstrual e propriedades do fluxo da menstruação, mas esses dados exteriores à experiência apreendida por cada pessoa servem apenas como ferramentas para elaborar outro tipo de processo de conhecimento. Enquanto literacia remete a uma interpretação sistemática dos dados que um corpo fornece, percepção diz respeito a um aprendizado sobre o corpo mas, principalmente, através do corpo, com o corpo. Fischmann, em seu ofício de acompanhamento de ciclos e fertilidade, fala de “percepção menstrual” a partir de um viés rigorosamente metódico; essa não é minha intenção, mas ainda encontro aproximações entre meu uso desse termo e sua abordagem:

Percepção menstrual foi a principal ferramenta que eu encontrei para trabalhar a literacia corporal. Ela é como um “*mindfulness* da fertilidade”. Para mim, a percepção menstrual foi a porta de entrada para compreender na minha vivência corpórea – e não só intelectual – um vasto mundo de determinantes biológicos, psicológicos e sociais com os quais nos confrontamos a todo momento na criação dos nossos ‘eus’. (FISCHMANN, 2018).

Como venho apontando, a habilidade de percepção que o coletor menstrual promove diz respeito ao conhecimento sensorial do sangramento uterino (como coloca Joane, “a primeira vez que eu vi meu sangue”) e dos formatos, disposições e texturas da própria anatomia sexual (principalmente diante dos processos de adaptação ao dispositivo, quando é preciso desenvolver segurança sobre o posicionamento do copinho). Além desses aspectos, a percepção também se desdobra em uma atitude de identificação com os estados de ânimo físico e emocional durante o período menstrual, afastando-se da sensação de que as ocorrências fisiológicas da menstruação são processos exteriores, desagradáveis e indesejáveis. Ao contrário de uma visão debilitante, as mulheres participantes dos grupos focais assumem a menstruação como um estado que “faz parte da gente”. Em todas as conversas, o período menstrual foi descrito como um momento no qual a introspecção é valorizada; os incômodos comumente associados à menstruação se deveriam muito mais às demandas externas de uma sociedade baseada em produtividade linear do que às condições de seus corpos.

BIANCA: a gente também é influenciada pela sociedade... ainda mais né, porque *a gente tem que estar sempre produtiva...* e aí, ahn... ajuda bastante né, *você ter um contato assim com teu ciclo...* [...] por exemplo, esse mês inclusive eu fiz de propósito o dia que era pra eu ficar menstruada, eu falei “não, eu não vou”... me

convidaram lá pra fazer um negócio e eu falei “eu não vou”, eu não fui... falei “ah não posso ir, preciso fazer outra coisa”... fazer outra coisa era ficar em casa, de boa e, tipo, *SER*, tá ligado... porque preciso ser às vezes... e eu fico pensando se eu teria chegado nisso sem ter me inserido nesse meio, porque eu não sou muito... eu tive contato com... o pouco que eu tenho de contato com ginecologia natural e esse tipo de coisa foi através de grupos que eu entrei em contato por causa do coletor né... e aí você escuta essas outras coisas e tal... não sei se eu teria entrado em contato com essas informações se não fosse por isso e... acho que, sei lá, de uma forma indireta, *o coletor também teve esse pró de ter proporcionado esse acesso a esses conhecimentos, acesso a essas outras... esses outros discursos...* que talvez eu não teria ouvido falar

[...]

LUANA: eh, e acho que pra mim entra como mais uma coisa *nesse processo também da relação com a menstruação e comigo mesma...* que eu acho que eu ainda estou em processo né... e inclusive nesse exercício mesmo de *me acolher mais e respeitar mais também...* isso né, de que somos cíclicas... nem sempre estaremos pra fora... estaremos, sabe, dispostas, disponíveis, mas que... é importante que a gente também tenha o nosso momento... eh, eu tou tentando conhecer um pouco mais disso [...] eu comecei a me aproximar mais... “não, menstruação não é essa coisa que nos vendem né, da forma que nos apresentam... não é bem assim não” é uma coisa mais especial né, *faz parte da gente*, é do nosso ciclo, enfim... e aí eu acho que ainda venho construindo muito ainda, assim, isso... então, tem momentos porque inclusive a própria rotina né, como ela falou... não nos permite viver a nossa menstruação como a gente gostaria né de às vezes estar em casa, tar mais tranquila, tar naquele nosso momento... e aí *isso que nos coloca de frente pra ela* e aí “*não, vamos abafar isso, vamos tomar remédio*” pra, enfim, *fazer coisas, eh, pra dar conta, na verdade, desse modo de vida produtivo*, de ter que tar no trabalho mesmo menstruada... e aí... então *essa relação, ela é, sabe, ela é bem... viva... o tempo inteiro tou nesse processo...* mas tenho tentado cada vez mais tentar conhecer mesmo e respeitar... e sempre que possível, assim, estar em casa, sempre que possível não marcar nada naquele dia, *isso aí isso só é possível porque hoje em dia eu conheço meu ciclo também* [...] é algo que você dá um start, você “pera aí, onde é que eu tava?”... *que não tava conectada com meu corpo*, assim, ou melhor... *o que é que esse sistema faz que nos afasta de nós mesmas, assim, de uma forma tão brutal né, tão violenta*

Em seus relatos, a relação com a menstruação pode ser uma atitude “subversiva”, na qual elas priorizam a quietude necessária para o “acolhimento” do período menstrual frente a outras exigências do convívio em sociedade. Essa tomada de decisão acontece a partir do “acesso a esses outros discursos”, tão dissonantes da solidão observada por Fáveri & Venson (2007, p. 77), na qual a “prática do segredo, do medo, da vergonha e essa experiência particular de temer o corpo” marcava o senso de identidade de suas entrevistadas.

VERA: é um momento, eh, de muita *subversão* porque se a gente for observar, a gente tá sem estar menstruada fazendo coisas, trabalhando e de repente você tá menstruada, você tem que parar... então *se você realmente acolher esse parar você tá sendo totalmente subversiva, porque o mundo quer que você continue*

SANDRA: isso

VERA: que você continue caminhando, que você continue fazendo tudo e você fala “*não, eu não vou* continuar caminhando, eu não vou”... de uma forma muito pacífica

SANDRA: *aceitar aquele momento*

VERA: acho que por isso, isso... pro patriarcado é de adoecer, de... como que você vai parar se tudo acontece aí, o mercado, tudo, sabe... dinheiro, minha filha... “não, eu vou parar” tipo assim, sabe... então, *é meu momento de ser subversiva de verdade, sacou*, de falar “não, eu não vou fazer nada, eu não vou estudar, não vou ler texto de faculdade, não vou fazer nada, não quero, não vou”... quer dizer, tem épocas de menstruação que eu até quero fazer alguma coisa né... mas tem... “mas não, não quero fazer nada” tipo isso, saca?

MARIA: pra mim é muito de *renovação* assim, mesmo... vou medir até a palavra, porque enfim... acho que essa subversão, esse momento de você, assim, parar, de... o seu corpo fala mais alto, assim, *acho que quando a gente tá numa onda né, a gente aqui do ocidente, numa onda de... de despreocupação, de desconexão com o seu próprio corpo* [...] então eu acho que a menstruação, eu quando tou menstruada, poder parar... poder não, ter que parar... que às vezes não é só poder

SANDRA: eh

VERA: poder e ter

MARIA: sabe, é quando o corpo fala mais alto, você vê que a natureza tá ali, quando você diz “velho, eu tenho fundamento também, eu tenho isso aqui” assim... e aí dá essa possibilidade de renovação, velho

VERA: é isso mesmo

MARIA: eu mesma, esse mês eu já queria menstruar de novo, assim, velho... já aconteceu tanta coisa nesse janeiro [risos] que eu “pelo amor de deus, menstruação venha, que eu quero recomeçar”

VERA: eu quero morrer um pouco

SANDRA: eu quero morrer um pouco [risos]

MARIA: sério, velho, eu tava pensando nisso ontem, eu já queria menstruar, velho, já deu, pera aí, sabe, chega aí... eh, mas enfim... então *eu acho que força a gente a tar nesse outro lugar e de uma maneira forçosamente natural*... tem uma contradição aí né, mas enfim... eh, é foda

“Acolher”, “aceitar”, “conectar”, “conhecer”, “ter um contato”, “respeitar”, “fazer parte”... são expressões que constantemente aparecem nas falas dessas usuárias de coletor, remetendo à “relação viva” com a menstruação que elas descobrem a partir do uso do dispositivo. O contato com o sangue parece desencadear interesse em perceber o corpo para além do fluxo material, num sentido mais amplo sobre o significado da menstruação em sociedade. O fluxo do cotidiano e o ritmo do trabalho são colocados em questionamento diante da percepção do ciclo menstrual.

Considerando os significados e potências da menstruação, Daniela Manica e Clarice Rios (2016) investigam o uso do coletor no que concerne a suas “políticas de tornar visível o invisível”. Elas investigam o copinho a partir de sua qualidade de coletar ao invés de absorver, mantendo as propriedades do sangue acessíveis aos sentidos. A análise das pesquisadoras se concentra nos usos do coletor como material artístico, através do qual

mulheres vêm usando o próprio sangue para realizar performances, pinturas e fotografias, num “processo geral de tornar experiências corporais relevantes, compartilhadas, narradas e debatidas, para além de uma estrutura estritamente biomédica<sup>103</sup>” (MANICA & RIOS, 2016, p. 19). Após o encontro dos grupos focais, Joane me enviou imagens de sua primeira experiência utilizando sangue menstrual como substância para pintura:

FIGURA 16: PINTURAS COM SANGUE MENSTRUAL



Fonte: Imagem disponibilizada diretamente pela autora.

<sup>103</sup> Tradução livre. No original: "The experience with the use of menstrual cup, though, is being articulated in social networks as a revolution that will eventually substitute the use of disposable artifacts (Felitti, 2016). Communities of Facebook and numerous blogs are addressing the issue, working as an important source of apprenticeship of body techniques and feminist empowerment. Yet menstruation is only one of subjects discussed through this medium. Other themes related to fertility and reproduction - such as pregnancy, birth, breastfeeding and childcare - are also frequent topics in these communities. We would like to suggest that there is, in this context, a more general process of making bodily experiences relevant, shared, narrated and debated, beyond an strictly biomedical framework. In these discussion groups, and on tutorial videos shared online, not only do women hear about the menstrual cup, but they also learn how to buy, the different brands available, to insert and take off, how to care for it, and what can be done with the menstrual blood collected by the cup. In this context, many women engage with the plastic experience of painting and drawing with their own blood, and share these images online. On many occasions, social networks have blocked them (or had their posts/images censored)". (MANICA & RIOS, 2016, p. 19).

Nós argumentamos que esse dispositivo tem exercido um papel chave em trazer a experiência menstrual à tona (mesmo se não intencionalmente) e como tal é central na mobilização estético-política do sangue menstrual. Ao invés de misturar o sangue menstrual ao algodão, como os absorventes normalmente fazem, o copo de silicone permite que o sangue se mantenha líquido e palpável, proporcionando às mulheres uma nova "oportunidade" em sua experiência com menstruação: uma experiência plástica com sua cor, textura e cheiro (...). O coletor menstrual é agora apresentado como uma ferramenta para aprimorar o conhecimento e poder feminino, em sintonia com premissas de cuidado, tanto do corpo quanto do ambiente, uma vez que o copinho não é descartável<sup>104</sup>. (MANICA & RIOS, 2016, p. 15)

O contato direto com as propriedades do fluxo menstrual facilita a possibilidade de interpretar suas características em comparação a observações dos afazeres, humores e disposições na vida cotidiana. Ferramentas como diários, aplicativos de celular<sup>105</sup> e mandalas<sup>106</sup> são utilizadas pelas participantes da pesquisa como forma de registrar os sinais percebidos e atividades realizadas, num esforço em exercitar literacia corporal. As propriedades do sangue uterino são imediatamente acessíveis às usuárias de coletor, transformando-se por vezes em dados para analisar fenômenos recorrentes ou atípicos em seus ciclos:

CÍNTIA: engraçado que você falou e eu lembrei que esse mês *eu senti um cheiro muito de ferro* né, que *algumas mulheres já me relataram*, assim, que sentiam um cheiro de ferro, eu não sentia tanto... *tinha época até que eu sentia um... aroma*

<sup>104</sup> Tradução livre. No original: "We argue that this device has played a key role in bringing the menstrual experience to the fore (even if unintentionally) and as such it is central to the aesthetico-political mobilization of menstrual blood. Instead of mixing menstrual blood with cotton, as the absorbents usually do, the silicon cup allows the blood to remain liquid and palpable, providing women a new 'affordance' (Latour 2005: 72) in their experience with menstruation: a plastic experience with its color, texture and smell. (...) The menstrual cup is now presented as a tool to enhance feminine knowledge and power, in tune with premises of care, both of the body and of the environment, since the cup is not disposable". (MANICA & RIOS, 2016, p. 15).

<sup>105</sup> Críticas similares às de Felizi & Varon (2016) sobre aplicativos voltados ao ciclo menstrual foram apontadas por Joane no primeiro encontro dos grupos: "*eu ia falar uma coisa nesse sentido também, que a gente fazia parte de um grupo lá na minha cidade... que tinha muitas meninas que usavam esses aplicativos né... só que a gente tinha uma mana nossa que era da segurança da informação e aí ela fez a maior campanha bem didática pra gente não usar isso, assim, porque é isso... a gente tá vivendo num momento do capital que o que tem de mais precioso são os algoritmos do que a gente gere... e aí essa produção dos algoritmos, né... do corpo das mulheres sendo comprado e beneficiando as indústrias farmacêuticas, que financiam a produção desses aplicativos... então é assim... é um campo bem... bem controverso né, apesar de que, lógico, eu acho que é um caminho de autoconhecimento, mas dentro de um lugar que a gente não tem mais controle*".

<sup>106</sup> A mandala lunar é um infográfico mensal em formato circular orientado pelas fases da lua. Com a mandala é possível fazer o registro e acompanhamento de sinais de fertilidade, fluidos corporais, aspectos da pele, atividade sexual, estados de humor, dores, disposição energética, consumo de substâncias, regulações do sono, exercícios físicos, emoções, apetite, comportamentos e quaisquer outras características que a pessoa considerar relevantes. O registro é feito à mão, utilizando símbolos e cores.

*floral, sei lá, uma coisa mais adocicada*, mas esse mês eu senti ferro, sabe... aquela coisa bem, eh... ferrugem [risos] e foi um mês que eu fiz muito trabalho... eu não treinei né, mas assim, eu fiz trabalho de corpo muito intenso lá na oficina de palhaçaria durante três dias e... um trabalho de exaustão do corpo né, de ir até [respira fundo] “para!”... e eu tava... eu tava sentindo que eu tava pra menstruar, como se eu fosse menstruar a qualquer instante [...] aí quando veio, veio nessa força, assim, com esse cheiro né de ferro assim... como se tivesse mobilizado coisas... *a leitura que eu faço*... as mobilizações que tão no peito, ela veio dessa maneira mais... eu senti mais forte, mais intensa... e *a observação que eu faço* é assim... eu faço com a mandala também... mas é na autopercepção, assim né... *tentando me perceber mesmo, observar, sentindo as mudanças, né, do meu corpo, mudanças do muco... uma coisa que eu era desligada*, depois eu percebi... que antes do período menstrual, eu tava com uma cândida né... sempre vinha nesse período e é normal também, que pode acontecer... uma baixa né... a mudança das organizações ali da flora e tudo o mais... eu fiquei durante muito tempo vindo a candidíase ali, alguns dias antes... uma coceira enlouquecida, aquele muco... *menstruou, tipo, passou*... e nesse ciclo agora não veio... mas aí vou fazendo essas percepções assim... não tão regular com a... com a mandala, mas isso é falta de tipo “vai”... eu tenho até que atualizar esses últimos... eh, ontem e hoje mesmo né... de fazer como processos de... de meditação assim mesmo né... antes de dormir... que tá tudo mais tranquilo e aí fazer essas auto-observações, aproveito pra escrever também... tentar fazer... ter o recurso da... a ferramenta né, da mandala, que é interessante, mas *quanto mais poder tar compreendendo em mim mesma o funcionamento do corpo, os sinais que ele dá... esse caminho mais que... que eu busco*, assim [...] pra mim é relação de... de autotransformação, assim, sabe... eu aproveito o período menstrual pra direcionar né... tem negócio que tá meio... degringolou ali antes né do período do ciclo, então eu... é como... *um ritual mesmo, como magia mesmo... a maneira como eu utilizo a menstruação*... sabendo que eu vou ter acesso a esse sangue e que ali eu vou... enfim, olhar pra ele e né... trazer... acessar informações, *trazer informações como processo de liberação, de cura*... nos últimos períodos, nos últimos ciclos é o que eu tenho feito, assim... compreendendo que ele faz parte de todo o movimento que eu faço de autoconhecimento

Cíntia descreve sua relação com a menstruação a partir de uma ligação afetiva a seu sangue. Diferente de Joane e Solange que decidem “naturalizar<sup>107</sup>” a menstruação, comparando-a a outros fluidos corporais (inclusive considerados “excrementos”), Cíntia considera o sangue menstrual como uma potência de “magia”, “ritual” e “cura”. Manica & Rios (2016, p. 21) apresentam exemplos de elaboradas obras de arte e argumentam que “esses dispositivos também incentivam performances menos articuladas por usuárias de coletor menstrual em geral. Fazendo isso, elas orquestram uma lenta porém profunda reconfiguração

<sup>107</sup> “Naturalizar”, “tratar com naturalidade” foram expressões utilizadas profusamente nos grupos focais. Por um lado, remetiam à comparação do sangue menstrual a outros fluidos corporais, enfatizando sua ocorrência orgânica para se contrapor a estigmas menstruais. Ou seja, uma abordagem que procura na normalização biológica a contestação da pejoração do sangue menstrual como asqueroso. Por outro lado, essas expressões também se referiam à postura de diálogo sobre assuntos do corpo, num sentido de “tratar de maneira leve”, “conversar sem pudores”, ou ainda, desvincilhar-se da carga cultural, as exigências de etiqueta menstrual. A ideia do que é “natural” realmente abarca muitos sentidos concomitantes: “até onde eu puder, eh... me naturalizar o máximo possível dentro desse sistema”, “eu me permito a tratar do meu ciclo menstrual com naturalidade mesmo”, “eu falo não só porque é natural, mas como alguém que quer confrontar essa realidade que eu vivo”, “então falo com a maior, assim, naturalidade, com as pessoas que eu tou menstruada”, etc.

dos usos simbólicos de seus processos corporais<sup>108</sup>”. A pintura de Joane e a magia de Cíntia fazem parte dessas reconfigurações.

SOLANGE: tem uma dimensão que ela é... eu posso chamar de *ideológica, política*, né... que aí já não é bem a relação com a menstruação propriamente dita não é... mas é já na *tensão com as pessoas né... ao falar o que é o ciclo menstrual né...* de que é preciso respeitar, que a mulher não é linear... e *por isso que a gente é lida de outro modo, que não é compreendido nossos processos né, nossa ciclicidade...* então *a minha relação com ela é panfletária né* [risos] digamos assim... e também, eh... e ela também é tipo... *é sinal né...* eh, aí *mesmo quando ela não está ali em modo concreto né*, mas a expectativa de menstruar ou o período pré-menstrual ou quando eu termino de menstruar, ela vai dar... ela dá sinais pra mim do meu estado de humor né... *de acolher esses estados de humor, de compreender, de alocar esses estados de humor, de prever esses estados de humor né...* então tem também, tem essa relação com essas raízes... de acolhimento, de compreensão com essas raízes... né, cada momento do ciclo menstrual... mas quando eu penso nela propriamente dita né, nessa labuta com o sangue ainda é essa... eh, essa secreção que o corpo produz e que *eu tou numa sociedade que não lida bem com isso e eu preciso dar um encaminhamento a esse sangue*

Dar um encaminhamento ao sangue é uma questão reveladora sobre os significados da menstruação. O descarte do conteúdo coletado pelo copinho é uma pista interessante a ser examinada a fim de entender os processos de “construir uma relação com o sangue”. Quando Sardenberg (1994, p. 342) analisa as disputas sobre o poder simbólico da menstruação na década de 1990, aponta que para a indústria dos absorventes descartáveis “é importante que as mulheres continuem a menstruar, se possível com fluxos cada vez mais abundantes, mas que mantenham (muita) vergonha sobre essa coisa da natureza, procurando sempre escondê-la”. E para as mulheres usuárias de coletor menstrual? O dispositivo, por ser reutilizável, não exige fluxos cada vez mais abundantes para avolumar o lucro de suas fabricantes. Ao mesmo tempo, é inegável que o copinho possibilita um ocultamento impecável do fluxo menstrual: além de não deixar nenhum sinal de uso à mostra (nem mesmo um fiozinho como é o caso dos absorventes internos), não produzir nenhum odor ao manter o sangramento vedado no interior do canal vaginal, também não se torna resíduo descartável, acumulando evidências de menstruação nas lixeiras. Ou seja, o coletor permite que suas usuárias atravessem o período menstrual sem deixar nenhum resquício da situação de estar menstruadas, se assim desejarem.

---

<sup>108</sup> Tradução livre. No original: “Although the performances described here refer to carefully designed artwork, these devices also invite less articulated performances by menstrual cup users in general. In doing that, they orchestrate a slow but deep reconfiguration of the symbolic uses of bodily processes”. (MANICA & RIOS, 2016, p. 21).



De certa maneira, algumas qualidades do uso do coletor poderiam ser incrementadas pelo estigma menstrual e a manutenção da vergonha sobre o sangue. Quanto mais constrangedor for exibir sinais de menstruação, mais interessantes parecem essas características do copinho. Porém, vimos no relato das participantes dos grupos focais que elas fazem questão de conversar sobre menstruação e compartilhar com as pessoas de seu convívio, seja membros da família ou colegas de trabalho, o fato de estarem menstruadas. A manutenção da vergonha não ressoa entre elas, mesmo que as propriedades do coletor permitam o imperativo do ocultamento. Na ocasião ótima de viver um período menstrual em segredo, elas fazem questão de comunicá-lo.

Pensando no descarte do sangue recolhido pelo copinho, é muito comum que seja despejado em ralos de pia e chuveiro ou mesmo em vasos sanitários, atitude que demonstra uma visão do uso do coletor como dispositivo higiênico; essa ação faz sentido principalmente para aquelas que, como Solange, procuram lidar com o sangue como qualquer outro fluido corporal (“em sua organicidade mesmo”). Porém, há também outras formas de descarte que compreendem um potencial nutritivo, artístico ou sagrado ao fluxo menstrual. “Devolver o sangue à terra” ou “plantar a lua” é uma prática bastante comentada nos grupos de redes sociais voltados a coletores ou ginecologia natural. Sandra não demonstra pudores em informar às pessoas de sua convivência sobre o uso que faz de seu sangue:

SANDRA: [...] e “como você rega as plantas?”... eu hoje mesmo tava no banheiro lá de casa e eu tenho uma torneirinha do lado da privada né, aí eu sempre tenho um baldinho onde eu joga

VERA: você joga o sangue e mistura com água?

SANDRA: é isso, pra jogar nas plantas... porque antigamente eu juntava e fazia um ritual

VERA: sim

SANDRA: aí às vezes eu esquecia e passava do prazo e tinha que jogar uma garrafa, aí eu ah não... aí hoje eu fiz isso e esqueci... aí chegou uma visita e entrou no banheiro e saiu assim “ah aconteceu alguma coisa com o gatinho, que tem sangue no balde” [risos] eu falei “não, é meu sangue menstrual” [risos] a minha amiga falou “ah... [hesitante] legal” [risos] então assim, eu não encaro... *eu falo isso pra todo mundo, eu falo “gente, esse negócio de encarar a menstruação como uma coisa suja...”* [...] eh, eu acho assim, o ganho que eu tenho, eu posso falar que eu tenho um ganho... o melhor pras minhas plantas, tipo, não tem composto, não tem que não... é uma coisa absurda... é uma coisa, assim, que eu aprendi coisa do tipo... *eu aprendi um pouco mais da parte química também da... dos resíduos, assim, da menstruação...* porque tem planta que não curte também

VERA: [...] samambaia?

SANDRA: samambaia gosta... nossa, samambaia ama

VERA: samambaia eu tenho uma linda

SANDRA: samambaia, eu tenho uma samambaia no banheiro do ateliê

LETÍCIA: muito providencial

SANDRA: justamente [risos] e tá linda, maravilhosa... os meninos ficam “menina, essa sua samambaia é bafo, essa samambaia é bafo”... inclusive tá nos stories de um monte de gente que vai lá em casa [risos] tem foto com a samambaia

Para Sandra, menstruação não é uma substância a ser abandonada no ralo; ela diz aprender “um pouco mais da parte química” observando a reação das plantas em sua casa ao sangue de cada mês, que, de acordo com sua percepção, exhibe diferentes propriedades a depender de sua alimentação e fase da vida. Além disso, faz questão de compartilhar suas técnicas de jardinagem com as visitas que recebe em casa: “menstruação, meu amor, taquem menstruação nas suas plantas!”. Apesar da eficácia orgânica do sangue menstrual utilizado como adubo<sup>109</sup>, o que é interessante para esta análise é o significado que Sandra confere ao sangue menstrual: aqui, não há vez para “menotoxinas”, menstruação está longe de ser associada à sujeira, impureza, substância repulsiva ou contaminante. Ao contrário, é entendida como prolífica, potente e nutritiva.

Iris Young (2005, p. 104) observa que a emergência de dispositivos menstruais descartáveis ao longo do século XX acarretou num novo tipo de alienação; nesse contexto higienizador, não haveria oportunidades de elaboração de significação reflexiva sobre a menstruação:

uma revolução na cultura de consumo no início do século XX estendeu aos produtos industrializados a gestão do fluxo menstrual. Campanhas publicitárias de companhias como Kotex substituíram a visão da menstruação como debilitante por um entendimento da menstruação como um processo saudável que em última instância é sujo, apresentando um problema de higiene que requer a utilização de seus produtos (...) Apesar das implicações liberadoras dessa mudança na interpretação cultural da menstruação de uma condição confinante a um processo comum, Brumberg argumenta que a cultura americana do século XX produziu uma nova alienação para meninas e mulheres sobre seus processos corporais. Nós não temos uma oportunidade socialmente sancionada enquanto meninas e mulheres para refletir sobre o significado da sexualidade e da reprodução. Ao passo que algumas outras sociedades marcam momentos de menarca e menstruação com rituais cósmicos, a sexualmente igualitária sociedade de consumo contemporânea nivela o processo a somente outra forma de sujeira a ser descartada. Brumberg sugere que mulheres precisam compartilhar significados para conferir a suas experiências

---

<sup>109</sup> Adeptas da prática salientam os benefícios para as plantas a partir da abundância de fósforo, potássio e nitrogênio no sangue menstrual. Para “plantar é lua”, é recomendado diluir o sangue em água e aplicar a mistura diretamente na terra, não nas folhas.

menstruais significação reflexiva. Enquanto eu ainda não sei o que isso pode ser na prática, a consideração de Brumberg levanta uma importante questão<sup>110</sup>. (YOUNG, 2005, p. 104).

Young não sabia dizer o que isso poderia ser na prática, mas usuárias de coletor menstrual podem oferecer algumas pistas. Consideremos as performances menstruais analisadas por Manica & Rios (2016, p. 02), que argumentam que “esses dois aspectos [coletores menstruais e ciberespaço] convergem para tornar a experiência da menstruação individual e coletivamente relevante em novas e criativas maneiras, mais notadamente em performances artísticas que consistem em tornar o sangue menstrual visível<sup>111</sup>”. A prática de “plantar a lua” pode conferir um sentido afetivo, simbólico e utilitário ao sangue. Além destes, as mulheres do terceiro grupo encontram diferentes destinos a seus fluxos: desde um descarte exclusivamente higiênico, a um descarte associado à experimentação com as texturas do sangue a fim de confrontar traumas com a substância e também um descarte com sentido simbólico e “ritualizado”, “direcionando informações” através da menstruação:

ANA: agora ultimamente quando eu uso o coletor, eu jogo, eu descarto mesmo no vaso... quando eu tou numa região de mar, de praia, mais na água, no mar, rio, natureza, eu tento ser realmente mais conectada com o local, mas quando eu tou na minha casa mesmo, não tem a planta, infelizmente, enfim... *eu tou ali naquela... no sistema, então descarto ele...* eu já guardei outras vezes, já plantei, usei em planta e tal, fiz experiências, deu bem certo, positivas, mas... a depender do local, acho que depende muito

CÍNTIA: eh... então, eu tenho um processo ainda de ritualização, digamos assim... de... desde que eu soube, né, desse movimento, de entrar né, de voltar pra essa conexão usando os paninhos e eu tenho uma vida que é... dessa possibilidade de estar em casa sempre né... de trabalhar em casa, de fazer meus movimentos e aí... e fazer esse autoestudo também né... *dessa auto-observação, de cheirar o sangue, de tocar né... e percebendo como é que eu passei o período anterior né, minha*

<sup>110</sup> Tradução livre. No original: “a revolution in consumer culture in the early twentieth century extended to ready-made products for managing menstrual flow. Advertising campaigns by companies like Kotex replace the view of menstruation as debilitating with an understanding of menstruation as a healthy process that is nevertheless dirty, presenting a hygiene problem that needs managing with their products (...) Despite the liberating implications of this shift in the cultural interpretation of menstruation from a confining condition to a normal process, Brumberg argues that twentieth-century American culture produced a new alienation for girls and women from their bodily processes. We do not have a socially sanctioned opportunity as girls and women to reflect on the meaning of sexuality and reproduction. Whereas some other societies mark moments of menarche and menstruation with cosmic ritual, contemporary sexual egalitarian and consumer society level the process to just another form of dirt to be disposed of. Brumberg suggests that women need shared meanings to give their menstrual experience reflective significance. While I don’t know quite what this might mean in practice, Brumberg’s account raises an important question”. (YOUNG, 2005, p. 104).

<sup>111</sup> Tradução livre. No original: “We argue that these two aspects converge to make the experience of menstruation individually and collectively relevant in new and creative ways, most notably in artistic performances that rely on making menstrual blood visible”. (MANICA & RIOS, 2016, p. 02).

*ovulação, como é que tava minhas emoções, como é que isso reflete na cor do sangue, no cheiro, enfim... eu... ao contrário de Ana... assim, eu sou uma mãe muito... até onde eu puder ser... do contra [risos] eh, não do contra, assim, mas até onde eu puder, eh... me naturalizar o máximo possível dentro desse sistema eu vou tentar fazer isso... e até por isso minhas escolhas também... de moradia, de trabalho e tudo mais... porque pra mim passa por um processo de saúde também né, de prevenção... então esse autocuidado, o autoconhecimento, auto-observação... pra mim é um processo de prevenção... autoestudo... e aí eu rego minhas plantas, tanto que eu falo... aqui é muito severo de salitre né... e aí eu percebo o quanto as plantas realmente seguram a onda e com certeza é por conta do sangue... porque se não fosse, eh... talvez já... elas já tivessem ido... assim, eu sei que eu tenho mão pra cuidar de planta, mas o sangue dá essa força, assim... pra elas... então se eu vejo que tem uma plantinha que tá mais, assim, debilitada, é nela que eu fico regando né, colocando mais... e, enfim, já fiz rituais também, assim, já... [risos] canalizei informações, direcionei informações através de meu sangue, como processo de cura... de relações, questões minhas mesmo... quando eu sinto que o negócio tá mais tensionado eu vou no sangue... esses processos ritualizados... e atualmente o que eu... eh, eu decidi pegar um vasinho que eu tinha, de colocar meu sangue e colocar uma terra e aí eu despejo o sangue do coletor nele agora, nessa terra... direto... o outro sangue do absorvente de pano, como tá ali diluído é onde eu rego as plantas... mas esse puro eu coloco na terra... e fico assim... eu fico triste quando eu estou num lugar... tipo casa de minha mãe né... mas eu já coloquei um pouquinho assim né [risos] nas plantinhas de minha mãe [...] eu aproveito... mas nos lugares assim que realmente não dá eu... eu, enfim... eu emano uma informação ali pra que aquele sangue indo, aquela água vire outra coisa*

SOLANGE: quando eu ouvi a pergunta eu fiquei pensando sobre... que eu não tenho uma relação também... ritualizada, né... eu tenho... eu gosto de rituais né... rituais são movimentos importantes na minha vida né, no processo de autoconhecimento, espiritualização né... mas com meu sangue eu ainda tou nesse processo de desertização né... que é desertização da vagina e de naturalização do sangue... ainda tou nesse caminho de me relacionar com esse sangue não traumático né... e aí eu até me vi brincando com o sangue... parece criança pequena mesmo, tipo assim, sei lá, vou derrubar na pia, aí eu derrubo na mão e fico esmagando assim pra sentir a textura né... derramo no lugar de banho pra ver o quanto de estrago que faz assim né [risos] no lugar de banho né... tipo isso né... eh, aí ele vem coagulado e pra sentir o coágulo, sentir o sangue que não tá coagulado, aí sentindo essas coisas, de ficar cheirando... aí de cheirar em diferentes circunstâncias, botar aqui, de esperar secar pra ver se fede né, coisas assim [risos] né, mas... já tentei colocar nas plantinhas, mas rolou... isso não entrou de modo natural né... então fiquei desapegada... ainda tou nessa resenha de ver esse sangue derramando, de ver esse sangue manchando as coisas, impregnando, tinturando as coisas... e isso... e ficar de boa... né, eu tou nesse processo

IARA: já eu não tenho essa relação não... descarto no vaso até porque... até pouco tempo... eu mudei essa semana pra minha casinha, finalmente saí de casa... eh, então... eu joga no vaso, lavo na pia... se eu não tomar banho, se eu tomo banho eu joga ali no chuveiro mesmo... no banho mesmo... não lembro de ter descartado em outro lugar... somente em... eh, vaso sanitário e lavo na pia

## 4.2 REDES DE MULHERES, CONHECIMENTOS HORIZONTALIZADOS

Desenvolver uma relação com a menstruação, aprender a usar o copinho, dar um encaminhamento a esse sangue e conferir significados diferentes da visão estigmatizante da sujeira são processos que acontecem em comunicação a outras usuárias de coletor. Bianca pondera: “eu fico pensando se eu teria chegado nisso sem ter me inserido nesse meio” e constata que foi a partir do coletor que ela passou a acessar discursos que valorizam o “acolhimento” do período menstrual. Simone valoriza “a oportunidade de me inserir nesse espaço feminino e feminista” a partir do qual pôde exercitar suas percepções sobre o sangue e fortalecer sua assertividade no diálogo com as pessoas que a circulam. Maria conheceu o coletor a partir de um grupo de discussões na internet que era “uma espécie de rede de apoio mesmo e também de sugestões, de dicas que as mulheres compartilham várias coisas”. Iara diz que as informações partilhadas por outras usuárias nas mídias digitais “ajudou a desmistificar” sua hesitação em inserir os dedos na vagina.

É a partir de redes de mulheres que o coletor vem conquistando novas consumidoras, muito mais do que por uma resposta solitária a sugestões de campanhas publicitárias ou ainda por orientação de profissionais de saúde. Confiar nesse “novo” dispositivo requer a troca de saberes entre mulheres, que expõem suas experiências, orientam umas às outras e partilham os proveitos de acessar capacidades de percepção. Avaliando as possibilidades de expansão comercial dos coletores no Brasil, Reis & Ribeiro (2016) destacam a forma “desarticulada” de disseminação de informações sobre o produto e procuram reunir dados para auxiliar empresas nacionais a desenvolver estratégias de vendas:

Vale ressaltar que compreende-se também a importância da aprovação e suporte da comunidade já adepta, especialmente quando participante ativa de grupos de discussão e compartilhamento de informações a respeito dos mesmos. Isto porque esta fatia de pessoas tem alto potencial de propagação dessas informações, bem como estão em constante contato com o público-alvo [que se interessa por questões do próprio corpo e está aberto a novas possibilidades], se portando assim como voz de legitimação sobre o que seria adequado ou não consumir no âmbito brasileiro de coletores menstruais. (REIS & RIBEIRO, 2016, p. 35).

Acredito que essa desarticulação é justamente a potência dos coletores. Aprimorar o design das embalagens, manuais de instruções e sites das empresas é um trabalho necessário ao qual as autoras se dedicam a colaborar, mas é preciso salientar que os caminhos de difusão de saberes sobre o dispositivo têm um caráter intrinsecamente autônomo e esse é o ponto mais interessante sobre as repercussões que o coletor exerce nas transformações das ordens práti-

simbólicas da menstruação. Adquirir segurança na compreensão do próprio corpo, num processo que se inicia com adaptação, torna-se devoluto e redundante em assertividade, é um aspecto essencial das qualidades do coletor no que concerne à expressão resoluta de decisões sobre si. Esse processo precisa ser independente e horizontal para se realizar com destreza, inclusive contestando as instâncias que historicamente vêm pejorando o sangue, seja o conhecimento científico abarrotado de menotoxinas e úteros chorosos por um óvulo não fecundado, seja as representações midiáticas que têm tanto pavor de menstruação que covardemente a eufemizam com um patético líquido azul.

Desmantelar o caráter privado e segredo do período menstrual e trazer à tona o assunto em conversas cotidianas é um movimento que propicia rompimentos de estigma ao sangue, absolutamente necessários para a adesão ao uso do produto, que requer contato direto com a substância. Conversar sobre o sangue menstrual faz parte do processo de desenvolver percepção e conseguir uma boa adaptação ao coletor. São processos que implicam ao mesmo tempo em autonomia e coletividade: confiança nas próprias observações e sensações e troca de conhecimentos com outras mulheres para ampliar e fundamentar os saberes acessados nessa empreitada. É a partir de redes de mulheres que as participantes desta pesquisa puderam sanar dúvidas, descobrir diferentes formas de dobrar e inserir o copinho (“esses detalhes foi muito com ela”) e encontrar apoio para continuar investigando com seus corpos (“eu tava quase desistindo inclusive... conversei um pouco com a minha irmã, que ela falou ‘pô Maria, vi outras formas de usar’”). Aquelas que apresentaram maior dificuldade com adaptação ao coletor são justamente as que mais ansiavam por expandir suas redes e entrar em diálogo com outras mulheres (“eu perguntava pras minhas amigas e ninguém usava”... “eu me sinto um pouco sozinha nesse aspecto... de círculo de pessoas que usem”).

A descoberta da existência do copinho e a decisão de experimentá-lo são marcadamente influenciadas por recomendação de outras usuárias (“acho que foi mais por causa dessa amiga mesmo, assim, porque ela falava muito bem, acho que com ela deu muito certo”) e por uma credibilidade que outras instâncias dentre os micropoderes em disputa discursiva sobre a menstruação não alcançam (“essa minha amiga né, que é nossa... uma figura... uma referência pra mim... eu confio plenamente nela, eu gosto das coisas que ela traz pra minha vida”). Quando comecei a usar coletor, realizei consultas com duas médicas ginecologistas que não conheciam o dispositivo. Cinco anos depois, Lena também encontra essa situação:

LENA: eu fiquei besta, porque eu fui... há uns quatro meses pra ginecologista e é uma ginecologista que eu gosto bastante, que ela... tem uma perspectiva mais natural e tal... e ela não conhecia, aí eu fiquei meia hora assim “oxe, você não conhece?” [risos] “é sério, você tá de brincadeira comigo né?”... ah depois de muito tempo que ela foi tirar lá da memória o que era... mas eu fiquei assim... bestificada, porque ela não conhecia, como é que pode? e uma ginecologista que é referência na cidade, que é tipo... que eu gosto de estar com ela e ela não conhecia

Nas mídias digitais, acompanhei dezenas de relatos sobre confrontos com profissionais de saúde que eram ignorantes sobre o copinho ou o criticavam abertamente, principalmente a partir do argumento de que as usuárias não seriam capazes de higienizar devidamente o objeto. Esse comentário reafirma o monopólio da autoridade médica na gestão de nossos corpos, depreciando nossa capacidade de nos responsabilizarmos pelos cuidados básicos com a saúde e mantendo a carga de mistério e inacessibilidade a nossos órgãos sexuais. Obviamente, medidas de higienização são necessárias para o uso do coletor e aprender a fervê-lo no início e ao final de cada período é parte simples de sua adaptação; nenhuma das participantes dos grupos focais mencionou dificuldades nesse sentido. Outra disputa que se evidencia é o descompasso entre a compulsória prescrição de tecnologias médico-farmacêuticas e o desestímulo ao coletor: por um lado, produtos que apresentam possíveis danos colaterais graves, mas geram volumosos lucros; por outro, um dispositivo de material seguro e durável, que só precisa ser substituído com quase uma década de uso.

IARA: eu conversei com a minha ginecologista, ela “não usa isso não”

SOLANGE: sério?

IARA: “não usa isso não... por que você não usa absorvente interno?”

CÍNTIA: meu deus

IARA: mas, assim... ela é bem/

CÍNTIA: *ela fundamentou pelo menos?*

IARA: não, não... ela era bem mais velha, ela não menstrua mais, eh... e tem muito tempo que ela não... né... eu acho que mais por conta disso, ela... eu sempre usei absorvente interno... “ah então por que você não usa... você não usa pílula?” pílula anticoncepcional “aí você toma” eh... como que fala

LETÍCIA: continua

IARA: *continua... e não menstrua, para de menstruar...* e eu... eu nunca gostei de pílula anticoncepcional, eh... de injetar tanto hormônio assim no meu corpo... então eu fiquei... *eu fiquei até assim um pouquinho chateada...* poxa... a maioria dos ginecologistas que eu vou sempre... “ah você não usa pílula? você usa camisinha?”

mas por que você não usa essa pílula aqui?” aí passa “por que você não usa aquele anel” que você coloca lá e não sei que né... não/

ANA: a minha... ela também um pouco por causa disso que ela é mais velha, mas... ela... *também quebrei com ela...* porque ela falou comigo assim

SOLANGE: saiu no fight

ANA: eh, assim, quebrei... *dei uma resposta que ela ficou...*

SOLANGE: xiiii

ANA: ela falou assim... eu falei “puxa, eu tou usando um coletor”... tem tanto tempo né... aí eu lembro que antes da consulta também passou... que eu tava pra colocar o DIU... eu falei que não queria mais hormônio, ela disse que entenderia, tá de boa né... ela compreende e tal... que tinha alguns sintomas que não tavam me fazendo muito bem na época... aí eu fui pra colocar o DIU... mas também ela sugeriu o anel contraceptivo que é... que é um anel de hormônio que você coloca na vagina e deixa lá por vinte e um dias, eu acho... né, pra ele fazer efeito ali na hora... e o anel não é um copinho, mas, assim, ele é desse tamanho né, um anel... um anel de elástico... você dobra e também coloca no canal vaginal... deixa lá... e é como se fosse uma pílula, no caso... e aí ela sugeriu o anel... aí depois eu falei do copinho... que eu tava usando o copinho pra menstruação né, como forma de colher e tal, essas coisas... e ela disse assim “nossa, um copo de silicone inserido em você!” eu falei “poxa, você me recomendou um anel, velho” [risos] “não é também de introduzir, tirar?”... “eh, é preciso”

CÍNTIA: pronto

ANA: eh, depois nunca mais falou... assim, depois ela “eh, realmente, tem razão né”... era de boa e tal, pra usar é tranquilo... eu falei o material que era né, é liberado e tudo... então ela falou “ah então, é tranquilo”... eu acho que é o lance da introdução né... um corpo lá, né, em você... então acho que assim meio que é meio estranho também... é tabu... *falta de conhecimento e não ter acesso também*

A prescrição de drogas de hormônios sintéticos como panaceia para qualquer sintoma no sistema sexual parece ser o encaminhamento unívoco ao qual profissionais da medicina ginecológica têm acesso em suas formações<sup>112</sup>. A revolucionária pílula contraceptiva da segunda onda feminista (que inegavelmente proporcionou autonomia sexual de maneira outrora nunca antes possível e segue sendo uma ferramenta importante para os direitos reprodutivos) atua hoje também como um sistema inquestionado de desligamento massivo da fisiologia das mulheres. Um dos exemplos mais notórios é a indicação de pílulas anticoncepcionais para o “tratamento” de Síndrome de Ovários Policísticos (majoritariamente

<sup>112</sup> Na contramão da orientação hegemônica, algumas feministas vêm formulando espaços de produção e disseminação de saberes que buscam abordagens mais alinhadas à percepção do ciclo menstrual como fonte de informação de saúde, rejeitando a visão da fisiologia feminina como inerentemente patológica. Mariana Stock, criadora da casa PrazerEla, articula em 2019 cursos de “Sexualidade positiva para profissionais de saúde”, voltados a médicas ginecologistas, enfermeiras e obstetrias. Disponível em: <<http://www.prazerela.com.br/produto/sexualidade-positiva-para-medicas-enfermeiras-e-obstetrias-23-e24-de-novembro/>>. Acesso em: out. 2019.



mal diagnosticada<sup>113</sup> apenas a partir de ultrassom de ovários com aparência multifolicular, quando há outros critérios necessários para o diagnóstico); nesse caso, os hormônios sintéticos inibem o processo de ovulação e, logo, a proliferação e maturamento dos folículos ovarianos, mas não trata a causa do desequilíbrio endócrino que está promovendo a dificuldade de liberação adequada dos óvulos, vinculada a uma síndrome metabólica de resistência à insulina, predisposição genética, causas inflamatórias e deficiência de zinco<sup>114</sup> – aspectos que não são tratados por fármacos hormonais, o que cria uma dependência do uso constante destes para mascarar a síndrome. Prescrever tais drogas como solução para qualquer sintoma ou desconforto nos órgãos do sistema sexual é uma postura que confirma a inclinação da clínica ginecológica a considerar a menstruação como “sangria inútil” ou o ciclo menstrual como circunscrito ao âmbito da reprodução e fertilidade (logo, passível de ser descartado por aquelas que não desejam engravidar), ignorando uma abordagem abrangente da atuação e importância dos hormônios sexuais produzidos no corpo.

Há, entre as participantes da pesquisa, uma desconfiança salutar às recomendações médicas; a maior parte delas considera importante realizar consultas com profissionais da ginecologia, mas não estão dispostas a acatar toda e qualquer indicação feita em sua direção. Elas questionam, pesquisam e mantêm uma postura ativa no diálogo com a autoridade médica. Suas experiências lhes mostraram que nem sempre as sugestões feitas por profissionais são benéficas para sua saúde física e emocional, principalmente a prescrição de fármacos hormonais, mas também o uso de sabonetes íntimos e absorventes descartáveis (inclusive os horripilantes “de uso diário” – evidência máxima de uma visão pejorativa à vagina e seus fluidos regulares):

LUANA: e uma coisa que eu esqueci de comentar nos dispositivos... é essa coisa do protetor diário, também né... dessa indústria horrorosa, assim... o quanto também que... eu acho que foi mais... não sei se foi no período do ensino médio e da faculdade... tinha uma coisa, assim, na época, do ciclo de amigas que era *essa coisa do uso do protetor diário era muito comum...* inclusive isso, no período que a gente

---

<sup>113</sup> Lara Briden, médica naturopata e autora do livro “Period Repair Manual” (2015), indica que os sintomas vinculados à SOP podem ser confundidos com o quadro de amenorreia hipotalâmica (desligamento do ciclo ovulatório-menstrual por nutrição insuficiente). Ver mais em: <<https://www.larabriden.com/you-might-not-have-pcos/>>. Acesso em: nov. 2019.

<sup>114</sup> Halana Andrezzo, médica ginecologista e obstetra atuante no Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde, denuncia a postura tutelar e infantilizadora recorrente no atendimento nos consultórios ginecológicos; ela também aponta os problemas de diagnóstico equivocado de SOP e possibilidades de tratamento coerentes em: <<https://casadeamaterasu.wordpress.com/2017/06/09/ovarios-policisticos-informacao-para-combater-medicalizacao/>>. Acesso em: out. 2019.

tava ovulando, que *eu não sabia que era ovulação* né... que a gente ficava assim... isso que é você tar ovulando... “é corrimento<sup>115</sup>... é normal, mas tá sujando a calcinha então tem que usar protetor diário”... *então acabava usando quase o mês inteiro*... eu parando pra pensar hoje assim... porque eu usava também né, não só no período menstrual, ficava usando muito frequentemente protetor diário... *inclusive falava pra minha ginecologista e ela achava normal, ela nunca me recomendou não usar*... o protetor diário, evitar e tal... também tive a experiência de emendar a cartela de anticoncepcional, eu tomei por mais de dez anos né... porque *desde que eu menstruei a ginecologista passou com essa justificativa né... de que ia regularizar a menstruação*<sup>116</sup>, de que ia melhorar a espinha, de blablabla e aí... fui nessa, então usei por muito tempo... e aí quando tinha coisas assim, tipo, na época mesmo, eu lembro... na época do vestibular, emendava cartela... tipo assim, quando eu tinha alguns eventos, algumas coisas que eu tinha o *risco* de estar menstruada naquele período, eu preferia emendar... pra não... correr esse risco né... enfim, na época eu pensava assim

LENA: eu fico, assim, muito viajando nessa perspectiva de *o quanto que as demandas externas fazem com que a gente tenha que negar o nosso ciclo*, velho

JOANE: sim

LENA: tipo, emendar... *e assim, não é uma ou outra... acho que todas nós, a maioria de nós*

JOANE: sim, claro

LENA: em algum momento fez isso

Por outro lado, há também experiências consideradas pelas participantes da pesquisa como positivas na dinâmica com profissionais da ginecologia. Bianca afirma que a médica que a atende também é usuária de coletor e compreende e incentiva seu uso. Sandra passou pela mesma situação, inclusive relatando algo que até então eu não havia escutado: uma parceria entre o consultório e uma marca de coletores. Na época em que comecei a usar o produto, sua comercialização acontecia majoritariamente por internet ou através de (poucas) revendedoras<sup>117</sup>; atualmente, é possível encontrar o copinho em algumas farmácias e lojas de departamento.

<sup>115</sup> Literacia corporal é urgente para que mulheres aprendam a reconhecer em si os sinais de seus corpos. Compreender e perceber a diferença de muco cervical, descamação vaginal, lubrificação e corrimentos devidos a infecções é imprescindível para autogestão da saúde, para ter segurança nas decisões sobre a pertinência do uso de tecnologias médico-farmacológicas, para a desenvoltura da vida sexual e inclusive para a autoestima.

<sup>116</sup> É importante salientar que drogas de hormônios sintéticos não “regulam” a menstruação, mas a suprimem, quer seja por uso contínuo ou pausado. Menstruação é etapa de um ciclo endócrino. As pílulas anticoncepcionais (ou injeções, anéis e adesivos) inibem a ovulação consequente da abundância de estrogênio, a formação de corpo lúteo e secreção de progesterona, ou seja, a produção biológica de hormônios sexuais. Portanto, o sangue que flui nos intervalos de uso desses fármacos é um sangramento induzido por privação dos hormônios sintéticos, que simula a menstruação, mas não pode ser considerada como tal, uma vez que não ocorrem as demais etapas do ciclo menstrual (folicular, ovulatória e lútea). Receitar drogas contraceptivas para “regular” a menstruação é uma falácia.

<sup>117</sup> O esquema de vendas por revendedoras está alinhado à lógica prolífera de redes de mulheres que trocam experiências. Joane desenvolveu sua adaptação na segunda tentativa de uso do coletor quando contou com o auxílio daquela que a entregou o copinho em mãos: “*aí eu comprei um outro coletor e dessa vez eu fui pra uma outra menina lá em minha cidade que era tipo uma consultora (...) ela era uma pessoa super disponível, que eu*

BIANCA: inclusive a ginecologista que me ajudou com DIU, ela falou “olha tem risco”, mas ela mesmo usava... ela falou assim “eu uso coletor também, eu sei que é muito melhor”... ainda mais... eu tenho... eu tenho uma doença de pele que me afeta na virilha... então realmente usar absorvente externo é muito ruim pra mim... e o o.b. também é muito ruim pra mim... ela falou “realmente, tu tem essa... esse contexto aí que o coletor é melhor, vamos continuar usando, vamos monitorando”... *sempre me apoiou muito*

-

SANDRA: eu voltei a frequentar a ginecologista que eu ia há muitos anos atrás... e desde aquela época *ela era super incentivadora*, falava “eu tenho vontade... se eu tivesse uma clínica... de vender”... ela é da UFBA... “porque eu falo e as pacientes tudo fecham... elas torcem a cara e torcem o nariz” e não sei o quê... *e recentemente quando eu tive lá, tinha um representante de uma marca* que eu não lembro qual era... é uma marca que tá bombando nas farmácias... aí tinha um representante lá no consultório... e aí a gente conversou rapidamente sobre isso, que *ela tava falando que agora ela tem até amostras*, ela recebe até amostras, dependendo, tipo, uma paciente... que ela sabia do meu histórico, né, do... quando eu comecei com ela em dois mil e pouco, tal, quando eu entrei na faculdade, eu contei, porque ela perguntou “ah e na menstruação, você usa o quê? menstrua, absorvente...” essas coisas né... porque ela cismou que eu tinha... eu sempre tinha cândida, ela cismou que eu usava protetor de calcinha... e eu *discuti* com ela que eu não usava, eu usava calcinha de pano... ela falou “não é possível, você deve tar usando alguma coisa... passa sabonete?” nãñãñãñã... aí eu lembro que eu falei “ah então, eu uso coletor” e foi nisso que ela falou “ah que bom” e isso foi na época, *nos anos dois mil*

LETÍCIA: e ela conhecia já o coletor

SANDRA: já

LETÍCIA: genial

SANDRA: ela era a louca... mas é que ela é... obstetra, ginecologista obstetra e ela que faz parto humanizado

LETÍCIA: eh, isso pra mim tá sendo novidade saber que agora tem representante de coletor menstrual nos consultórios ginecológicos

SANDRA: tem... a indústria tá indo... no mesmo dia eu ia passar na farmácia pra comprar um remédio e comprar umas coisinhas, tal... na farmácia São Paulo, ali do Campo Grande... e tinha, foi engraçado porque eu encontrei uma amiga que estava indo, comprando o coletor pela primeira vez, *ajudei ela a escolher* [risos] [...] agora a doutora, essa médica, ela me falou uma coisa interessante... quando eu tive a síndrome [do choque tóxico], na época eu perguntei pra ela “ah me disseram que eu não podia usar mais nada” assim e tal... aí foi ela que me explicou que o copinho, ele é um corpo estranho, mas ele não causa problema, assim, que é diferente do o.b. que tem um monte de... que o problema do o.b. é que... não só o tempo que eu usei, eu usei demais e então eu fiquei com intoxicação pelo produto químico que vem e que tem nos absorventes também viu... né, só que os absorventes ficam mais ali no externo, mas você acha que também não tá ali?

LETÍCIA: a mucosa da vulva também é sensível, como o canal vaginal

SANDRA: exatamente... então a doutora... vale a pena conhecer ela, uma fofa

---

*mandava um WhatsApp pra ela, dizia “ah, qual é a melhor forma de dobrar” e não sei o quê, e aí ela mandava vídeo, faz assim, faz assado e tal... então foi bem legal”.*

LETÍCIA: que legal

SANDRA: só não gostei nessa época, nessa época fiquei meio irritada com ela... ela ficava “pare de usar absorvente protetor de calcinha” eu ficava “eu nunca gostei dinheiro na minha vida com essa porra”

Não é preciso que profissionais de saúde façam uso do coletor, nem que o recomendem entusiasticamente – mas esperamos que, nos dias de hoje, ao menos conheçam o dispositivo e suas características, oferecendo explicações seguras e suporte para quem o deseja utilizar. Enquanto isso, a autoridade médica é desacreditada por aquelas que se interessam pelo copinho e as redes de troca de informações entre mulheres se estabelecem nesse âmbito como fontes com maior legitimidade nos assuntos da menstruação do que os dizeres ratificados pela hegemonia científica. As usuárias de coletor menstrual que participaram desta pesquisa apresentam posicionamentos críticos aos pressupostos de investigação, modos de operação e disseminação de conhecimentos de saberes científicos (“eu acho que essa coisa científica assim, a gente vai criando... criam uns, sabe, uns... aí vira assim ‘ah tá na TPM’”). Também é importante destacar que a ciência hegemônica deixa a desejar na produção de estudos que interessam usuárias de coletor. A par da toxicidade dos absorventes descartáveis, mulheres que usam o copinho têm o costume de questionar a segurança dos materiais dos dispositivos menstruais e, mesmo confiando no silicone<sup>118</sup>, dirigem indagações

---

<sup>118</sup> Em 2015, o lançamento de uma marca brasileira gerou muita movimentação em um grupo nas mídias digitais, pois se desconfiava (a partir de substanciais evidências) que o material utilizado pela empresa não era 100% silicone. Esse episódio foi permeado por controvérsias, uma postura desrespeitosa da empresa na comunicação com o público e um verdadeiro trabalho detetivesco conduzido coletivamente pelas mulheres que dialogavam na plataforma. Algumas, que exerciam profissões em laboratórios, inclusive se voluntariaram a fazer um exame do material e comprovar a segurança do produto, uma vez que o trato da empresa era zombeteiro, trazia muitas informações contraditórias e até fabricava sites falsos para dissimular os próprios erros na condução da campanha de lançamento. Essa é a primeira empresa fabricante de coletores da qual eu tenho notícia que é fundada por homens (trabalhavam anteriormente com importação de plásticos). Acompanhei o caso com entusiasmo, maravilhada com a articulação daquelas mulheres, com a maneira minuciosa como esquadriavam todas as informações sobre a incipiente marca e demandavam explicações satisfatórias. Sua insistência resultou numa visita técnica à fábrica, quando uma das participantes do grupo filmou e compartilhou sua inspeção. Nos anos seguintes, não acompanhei as redes sociais desta marca. Reconheço que teve um papel importante na expansão do mercado consumidor do copinho em território nacional, pois foi a primeira a oferecer promoções com descontos no sistema “dois em um”, incentivando que duas mulheres fizessem a encomenda juntas. Recentemente, acessei uma de suas páginas nas redes sociais e não me surpreendi ao encontrar o eufemismo “naqueles dias” em seus anúncios, mas confesso que fiquei raivosa ao me deparar com a blasfêmica imagem de um coletor preenchido por líquido azul. Causou-me profundo estranhamento, como algo que está grotescamente fora de lugar. Ao abrir a caixa de comentários, imediatamente encontrei questionamentos sobre a imagem e a empresa parece não ter mudado muito de 2015 para cá. Sua resposta usa um tom infantilizante e se perde em justificativas incabíveis, desdenhando o discernimento de seu público. Particularmente, o que me vêm à cabeça é: “esses caras não sabem no que se meteram”. Toda a história do lançamento dessa marca e a atuação do público de usuárias merece um artigo; talvez um dia eu o escreva.

sobre as consequências do uso a longo prazo do dispositivo. Infelizmente, é difícil que estudos sejam financiados nesse sentido. No primeiro e no segundo grupo focal recebi o mesmo questionamento:

MARIA: e venha cá, eu fico pensando assim numa... porque na minha cabeça pelo pouco que eu entendi de coletor menstrual eh... o uso, assim, em grande quantidade né, uma grande quantidade de mulheres hoje eu acho que optam por usar o coletor menstrual... se a gente for comparar quando Sandra começou a usar, por exemplo... e aí eu fico pensando também nos possíveis efeitos a longo prazo no uso do coletor menstrual, assim eu comecei a entrar assim meio que nessa noia... porque tem uma pressão ali né que... tem um jogo de pressão ali e tal, na musculatura e tal... e também foi muito pensando nisso que eu passei a dar uma revezada assim... à noite não usar o coletor

-

LUANA: não sei se eu colocaria como uma desvantagem, na verdade, é uma dúvida que esqueci de falar... que eu escutei falar, eh... que aí eu acho justamente que tem a ver com a *falta de pesquisa sobre o assunto*... que não se sabe a longo prazo ainda né... a médio ou longo prazo... se o uso do coletor também pode... como é que ele vai agir também no corpo das mulheres, né... como exemplo, por ele fazer o vácuo né... se pode fazer alguma pressão e isso baixar ainda mais o colo do útero, coisas assim... é uma dúvida que ainda tenho, mas *quando eu escutei não foi algo que me impediu de usar, né, por conta disso, mas também sempre fica lá aquela coisinha*, porque... ao mesmo tempo... é aquilo que a gente falou, assim, *o absorvente externo também tem vários prejuízos a nossa saúde, inclusive já conhecidos, mas que não são divulgados*... e continuam aí, as mulheres continuam usando e sentindo as alergias que as meninas disseram que têm, entre outras coisas... então acho que isso seria uma questão

LETÍCIA: a desvantagem então seria a falta de produção de informação?

LUANA: sim, isso... e que a gente entende né, *que é intencional também o fato de não ter muito sobre isso e de não ter investimentos no tipo de pesquisa sobre o assunto... a gente sabe por quê*

Na reta final de escrita desta dissertação, foi publicada, para minha feliz surpresa, uma revisão quantitativa sobre o uso de coletores menstruais efetuada por um grupo de pesquisadoras do Reino Unido, Quênia e Índia (VAN EIJK et al, 2019). Elas realizaram levantamento de estudos pontuais desde a década de 1960 até maio de 2019, observando reportes sobre a utilização do copinho. O foco de suas investigações inclui: vazamentos ao utilizar o dispositivo, eventos adversos como abrasões vaginais e alterações na flora vaginal, segurança em condições sanitárias precárias, infecções e efeitos nos sistemas sexual, digestivo e urinário, além de aceitabilidade e disponibilidade do produto. No total, consultaram 43 publicações e 3319 participantes, mas explicitam e enfatizam as limitações de resultados, uma

vez que esses estudos foram produzidos sob grande variação de critérios. Dadas essas condições, três dos estudos consultados se voltavam a avaliar as questões que inquietaram Luana e Maria:

Em estudos que examinaram vagina e cérvix em acompanhamento posterior, nenhum dano mecânico foi evidente decorrente do uso de coletor menstrual. Riscos de infecções não pareceram ampliar com o uso de coletor menstrual, e comparado a absorventes externos e internos, alguns estudos indicam que há diminuição de risco de infecções. Um estudo no Quênia que detectou menor vaginose bacteriana em usuárias de coletor menstrual do que naquelas que utilizavam absorventes descartáveis postulou que o material inerte do coletor menstrual pode colaborar com a manutenção do pH e microbioma vaginal saudável<sup>119</sup>. (VAN EIJK et al, 2019, p. 390).

As autoras salientam a necessidade de ampliação de pesquisas científicas sobre coletores menstruais. Seu trabalho foi até agora o mais largo esforço de compilação de dados sobre uso do copinho e consequências para a saúde, todavia, trata-se de uma revisão de estudos esparsos, evidenciando a falta de pesquisa consistente, ampla e atualizada. A publicação tão recente evidencia o caráter pioneiro desse tema de estudos, principalmente ao considerarmos que o dispositivo existe há mais de oitenta anos. Ruth Berman (1997, p. 248) aponta a afinidade entre objetivos de estudos científicos e os paradigmas estruturantes do contexto social: “não só os *usos* da ciência são controlados pelo segmento dominante da sociedade, mas também sua *ideologia*. As metas dos praticantes da ciência, seu modo de pensar, bem como suas ações, são derivados do processo social dentro do qual operam”. Em 2019, Van Eijk et al deram um importante passo para a construção de saber científico sobre coletores menstruais; para que esse trabalho prospere, é preciso transformar as bases de valores e costumes estigmatizantes sobre menstruação, uma vez que cientistas são, afinal, pessoas integrantes da sociedade, assim como aqueles que controlam e distribuem recursos destinados à pesquisa. De outro modo, o grupo de autoras e demais responsáveis pelos poucos estudos produzidos até o momento permanecerão figuras à margem dos interesses da hegemonia científica, com poucas oportunidades de financiamento e talvez relegadas ao esquecimento como a visionária Margie Profet.

---

<sup>119</sup> Tradução livre. No original: “In studies that examined the vagina and cervix during follow-up, no mechanical harm was evident from use of a menstrual cup. Infection risk did not appear to increase with use of a menstrual cup, and compared with pads and tampons, some studies indicated a decreased infection risk. A study in Kenya that detected lower bacterial vaginosis in users of a menstrual cup than in those who used sanitary pads postulated that the inert material of the menstrual cup might assist in maintaining a healthy vaginal pH and microbiome”. (VAN EIJK, 2019, p. 390).

Na disputa de legitimidade discursiva sobre menstruação, usuárias de coletor vêm exercendo pressão sobre os defasados preceitos científicos acerca do sangue menstrual. Desenvolver percepção corporal e cultivar uma relação com o sangramento uterino nos faz atentas para enunciados aviltantes a respeito de nossos corpos e fluxos. Ambicionamos, exigimos e promovemos ciência feminista, ciência descolada dos moldes racionalistas que desconsideram corpo como via de conhecimento, dos moldes objetivistas que hierarquizam (com ares colonialistas e androcêntricos) sujeito e objeto, ainda sob a pretensão de distanciamento e imparcialidade, e dos moldes fundacionalistas que separam rígida e arbitrariamente natureza e cultura, tomando a primeira como fato puro, isenta de elaboração moral.

Produzir e disseminar saberes que não sejam apenas *sobre* ou *por* mulheres, mas também de relevância *para* as mulheres e suas (nossas) lutas – este o objetivo maior do projeto feminista nas ciências e na academia. Ele se formula a partir da constatação de que, historicamente, a Ciência Moderna objetificou a nós, mulheres, negou-nos a capacidade e autoridade do saber, e vem produzindo conhecimentos que não atendem de todo aos nossos interesses emancipatórios. (SARDENBERG, 2002, p. 89).

As participantes dos grupos focais desta pesquisa se interessam por ciência e buscam informações de qualidade sobre saúde e sexualidade. Elas valorizam o conhecimento científico, contudo são cautelosas acerca da autoridade discursiva estabelecida no arranjo atual de distribuição de poder. Elas são alertas às práticas hierárquicas da clínica ginecológica e à monopolização de saberes do corpo por parte do prestigioso status da medicina. Elas são questionadoras dos interesses das grandes indústrias farmacêutica, cosmética e de higiene: entusiastas de monitoramento do ciclo menstrual atentam os interesses dos aplicativos de smartphone voltados a esse fim; elas compreendem também as premissas e efeitos pejorativos da vasta gama de produtos de desodorização e perfumaria genital direcionados aos corpos das mulheres. De modo geral, adeptas do copinho se engajam a conferir e exigir qualidade de material das fabricantes e também interrogar criticamente estratégias de marketing escolhidas pelas empresas.

É importante frisar que não se trata de um confronto generalizado à profissionais da ginecologia, mas aos valores orientadores da clínica médica como instituição. Assim como não há um descarte leviano da potência e importância do saber científico, mas uma indagação de seus pressupostos e repercussões. Estou de acordo com Berman (1997, p. 272), que afirma

que “a ciência e a tecnologia desta sociedade e o ponto de vista que as inspira são meios de controle demasiado poderosos, tanto sobre a natureza como sobre as pessoas, especialmente as mulheres, para simplesmente serem ignorados ou rejeitados como ‘ruins’ para nós”. A ciência é imprescindível para contestarmos falácias sobre nosso sistema sexual, para derrubarmos visões depreciativas sobre nossos órgãos e fluidos corporais, para fomentarmos informações seguras e exercermos autonomia no que concerne à saúde e sexualidade. Portanto, precisa ser examinada pelas lentes das epistemologias feministas. Pabla Pérez San Martín (2015, p. 72), ativista de redes de ginecologia política latino-americanas, reflete sobre a fecundidade destes movimentos: “vi que quem mergulha nesses processos produz revoluções que se espalham como sementes ao vento e que têm o poder de transformar a nossa visão, assim como a de quem nos rodeia, incluídos os agentes e especialistas de saúde que acompanham os nossos processos”.

ANA: [...] até porque *minha realidade de onde eu moro isso talvez seja muita loucura...* entende, porque, por exemplo... esse tipo de coisa aqui nunca chegaria ao meu bairro... *não é o tipo de conversa que minhas vizinhas têm*, entendeu... e também *não posso chegar impactando elas com esse tipo de fala, de relação...* é tudo muito aos poucos, né... é como se elas tivessem adormecidas ainda um pouco... e não posso achar também porque elas tão adormecidas que elas tão tipo... que é pior... elas não... né, não é bem assim... então eu tento ali adaptar minha realidade... então quando eu escuto minhas vizinhas ou amigas mais próximas que não têm tanto acesso assim né, com outra visão... que não costumam acessar informação, *eu tento acolher... então mostrar um outro lado da moeda, de uma maneira, uma linguagem mais, eh... que chegue nela*, uma linguagem “ô, vem por esse caminho... já tentou pensar essa hipótese... vai descansar” né... então, por exemplo, a moça trabalha lá onde eu moro, é uma senhora, tava com muita dor, muita dor de cólica, que ia chegar a menstruação e ela “pô, eu queria tomar um remédio” e ela costuma ficar no prédio o dia todo, o dia todo, né, faxinando... e ela pode voltar mais cedo pra casa, mas ela gosta de ficar, ah, coisa de pessoa mais velha, de ficar por ali e tal, conversando... eu falei “ô Rita, vá pra casa, descanse... tem que ir mais cedo... você tem a possibilidade de ir mais cedo pra casa, então vá dormir, descansar... o corpo tá pedindo pra você deitar, você tem que descansar quando vem a menstruação” então... essa maneira foi realmente... ela largou as coisas, foi pra casa mais cedo, foi dormir... mas... eu tento adaptar com minha realidade, entende... eu não posso dizer pras minhas amigas, ou colegas, vizinhas, minha tia que eu fiz uma pintura com o sangue da menstruação, entende [risos] eu sei que... eu não tou dizendo que isso não é o certo né, que é errado, enfim, que isso é nojo, mas... tem que/

CÍNTIA: o caminho tem que ser outro pra esse diálogo

ANA: eh, isso

CÍNTIA: *porque se não vira um distanciamento*

ANA: um distanciamento... e eu não quero que isso... que assim ó... minha amiga fica tipo “que porcaria”, eu falei “poxa, mas vem cá, o sangue não é dela?”... então você tem que ter uns manejos pra chegar, então *eu adapto a minha realidade menstrual ao que eu vivo hoje... eu tou aqui, tou em minha casa, tou na minha comunidade... então tem que sempre realmente adaptar... então pra mim, assim, é desconstrução né, todos os dias*



Os impactos do uso do coletor menstrual sobre as ordens prático-simbólicas da menstruação extravasam a intimidade daquelas que aderem ao dispositivo. A experiência visceral que o copinho proporciona, tão dissonante das conduções à alienação corporal, mostra-se de tal maneira intimamente contagiante que acaba por estimular o rompimento de prescrições de etiqueta menstrual. Para além de usuárias, valores e comportamentos desenvolvidos a partir do coletor estão começando a alcançar também mulheres que usam dispositivos descartáveis, alcançar mulheres que atravessaram a menopausa e crianças que ainda não viveram a menarca, alcançar familiares e colegas de trabalho, assim como profissionais de saúde. Seja pelo diálogo franco, pela desenvoltura para tratar do assunto ou até mesmo pela provocação para tensionar ou pelo enfrentamento a discursos ofensivos, o tema da menstruação vem conquistando cada vez mais espaços e abrindo caminhos para novas ordens prático-simbólicas. Ainda é um movimento incipiente e de impacto localizado, mas certamente desperta reverberações potentes nas pessoas que atinge. Para que o coletor menstrual seja instrumento de transformação sobre preceitos alienantes, enunciados pejorativos e condutas inseguras, não é preciso que todas as menstruantes adiram a seu uso; os efeitos sobre os significados e atitudes perante o sangue uterino acontecem permeando trocas entre mulheres. Desde agora, com poucos anos de presença em território nacional e um público ainda estreito (mas não inexpressivo!), o copinho já transforma relações.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando escrevi o projeto desta pesquisa, no final de 2015, eu já era entregue à experiência do coletor e nutria grata reverência às possibilidades de confiança, agência e reflexões que o dispositivo me proporcionava. Eu entendia que os aspectos sensoriais de contato com meu sangue consolidavam valores preciosos para mim no que diz respeito à celebração de meu corpo e promoção de perspectivas acolhedoras à impermanência e diversidade de manifestações corporais num contexto cujo paradigma encaminha principalmente as mulheres a lamentarem e recusarem seus corpos. Desde lá, observava através das mídias digitais que o copinho é uma promissora ferramenta de indagação de pressupostos culturais sobre menstruação e acompanhava processos concomitantes aos meus refletidos em outras usuárias. Eu sabia da potência dos coletores e a vivia em meu corpo, mas foi somente atravessando os três anos dedicados a esta dissertação que pude acessar aspectos mais profundos dessas resoluções, aspectos que não se alicerçavam em elaborações discursivas desse processo. Assim encontrei o conceito de percepção, fundamental para a argumentação aqui exposta. Durante a pós-graduação estive adoecida e foi necessário (re)viver a doença para encontrar o sentido de percepção, não a partir da intelectualidade, não a partir de hipóteses e referências teóricas, mas de dentro do corpo, em cada espaço de mim, ao longo dos caminhos de desenvolvimento que escolhi, psicoterapia e yoga. Depois de meses afastada das atividades do mestrado, realizei que esse período não me foi uma perda, mas, ao contrário, foi imprescindível para a existência deste texto.

Entrar em diálogo com as participantes dos grupos focais permitiu que eu conferisse a especificidade de minha experiência. Há de se identificar que, diferente do relato de minha iniciação de uso do coletor que compartilhei na Introdução, as mulheres com quem conversei expressaram outros desafios, escolhas e práticas com o dispositivo. A maior parte delas prefere associar o coletor menstrual a absorventes de pano, sem adotá-lo como dispositivo exclusivo. Mesmo sob processos de adaptação e, ainda, apresentando consideráveis ressalvas ao uso do copinho, elas mostraram que não é preciso exaltar o coletor apaixonadamente para que os efeitos de questionamento e mudanças das ordens-prático simbólicas da menstruação ocorram. O aspecto mais importante não é alcançar ajuste perfeito ao copinho, mas estabelecer uma relação com o sangue menstrual.

Promover os grupos focais foi uma oportunidade de exercitar ginecologia política e trazer para o contato face a face as dinâmicas de troca que se avolumam nos meios digitais. Minha intenção é produzir conhecimento situado e tenho convicção de que tanto nos encontros quanto na escrita estive continuamente engajada em apontar meus limites e pontos de partida para oferecer oportunidade de compreensão dos processos de construção desta pesquisa.

A ciência torna-se assim o modelo paradigmático, não do fechamento, mas do que é contestável e contestado. A ciência torna-se o mito, não do que escapa à ação e à responsabilidade humanas, num domínio acima da disputa, mas, antes, de prestação de contas e de responsabilidade por traduções e de solidariedades vinculando as visões cacofônicas e as vozes visionárias que caracterizam os saberes dos subjugados. Uma divisão dos sentidos, uma confusão entre voz e visão, mais do que ideias claras e distintas, torna-se a metáfora para a base do racional. Não buscamos os saberes comandados pelo falocentrismo (saudades da presença da Palavra única e verdadeira) e pela visão incorpórea, mas aqueles comandados pela visão parcial e pela voz limitada. Não perseguimos a parcialidade em si mesma, mas pelas possibilidades de conexões e aberturas inesperadas que o conhecimento situado oferece. (HARAWAY, 1995, p. 33).

Cada encontro dos grupos focais transcorreu de modo singular, em tons nitidamente diversos de dinâmica entre as participantes. O primeiro, hesitante e solidário, o segundo, bem humorado e sem pudores, o terceiro, denso e incisivo. As contribuições dos depoimentos elaborados em grupo devem ser avaliadas visando o recorte de perfil das participantes, seja por idade ou profissão; como apontei desde o início, a maior parte do público consumidor de coletores menstruais parece ser mais jovem que a amostra, mas minha consistente participação observante nos espaços das mídias digitais (principalmente o maior grupo da plataforma Facebook, com mais de oitenta mil membras) me deu segurança de que as impressões trabalhadas nos encontros são condizentes aos discursos regularmente manifestados nas redes de mulheres em comunicação acerca do coletor. Esta é uma pesquisa qualitativa desenvolvida a partir de interlocução em profundidade e os resultados aqui obtidos apontam rumos relevantes para análise das ordens prático-simbólicas da menstruação. Ainda assim, ressalto que estudos de metodologia quantitativa também são necessários para acompanhar esse momento de emergência dos coletores menstruais e espero que este texto incentive outras pesquisadoras nessa empreitada.

A fim de conferir a execução do objetivo aqui proposto, a saber, a investigação de transformações nas ordens prático-simbólicas da menstruação a partir do uso do coletor,

abrevio os argumentos apresentados ao longo desta dissertação: primeiramente, foi demonstrado que para confortável adaptação ao coletor menstrual, é preciso desenvolver um tipo de conhecimento sensorial sobre o corpo e através do corpo; a isto designei percepção. Trata-se de capacidade de alinhamento aos fenômenos corporais, atenção aos sinais fisiológicos, compreensão das características únicas da própria anatomia e contínuo interesse em desenvolver literacia corporal. Este conhecimento é contrário às inclinações à alienação corporal suscitadas pelas correntes ordens prático-simbólicas informadas por uma série de micropoderes em consonância para estigmatizar o sangue uterino e desestimular às mulheres o toque e observação dos próprios órgãos sexuais. Dentre esses micropoderes, destaco o conhecimento científico como ratificante dos processos de alienação, inclusive por conta dos paradigmas epistemológicos racionalistas que sustentam as produções da ciência hegemônica.

Como vimos, percepção diz respeito à autonomia, pois só pode ser exercida pelo sujeito que apreende. Logo, não é um tipo de capacidade terceirizável a parceiros sexuais ou profissionais de saúde; requer investimento pessoal para sua realização. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento da percepção é incentivado coletivamente através de trocas horizontais de conhecimentos entre usuárias do copinho e demais interessadas. Relatos de experiências, tentativas e sugestões, dúvidas e informações são compartilhadas em plataformas nas mídias digitais ou nas redes de amizade que indicam em situação de credibilidade o uso do coletor. A tomada de decisão e o percurso do aprendizado de técnicas corporais são definidos por esse tipo de estímulo, mais do que por publicidade das empresas fabricantes, recomendação médica ou algum discurso cientificamente legitimado. É devido à inédita abertura de diálogo sobre menstruação que o coletor vêm se consolidando como dispositivo menstrual mais de setenta anos depois de sua invenção; as mídias digitais são imprescindíveis para essa abertura, uma vez que viabilizam a constituição de redes relacionais arrançadas em torno de interesses comuns, propagando conteúdos produzidos por agentes diversificados. Tal troca de conhecimentos acontece em contraposição direta às consolidadas etiquetas menstruais e processos de alienação corporal.

Esta pesquisa indica que vem ocorrendo uma significativa transformação nas ordens prático-simbólicas da menstruação. Nos diálogos entre as participantes dos grupos focais, podemos encontrar posicionamentos vivamente contrários ao estigma do sangue menstrual. Elas apresentam fluência para designar a menstruação e órgãos sexuais sem uso de eufemismos, palavras detratórias ou atenuantes. Aqui, esse sangue não é substância abjeta ou constrangedora; é tópico despudorado de conversa nos meios em que essas mulheres se

inserir e acolhido como substância preciosa, sinal de saúde física e emocional, canal de observação de processos cíclicos a partir de sua materialidade em texturas, cheiros, cores e abundância. O sangue está longe de ser algo impuro, sujo ou contaminante, ao contrário, é inclusive visto como nutritivo ao ser devolvido à terra para benefício de plantas e utilizado como ferramenta de expressão e criação em experimentações artísticas. A menstruação é entendida como constituinte das sujeitas e como possibilidade de renovação mensal.

No que concerne a essa ideia de renovação, as participantes da pesquisa são atentas ao ciclo menstrual como um todo, desde a menstruação até a fase lútea, acompanhando suas diferentes disposições ao longo das semanas a fim de acolher cada etapa. Porém, é importante destacar que renovação não se estende a um tipo de argumento como aquele produzido por Margie Profet (1993), que justificava a existência da substituição do tecido endométrico por meio de sangramento como consequência evolutiva de uma espécie que adaptou um espaçamento entre momento de ovulação e momento de limpeza imunológica. Ou seja, um argumento que construía uma explicação para a menstruação que escapava à depreciativa lógica da reprodução fracassada. Por mais que nos grupos focais tenham sido elaboradas interpretações da menstruação como via de limpeza (emocional, energética, nutritiva), as participantes mantêm a perspectiva da menstruação como condicionada à ausência de gravidez, repetindo a narrativa biológica corrente de que o sangue menstrual apenas existe como resultado de uma concepção que não aconteceu.

É difícil ver como nossas ideias científicas correntes são permeadas por pressupostos culturais; é mais fácil ver como conceitos científicos do passado, ideias que agora parecem erradas ou simplistas, podem ter sido afetados por conceitos culturais de uma época distante. (MARTIN, 2006, p. 67).

Foi a partir de redes de ginecologia política, de mulheres engajadas em produzir e disseminar ciência feminista, que tive a oportunidade de encontrar o trabalho de Profet. Espero que os valores que vêm sendo promovidos nessas transformações das ordens prático-simbólicas da menstruação atinjam os paradigmas científicos de modo a pressionar os discursos biológicos sobre o fluxo menstrual, descartando a explicação fundamentada na simples falência de um plano reprodutivo e investigando motivos concernentes à própria manutenção do sistema sexual para a renovação em forma de sangramento. Por enquanto, parece ser um longo caminho para que essas considerações reverberem inclusive entre as mais

entusiastas usuárias de copinho. De todo modo, essas formas de expressão veiculadas nos grupos focais indicam desafios epistemológicos que ainda precisamos aprofundar para o exercício da ciência. Inclusive, é necessário formular estratégias de difusão de perspectivas não hegemônicas sobre a ocorrência da menstruação. Uma grande questão que me coloco é: como tornar esses conhecimentos acessíveis?

No momento, dentre as participantes da pesquisa, o campo mais acentuado de disputa diz respeito ao uso de drogas de hormônios sintéticos. Todas elas frisaram a importância de viver o ciclo menstrual, produzindo hormônios pela própria fisiologia; elas valorizam a menstruação como período de recolhimento e introspecção, etapa considerada importante para a plena realização de todas as demais. Elas se recusam a utilizar contraceptivos hormonais e muitas associam o início do uso do coletor ao processo de deixar de ingerir tais drogas. A valorização do sangue menstrual em comparação ao sangramento por supressão hormonal resultante dos intervalos de consumo dos contraceptivos aponta uma brecha para despertar reflexão sobre a função desse fluxo de modo mais amplo no organismo.

Como toda pesquisa, foi preciso estabelecer recortes de investigação para desenvolver as análises que apresento neste texto. Alguns assuntos não cabiam ao escopo desta dissertação, mas os indico como sugestão de tema para outras pesquisadoras. Acho interessante a realização de etnografias virtuais nos espaços online de discussão sobre coletores menstruais; uma descrição densa das dinâmicas dessas redes contribuiria para aprofundar o entendimento dos processos de abertura de diálogo sobre menstruação e novas etiquetas menstruais que se constituem. Também indico a realização de análise dos discursos das marcas fabricantes de coletor em território nacional, considerando os modos de comunicação com o público, o vocabulário empregue, os temas das campanhas, as imagens produzidas. Ainda, é urgente um estudo sobre a emergência dos movimentos de ginecologia política no Brasil (e também ginecologia autônoma e ginecologia natural), uma vez que algumas mulheres vêm se dedicando com afinco à produção de conteúdo nas mídias digitais, rodas de conversas presenciais, cursos e oficinas. Essas mulheres expressam demandas por estudos que rastreiem essas iniciativas; é importante elaborarmos os sentidos de coesão entre esses trabalhos, pois ao demonstrarmos a solidez desses movimentos eles são fecundos em sua coletividade.

Precisamente enquanto estou concluindo a escrita desta dissertação, meu sangue aflora e a menstruação vem me saudar. O corpo é sábio. Que se inicie um novo ciclo!

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Maria Clara Estanislau do. **Percepção e significado da menstruação para as mulheres**. 147f. Dissertação de Mestrado, Programa de pós-graduação em tocoginecologia, área de Ciências Biomédicas – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

ANGIER, Natalie. Radical new view of role of menstruation. **The New York Times**, 1993 (21 de setembro), Science Times, p. 001.

ASCHIDAMINI, Ione & SAUPE, Rosita. Grupo Focal – Estratégia metodológica qualitativa: um ensaio teórico. **Revista Cogitare Enfermagem**, v. 09, n. I, 2004. p. 09-14.

BARRANCO, Enriqueta et al. Determination of personal care products – benzophenones and parabens – in human menstrual blood. **Journal of Chromatography B**. n. 1035, nov. 2016. p. 57-66.

BERMAN, Ruth. Do dualismo de Aristóteles à dialética materialista: a transformação feminista da ciência e da sociedade. In: JAGGAR, Alison e BORDO, Susan (ed). **Gênero, corpo e conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1997. p. 241-275.

BOSTON WOMEN'S HEALTH BOOK COLLECTIVE. **Our bodies, ourselves**. New England Free Press, 1970.

CALABRESE, Sarah, RIMA, Brandi & SCHICK, Vanessa. Evulvalution: The portrayal of women's external genitalia and physique across time and the current Barbie doll ideals. **Journal of Sex Research**, v. 48, n. 1, 2011. p. 74-81.

CATAMENIAL PATENTS. Disponível em: <<https://catamenialpatents.wordpress.com/>>. Acesso em: fev. 2019.

CHALMERS, Leona. **The intimate side of a woman's life**. Pioneer Publications, 1937.

CLANCY, Kate. Menstruation is just blood and tissue you ended up not using. **Scientific American**, set. 2011. Disponível em: <<https://blogs.scientificamerican.com/context-and-variation/menstruation-blood-and-tissue/>>. Acesso em: set. 2018.

CLOUGH, Sheryn. What is menstruation for? On the projectibility of functional predicates in menstruation research. **Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences**. v. 33, 2002. p. 719-732.

CLUE. **Talking About Periods - An International Investigation**. 2017. Disponível em: <<https://helloclue.com/survey.html>>. Acesso em: set. 2018.

DE BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

FARGANIS, Sondra. O feminismo e a reconstrução da ciência social. In: JAGGAR, Alison e BORDO, Susan (ed). **Gênero, corpo e conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1997. p. 224-240.

FAUSTO-STERLING, Anne. **Myths of gender: biological theories about women and men**. New York: Basic Books, 1985.

FÁVERI, Marlene de & VENSON, Anamaria. Entre vergonhas e silêncios, o corpo segredado. Práticas e representações que mulheres produzem na experiência da menstruação. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 14, n. 25, jul. 2007. p. 65-97.

FELITTI, Karina. El ciclo menstrual en el siglo XXI. Entre el mercado, la ecología y el poder femenino. **Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana**, n. 22, abr. 2016. p. 175-206.

FELIZI, Natasha & VARON, Joana. **Menstruapps - Como transformar sua menstruação em dinheiro (para os outros)?**. 2016. Disponível em: <<https://chupadados.codingrights.org/menstruapps-como-transformar-sua-menstruacao-em-dinheiro-para-os-outros/>>. Acesso em: set. 2018.

FISCHMANN, Carolina. **Literacia Corporal**. 2018. Disponível em: <<http://carolinafischmann.com/servicos/percepcao-menstrual/literacia-corporal/>>. Acesso em: maio 2019.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.



FOX KELLER, Evelyn. Gender and Science: origins, history and politics. **Osiris**, Chicago, v. 10, 2nd Series, Constructing Knowledge in the History of Science, 1995.

FOX KELLER, Evelyn. Qual foi o impacto do feminismo na ciência? **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 27, jul./dez. 2006. p. 13-34.

FYFE, Melissa. Get cliterate: How a Melbourne doctor is redefining female sexuality. **The Sidney Morning Herald**, 2018 (08 de dezembro). Disponível em: <<https://www.smh.com.au/lifestyle/health-and-wellness/get-cliterate-how-a-melbourne-doctor-is-redefining-female-sexuality-20181203-p50jvv.html>>. Acesso em: out. 2019.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da Ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, São Paulo, n.5, 1995. p. 07-42.

JAGGAR, Alisson & Susan, BORDO. **Gênero, corpo e conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1997.

KIND, Luciana. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. **Psicologia em Revista**. Belo Horizonte: v. 10, n. 15, jun. 2004. p. 124-136.

LABOREO, Silvia. Todos los químicos escondidos en una gotita de sangre menstrual. **Playground**, 2017. Disponível em: <[https://www.playgroundmag.net/now/menstruacion-quimicos-productos\\_22585116.html](https://www.playgroundmag.net/now/menstruacion-quimicos-productos_22585116.html)>. Acesso em: set. 2018.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo. Corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LIMA E SOUZA, Ângela M. F.. O viés androcêntrico em biologia. In: COSTA, Ana Alice Alcântara & SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar (Orgs.). **Feminismo, Ciência e Tecnologia**, Salvador: Coleção Bahianas, 2002. p. 77-88.

LIMA E SOUZA, Ângela M. F., & PINHO, Maria José Souza. Gênero em coleções de livros didáticos de biologia. **Revista Feminismos**, Salvador, v.2, n. 3, set./dez. 2014. p. 153-168.

LOPES, Sônia & ROSSO, Sergio. **Bio, Volume 3**. São Paulo: Saraiva, 2016.

MALUF, Sônia Weidner. Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: Abordagens antropológicas. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 9, n. 9, 2001.

MANICA, Daniela Tonelli. A mulher no corpo: um re-encontro com Emily Martin. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 27, jul./dez. 2006. p. 461-468.

MANICA, Daniela Tonelli. **Supressão da Menstruação: uma discussão sobre alguns dos embates entre o natural e o cultural**. In: XXVI Encontro Anual da ANPOCS, 2002, Caxambu. XXVI Encontro Anual da ANPOCS, 2002.

MANICA, Daniela Tonelli & RIOS, Clarice. (In)visible Blood: menstrual performances and body art. **Vibrant**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, 2016.

MARTIN, Emily. **A mulher no corpo: uma análise cultural da reprodução**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2006.

MARTIN, Mike. **The mysterious case of the vanishing genius**. Psychology Today, maio 2012. Disponível em: <<https://www.psychologytoday.com/intl/articles/201205/the-mysterious-case-the-vanishing-genius>>. Acesso em: set. 2018.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 399-422.

MIGUEL, Raquel et al. “Azul da cor do mar”: a higienização dos corpos através das publicidades de absorventes. **Revista Feminismos**, Salvador, v. 4, 2016. p. 26-40.

MUSEUM OF MENSTRUATION. Disponível em: <<http://www.mum.org/>>. Acesso em: set. 2018.

NATANSOHN, Leonor G. O corpo feminino como objeto médico e "mediático". **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13 n. 2, maio/agosto, 2005. p. 287-304.

NASCIMENTO, Maria Clara M. & DANTAS, Juliana, B. A.. **O femvertising em evidência: estudo de caso #likeagirl**. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, set. 2015.

O'DONNELL, Kelly. “The whole idea might seem a little strange to you”: selling the menstrual cup. **Technology's stories**, dec. 2017. Disponível em: <[http://www.technologystories.org/menstrual-cups/#\\_ftnref8](http://www.technologystories.org/menstrual-cups/#_ftnref8)>. Acesso em: fev. 2019.

O'GRADY, Kathleen. Is menstruation obsolete? **Third Space**, v. 2, issue 1, nov. 2002.

PARDES, Arielle. **How one man ran the world's only menstrual museum from his basement**. Vice, 2015. Disponível em: <[https://www.vice.com/en\\_us/article/exq54k/how-one-man-ran-the-worlds-only-museum-of-menstruation-from-his-basement-511](https://www.vice.com/en_us/article/exq54k/how-one-man-ran-the-worlds-only-museum-of-menstruation-from-his-basement-511)>. Acesso em: set. 2018.

PIN, Jessica. The senseless omission of clitoral anatomy from medical textbooks. **Medium**, 2019. Disponível em: <<https://medium.com/@jessica86/the-needless-omission-of-clitoral-anatomy-from-medical-textbooks-87756656e8a6>>. Acesso em: nov. 2019.

PLUMMER, William. A curse no more. **People**, v. 40, n. 15, out. 1996

PROFET, Margie. Menstruation as a defense against pathogens transported by sperm. **The Quartely Review of Biology**, v. 68, n. 3, set.1993. p. 335-386.

REIS, Suzana P. & RIBEIRO, Carolina L. **Design gráfico aliado à saúde feminina: apresentando o coletor menstrual a jovens mulheres**. 113f. Trabalho de conclusão de curso, Graduação em Design: Projeto Visual – Universidade Positivo, Curitiba, 2016.

ROHDEN, Fabíola. Ginecologia, gênero e sexualidade na ciência do século XIX. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 08, n. 17, jun. 2002. p. 101-125.

ROHDEN, Fabíola. O corpo fazendo a diferença. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, out.1998. p. 127-141.

RUBIN, Gayle. Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade. Tradução de Felipe B. M. Fernandes e revisão de Miriam P. Grossi. Do original RUBIN, G. Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality [1984]. In: ABELOVE, Henry; BARALE, Michèle e HALPERIN, David. (eds.) **The Lesbian and Gay Studies Reader**. Nova York, Routledge, 1994.

SAN MARTÍN, Pabla Pérez. **Manual de introdução à Ginecologia Natural**. Ginecosofia Ediciones. Terceira edição: solstício de inverno, 2015.

SARDENBERG, Cecilia M. B.. Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista?. In: COSTA, Ana Alice Alcântara & SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar (Orgs.). **Feminismo, Ciência e Tecnologia**, Salvador: Coleção Bahianas, 2002. p. 89-120.

SARDENBERG, Cecilia M. B.. De sangrias, tabus e poderes: a menstruação numa perspectiva sócio-antropológica. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 2, n. 2, jan. 1994. p. 314-344.

SCHIEBINGER, Londa. Expandindo o kit de ferramentas agnotológicas: Métodos de análise de sexo e gênero. **Revista Feminismos**, Salvador, v. 2, n. 3, set./dez. 2014. p. 85-103.

SHURE, Natalie. Why has it taken the menstrual cup so long to go mainstream?. **Pacific Standard**, jul. 2016. Disponível em: <<https://psmag.com/news/why-has-it-taken-the-menstrual-cup-so-long-to-go-mainstream>>. Acesso em: fev. 2019.

SPETTEL, Sara & WHITE, Mark D.. The portrayal of J. Marion Sims' controversial surgical legacy. **The Journal of Urology**, v. 185, jun. 2011. p. 2424-2427.

VAN EIJK, Anna Maria et al. Menstrual cup use, leakage, acceptability, safety and availability: a systematic review and meta-analysis. **Lancet Public Health**, v. 04, n. 08, jul. 2019. p. 376-93.

WACQUANT, Loïc. Habitus como assunto e ferramenta: reflexões sobre tornar-se um boxeador. **Estudos de Sociologia**, Recife, v. 2, n. 17, 2011.

WILKINS, Erin. **Tire o plugue da indústria de higiene feminina**. Madison Infoshop, 2010.

YOUNG, Iris Marion. **On female body experience: "Throwing like a girl" and other essays**. Oxford University Press, 2005.

## APÊNDICE

### ROTEIRO PARA OS GRUPOS FOCAIS

#### COMO CONHECEU O COLETOR?

- Como descobriu a existência do coletor menstrual?
- Como foi a decisão de experimentá-lo?
- Como se informou a respeito? De que maneira aprendeu a utilizá-lo?
- Há pessoas com quem conversa sobre coletor? Sobre menstruação?
- Compartilha o fato de estar menstruada?
- Como foi a adaptação com o coletor menstrual?

#### O QUE É O COLETOR?

- Que outros dispositivos usava/usa?
- O que diferencia o coletor desses dispositivos?
- O que mais gosta no coletor? O que menos gosta?
- Como é seu uso? (*lugares públicos, atividade sexual, descarte do sangue, monitoramento do ciclo*)

#### O QUE É MENSTRUAÇÃO?

- O que menstruação significa para você?
- Como/quando você aprendeu o que é menstruação?
- Qual é o sentido biológico da menstruação?